

#UmOutroPaís

Projeto *Transmedia* de comunicação não ficcional

REINALDO RODRIGUES

TRABALHO DE PROJETO A SUBMETER COMO  
REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM  
AUDIOVISUAL E MULTIMÉDIA

Orientador:

Professor Doutor Jorge Miguel Alves do Souto

Escola Superior de Comunicação Social

Instituto Politécnico de Lisboa

outubro 2021



## Índice

ÍNDICE.....	III
ÍNDICE DE FIGURAS.....	IV
DECLARAÇÃO.....	VI
RESUMO.....	VII
<b>PALAVRAS-CHAVE.....</b>	<b>VII</b>
ABSTRACT.....	VIII
KEYWORDS.....	VIII
AGRADECIMENTOS.....	IX
INTRODUÇÃO.....	1
<b>CAPÍTULO 1: REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA.....</b>	<b>3</b>
1.1 INTELIGÊNCIA COLETIVA.....	3
1.2. CONVERGÊNCIA NOS MÉDIA.....	4
1.3. CULTURA PARTICIPATIVA.....	7
1.4. <i>TRANSMEDIA</i> .....	10
1.5. <i>CROSSMEDIA</i> E <i>TRANSMEDIA</i> .....	13
1.6. NARRATIVAS <i>TRANSMEDIA</i> .....	14
1.7. COMUNICAÇÃO NÃO FICCIONAL <i>TRANSMEDIA</i> .....	24
<b>CAPÍTULO 2: PROJETO <i>TRANSMEDIA</i> DE COMUNICAÇÃO NÃO FICCIONAL #UMOUTROPAÍS.....</b>	<b>27</b>
2.1. ORIGEM.....	27
2.2. DESENVOLVIMENTO.....	30
2.3. DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS TÉCNICOS.....	34
2.4. SELEÇÃO DE TERRITÓRIOS DE REPORTAGEM.....	35
2.5. CONSTRUÇÃO DE UMA EQUIPA.....	37
2.6. MEIOS DE PUBLICAÇÃO.....	39
2.7. PORTAS DE ENTRADA.....	42
2.8. CAPTAR NOVOS PÚBLICOS E FIDELIZAR O EXISTENTE.....	43
2.9. A QUESTÃO DO ACESSO.....	44
2.10. UMA <i>HASHTAG</i> E TUDO.....	45
2.11. ANTES DO LANÇAMENTO.....	47
2.12. PUBLICAÇÃO.....	48
<b>CAPÍTULO 3: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
3.1. AUDIÊNCIAS E MONETIZAÇÃO.....	54
3.2. TEORIA E PRÁTICA.....	58
3.3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
<b>4. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>79</b>
<b>ANEXOS A – REPRODUÇÃO DE PUBLICAÇÕES NOS MEIOS GLOBAL MEDIA GROUP.....</b>	<b>83</b>
<b>ANEXOS B – REPRODUÇÃO DE PUBLICAÇÃO NA ESCS.....</b>	<b>124</b>
<b>ANEXOS C – REPRODUÇÃO DE PUBLICAÇÕES NOS MEIOS DO PROJETO.....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXOS D – REPRODUÇÃO DE DOCUMENTO DE TRABALHO NO GOOGLE DOCS.....</b>	<b>132</b>

## Índice de Figuras

<i>Figura 1 - Fluxograma do projeto</i> .....	32
<i>Figura 2 - Fotogramas retirados das capturas de vídeo das entrevistas de teste de guião</i> .....	33
<i>Figura 3 - Feed Instagram; Figura 4 - Logotipo; Figura 5 - Fotograma de spot de promoção</i> .....	39
<i>Figura 6 - Fotomontagem com os 30 testemunhos publicada a 31 de julho no DN</i> .....	54
<i>Figura 7 - Capa DN, 1 julho com destaque para o início de publicação</i> .....	83
<i>Figura 8 - Avelino Rêgo, DN 1 julho</i> .....	84
<i>Figura 9 - António Morgado e Rita Ferreira, DN 2 julho</i> .....	85
<i>Figura 10 - Capa DN 3 julho com destaque fotográfico</i> .....	86
<i>Figura 11 - Anabela Martins e Rui Marcelo, DN 3 julho</i> .....	87
<i>Figura 12 - Nuno Miguel Coelho, DN 4 julho</i> .....	88
<i>Figura 13 - Paula Taborda, DN 5 julho</i> .....	89
<i>Figura 14 - Carla Costa, DN 6 julho</i> .....	90
<i>Figura 15 - André Brás, DN 7 julho</i> .....	91
<i>Figura 16 - Hélia Sales, DN 8 julho</i> .....	92
<i>Figura 17 - António Sá, DN 9 julho</i> .....	93
<i>Figura 18 - Bruno Ramos, DN 10 julho</i> .....	94
<i>Figura 19 - Artigo sobre o projeto na edição impressa do Dinheiro Vivo de 10 julho</i> .....	95
<i>Figura 20 - Ana Martins e Fábio Gerardo, DN 12 julho</i> .....	96
<i>Figura 21 - Rui Cerveira, DN 13 julho</i> .....	97
<i>Figura 22 - Ana Rita Veríssimo, DN 14 julho</i> .....	98
<i>Figura 23 - José Domingues, DN 15 julho</i> .....	99
<i>Figura 24 - Lana Bitu, DN 16 julho</i> .....	100
<i>Figura 25 - Capa DN 17 julho com destaque ao projeto</i> .....	101
<i>Figura 26 - Rodolfo Sater Carvalho, DN 17 julho</i> .....	102
<i>Figura 27 - Filipa Gambino e Rui Peleção, DN 18 julho</i> .....	103
<i>Figura 28 - Gabriela Cravinho, DN 19 julho</i> .....	104
<i>Figura 29 - Igor Costa, DN 20 julho</i> .....	105
<i>Figura 30 - Andreia Proença, DN 21 julho</i> .....	106
<i>Figura 31 - Joana Dourado e Vasco Nogueira, DN 22 julho</i> .....	107
<i>Figura 32 - Luísa Grácio e Pedro Alves, DN 23 julho</i> .....	108
<i>Figura 33 - Paula Costa e Nuno Frade, DN 24 julho</i> .....	109
<i>Figura 34 - Ana Cravo, DN 25 julho</i> .....	110
<i>Figura 35 - Rúben Gama, DN 26 julho</i> .....	111
<i>Figura 36 - Nuno Costa, DN 27 julho</i> .....	112

<i>Figura 37 - Susana e Marty o' Connell, DN 28 julho.....</i>	<i>113</i>
<i>Figura 38 - Igor Moraes, DN 29 julho.....</i>	<i>114</i>
<i>Figura 39 - Ana Teresa Matos, DN 30 julho.....</i>	<i>115</i>
<i>Figura 40 - Artigo de conclusão do projeto, DN 31 julho.....</i>	<i>116</i>
<i>Figura 41 - Página web JN Direto dedicada ao projeto (1).....</i>	<i>117</i>
<i>Figura 42 - Página web JN Direto dedicada ao projeto (2).....</i>	<i>118</i>
<i>Figura 43 - Conteúdos reels no Instagram do JN.....</i>	<i>119</i>
<i>Figura 44 - Artigo na página Web do Dinheiro Vivo, 14 julho.....</i>	<i>120</i>
<i>Figura 45 - Página de programas TSF (1).....</i>	<i>121</i>
<i>Figura 46 - Página de programas TSF (2).....</i>	<i>122</i>
<i>Figura 47 - Página com os programas em formato podcast no Spotify.....</i>	<i>123</i>
<i>Figura 48 - Artigo na página web da ESCS.....</i>	<i>124</i>
<i>Figura 49 - Página Web #UmOutroPaís (1).....</i>	<i>125</i>
<i>Figura 50 - Página Web #UmOutroPaís (2).....</i>	<i>126</i>
<i>Figura 51 - Página Web #UmOutroPaís (3).....</i>	<i>126</i>
<i>Figura 52 - Página Web #UmOutroPaís (4).....</i>	<i>127</i>
<i>Figura 53 - Página Web #UmOutroPaís (5).....</i>	<i>127</i>
<i>Figura 54 - Página Web #UmOutroPaís (6).....</i>	<i>128</i>
<i>Figura 55 - Página Web #UmOutroPaís (7).....</i>	<i>128</i>
<i>Figura 56 - Instagram #UmOutroPaís (1).....</i>	<i>129</i>
<i>Figura 57 - Instagram #UmOutroPaís (2).....</i>	<i>130</i>
<i>Figura 58 - Facebook #UmOutroPaís.....</i>	<i>131</i>

## Declaração

O presente trabalho de projeto é apresentado para cumprimento dos requisitos necessários para completar o 4º semestre e obter o grau de mestre em Audiovisual e Multimédia. Declaro que este trabalho é o resultado da minha investigação pessoal e criatividade, tendo sido feito de forma totalmente independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, notas e bibliografia. O trabalho de projeto foi realizado sob a orientação do Professor Doutor Jorge Miguel Alves do Souto, Professor Adjunto da Escola Superior de Comunicação Social.

A handwritten signature in black ink, consisting of the name 'Reinaldo Rodrigues' written in a cursive, flowing style.

---

[Reinaldo Rodrigues]

## **Resumo**

Num contexto de crise profunda da indústria da comunicação social, partimos do conceito de narrativa *transmedia*, proposto por Henry Jenkins, para realizar um projeto de comunicação não ficcional. Esta forma de comunicar foi descrita como um caminho narrativo para os produtores de entretenimento, mas parece-nos, relevante compreender o potencial do *transmedia storytelling* no contexto da produção jornalística. O propósito foi responder à questão de partida: pode o conceito de narrativa *transmedia* ser aplicado às reportagens realizadas por jornalistas. Para este efeito, no início de 2021, lançámos as bases do projeto em diversos suportes digitais e definimos que a nossa narrativa se iria centrar nos depoimentos de indivíduos, em idade ativa, que trocaram a residência no litoral pela vida num dos 165 concelhos do interior. Em julho de 2021 foram publicados trinta testemunhos em diversos formatos audiovisuais em meios do Global Media Group: Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Dinheiro Vivo e TSF Rádio Jornal. A publicação deste conjunto de depoimentos - recolhidos expressamente para este projeto - em órgãos de comunicação social com expressão nacional foi desenhada para a publicação combinada nas distintas plataformas dos meios e refletem a experiência pessoal dos entrevistados sobre a desertificação e coesão territorial. O projeto obteve bom desempenho nas audiências, especialmente nos públicos mais jovens, resultante duma aposta em formatos distintos nas redes sociais, mas sobretudo fruto da criação de um universo narrativo coeso e diversificado.

## **Palavras-Chave**

*Transmedia*; Transmédia; Transmídia; Narrativa; Comunicação; Comunicação social; Não ficcional; Redes sociais; Reportagem

## **Abstract**

In a context of deep crisis in the media industry, this work is a non-fiction communication project that evolves from the concept of transmedia storytelling, proposed by Henry Jenkins. It seems relevant for this project to understand the potential of transmedia storytelling in the context of journalistic production although this kind of communicating has - almost - always been described as a narrative path for entertainment producers. Our purpose was to answer the starting question: can the concept of transmedia narrative be applied to features made by journalists? For this purpose, in early 2021, we laid the foundations for the project on various digital media and defined that our narrative would focus on the testimonies of individuals, who had changed their residence (on the seaside) and decided to live in one of the 165 inland Portuguese municipalities. In July 2021, thirty testimonies were published in various audiovisual formats in the Global Media Group's consortium: *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, *Dinheiro Vivo* and *TSF Rádio Jornal*. The publication of this set of testimonies in different audiovisual formats reflects their personal views on desertification and territorial cohesion and the publishing process combined several media formats and platforms. With good performance regarding audiences, the project proved relevance specially with younger readers justifying the investment in different formats on social media, but above all this project gives meaning to the importance of creating a cohesive and diversified narrative universe for a non-fictional content.

## **Keywords**

Transmedia storytelling; Communication; social media; Non-fictional; Media; Reporting

## Agradecimentos

Um projeto de mestrado que une o trabalho que se ama com ideias novas e que nos fazem refletir sobre o nosso percurso era mais do que alguma vez podia imaginar quando decidi voltar a estudar.

Este percurso só foi possível através da ajuda, compreensão e camaradagem de muitos. Correndo o risco de esquecer alguém, agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador o Professor Doutor Jorge Souto. A maneira como se envolveu neste projeto e ajudou na sua concretização garantindo a sua execução mantendo a integridade científica, essencial para um projeto deste tipo, foi digno de um homem verdadeiramente interessado no conhecimento e na importância deste para a sociedade.

A todos os meus colegas de escola que acabaram por se envolver na realização do projeto: Duarte Costa Lopes, Patrícia Silva, Tiago Coelho e Tiago Matos, os quatro alunos finalistas da licenciatura em audiovisual e multimédia que formaram uma equipa de que lhe valeu o epíteto – merecido - de *Dream Team*. O mercado de trabalho tem agora a oportunidade de usufruir do seu trabalho e não tenho dúvidas de que ficamos todos a ganhar com isso. Aos meus colegas de mestrado: Rita Roberto, Filipe Teixeira, João Sampaio e André Filipe que mostraram a sua resiliência e companheirismo em tempos de pandemia. Orgulho *escsiano*.

Trabalhar profissionalmente com gente que se respeita e sabe a importância de desenvolver novos projetos dá força ao nosso trabalho. Aos responsáveis da Global Media Group que possibilitaram que este trabalho acontecesse: Joana Petiz, Manuel Molinos, Nuno Alves, Nuno Marques, Inês Cardoso, Pedro Cruz, Pedro Pinheiro, Pedro Tadeu, Ricardo Alexandre, Rosália Amorim e Tiago Senna. Aos meus camaradas da Global Imagens, pela sua compreensão: Adelino Meireles, Artur Machado, Paulo Spranger, Pedro Correia, Leonardo Negrão, Leonel de Castro e Gerardo Santos. A todos os camaradas (e amigos) que sabem a importância de se lutar por esta profissão e continuam todos os dias na tarefa de informar: Ana Sofia Freitas, Catarina Carvalho, Catarina Pires, Cláudia Carvalho, João Félix, João Pombeiro, Luís Stoffel, Inês Pedrosa, Paulo Barriga, Paulo Farinha, Ricardo J. Rodrigues, Rui Coutinho, Rui Rodrigues e Rui Leitão. Um abraço amigo aos *neighbors*: Filipa Simas, José Morais, Ricardo Santos e Sandra Baptista que sempre me apoiaram.

"Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam" escreveu José Saramago, no seu último livro. À Marta e à Teresa, obrigado pelo amor e por tudo.



## INTRODUÇÃO

O termo *Transmedia storytelling* foi proposto por Henry Jenkins, como um conceito no qual “as histórias se vão desenrolando em várias plataformas de média, em que cada meio faz contribuições distintas para a nossa compreensão do mundo” (Jenkins, 2007). O assunto foi abordado pelo investigador norte-americano em diversos momentos, sempre num contexto ligado ao universo dos jogos de vídeo, do entretenimento e só marginalmente o autor considerou o jornalismo como objeto para colocar em prática a sua teoria.

O jornalismo tem como tarefa essencial narrar histórias a partir da realidade factual. Apesar de estar em crise no que toca às audiências, esta forma de contar histórias não ficcionais, foi ultrapassando, ao longo da sua história, sucessivos impactos tecnológicos: da imprensa escrita para a rádio, a televisão e depois para a internet, sempre, contanto “as mesmas histórias”, mas adaptando-se ao meio. Sendo assim, cremos ser relevante olhar para as novas maneiras de narrar histórias, como o *transmedia storytelling*.

Existem no nosso país um reduzido número de estudos onde a comunicação não ficcional e o *transmedia* se cruzam, parece-nos por isso especialmente relevante, num momento de profunda crise nos meios de comunicação social, procurar novas formas de chegar aos leitores, ou seja, novas maneiras de contar histórias.

Este trabalho de projeto, criou uma narrativa *transmedia*, não ficcional, através de um conjunto de histórias distribuídas em redes sociais e publicadas em plataformas media no Global Media Group. Promovendo a participação de entrevistados e auditório em torno do tema da desertificação e coesão territorial no nosso país.



## CAPÍTULO 1: Revisão Crítica da literatura

### 1.1 Inteligência Coletiva

No âmbito deste trabalho, parece-nos pertinente realizar um enquadramento sobre as alterações tecnológicas e sociológicas que permitiram o aparecimento de conceitos como convergência nos media, cultura participativa e narrativa *transmedia*.

Passámos, na segunda metade do século XX, a ganhar consciência de que a informação é um bem que deve ser considerado parte da riqueza de um país. Não só porque através da produção de informação são possíveis maiores avanços tecnológicos e conseqüentemente maior riqueza industrial e financeira, mas também porque se produz conhecimento e este constitui um valor acrescido do ponto de vista social.

Face à reorganização geopolítica provocada pelo desmoronar do modelo político e económico dos países no bloco de leste e perante um crescendo tecnológico, de redes, canais distintos e novas plataformas, existem também mudanças ao nível do individuo, da forma como se relaciona com a informação e se organiza em comunidade. O conceito de consumidor produtor, *Prosumer*, como batizado por Alvin Toffler, explora a ideia de que todos os indivíduos são agora produtores e consumidores. Esta “ascensão do *prosumer* alterará decisivamente todo o nosso pensamento económico” (Toffler, 1980, p.283). Uma ideia que afeta também o pensamento de Pierre Lévy, que discorre sobre como a evolução tecnológica, valoriza a colaboração entre indivíduos, enaltecendo as suas capacidades individuais e promovendo sinergias entre todos para tornar possível uma forma de inteligência coletiva, isto é, “uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta numa mobilização efetiva das competências” (Lévy, 1994, p.29). Estes indivíduos, agora *prosumers*, organizados em comunidades, usam a tecnologia para produzir e consumir conteúdos, mas sobretudo para intervir, ter uma palavra a dizer, defender os seus interesses e compreender que quando mais colaboração entre eles existir, mais fortes se tornam. Neste processo de “inteligência coletiva” existe uma tendência para organizar a sociedade em torno do individuo, ou do “ser” como lhe chama Manuel Castells: “Num mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se fonte básica de significado social” (Castells, 2002, p.3). Os indivíduos até podem estar a comunicar para pequenas comunidades de outros sujeitos como eles, mas nesse

respalde de se sentirem numa comunidade, que opera em rede e em que alguém o escuta é por vezes mais importante do que serem meros recetores dos meios de comunicação tradicional. Resulta, desta forma, vivermos agora através de “redes operadas por tecnologias de comunicação e informação, que são fundamentadas na microeletrónica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação” (Castells, 1999, p.20) e simultaneamente numa nova fórmula social, oscila entre a importância do indivíduo, do acesso à informação e de um crescente número de redes em que os indivíduos se organizam.

Com o advento das evoluções tecnológicas e desenvolvimento social e cultural que impactou não só os conceitos do consumidor produtor, mas também a forma como nos relacionamos e produzimos conhecimento em comunidade - e em rede - finda a distinção simplista entre quem produz e quem consome conteúdo mediático. Esta participação coletiva permite passarmos individualmente a ter um papel ativo em ambas as posições e, no caso de conseguirmos essa sinergia proveniente das redes de comunicação, contribuir para o progresso da comunidade. Nesta nova cultura tecnológica e participativa, somos *prosumers* numa sociedade que através da comunicação em rede e de uma inteligência coletiva, como defende Pierre Lévy, se irá refletir na produção e consumo de conteúdo mediático.

## **1.2. Convergência nos média**

Numa altura em que as consequências dos avanços tecnológicos se começam a fazer sentir na sociedade em geral, passa despercebido aos tradicionais produtores de media estarmos perante um fenómeno de “libertação” em que os utilizadores se sentem livres para partilhar quase todo o tipo de expressão artística e ativar o seu envolvimento cívico nas mais diversas questões. Estes *prosumers*, segundo a definição de Toffler, são capazes de gerir redes entre os produtos dos diversos consumidores numa cultura de entreaajuda e conexão social entre participantes que sentem a importância das suas contribuições e o direito de participar ou prescindir dessa participação, sendo opções igualmente válidos.

Uma das mudanças principais do nosso tempo, para Henry Jenkins (2009), é a combinação desta noção de que os consumidores já não são sujeitos passivos, mas sim consumidores “irrequietos”, ativistas, socialmente ligados através de redes, mas que rapidamente trocam de

rede, canal ou plataforma se considerarem que o conteúdo os deixa insatisfeitos. Na verdade, as várias formas de mídia convergem, num processo que não deve ser vislumbrado apenas no âmbito tecnológico, mas principalmente numa alteração qualitativa e “numa transformação cultural à medida que consumidores são incentivados a fazer conexões a conteúdos mediáticos dispersos” (Jenkins, 2009). A informação tornou-se um bem disputado e de valor crescente, as pessoas querem produzir, interagir e compartilhar conhecimento numa cultura cada vez mais participativa.

Neste contexto, de um consumo fragmentado do conteúdo mediático, os média tradicionais tentam compreender como sobreviver nesta era da produção de conhecimento digital e como lidar com um público que passa a consumir numa diversidade de canais, plataformas, redes sociais e se sente habilitado para participar e produzir. Como propõe Henry Jenkins, estamos agora “longe de um mundo em que alguns produzem e muitos consomem mídia, em direção a um em que todos têm uma participação mais ativa na cultura que é produzida” (Jenkins, 2009). O norte americano considera estarmos, assim, perante um fenómeno que apelidou de Cultura da Convergência.

Da mesma maneira que “o cinema não matou o teatro, a televisão não matou a rádio. Cada meio foi forçado a coexistir com o meio emergente” (Jenkins, 2006, p.14). Nesse sentido, Jenkins defende a ideia de assistirmos a uma “cultura de convergência” e descarta a ideia de uma “revolução” digital ou tecnológica.

“A cultura da convergência é o futuro, mas está a tomar forma agora. Os consumidores serão mais poderosos na cultura da convergência - mas só se reconhecerem e usarem esse poder como consumidores e cidadãos, como participantes plenos da nossa cultura” (Jenkins, 2006, p. 260). Os tradicionais produtores mediáticos não estão a desaparecer, mas o seu papel está a mudar com a introdução de novas tecnologias. A sua sobrevivência depende da realização de mudanças profundas na forma como se relacionam com o público.

Nesta renovação cultural, assistimos ao incentivo dos consumidores a procurar informações em diversos meios e, a partir deles, criar novas ligações, mas também a um novo papel que assumem os antigos produtores mediáticos, defendendo assim o norte americano que “a convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, de mercado,

culturais e sociais” (Jenkins, 2009). Para o autor, a convergência não ocorre através da tomada de consciência de cada protagonista na sociedade das relações sociais que se estabelecem na busca por novas experiências, novas maneiras de consumir e produzir conteúdos mediáticos. Este constitui um apelo a uma responsabilização dos indivíduos para o seu papel no campo da cidadania.

A cultura da convergência vai-se apoiar em três grandes pilares: a convergência tecnológica dos meios de comunicação; a cultura participativa; e a inteligência coletiva. Esta última baseia-se no princípio de que todos os indivíduos sabem alguma coisa e sendo assim, este processo não é uma mera fusão de inteligências individuais, mas sim uma revitalização das singularidades (Lévy, 1995). A inteligência coletiva é associada ao desenvolvimento da economia, e à possibilidade de renovação da democracia. Segundo Lévy a evolução tecnológica, como por exemplo os computadores, pode ser considerada como um instrumento da inteligência coletiva.

A convergência tecnológica, torna sustentável a prática de criação, partilha, reformulação de conteúdos dentro dos novos ambientes digitais e potencia os outros dois pilares ao funcionar como um motor capaz de proporcionar uma fluidez de conteúdos que vai percorrer as diversas plataformas de media, graças às novas redes de comunicação disponíveis através da internet. Cremos ser relevante destacar neste plano três momentos: a passagem do sistema analógico para o digital, o aparecimento da internet e a emergência dos dispositivos móveis de comunicação, em especial dos *smartphones*.

Assistimos em poucos anos a uma alteração qualitativa nos meios ao dispor dos consumidores. De uma altura em que precisávamos de um leitor de cd's para escutar música, um televisor para ver canais televisivos, ou até aceder fisicamente a um dicionário para resolver uma dúvida sobre uma palavra, passámos a ter uma concentração exponencial de recursos nos nossos telefones pessoais. Um *smartphone*, para sermos mais precisos, é agora um potente dispositivo, ao nível de muitos computadores pessoais, capaz de enviar mensagens, fazer fotografias, jogar um jogo, guiar-nos no trânsito, aceder a uma página na rede internet, ver vídeos, entre outros.

Portanto, uma verdadeira ferramenta para a inteligência coletiva, mas sobretudo fomento da cultura de participação na interação com os sistemas mediáticos tradicionais. Importa, contudo, ressaltar que apesar dos instrumentos estarem disponíveis, isso não se traduz numa conversão de todos os utilizadores em *prosumers*. De acordo com um estudo do Pew Research Center, publicado em maio de 2021: apenas 9% dos utilizadores norte americanos diz publicar, regularmente, conteúdo de cariz político ou social nas redes sociais. O organismo que se dedica ao estudo e publicação sobre atitudes e tendências que afetam a sociedade, relata neste estudo que os utilizadores, norte americanos, temem que essas opiniões sejam mais tarde usadas contra eles ou que receiam ser atacadas pela exposição das suas convicções. Apesar de tecnologicamente, não existir nenhum constrangimento existe uma percentagem de 20% que admite publicar ocasionalmente conteúdos de índole cívica, mas a grande maioria (70%) raras vezes ou nunca publica nas redes sociais sobre estes temas.

### **1.3. Cultura Participativa**

As redes disponíveis através de ferramentas tecnológicas acessíveis ao público em geral como computadores pessoais e *smartphones*, permitem participar e interagir com outros indivíduos, na produção e consumo de conteúdos média. A evolução tecnológica dos últimos anos, parece assim, ter dado razão ao livro “Cultura da Convergência” de 2006 escrito por Henry Jenkins. Segundo o autor assistimos a uma evolução tecnológica que “em vez de falar sobre produtores e consumidores de média a ocupar papéis separados, podemos agora vê-los como participantes que interagem uns com os outros de acordo com um novo conjunto de regras que nenhum de nós entende completamente” (Jenkins, 2006, p.3).

Não é a primeira vez na história que a sociedade percebe o poder da participação através dos média, basta pensar na realidade portuguesa e para exemplos tão simples como os jornais de associações cívicas e sindicais, bastante comuns, no final do século XIX e início do século XX ou o fenómeno das rádios piratas no final nos anos 1980. Estas demonstrações de participação implicavam, neste momento histórico, algum investimento educacional e formação tecnológica, mas no contexto atual, através da convergência tecnológica, existem ferramentas acessíveis para que os cidadãos comuns, sem especial formação tecnológica, consigam ter “uma palavra” a dizer nos assuntos que os motivam. Estes assuntos, que vão originando a participação dos cidadãos, podem não ser causas de índole política ou social e de grande

impacto na sociedade em geral. Esta participação pode ser motivada pela pertença a pequenas comunidades que se juntam em torno de assuntos de interesse, de nicho, como os grupos de fãs de um determinado videogame ou banda musical. Aliás, foi precisamente no mundo da produção de videogames, em que a cultura de consumo de conteúdos passou da comunicação com entidades abstratas, meros espectadores e recetores passivos para algo completamente diferente onde os indivíduos puderam passar a intervir e interagir devido às ferramentas tecnológicas à sua disposição. A indústria apreendeu o fenómeno da convergência, como um mecanismo para que os produtores recuperassem o seu público e os envolvessem através de uma cultura de participação.

Perante esta profunda alteração no relacionamento entre produtores média e sociedade em geral, constata Jenkins através de uma publicação no seu blogue em 2006 – uma ferramenta participativa por excelência - “neste momento, a cultura de convergência está a ser definida de cima para baixo por decisões tomadas em salas de reuniões corporativas e de baixo para cima por decisões tomadas em quartos de adolescentes. É moldado pelo desejo dos conglomerados de média de expandir seus impérios em várias plataformas e pelo desejo dos consumidores de ter os conteúdos que desejam, onde quiserem, quando quiserem e no formato que quiserem” (Jenkins, 2006).

Nesta convergência entre indústria e consumidores, impulsionada pela vertente económica e fomentada pelos grandes produtores mediáticos que querem chegar a um público de prosumers, nasce uma cultura participativa.

Um fenómeno que Jenkins define como tendo cinco características fundamentais e permitem a sua sustentabilidade:

1. Graças à convergência tecnológica, na cultura participativa as barreiras relativamente baixas à expressão artística e envolvimento cívico, tornam possível a qualquer um contribuir;
2. Existe nesta cultura, um encorajamento à criação, o reinterpretar de outros conteúdos mediáticos já existentes e o partilhar desses produtos com outras pessoas;
3. Vivemos num ambiente em que é encorajada algum tipo de orientação informal, em que os mais experientes transmitem aos mais novos a sua sabedoria e conhecimentos;

4. Os membros acreditam que suas contribuições são importantes e que a sua contribuição individual é importante para a comunidade como um todo;
5. Os participantes sentem algum grau de conexão social uns com os outros e é importante o reconhecimento da validade dos seus contributos pela comunidade em geral.

Existe, portanto, a génese de um ecossistema mediático em que os consumidores, graças à tecnologia podem intervir sem grande formação específica e idealmente inseridos numa comunidade. Esta comunidade que comunga de um interesse em comum, valoriza os seus contributos, privilegia a sua atuação e preocupa-se em inserir, os seus membros, numa espécie de organização hierárquica que ajuda a manter a organização. Esta ideia de cultura participativa atingiu ainda mais preponderância através da segunda geração da Web, comumente apelidada de Web 2.0.

Depois de um período em que a web se caracterizava pela publicação de conteúdos por uma minoria, enquanto a generalidade do público tinha poucas oportunidades de interação com exceção de alguns sítios na rede com caixas de comentários, entrámos numa era em que proliferam plataformas que visam facilitar e promover a comunicação entre utilizadores. A cultura participativa progride fruto da interação e colaboração entre utilizadores que se torna possível através de blogues, sítios de partilha de ideias e imagens e redes sociais que destacam o conteúdo gerado pelo indivíduo e o valorizam junto de comunidades virtuais.

Na Internet surge um fenómeno semelhante ao conceito proposto por Pierre Lévy, como inteligência coletiva onde "ninguém sabe tudo, todos sabem algo, todo o conhecimento reside na humanidade" (Lévy, 1997, p.38), que como já vimos é um dos pilares da Cultura da Convergência para Jenkins. O norte americano acabará por acrescentar ao pensamento de Lévy “o que não podemos saber ou fazer por conta própria, podemos agora ser capazes de fazer coletivamente” (Jenkins, 2006, p.27). Reflexo desta realidade, resultante do ambiente proporcionado pela Web 2.0, são as plataformas do tipo Wiki que dependem da cooperação dos utilizadores que produzem e modificam colaborativamente conteúdo através de navegadores web para a construção de bases de dados. De acordo com números publicados pela mais conhecida destas plataformas; a *Wikipedia* conseguiu ultrapassar em janeiro de 2020, as 6 milhões de entradas em inglês, fruto dos contributos de uma comunidade global de utilizadores. Importa, contudo, ressaltar que a grande maioria destes utilizadores registados

não produz ou edita conteúdo, apenas o consulta. Segundo números publicados pela própria *Wikipedia*, em 2018, menos de 1% dos utilizadores são responsáveis pela criação de 77% das publicações nesta plataforma.

Os produtores mediáticos tradicionais tentam compreender como conseguem cativar utilizadores num mundo de comunidades de *prosumers* que se encontram e interagem através da rede. A este propósito José Van Dijck, define este momento singular na sociedade: “o resultado é uma cultura participativa que exige cada vez mais espaço para que os cidadãos comuns utilizem tecnologias de média - tecnologias que já foram privilégio de indústrias de capital intensivo - para se expressar e distribuir essas criações como parecem adequadas” (Dijck, 2009, p.42). Num momento de proliferação de produção de conteúdo através da colaboração e participação dos indivíduos, a autora chama atenção para a luta por “almas” destes utilizadores que decorre por parte da indústria e também por parte do estado. Compreendem os meios de comunicação tradicionais que a sua sobrevivência económico-financeira e influência social depende de encontrar pontos de reunião com esta cultura da participação que se encontra online através de plataformas colaborativas como, por exemplo, as redes sociais: facebook, twitter e instagram.

Paradoxalmente estas redes, locais de livre expressão com ferramentas ideais para a interação e participação transformaram-se, também, em território fértil para a disseminação de conteúdos falsos ou refúgios para os que desejam manter-se à parte dos valores partilhados pela comunidade. Estas redes, são frequentemente locais de encontro para associações de indivíduos que procuram a desinformação como forma de torpedear valores comuns da sociedade democrática. Exemplo disso, são as campanhas contra a vacinação, o combate à Covid-19 ou a veiculação de notícias falsas com o intuito de condicionar os resultados das eleições presidenciais norte americanas de 2020.

#### **1.4. *Transmedia***

O exercício da nossa participação como membros de uma comunidade sempre se centrou em torno da narração de uma história. Este é um dos fatores unificadores dos indivíduos na construção de uma sociedade. Um fator de comunhão, de passagem de testemunho e de perpetuar factos que ocorreram num determinado lugar e que caracterizam ou mudaram o

rumo de determinado indivíduo, grupo, comunidade. Existem relatos que nos chegam através de desenhos na parede de uma gruta ou de uma história muitas vezes contada em torno de uma fogueira pelos anciãos do nosso grupo. Frequentemente a história foi-nos sendo passada como uma forma de perpetuar regras, valores ou mensagens que importam ao grupo onde estamos inseridos e promovam a sua unidade. Primeiro através da tradição oral, depois através da escrita e nos últimos cem anos recorrendo também a suportes audiovisuais. Num momento histórico da comunicação entre indivíduos, a par de uma evolução tecnológica que potencia o impacto de fenómenos como a convergência dos media e a cultura da participação, estes fenómenos exercem enorme poder sobre os mais variados detalhes da nossa vida. É natural que os indivíduos persistam na busca de novas maneiras de narrar uma história, a sociedade sempre procurou que as diversas narrativas promovessem a coesão social.

Num processo de aceleração da cultura da convergência, assistimos à transformação e empoderamento destes indivíduos em eficientes produtores de conteúdos mediáticos capazes de deixar os conglomerados media receosos de perder relevância na sociedade num processo que foi tornado possível através da Web 2.0.

A busca por novas formas de narrar histórias, recorrendo às ferramentas disponíveis no panorama da evolução tecnológica tem marcado as pesquisas de produtores, independentemente da sua dimensão. Quando em 2003, Jenkins, num artigo publicado na revista *Technology Review* do *Massachusetts Institute of Technology* se referiu ao termo *Transmedia Storytelling*, estava na realidade a propor uma definição para uma realidade que andava já a ser trabalhada por produtores um pouco por todo o mundo.

O termo foi recuperado do trabalho publicado nos anos 1990 por Marsha Kinder, professora de estudos fílmicos e investigadora da cultura visual dos media. A norte americana escreveu extensivamente sobre os conteúdos media, que surgiram nesses anos de forma maciça para o segmento infantil. Ao referir-se a um "supersistema de entretenimento" que surgiu em torno de personagens como as Tartarugas Ninja, Os Bebés Marreta ou os Irmãos Super Mário, propôs o termo *transmedia*, para descrever como estas personagens atravessavam diversas plataformas estimulando os seus admiradores a segui-los onde quer que eles aparecessem.

Anos mais tarde em 2006, Henry Jenkins vai recuperar a expressão e propor o conceito *Transmedia Storytelling* - narrativa transmídia ou transmídia dependendo da tradução

portuguesa - para descrever o que já se ia fazendo um pouco por tudo o mundo e descrevendo-o como “um processo que se desenrola em várias plataformas de média, em que cada meio faz contribuições distintas para nossa compreensão do mundo” (Jenkins, 2006, p.293). Esta teorização sobre o conceito encontra correspondência noutras teorias como o *Media Mix*, de Mizuko Ito que defendia que a informação devia ser dispersa pela radiodifusão, sites internet, mas também em artigos físicos.

Se observarmos o “universo” manga, percebemos que já há muito tempo, o entretenimento japonês tira partido do potencial deste tipo de narrativa. Cruzando o universo da banda desenhada, com a animação, o mundo dos jogos de computador e dos brinquedos, sempre recorrendo um carácter gráfico, muito vincado esteticamente, mas preocupado em transmitir histórias capazes de tocar distintos escalões etários. Outro contributo vem do norte americano Daniel Bilson, argumentista, produtor e realizador com historial no desenvolvimento de projetos cinematográficos ligados ao mundo da BD, e também a uma conhecida empresa de videojogos, a Electronic Arts. O entretenimento multiplataformas, desenvolvido por Bilson, será um dos conceitos abordados e aprofundados pelas investigações de Jenkins.

Numa nova geração de cineastas e criadores de videojogos, como Bilson, a interação entre estes dois mundos, aparece como óbvia. A esta nova realidade, considera Jenkins, não é alheio o facto de a nova geração de realizadores e produtores de cinema ter crescido “a jogar” videojogos. Têm, portanto, noção de que existem diversas ideias, que simplesmente não encaixavam em duas horas de uma longa-metragem. A par desta conjuntura, o aparecimento e coexistência de novos média, defende Jenkins, que nos média antigos, ocorre normalmente uma mudança de estatuto e de função, como se observou em diversas evoluções tecnológicas. Podemos dar como exemplo a coexistência do Cinema com o Teatro ou da Televisão com a Rádio, que contra algumas previsões não extinguiu nenhuma delas, mas obrigou-as a procurar outro lugar na atenção do público. “Cada media antigo é forçado a coexistir com um media emergente” (Jenkins, 2006, p.14).

O *Transmedia Storytelling* pode traduzir-se num esforço para criar uma narrativa ficcional através de diversos meios, em que cada um deles tem autonomamente significado e sustenta o desenrolar de uma história. Podemos enumerar projetos como o Matrix, Harry Potter ou os universos Marvel e DC Comics, extensamente citados como casos de estudo na obra de 2006 de Jenkins. No essencial para o consumidor e fãs em geral, não é imperativo jogar todos os videojogos ou ler todas as revistas de banda desenhada, nem possuir todas as peças de

merchandising, porém, quanto mais o fizer, mais envolvido ficará nestes universos e mais capaz estará para entender os seus significados.

### 1.5. *Crossmedia e Transmedia*

Como já vimos, existe uma crescente importância conferida pelos media à forma e meio de comunicação com um público mais participativo. Neste processo de convergência existem vários caminhos possíveis para que a mensagem chegue aos seus destinatários. Importa esclarecer, que através da convergência tecnológica existem conceitos que vão sendo propostos por diversos estudiosos: *crossmedia* (Bechmann Peterson, 2006), multiplataformas (Jeffery Poulter, 2003), *hybrid media* (Boumans, 2004) e narrativa *transmedia*, estão entre os conceitos mais destacados. Sendo certo que todas estas lógicas comunicativas tentam combinar interação entre diferentes sistemas mediáticos, plataformas e público. Nas palavras de Carlos Scolari, elas combinam “uma prática de interpretação e produção baseada em narrativas expressas através de uma combinação coordenada de idiomas e media ou plataformas” (Scolari, 2009, p.587), parece-nos, por isso, importante no contexto deste trabalho sublinharmos algumas das diferenças para contextualizar o nosso projeto.

Quando pensamos nesta lógica de comunicação é verdade que quase todas elas partilham o facto de serem multiplataformas, ou seja, partilham do princípio de transmissão da sua mensagem por uma variedade de plataformas, “uma história, produção ou evento geral, usando uma combinação coordenada de plataformas (...) como dispositivos físicos como aparelhos de TV, telefones móveis, jornais e recetores de rádio” (Bechmann Peterson, 2006). Quando pensamos em *Hybrid Media*, consideramos “a distribuição do mesmo conteúdo usando uma combinação de média analógica e digital” (Boumans, 2005).

Neste projeto, importa, contudo, refletirmos sobre o conceito de *Crossmedia* que faz uso de diversos conteúdos média para tornar a história mais acessível e propõe-se despertar a interação com os consumidores. Embora haja divergência sobre o conceito de *Crossmedia*, devido à variedade de campos em que este termo foi adotado, segundo Christy Dena (2004), pode referir-se ao acto de criar uma vez e publicar em qualquer sítio, mas também pode ser visto como a capacidade de incrementar a influência de um conteúdo sobre uma variedade de meios. Na opinião de Jak Boumans, para que um conteúdo possa ser rotulado como *Crossmedia*, este “não existe apenas pela justaposição de diferentes dispositivos e plataformas,

mas encontra sua relevância quando a mensagem comum é espalhada em diferentes plataformas e quando a interação de suporte ocorre nessas diferentes plataformas” (Boumans, 2005). Em comum, parece entender-se que este fenómeno consiste em produzir e disseminar um conteúdo por diversas plataformas (analógicas e/ou digitais) replicando a mensagem ou recorrendo a uma adaptação mínima para acomodar as características tecnológicas de cada uma das plataformas. No campo dedicado à comunicação não ficcional, frequentemente encontrarmos exemplos de peças publicadas numa lógica *Crossmedia*, num esforço de disseminar a informação, os contactos e a interação com os consumidores. Um exemplo prático é testemunhado nos grandes conglomerados mediáticos e na forma como o consumidor pode aceder a uma entrevista que é transmitida na íntegra através da rádio, editada e transcrita para as páginas de um jornal, bem como são publicados trechos da entrevista com destaques vídeo nas páginas de internet e é feita uma campanha através das redes sociais dos órgãos de comunicação social.

Frequentemente os estudiosos ao fazerem a distinção entre *Transmedia storytelling* e *Crossmedia* contribuem para que os dois conceitos se assemelhem cada vez mais. Numa publicação no seu blog em 2009, Henry Jenkins, viria a lançar as bases para o que ele considera as características fundamentais para a narrativa *transmedia*, chamando a atenção para o trabalho de Dena (2004) e para as similaridades nos trabalhos de vários investigadores que na altura estudavam esta problemática. O potencial do conceito *Crossmedia*, manifesta-se através dos consumidores que são obrigados a navegar pelas diversas plataformas para terem uma experiência mais completa. cremos, contudo, que uma das principais diferenças, que importa realçar, consiste no facto de quando se comunica numa lógica *Crossmedia* não existe uma construção de um universo narrativo. Esta construção é essencial na metodologia de comunicação *Transmedia Storytelling* e potencia o consumo e envolvimento do público-alvo. Este envolvimento no caso da narrativa *transmedia* pode, inclusive, condicionar o desenrolar de uma história. Neste caso o propósito não é abrir a porta a uma interatividade, mas sim, utilizar características de cada meio e proporcionar ao consumidor uma participação ativa no consumo e construção da narrativa.

### **1.6. Narrativas *Transmedia***

Em 2003, Henry Jenkins vai propor uma definição para o conceito de *transmedia sotrytelling*: “na forma ideal de narrativa *transmedia*, cada meio faz o que faz melhor – para que uma história possa ser introduzida num filme, expandido através da televisão, romances e *comics*,

e o seu mundo pode ser explorado e experimentado através de jogos. Cada *franchise* precisa de ser autónomo o suficiente para permitir o consumo autónomo. Ou seja, não é preciso ter visto o filme para aproveitar o jogo, ou vice-versa” (Jenkins, 2003). Uma lógica de comunicação segundo a qual num contexto de convergência dos meios, cada meio atua na sua plataforma independentemente das outras, embora sempre conectados ao nível do conteúdo ou das personagens da narrativa que se vai desenvolvendo. Cada ligação entre meios que a história oferece, torna-se um produto fruto dessa conexão e pode ser consumido autonomamente. Isto é, diversas narrativas desenvolvem-se de forma autossuficiente, em diversos meios e plataformas frequentemente partilhando personagens e pontos de convergência numa dramaturgia comum. Será possível ao consumidor conhecer uma só narrativa em detrimento de outras do mesmo universo, mas a sua experiência será mais completa quanto mais narrativas acumular. Se pensarmos neste tipo de narrativa dirigidos a comunidades de admiradores de videojogos, ou de ficção científica, movimentos possíveis através da convergência tecnológica e muito imbuídos de uma cultura participativa, é fácil de perceber que estão lançados os termos para uma lógica de comunicação inovadora.

Existem vários exemplos, dispersos pelo mundo do entretenimento, do uso de narrativas *transmedia*, inclusive antes dos escritos de Jenkins, basta olhar para exemplos como a saga do Senhor dos Anéis, ou a revisitação do clássico *Blade Runner*, através do Director’s Cut. Em Portugal, Nuno Bernardo lança, em 2003, o *Diário de Sofia*. O produtor, no seu livro *The Producer’s Guide to Transmedia* (2011), confessa-se influenciado pela narrativa de videojogos do tipo *alternate reality games* (ARGs) que usava diferentes plataformas media e explorava a ideia de continuidade no universo em que decorria o jogo. Isto é, independentemente do jogador estar a interagir com o jogo ou não, a ação naquele universo continuava a decorrer. O videojogo *Majestic* da produtora *Electronic Arts* propunha uma realidade que continuava a decorrer e conseguia assim cativar o jogador a voltar sempre ao contacto e verificar o seu desenvolvimento. O mundo dos videojogos, impulsiona um novo tipo de produção audiovisual ficcional.

Perante o impacto do seu livro sobre a Cultura de Convergência de 2006, Jenkins vai colocando alguns contributos para a reflexão sobre o fenómeno da narrativa *transmedia*, no seu blogue *Confessions of an Aca Fan*, um jargão para um académico que simultaneamente se assume como fã da cultura popular e deu origem ao nome do seu blogue. Numa série de

publicações no seu blogue, o norte americano vai refletindo sobre a temática *transmedia storytelling*, o seu potencial e as suas limitações. Estas reflexões são consequência da sua colaboração com outros académicos como Sam Ford e Joshua Green com quem Jenkins publicaria em 2013, “*Spreadable Media, Creating Value and Meaning in a Networked Culture*”, mas sobretudo dos contactos com produtores de conteúdos no mundo do entretenimento e videojogos. Nesta série de reflexões depois de “*Convergence Culture*” vai defendendo que estamos num momento em que é o consumidor que deve estar no centro do universo da história e importa por isso “possibilitar diversos tipos de visualização, experiência e conhecimento ao consumidor, com o intuito de criar uma fidelização ao produto muito mais rápida e fácil, aumentando a sua relação emocional com os mesmos e investindo mais, a nível pessoal e financeiro” (Jenkins, 2006).

Numa publicação no seu blogue em março de 2007, esclarece que o *transmedia storytelling* deve ser entendido a diversos níveis como: o entretenimento, o económico-financeiro, a riqueza narrativa, as extensões narrativas, as audiências, o sistema narrativo, a produção, a inteligência coletiva, os personagens e o poder dos fãs na narrativa. Ao longo de dez pontos vai defender que, do ponto de vista do entretenimento, a narrativa *transmedia* representa um processo em que elementos integrais de uma ficção são dispersos sistematicamente por vários canais de distribuição com o objetivo de criar uma experiência de entretenimento unificada e coordenada. Idealmente, cada meio dá uma contribuição única para o desenrolar da história. Cita a este propósito o universo ficcional de *Matrix*, em que narrativa é desenvolvida através de três longas metragens, uma série de curtas metragens animadas, duas coleções de histórias em banda desenhada e vários videojogos. Não existe uma única fonte ou texto onde se possa recorrer para obter todas as informações necessárias para compreender o universo *Matrix*.

A nível económico, este tipo de narrativa reflete a consolidação dos media ou o que os observadores do setor chamam de "sinergia". As empresas produtoras de conteúdo média, divididas até aí em setores, consoante a plataforma e meio em que operavam, passam a funcionar de forma a valorizar a sua marca e expandir os seus conteúdos numa variedade de plataformas distintas. Exemplo disso são os universos *DC Comics* e *Marvel* que proporcionam “ingredientes” narrativos, através de livros de banda desenhada, para longas metragens realizadas nos grandes estúdios de cinema. O universo narrativo torna-se mais rico e envolvente, mas esta é também uma forma de marketing e crescimento económico.

A história neste tipo de lógica narrativa tem como pano de fundo um universo ficcional complexo, capaz de sustentar vários personagens que se vão cruzando e as suas histórias tendo o cuidado para não fundamentar a história em personagens individuais ou num enredo específico. Este processo de construção de um mundo ficcional, encoraja os consumidores estimulando a curiosidade para que se apreenda o maior número de conteúdos possíveis. A procura consiste “num prazer muito diferente do que associamos ao encerramento encontrado na maioria das narrativas construídas de forma clássica, em que esperamos sair do teatro sabendo tudo o que é necessário para dar sentido a uma história particular” (Jenkins, 2007). Num outro nível, que não deixa de estar ligado ao da riqueza narrativa, estão as extensões que chamam para a possibilidade o uso de outras narrativas como um complemento capaz de fornecer informações sobre os personagens e suas motivações, como por exemplo, no caso das diversas publicações em blogues no universo do “Diário de Sofia”, onde se reproduziam os dilemas diários dos seus personagens, independentemente de serem importantes para a história da personagem principal. Mas a este nível, a extensão pode ajudar a colmatar brechas temporais entre o lançamento de longas-metragens ou a fortalecer o sentimento de realismo a uma ficção, como aconteceu com os documentários produzidos por James Cameron para fornecer contexto histórico para a longa-metragem, *Titanic*.

A captação de audiências é um dos níveis onde a narrativa *transmedia* pode melhor expandir o mercado potencial para um conteúdo, criando diferentes pontos de entrada para diferentes segmentos de público. Se um determinado conteúdo é veiculado numa determinada plataforma que exclui um segmento de público, esta estratégia pode funcionar para atrair os espectadores que se sentem confortáveis em plataformas de média alternativas. Particularmente visível no desenvolvimento das narrativas ficcionais, este nível poderia ser aplicado ao campo não ficcional. Assistimos, aliás, a avanços neste sentido de cada vez que os meios de comunicação social usam diversas plataformas para veicular informação.

Precisamente por isso, a lógica de comunicação do *Transmedia Storytelling* procura explorar as características de cada plataforma. Como já referimos cada episódio individual, da nossa narrativa, deve ser acessível e constituir por si uma peça autónoma e fazer uma contribuição única para o sistema narrativo como um todo. A este propósito, *Jenkins* cita o designer de videojogos Neil Young, que cunhou o termo "compreensão aditiva" para se referir às maneiras como cada novo texto adiciona uma nova informação que nos obriga a rever nossa compreensão da ficção como um todo.

Ao nível da produção, de cariz independente, mas também dos grandes produtores média, este tipo de narrativa requer um alto grau de coordenação entre os diferentes setores de produção mediática exigindo frequentemente que se focalize uma pessoa que acompanha e condiciona a história em todas as peças do mesmo universo. O mesmo tende a acontecer nos conglomerados mediáticos em projetos em que há forte colaboração ou uma criação conjunta. cremos que no campo não ficcional, em que este projeto se situa, a ideia de um curador da narrativa faz especial sentido atendendo à complexidade e exigência de uso de diversas plataformas dentro de um conglomerado mediático.

Num outro nível, que recorda o contributo do pensamento de Pierre Lévy, Jenkins reforça a ideia de que esta narrativa possui estética ideal numa era de inteligência coletiva. Os consumidores participantes reúnem informações e aproveitam a experiência uns dos outros enquanto trabalham juntos para resolver problemas. Neste contexto cultural, as novas estruturas sociais permitem a produção e a circulação de conhecimento numa sociedade em rede (Lévy 1997), permitindo aos indivíduos com ideias semelhantes formar novas comunidades de conhecimento. Esta maneira de contar histórias, também expande o que pode ser conhecido sobre um determinado mundo ficcional ao mesmo tempo que dispersa essa informação. Desta maneira nenhum consumidor sabe tudo e é incrementado o diálogo com outros indivíduos, sobre a série em questão, para progredir no conhecimento do universo narrativo. Uma realidade muito presente nas comunidades de admiradores de videojogos.

Num nível bastante próximo deste, existe relativamente aos personagens, segundo Jenkins, um texto *transmedia* não se limita a dispersar informações, deve fornecer um conjunto de papéis e objetivos que os leitores podem assumir à medida que representam aspetos da história na sua vida quotidiana. O objetivo é atingir a imersão do espectador na história, que pode levar a um alargamento do próprio enredo por parte destes e dos fãs. Podemos ver essa dimensão no lançamento de figuras de ação que encorajam as crianças a construir as suas próprias histórias sobre os personagens ou nos jogos de *Role Playing Game* (RPG), em que as pessoas interpretam personagens por si eleitos e criam narrativas que giram em torno de um enredo, mergulhando assim ainda mais no mundo da ficção. Um exemplo desde nível de envolvimento é o *Cosplay*. Nesta atividade cada vez mais expressiva no nosso país, originária no universo manga japonês, leva admiradores a encarnarem os seus personagens favoritos em fóruns na web e convenções presenciais.

Num derradeiro nível dedicado aos admiradores, Jenkins escreve-nos sobre o fenómeno da *Fan Fiction*. Face a narrativas *transmedia* que criam universos muito extensos é relativamente fácil aos leitores encontrarem lacunas ou excessos no desenrolar da história levando estes fãs do universo a “continuar a elaborar esses elementos da história, trabalhando-os por meio de suas especulações até que adquiram vida própria” (Jenkins, 2007). Frequentemente, estas extensões não autorizadas destes universos conduzem a novas direções, refletindo o desejo do leitor de "preencher as lacunas" que descobriram no material produzido. Este mecanismo não é um exclusivo deste tipo de narrativas e pode ser caracterizado como um “efeito bola de neve” (Ryan, 2015), segundo o qual certas histórias são tão impactantes socialmente que geram um sem número de adaptações e ilustrações, como acontece desde a antiguidade com os clássicos da literatura que têm sido revisitados e reinterpretados ao longo da História.

Neste âmbito, Henry Jenkins publicará aqueles que considera serem os sete princípios de *transmedia storytelling* e que constituem fatores de distinção de outras formas narrativas: “*Spreadability vs. Drillability, Continuity vs. Multiplicity, Immersion vs. Extractability, Worldbuilding, Seriality, Subjectivity, Performance*” (Jenkins, 2009). Como forma de aprofundarmos estes conceitos, valemo-nos do contributo de Kevin Moloney (2011) que tentou explorar estes conceitos de um ponto de vista da prática jornalística e da tradução aos termos proposta por João Canavilhas (2013, pp. 53-68).

Começamos por abordar o binómio *Spreadability vs. Drillability* ou Distribuível Vs. Explorável: “O que torna uma história contagiosa?” (Moloney, 2011). Uma história deve ser distribuível de forma viral, isto é, chamar à atenção do público de tal maneira que é este que se encarrega de propagar conteúdos para além das redes do produtor de conteúdos. Na realidade, este é um dos maiores objetivos da produção de conteúdos, ficcionais ou não, conseguir sair da plataforma onde são gerados e “espalharem-se” pela ação dos indivíduos de uma comunidade. O termo *Drillability* surge como réplica às observações realizadas por um académico norte americano: Jason Mittell que propôs um princípio apelidado de "capacidade de perfuração", numa ligação próxima do conceito de "compreensão aditiva" de Neil Young, já citado. Em consequência Jenkins reflete sobre a questão: "talvez precisemos de uma metáfora diferente para descrever o envolvimento do espectador com a complexidade narrativa. Podemos pensar nesses programas como perfuráveis, em vez de propagáveis (...) A oposição entre expansível e perfurável não deve ser vista como uma hierarquia, mas sim como uma oposição de vetores de engajamento cultural (...) os média perfuráveis normalmente envolvem muito menos pessoas, mas ocupam mais de seu tempo e energia numa descida

vertical nas complexidades de um texto" (Mitell, apud Jenkins, 2007). Esta discussão descreve o termo *Drillability* ou Explorável como um princípio em que o público procura aprofundar o conhecimento sobre uma determinada história, através de vários percursos e níveis de leitura que lhes permita por sua iniciativa realizar um investimento em recolher mais dados sobre determinado assunto. Estes dois pontos são especialmente importantes para quem pensa uma narrativa *transmedia* não ficcional, porque devem permitir pensar e articular a história potenciando diferentes níveis de envolvimento ao utilizador. Um universo narrativo completo deve permitir que a história seja distribuída pela própria comunidade (*spreadability*) e por outro lado permitir que a audiência possa descobrir mais em profundidade sobre essa história (*drillability*). O envolvimento da audiência é em ambos casos essencial, mas a articulação de todas as características permite conferir densidade a uma história mesmo que para isso seja necessário um interesse específico da audiência em explorar o conteúdo narrativo.

No segundo ponto, Jenkins foca os termos “*Continuity vs. Multiplicity*” ou Continuidade vs. Multiplicidade e visa estabelecer a validade de regras nos universos criados. A continuidade serve conceitos como a coerência e plausibilidade nos universos, mas sobretudo permite aos admiradores de uma história envolverem-se e acreditarem no universo que seguem: “as regras são vitais para criar e manter a credibilidade da história” (Bernardo, 2014). A multiplicidade, por seu lado, é a capacidade de acesso a versões complementares dos personagens e dos mundos em que estes habitam. Um exemplo, particularmente profícuo, é a maneira como vão sendo criadas histórias alternativas dentro dos complexos universos de “super-heróis” dos estúdios norte americanos, criando assim narrativas transmediáticas que são simultaneamente contínuas – existe um fio condutor central - e múltiplas – através da criação de histórias laterais à narrativa central - tal é a diversidade de produtos que surgem em cada um destes universos. No jornalismo, contudo, este é um ponto que encontra algumas dificuldades, visto que estamos a lidar com uma narrativa não ficcional e que se desenvolve num universo contínuo, a realidade. cremos, contudo, que na comunicação não ficcional é legítimo afirmar que verificamos o conceito de Multiplicidade, por exemplo geográfica, quando é registada, em diversos pontos, a reação dos indivíduos a um determinado evento ou fenómeno.

O termo Ininterrupto, sugere que “o acompanhamento de um acontecimento deve ser contínuo e deve procurar explorar as características das diferentes plataformas envolvidas” (Canavilhas, 2013, pp. 53-68) deixando assim que nos centremos no fator da continuidade e usando-a para

melhor explorar as características mediáticas de cada umas das plataformas e manter o interesse do público.

O terceiro princípio enumerado é a distinção entre *Immersion vs. Extractability* ou “imersão e extratabilidade”. A imersão é a possibilidade de fazer parte do universo narrativo, por outras palavras, ter uma experiência de tal proximidade que a audiência pondera fazer parte daquele mundo, isto é o consumidor entra no universo da narrativa enquanto na extratabilidade, “os fãs integram elementos do universo nas suas vidas” (Jenkins, 2009) transportando estes itens ficcionais para a sua vida pessoal, como nos fenómenos *Cosplay* que já aqui referimos. Existem óbvias dificuldades em transpor estes princípios para o mundo da narrativa jornalística, mas ainda assim, é essencial o envolvimento dos leitores e existe um esforço para que as narrativas tenham um pendor “imersivo”, como lhe chama Moloney (2011) através de estratégias de disseminação de conteúdos que estimulem a conexão com os leitores, como por exemplo através de *newsgames*. Por outro lado, os trabalhos jornalísticos devem ser realizados de forma a serem utilizados à posteriori pelos leitores, conferindo-lhe assim um cariz “Extractable”. O termo pode ser traduzido como imperecível - segundo a tradução de Canavilhas (2013, pp. 53-68) mas neste caso parece-nos mais adequado o termo extratabilidade (David, 2018, p.24) .

O conceito de construção de mundo, *Worldbuilding* está no quarto ponto, é uma noção observada ao longo da história da literatura, das artes em geral e vai de encontro ao desejo do público “de dominar o máximo que puder sobre tais universos, muitas vezes através da produção de gráficos, mapas e concordâncias” (Jenkins, 2009) à semelhança da complexa dinâmica social descrita em várias obras seminais na nossa história, como por exemplo, a Bíblia. Como nos recorda Jenkins, existe nesta obra um desejo de unir personagens e histórias de muitas partes diferentes numa única representação coerente. A este propósito salienta Marie-Laure Ryan, “quanto mais ricamente é imaginado o universo da história desde o início, mais histórias podem ser contadas sobre ele e mais descobertas são oferecidas ao utilizador” (Ryan, 2015, p.4). Isto é, as narrativas que conseguem a construção de histórias a partir de um universo narrativo sólido são, regra geral, mais bem-sucedidas do que as narrativas *transmedia* geradas com base num enredo dominante - *plot dominated*.

O conceito de construção de mundo parece intimamente ligado aos princípios anteriores de imersão e extração, uma vez que ambos representam maneiras para os consumidores se envolverem mais diretamente com os mundos representados nas narrativas. No jornalismo todas as histórias são produto de um mundo real, como nos recorda Moloney, esta é uma das suas marcas distintivas. A narrativa *transmedia* não ficcional lida com a realidade, não tem de lutar para que o leitor ultrapasse o complexo de suspensão de descrença, ou seja, o momento em que o leitor tem de aceitar como verdadeiros os argumentos de um trabalho ficcional, mesmo que estes sejam fantásticos, impossíveis ou contraditórios. O jornalismo quando recorre à comunicação *transmedia*, deve procurar novas maneiras de expor e explicar um determinado acontecimento, fomentando o espaço ao leitor para que reflita sobre um conteúdo. A este propósito, Moloney, sugere um ponto de aceitação de uma diversidade de pontos de vista pessoais dos leitores: “*Diverse and Personal in Viewpoint*” (Moloney, 2011, p.75). Defende assim que os produtores de conteúdo não ficcional, ao desenvolverem uma história complexa, possam assimilar os contributos dos leitores quer seja no formato de comentário, opinião ou sugestão, de maneira a desenvolverem um trabalho mais abrangente e completo.

A serialização ou “*Seriality*”, é o quinto princípio e corresponde à lógica inerente de dividir uma história em partes, focada no desdobramento narrativo. Isto é, através dos mecanismos narrativos que encontram raízes na literatura clássica e neoclássica, como um número elevado de personagens, arcos narrativos, analepses, prolepses entre outros “cada episódio/parte contribua para o todo sem se limitar a repeti-lo” (Jenkins, 2009). De especial importância nas séries, o “*cliffhanger*” ou gancho narrativo é dado como um momento de encerramento de um texto, mas simultaneamente um elemento determinante para fomentar o sentimento de enigma que leva o leitor a continuar “a perseguir” a história. Nesta narrativa, partes das informações significativas e envolventes da história são dispersas, não apenas por vários segmentos dentro do mesmo meio, mas em várias plataformas. A este propósito, reforça Nuno Bernardo, “são necessárias personagens com perfis detalhados e arcos narrativos alargados, assim como eventos históricos e reais que ajudem a definir e autenticar o cenário, bem como elementos visuais que distingam e definam o nosso universo” (Bernardo, 2014).

O número seis desta lista proposta por Henry Jenkins, é a subjetividade. O propósito consiste em permitir que as narrativas transmediáticas permitam a exploração de outras dimensões no universo ficcional, as chamadas extensões de maneira a ampliar a narrativa e a linha do tempo

do material transmitido. Este princípio irá possibilitar outros graus de envolvimento individual, interpretação e partilha de experiências entre indivíduos e a comunidade. Estes tipos de extensões exploram o interesse de leitores em comparar e contrastar várias experiências subjetivas dos mesmos eventos ficcionais e devem conter alguns espaços em branco, essenciais ao desenvolvimento da narrativa (Jenkins, 2009) pois é a partir dessas lacunas que surgem novos enredos.

O derradeiro ponto na lista composta por Henry Jenkins, é a performance. Num contexto em que as narrativas frequentemente apresentam ambições “enciclopédicas” existem lacunas ou excessos no desenrolar da história e os leitores veem-se incentivados a perseguir esses elementos da história, trabalhando-os por meio das suas especulações até que adquiram vida própria. O contributo dos admiradores ou *Fan fiction* pode ser vista como uma expansão não autorizada (mas normalmente bem-vinda por significar um envolvimento aprofundado) dessas narrativas em novas direções de modo a refletir os desejos do auditório de “preencher as lacunas” na narrativa mãe. Neste caso, o auditório entende a narrativa como “mais do que um jogo em que uma história é montada como um jogo quebra-cabeça, mas sim uma viagem de volta a um mundo favorito” (Ryan, 2015, p.4).

Apesar de estes princípios terem sido escritos com o propósito de oferecer guias para os produtores de narrativas ficcionais, elas podem, em boa parte, ser utilizadas por produtores de narrativas não ficcionais, como os jornalistas. Sendo certo que a narrativa *transmedia* descrita por Henry Jenkins tem em mente as narrativas de índole ficcional, não é necessariamente um exclusivo do mundo do entretenimento como vimos pela aproximação proposta por Kevin Moloney, académico e ele próprio jornalista. Para os profissionais de comunicação social o conceito de que o jornalismo serve de motor ao envolvimento de cidadãos nas questões que afetam a sociedade, está sempre presente. A capacidade de mobilizar a comunidade para a resolução de problemas e conflitos que até aí não estavam “em agenda”, ativando uma cultura participativa é própria da essência da atividade jornalística. “Ao transportar determinados assuntos para o espaço público, os media estimulam a interação social e promovem a discussão em torno de temas importantes para sociedade” (Canavilhas, 2013, p.7) muitas das vezes através dos comentários e das redes de sociais. Provavelmente, por Moloney acumular essas duas facetas de académico e profissional da comunicação social, vai sugerir um oitavo princípio que sumariza esta ideia muito importante para os jornalistas - a de conseguir

mobilizar a sociedade para uma questão: “*Inspiring to action*” (Moloney, 2011, p.91) é um princípio que espera inspirar a ação para que este contribua para um engajamento do público nas questões da democracia e definição de melhores políticas públicas.

### **1.7. Comunicação não ficcional *Transmedia***

Como já vimos, a narrativa *transmedia* foi proposta para o campo do entretenimento, contudo, revistos os seus níveis de envolvimento e princípios descritos por Henry Jenkins, nada nos diz que não é passível ser utilizada num campo como a comunicação não ficcional. Com as devidas adaptações, dado estarmos a lidar com narrativas no campo da realidade. Apesar, do conceito não ter sido pensado dessa forma, existem vários exemplos de comunicação não ficcional que nos remetem para processos em tudo fiéis aos descritos nos princípios de Jenkins, muito antes de este ter começado a escrever sobre o assunto. Em 1996, Fred Ritchin, editor de fotografia no New York Times e Gilles Peress repórter fotográfico (parte do restrito número do coletivo de fotógrafos *Magnum*) elaboraram o projeto “*Bosnia: Uncertain Paths do Peace*” no sítio da internet do jornal nova-iorquino. Este trabalho procurava que o público aprofundasse o seu conhecimento sobre o conflito nos Balcãs através de uma navegação por fotografias, texto, som, vídeo e permitindo aos leitores a qualquer momento sair da navegação e entrar num dos catorze fóruns de discussão para trocar ideias com a comunidade, num exercício de verdadeira cultura participativa. Este trabalho, “multilinear, multimédia e interligado com informações contextuais” (Moloney, 2011, p.96) procurava explorar uma das características que Jenkins atribui à narrativa *transmedia*, apelidada de *Drillability*. “A intenção também era aproveitar as novas estratégias possibilitadas pela web - narrativas não lineares, grupos de discussão, contextualização de informações, imagens panorâmicas, a voz reflexiva do fotógrafo - em vez de imitar um ensaio impresso.” (Ritchin, 2009). O trabalho procurou estabelecer caminhos através dos vários elementos, textuais e audiovisuais, para que o leitor se pudesse sentir “empoderado” ao realizar um caminho através do universo criado pelos dois jornalistas. O trabalho viria a ser nomeado para um Pulitzer, o galardão da excelência no trabalho jornalístico nos Estados Unidos, mas excluído das considerações finais por ter sido publicado apenas em formato digital.

Esta produção obrigou a um trabalho acrescido aos dois jornalistas que tiveram o cuidado de ligar todas as imagens e providenciar ligações entre documentos publicados no sítio da internet

num planeamento de cima para baixo ou *Top-Down*, como defende Ryan (2015, p. 6), que distribui informações narrativas em vários documentos, de modo que os consumidores tenham que consumir muitos desses documentos para maximizarem o seu conhecimento sobre um universo. No entanto, na prática, defende Ryan, a maioria das narrativas ficcionais crescem de baixo para cima, *Bottom-Up* e muitas vezes através do sucesso de um único documento narrativo independentemente de qualquer construção *transmedia*. Um exemplo prático é o caso de sucesso da produção *Diário de Sofia* de Nuno Bernardo, que teve o seu início em 2003 em Portugal e que foi crescendo através de um processo de agregação de novos documentos à representação de um mundo da história que já tinham alguma popularidade através de um blogue na plataforma Clix.

Consideramos que a narrativa *transmedia* não pode ser aplicada a todos os géneros não ficcionais. Este tipo de construção exige planeamento e tempo por forma a construir um universo narrativo credível: “o jornalismo diário, com sua brevidade limitada pelo tempo, não é uma opção viável. A narrativa *transmedia* deve ser projetada com cuidado e desenvolvida com um longo tempo de espera para ser eficaz” (Moloney, 2011, p.18). Enquanto a notícia se destina a registar a ocorrência de um determinado acontecimento e tem uma “vida” relativamente curta, a reportagem permite ir mais “além” e aprofundar os factos contextualizando-os, conferindo-lhes uma perspetiva, um significado e contribuindo para o conhecimento de uma realidade de forma mais completa. A grande reportagem sendo “um género de profundidade que se diferencia das notícias pela obrigatoriedade de incluir contextualizações (...) e por não ser perecível como uma notícia, o que lhe permite ter um ciclo de vida mais longo” (Canavilhas, 2013, p.10) é mais transversal e capaz de registar presença nas várias plataformas onde estão os consumidores, como a internet, o papel, a rádio, entre outras. Reforçando esta ideia, também está o pensamento de Ryan com “o conceito jornalístico de história, que designa um tema, uma área de investigação, é muito mais passível de tratamento *transmedia* (...) porque pode conter muitos testemunhos e documentos diferentes, cada um dos quais pode ser apresentado no meio que melhor se encaixa na natureza de suas informações” (Ryan, 2015, p.14).

Creemos que é importante diferenciar a comunicação não ficcional *transmedia* em relação às outras formas de narrativa jornalística, reforçando a ideia de que esta pode fazer melhor uso de meios, plataformas e da utilização que os consumidores, graças ao fenómeno da

convergência tecnológica, farão. Importa também fazer uma análise da generalização de telefones móveis e *smartphones* e do consumo de conteúdos noticiosos através destes dispositivos que cada vez mais otimizam a nossa capacidade de participar na sociedade. Conforme defende Marshall McLuhan (1964), “o meio é a mensagem”. Neste caso o *smartphone* é o meio que está a transformar a sociedade e modificou a maneira como se propagam e consomem os conteúdos noticiosos. De certa maneira, a importância que os telefones móveis tomaram no nosso dia-a-dia vão de encontro à ideia defendida por McLuhan (1964) segundo a qual os meios tecnológicos são uma extensão do nosso corpo. O académico Jesús Flores tem uma reflexão extensa sobre esta questão e acrescenta “Esses novos formatos com conteúdo jornalístico específico para terminais móveis exigem uma nova fórmula jornalística, uma vez que não basta importar conteúdos de outros meios (imprensa escrita, rádio ou televisão)” (Flores, 2010, p.241). Como Jenkins tinha já defendido, não basta fazer uma adaptação simples de um conteúdo que até pode ter características consideradas *transmedia*, mas não o transforma em *transmedia storytelling*, isso é simplesmente reformular “uma história existente em vez de expandir e anotar o mundo ficcional” (Jenkins, 2009).

Importa, no entanto, realizar aqui uma ressalva; de uma forma geral o que se verifica na comunicação social, quando se pensa em publicar conteúdos nos meios digitais é recorrer à comunicação *Crossmedia*. Esta estratégia: de publicar na web conteúdos oriundos de outro média sem considerar as especificidades do meio onde é publicado, foi descrita na literatura como de “*shovelware*” (Pavlik, 1997). Uma prática comum durante os primeiros tempos da Web 1.0, quando os média apenas copiavam o conteúdo que já tinham produzido para a versão impressa ou transmitida (no caso da rádio e televisão) e os colavam na sua página na internet. Existe hoje em dia, um cuidado maior com a inserção de hiperligações a outras notícias e verificamos alguma edição em determinados conteúdos escritos, mas na grande maioria dos casos o “*shovelware*” continua a ser uma realidade. No nosso país os meios digitais da comunicação social continuam a não fazer uso de grande parte das funcionalidades e características de um meio como a internet.

A produção de uma narrativa *transmedia* não ficcional deve aproveitar as dinâmicas da cultura participativa e estimular a discussão da comunidade em torno das questões levantadas pelas histórias narradas. Este é um dos princípios deste tipo de narrativa, estimular a interação com os recetores transformando-os em contribuidores para a história. Torna-se por isso vital realizar uma competente utilização da internet, dos meios e plataformas disponíveis e

compreender o uso das ferramentas disponibilizadas pela Web 2.0. O uso deste tipo de narrativa num estilo como a reportagem não deve ser uma mera manobra de marketing. Existem abundantes exemplos no campo do jornalismo que nos indicam que os consumidores são bastantes críticos de malabarismos mediáticos, basta olhar para o exemplo em Portugal da plataforma *Nónio*, pobremente desenhada e mal explicada aos consumidores tornou-se na prática numa forma de afugentar leitores dos sítios internet dos meios de comunicação social. Apesar de não estarem disponíveis dados sobre esta situação não deixa de ser sintomático que um dos principais protagonistas do panorama da comunicação social do nosso país, o jornal Público, decidiu abandonar a plataforma. Este jornal diário reclama alguns números positivos no que diz respeito à circulação digital paga no boletim publicado, em agosto de 2021, pela APCT - Associação Portuguesa de Controlo de Tiragem e Circulação (<http://www.apct.pt/analise-simples>).

No decurso deste trabalho pretendemos afirmar a narrativa *transmedia* como veículo de conteúdos de qualidade que fomentem a participação dos indivíduos. Importa perceber a importância de um planeamento eficaz que pode ser feito através do uso de um guião ou de fluxogramas como defendem, Dennis Porto Renó e Jesús Flores, no seu livro “*Periodismo Transmedia*” (2012). Aparece-nos como de especial relevância o uso de fluxogramas como ferramentas que permitem aos jornalistas desenhar uma estrutura visual dos projetos que tem em mãos permitindo-lhes estudar lacunas e potenciais no universo. Num outro ponto, não menos importante, importa estudar a importância da linguagem jornalística adaptada às características do meio. No fim de contas o que importa a este projeto é a ideia de perceber se o *Transmedia Storytelling* pode ajudar os jornalistas na sua função de informar os leitores da melhor maneira possível e potenciar o nosso conhecimento sobre o tema objeto da nossa narrativa.

## **CAPÍTULO 2: Projeto *Transmedia* de comunicação não ficcional #UmOutroPaís**

### **2.1. Origem**

Este trabalho de projeto foi sendo pensado, desenvolvido e orientado pelo Professor Doutor Jorge Souto com o mestrando que é jornalista profissional desde 1998 e desenvolve a função

de repórter e editor de fotografia ao serviço do Global Media Group (GMG) desde 2004. O trabalho de projeto de aplicação da narrativa *transmedia* a uma narrativa não ficcional, que nomeámos de “Um Outro País” é fruto de um trabalho colaborativo, entre vários profissionais da Escola Superior de Comunicação Social e do Global Media Group, que neste capítulo daremos conta.

Na demanda por novas formas de contar histórias existe uma preocupação, por parte dos produtores de conteúdos na busca por outras plataformas, como nos explica, Lev Manovich (2001) no seu “*The Language of New Media*”. Frequentemente quando falamos em novos média, estamos na realidade a falar de novos suportes para o mesmo conteúdo: textos escritos, sons, imagens são agora veiculados nesse “novo” suporte, a internet. Ao longo dos tempos, a comunicação não ficcional tem uma história de adaptação a sucessivos impactos tecnológicos: da imprensa escrita para a rádio, para a televisão e depois para a internet, sempre, contanto “as mesmas histórias” e adaptando-se ao meio com maior ou menor eficácia.

A reportagem é normalmente marcada por uma estrutura textual maior e mais detalhada, uma narrativa que aborda as origens, implicações e desdobramentos sobre determinado assunto, apresentando os personagens envolvidos nele, humanizando-os. Podemos reiterar que a reportagem é uma das mais importantes formas de informar sendo por isso de extrema importância a sua forma e o seu modo de chegar aos leitores. Contudo, apesar de ser um estilo de excelência para chegar ao público, precisa de se adaptar aos tempos contemporâneos dada a evidente transformação tecnológica nos processos de consumo dessa informação.

Após a revisão da literatura tornou-se clara a premência de conduzir este projeto em termos práticos. No panorama da comunicação social portuguesa raras vezes um projeto consegue ambicionar recolher, editar e publicar trinta entrevistas sobre a mesma temática. Se o tópico que queremos abordar não é um assunto que esteja na ordem do dia, essa dificuldade aumenta. Torna-se extremamente difícil aliciar os responsáveis pelos órgãos de comunicação social a investir meios e recursos humanos num tema que duvidam garantir automaticamente audiências. Para situar o momento em que colocámos em marcha este projeto, convém recordar que a esmagadora maioria dos órgãos de comunicação social estavam dedicados à cobertura noticiosa da pandemia da Covid-19. Naquele momento, o nosso país vivia mais um confinamento geral e nos meios da Global Media Group, assim como na generalidade de outros meios nacionais, a atualidade noticiosa era dominada por este assunto.

Apesar de não ser uma preocupação central dos cidadãos que vivem num país fortemente concentrado em torno das cidades no litoral, existe um desígnio que perpassa e é comum aos sucessivos governos de Portugal democrático: a preocupação face à desertificação socioeconómica a que assistimos nos territórios de baixa densidade ou territórios do interior. Existe uma lacuna gritante entre um litoral mais povoado, jovem, rico, com maior quantidade e qualidade nas infraestruturas e serviços ao dispor da população. Por outro lado, as regiões interiores, que apesar de representarem cerca de dois terços do território nacional, continuam a caracterizar-se pelo despovoamento, envelhecimento e um empobrecimento que se traduz numa “perda de coesão territorial e social nestes territórios”, para citar o Programa Nacional para a Coesão Territorial de 2016 (<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-/ficheiros-coesao-territorial/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-pdf.aspx>)

As propostas têm-se sucedido com pouco impacto na sociedade portuguesa, sendo certo que o apelo gira quase sempre em torno de expressões como: coesão, competitividade, sustentabilidade, conectividade e colaboração. Mas, será que isto diz algo a quem decide ou não rumar ao interior do país? Ou será que a nossa perceção destas políticas é de que estas são desenhadas longe do terreno, nos gabinetes ministeriais e com pouco contacto com a realidade do cidadão comum. Terão as famílias noção de que se tratam de políticas integradas entre o poder central e o poder local ou é verdadeira a aparente sucessão de medidas avulsas e incongruentes, sobretudo por parte de quem olha para os territórios interiores como uma possibilidade de fixação de residência a longo prazo. Em 2016, numa das últimas grandes iniciativas do governo central: o Programa Nacional para a Coesão Territorial previa através de programas interministeriais vários incentivos à fixação de pessoas. Uma vasta oferta em setores como o ambiente, o trabalho, a saúde ou a educação. Um programa que visava melhores condições para a fixação de quadros médicos em zonas do interior do país, a reorganização das escolas em turmas mais pequenas ou apoios financeiros à mobilidade geográfica aos desempregados que celebrem contratos de trabalho fora do litoral entre muitas outras.

Contudo, e apesar de as propostas, raras vezes conseguiram obter algum efeito visível na generalidade da população, a verdade é que existem pessoas que tomam a opção de rumar ao interior e contrariarem assim a tendência das últimas décadas. De acordo com uma notícia de

24 de novembro de 2020 do Jornal de Notícias, em apenas três meses, o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) recebeu 144 candidaturas ao novo programa governamental que remunera a quem for viver e trabalhar para o interior do país (<https://www.jn.pt/nacional/cinco-candidatos-por-dia-a-apoio-para-viver-no-interior-13067363.html>). O Programa *Trabalhar no Interior*, lançado durante a pandemia de Covid-19, conseguiu uma adesão significativa com “40% nos candidatos com menos de 34 anos” e dois terços das candidaturas a terem origem em “pessoas que encontraram trabalho por conta de outrem no interior”. Há ainda 26% que criaram o próprio emprego e 7% criaram mesmo uma empresa.

No contexto de pandemia, em que o modo de vida nas cidades litorais foi mais afetado é de crer que as pessoas olhem para o interior de outra forma, mas interessa no contexto deste trabalho perceber porquê, com que condições e quais as expectativas. Como forma de evitar a contaminação deste tema com a opinião de teóricos e decisores comprometidos politicamente, optamos por escutar trinta pessoas que fizeram a escolha de rumar ao interior. Ao publicarmos os seus relatos em primeira mão pretendíamos humanizar esta problemática e criar uma narrativa mais próxima das preocupações do público.

Pretendíamos que a publicação destes testemunhos, fosse realizada numa lógica inerente às redes sociais, rápida, sucinta, com um forte componente visual e sobretudo capaz de estimular interação do público. O facto de as redes digitais dos órgãos de comunicação social do Global Media Group terem já uma audiência considerável levava-nos a pensar que estas histórias podiam usufruir de uma audiência já existente e criar um impacto mediático junto do público capaz de os fazer aderir à discussão em torno do tema da desertificação, da coesão e do território

## **2.2. Desenvolvimento**

Para colocar em marcha o nosso projeto foram analisadas várias hipóteses. Conscientes das exigências materiais e humanas que um projeto deste tipo podia ter, em novembro de 2020 ainda durante o decorrer do terceiro semestre deste mestrado em Audiovisual e Multimédia na Escola Superior de Comunicação Social o projeto foi candidato a uma Bolsa de Investigação em Jornalismo promovido pela Fundação Gulbenkian. Em fevereiro de 2020 o projeto teve a

luz verde para uma edição física e nas redes online da publicação Dinheiro Vivo. Como os resultados para a obtenção da bolsa tardavam em ser divulgados era forçoso encontrar soluções para colocar em prática o projeto e foram, então, definidos como medida simplificadora, com a direção do Dinheiro Vivo e da Global Imagens (à época concentrados na jornalista Joana Petiz) alguns princípios para lançar as bases da reportagem de forma imediata. As entrevistas seriam realizadas pelo mestrando e o apoio por parte da empresa seria a dispensa de uma viatura. Começámos a preparar um guião que permitisse dar coerência às várias entrevistas e que no terreno fosse capaz de simplificar a tarefa para uma única pessoa. A ideia era estabelecer um método segundo o qual o jornalista pudesse conduzir a entrevista enquanto gravava vídeo, som e fotografava. Na realidade, como o apoio financeiro da Bolsa de investigação da Gulbenkian não surgiu, esta acabou por ser a metodologia durante a fase de recolha dos trinta testemunhos.

Ainda em fevereiro de 2021, era perceptível que urgia começar a avaliar necessidades e constrangimentos para que se pudesse avançar para a recolha das entrevistas. Nesta altura foram criadas as contas nas redes sociais Facebook (<https://www.facebook.com/umoutropais>) e Instagram (<https://www.instagram.com/umoutropais/>), bem como publicado um sítio no website Wordpress. A intenção foi começar a experimentar formatos de publicação com vantagens e desvantagens de cada um dos suportes e avaliar as potenciais dificuldades. O sítio na internet, <https://umoutropais.wordpress.com/>, foi projetado como uma nave mãe capaz de conter e contabilizar todas as publicações. Na realidade, foi aqui criado um repositório do percurso que na altura se iniciava. Naquele momento, face à dificuldade de estar sempre a apresentar um documento escrito de cada vez que o projeto era apresentado aos responsáveis por uma publicação, foi decidido desenhar um fluxograma com a nossa proposta (figura1).

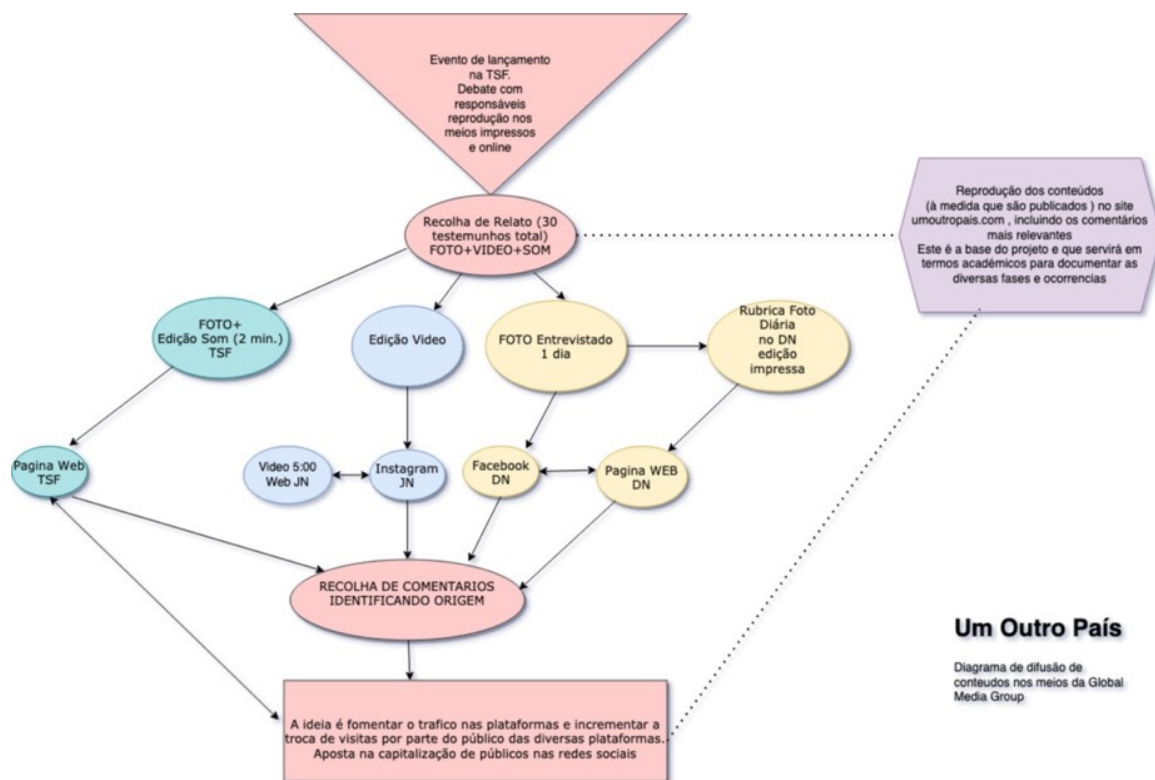


Figura 1 - Fluxograma do projeto

A projeção do que pretendíamos para o projeto era melhor explanada de forma visual e por isso recorremos a um Fluxograma Algorítmico Circular Rizomático (Renó e Flores, 2012, p. 12). A intenção foi demonstrar as conexões a que nos propúnhamos realizar no conjunto do trabalho. Recorrendo a este suporte visual como ferramenta, tanto a nossa ideia como o papel de cada um dos meios tornou-se mais inteligível. O recurso visual como suporte da ideia e do que pretendíamos alcançar, clarificou qual o papel de cada meio no conceito que queríamos provar, ou seja, a aplicação dos conceitos de narrativa *transmedia* num projeto de comunicação não ficcional. Devemos ter em conta que estávamos a propor um projeto editorial comum a meios de comunicação social com culturas distintas e até opostas em muitos dos casos apesar de pertencerem ao mesmo grupo empresarial. Existem dentro do grupo diversas sinergias que juntam redações, mas há que ter em conta que cada redação possui uma dinâmica própria. Na constituição de um projeto deste tipo revelou-se, por isso, de especial delicadeza explicar a cada redação qual o seu papel no desenvolvimento e comunicação da narrativa, sendo certo que existe sempre alguma concorrência entre as redações. Naquele que é um processo de negociação complexo há que garantir a manutenção do equilíbrio de poderes entre redações dentro do grupo por muito instável que este possa ser. No início do projeto, para nós, não era

completamente claro que todas as partes aceitassem o papel que lhes estava destinado no nosso fluxograma. O facto de ao longo do planificação e execução do projeto terem ocorrido diversas mudanças de responsáveis editoriais tornou esta proposta numa tarefa singular. O fluxograma viria a ser uma ferramenta útil para a fase seguinte do projeto: envolver cada um dos meios essenciais para que este tivesse peso e visibilidade no meio da atualidade noticiosa.

Para contextualizar, é importante referir que o projeto assentava não só numa publicação em cada um dos meios, mas também na utilização da presença destes meios em redes sociais. Estas presenças nas redes sociais são vistas como extensões da marca e devem respeitar os mesmos princípios editoriais que uma publicação nas páginas de um jornal ou uma peça na rádio. O que se viria a provar especialmente difícil face à reorganização que o grupo assistiu durante o planeamento e lançamento do projeto.

Após termos confirmada a intenção de publicação por parte do Dinheiro Vivo, decidimos que seria essencial termos algum material para mostrar e demonstrar a validade da nossa proposta. Foram elaborados e testados alguns guiões com sujeitos que mantinham em comum com o objeto do nosso projeto o facto de terem abandonado uma cidade grande em detrimento de focos populacionais mais pequenos. Diferentes versões do guião foram testadas com quatro indivíduos (figura 2) a viverem em pequenas localidades no concelho de Palmela. Como base, para a elaboração destes guiões, foram analisadas várias entrevistas e reportagens, muitas delas onde o mestrando tinha participado como repórter fotográfico ou videógrafo.



*Figura 2 - Fotogramas retirados das capturas de vídeo das entrevistas de teste de guião*

Pareceu-nos também relevante analisar metodologias em outros trabalhos *transmedia* de natureza não ficcional, como o de João Polónio que empreendeu um trabalho de comunicação muito interessante com o seu “*Living the Vanlife*”. O projeto era composto por três componentes: um documentário, um vídeo para a web de curta duração e uma zine. No seu conjunto o trabalho versou sobre a vida de indivíduos que escolheram viver em carrinhas na região do Baleal, frequentemente pela relação que tinham com o surf. Através do recurso a um guião de entrevista com respostas abertas que foram posteriormente divididas “em suma, a estratégia para realizar o projeto, foi produzir tendo como base a realização do documentário e a partir deste conseguir obter a informação necessária para elaborar a amostra e os seus elementos independentes” (Polónio, 2017, p.38).

Uma outra abordagem que nos interessou e destacamos: o projeto *Humans of New York* do fotógrafo Brandon Santon. O trabalho deste autor norte americano salienta-se pela simplicidade da sua perspetiva e da narrativa. O novo iorquino conseguiu criar um registo de unicidade ao publicar histórias de pessoas que alcançava na rua. As suas narrativas de personagens anónimas começaram a ser publicadas no seu blogue em 2010, mais tarde nas redes sociais e depois em livros impressos de grande riqueza narrativa e visual. O seu projeto, que acabou por se tornar global, em parte porque, consegue evidenciar e chamar à discussão realidades que nos circundam como sociedade, mas que frequentemente não vemos nas páginas dos jornais e demais meios de comunicação social generalista.

### **2.3. Definição de critérios técnicos**

Depois de determinado um guião base, bastante aberto com espaço para aprofundar temáticas consideradas relevantes, pelo entrevistador, foi também criada uma “*mise-en-scène*” visual. A intenção foi criar uma disposição de câmaras que emprestasse coerência a todas as entrevistas e fosse possível transportar e operar pela mesma pessoa. Alguns princípios básicos foram estabelecidos. Todas as entrevistas seriam gravadas no exterior e o entrevistado devia estar sentado. Desta maneira todas as entrevistas seriam visualmente diferentes e retiraria a obrigatoriedade de estarem presentes dois operadores, um por cada uma das câmaras. Determinou-se que seriam usadas câmaras do tipo *Digital Single Lens Reflex* ou DSLR. Estas máquinas permitem o uso de lentes de fotografia com grande qualidade ótica. A câmara principal seria equipada com uma lente de grande abertura de maneira a criar um grande desfoque no fundo da entrevista, criando um estilo de imagem mais próxima do documentário, quase cinematográfica. A outra câmara foi equipada com uma lente com algumas, semelhanças

a uma objetiva “*tilt and shift*” uma *babylens*. A ideia foi criar um registo de unicidade conferindo destaque à imagem do entrevistado sem que se perca o registo do local onde está. O contexto foi sendo fundado através de imagens captadas que refletissem o local ou a atividade profissional desempenhada pelo entrevistado. Num contexto de grande profusão visual, com que o público se depara todos os dias, pretendíamos criar um registo visual distinto, coerente entre histórias e capaz de manter a audiência “sintonizada” através de todo o projeto. Isto é, o nosso entrevistado devia ter muito destaque no plano, mas essencialmente era importante que fosse perceptível a ligação visual entre entrevistas. Planeámos por isso um tipo de imagem, cuidada, equilibrada e distinta do que é registado habitualmente nas redes sociais e até nos programas de televisão. O som devia ser recolhido com um microfone de lapela omni-direcional. Esta alternativa permitiu captar o som do entrevistado com grande nitidez, mas mantendo registo da envolvência sonora. Uma opção que exigiu a escolha de sítios isolados, mas acabou por se tornar especialmente importante para adaptação das entrevistas para rádio porque manteve a riqueza sonora dos testemunhos. Neste capítulo, foi também importante a gravação de som, enquanto se recolhiam planos de contexto para cada uma das entrevistas.

#### **2.4. Seleção de territórios de reportagem**

Após uma análise do relatório da Unidade de Missão de Valorização do Interior (UMVI) de 2017 (<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-/ficheiros-coesao-territorial/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-o-interior-em-numeros-os-territorios-do-interior-pdf.aspx>), foram selecionados trinta concelhos dos 165 caracterizados como territórios de interior. O critério de seleção passou por indicadores como a evolução demográfica, estrutura etária, o índice de envelhecimento, de dependência de idosos e as taxas de crescimento migratório e crescimento natural. Foram selecionados trinta concelhos e no dia 11 março foi lançado na página de Facebook e de Instagram um apelo para a participação no projeto. Este “*Open Call*” destinava-se a encontrar indivíduos nas condições que pretendíamos entrevistar. Este apelo acabou por se revelar muito profícuo e a disponibilidade que tínhamos em agenda (para esta fase) acabou por se esgotar ao fim de dois dias. Esta agenda tinha de ser encaixada na rotina normal de serviço. Tirando partido de um serviço de reportagem que estivesse já a decorrer no interior do país ou utilizando dias de folga de compensação acumulados na função de jornalista do grupo. A 16 de março conduzimos a primeira entrevista a Nuno Miguel Coelho, um antigo engenheiro agrónomo que optou por ser pastor em Alcoutim, no sudeste do país. Durante a semana seguinte, aproveitando dois

trabalhos no interior norte do país foram recolhidas mais quatro entrevistas. As primeiras publicações nas redes sociais acompanharam estas incursões no terreno. A intenção era perceber como podíamos transmitir a ideia de início de projeto e de lançar as sementes do nosso universo *transmedia*, “a noção de universo narrativo é central para o fenómeno da narrativa transmídia, já que é ele quem amarra os vários textos do sistema” (Ryan, 2015, p.4).

Num panorama de profunda crise demográfica, que se estende pelo interior do país, entendemos que não era racional estar a excluir histórias de relevância social e humana em concelhos vizinhos dos que tínhamos inicialmente considerado. À medida que fomos encontrando novas histórias revelou-se claro que tínhamos de ser flexíveis em relação a esta matéria. Quisemos dar força ao registo e publicação de boas histórias em detrimento de uma seleção exclusivamente baseada na estatística. Não nos pareceu razoável excluir alguém com um percurso interessante só porque não se mudou para um dos concelhos que tínhamos inicialmente pensado. Importa realçar que algumas das preocupações levantadas no relatório da UMVI, que serviu de base para a nossa seleção, eram também relevantes nos concelhos que acabámos por trabalhar. A circunstância de alguém se deslocar do litoral para estes concelhos, que também possuíam constrangimentos demográficos, exigiam da parte de quem se deslocava para aí residir, uma opção muito bem definida e frequentemente interessante para o objeto do nosso trabalho.

Em relação a esta temática, também não tínhamos considerado a recolha de mais do que um testemunho por concelho. Contudo, tornou-se imperativo por uma questão de relevância noticiosa algumas exceções. Eram histórias significativas e apesar de serem no mesmo concelho eram muito distintas. Esta repetição de concelhos ocorreu nos concelhos de: Fornos de Algodres, Marvão, Covilhã, Serpa e Oliveira do Hospital. Contudo, estes são concelhos de grande área geográfica e a única vez em que foi repetida uma localidade foi em Serpa.

Depois de recolhidos os primeiros cinco testemunhos começámos uma fase de edição de vídeos que serviu para afinarmos o modelo que desejavamos. Esta edição foi realizada pelo editor de vídeo do Dinheiro Vivo, Luís Stoffel e com os contributos da diretora da publicação, Joana Petiz. As entrevistas seriam editadas com uma duração entre os três e cinco minutos. Foi também definido que todos os entrevistados surgiam em campo e fixavam a câmara equipada com uma objetiva *baby lens*, enquanto no áudio se escutava a sua apresentação e no fim saíam de campo enquanto se escutava o final da sua entrevista. O uso de duas barras pretas no topo e

rodapé da imagem em conjunto com os planos de pouca profundidade de campo reforçavam a ideia de imagem cinematográfica. Como forma de tornar mais forte visualmente os testemunhos foi definida a utilização de imagens aéreas. Ficou determinado que na recolha dos restantes testemunhos seria conveniente a utilização de um drone. Como forma de contextualizar o vídeo foi definida a introdução de dois a três oráculos em cada um dos vídeos com informação relevante sobre o local ou sobre a atividade desenvolvida pelo entrevistado. Esta base de trabalho acabaria por se manter quase inalterada existindo pequenas alterações nomeadamente a fonte usada nos oráculos e posteriormente a introdução de um logotipo.

## **2.5. Construção de uma equipa**

Quando se iniciou o processo de recolha de testemunhos e publicação nas redes sociais criadas para o projeto, a ideia foi ir criando uma relação com o potencial público à medida que se captavam novos testemunhos – tornar visível o trabalho que estávamos a tentar realizar. Conscientes da necessidade de adequar a linguagem dessas publicações a cada meio tornou-se patente que era muito difícil conciliar esse trabalho nas redes com a reportagem no terreno. O trabalho de recolha de testemunho implicava alguma morosidade. Além da questão da deslocação até ao local, uma das premissas do trabalho era conduzir a entrevista no local para onde as pessoas tinham mudado. Pretendíamos uma conversa cuidada e capaz de transmitir alguma intimidade e não uma conversa superficial que sabíamos seria incapaz de reter atenção do público.

À medida que avançávamos no interior do país e fomos atraindo atenção nas redes sociais, tornaram-se patentes algumas inconstâncias nas publicações que conseguíamos fazer. Num processo crescente em que as histórias foram aparecendo, tornou-se óbvio que necessitávamos de tornar mais claro e competente a nossa comunicação. Inclusive porque esta presença nas redes começou a ser o nosso cartão de visita junto dos contactos que estabelecíamos na procura de casos, como por exemplo, autarquias e associações locais.

Ciente de que não poderíamos contar com recursos humanos por parte da Global Media, foi proposta pelo professor Jorge Souto a constituição de uma equipa capaz de assegurar as publicações e demais desafios que se fossem colocando. O convite foi endereçado a alunos finalistas da licenciatura em audiovisual e multimédia da Escola Superior de Comunicação Social e revelar-se-ia essencial para o desenrolar do projeto. Aceitaram o desafio os alunos

Duarte Costa Lopes, Patrícia Silva, Tiago Coelho e Tiago Matos. Numa fase posterior, outro aluno finalista, Diogo Nicolau ainda se juntou à equipa, mas teve que abdicar de participar devido a compromissos profissionais. A 4 de abril concretizaram a sua primeira publicação nas redes, mas o seu trabalho acabou por ser muito mais abrangente.

A Patrícia Silva tornou-se numa espécie de gestora de equipa coordenando o trabalho entre o desenvolvido pelo mestrando e as publicações. Este coletivo realizou a reformulação gráfica do sítio na internet e uma progressiva diferenciação entres conteúdos para Instagram e Facebook. Outra importante inovação foi a reorganização das publicações no instagram, trabalhando melhor a ideia de um *feed* organizado visualmente e potenciando a utilização do acervo visual entretanto construído.

O instagram como rede social tem passado por evoluções muito rápidas, se com os primeiros utilizadores a atividade registava-se sobretudo através de interações nas publicações feitas no *feed*, hoje em dia já não é assim, sobretudo nas novas gerações de utlizadores. As formas como hoje interagem é baseada sobretudo no aspeto visual do *feed* e utilizando conteúdos mais atrativos e dinâmicos, como story's e reel's.

Nesta reorganização da conta abdicou-se do peso das publicações, como acontecia, preferindo a construção de um *feed* organizado em grelha revelando os concelhos por onde estávamos em reportagem (figura 3). O modelo de publicação manteve-se até ao inico da publicação dos testemunhos, altura em que existiu uma mudança de rumo para dar relevância ao testemunho publicado nesse dia. Outra valência da equipa foi o trabalho gráfico que desenvolveram por diversas vezes. O logotipo foi um trabalho conjunto entre Duarte Costa Lopes e Tiago Coelho (figura 4) e o mesmo aconteceu quando tivemos necessidade de criar um clip com promoção ao projeto (figura 5) para ser emitido nos sítios de internet do Global Media Group.

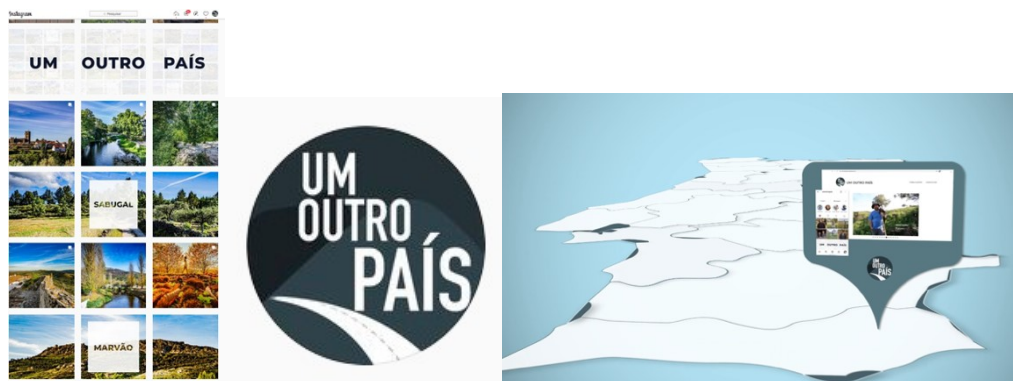


Figura 3 - Feed Instagram; Figura 4 - Logotipo; Figura 5 - Fotograma de spot de promoção

Em termos científicos e práticos, a orientação e coordenação do professor Jorge Souto foi essencial na sintonia dos objetivos a atingir e um garante de que o projeto mantinha uma presença credível nas redes e mais tarde nas publicações. Importa salientar que a capacidade destes alunos acabou por se revelar uma grande mais-valia dado que foram eles a assumir a edição de episódios vídeo quando os editores de vídeo da Global Media Group se viram impossibilitados de o fazer. Cientes do desenho desejado para a nossa narrativa *transmedia*, estes alunos finalistas acabaram por assegurar edição de metade dos episódios vídeo e a grande maioria de conteúdos que viriam a ser publicados nas redes sociais dos meios.

## 2.6. Meios de publicação

Com os primeiros quatro episódios editados e firme o compromisso de publicação por parte do Dinheiro Vivo (DV), foi o Diário de Notícias o primeiro meio a comprometer-se com a publicação. Nesta altura a diretora da publicação DV era também subdiretora do Diário de Notícias e acreditando no potencial do projeto, patente nos primeiros quatro episódios editados, propôs a publicação na edição em papel do diário. Ficou acordado que produziríamos um texto por dia e teríamos o espaço de uma página exclusivamente dedicada ao nosso projeto. A página ficaria enquadrada na seção local, que dispunha de duas páginas por edição. Em véspera de publicação o diretor de arte do jornal, acabava o desenho da página, adicionando um mapa com a localização de onde tinha sido recolhido o testemunho, uma caixa com informação sobre os conteúdos e usando o logotipo do projeto, que tinha sido desenhado pela nossa equipa. O destaque, contudo, seria para a imagem fotográfica usada a toda largura da página. Esta fórmula resultou numa página de grande impacto visual, muito limpa e que se distinguia da generalidade das restantes páginas porque não era obrigada a partilhar espaço com outras

peças. Face à quantidade de material fotográfico, ainda se alvitrou a hipótese de uma solução de página e meia com o suporte de uma a duas imagens de contexto, mas acabou por não ser possível. Existiu alguma resistência por parte do editor responsável por essa secção que via o espaço da secção dominado por uma rubrica externa às dinâmicas da redação. Este compromisso do Diário de Notícias em publicar uma página por dia era extensível à publicação na rede social facebook, visto com uma extensão editorial da marca. A presença do DN neste suporte é significativa e acabaria por condicionar os restantes meios que queríamos envolver.

No equilíbrio de poderes dentro do grupo, o Jornal de Notícias (JN) tem ganho preponderância ao longo dos anos. Apesar do decréscimo na venda de jornais em banca que assola toda a imprensa, o JN tem sabido reinventar-se e procurar novos caminhos para chegar ao público. Possui uma presença sólida nas redes sociais e tem realizado uma aposta segura num departamento próprio de produção de conteúdos vídeo, o JN Direto. À altura a gestão de publicação em todas as redes sociais do grupo tinham passado para o controle do mesmo diretor, Manuel Molinos. O jornalista depois de visualizar dois dos episódios editados (pelo editor de vídeo residente no Dinheiro Vivo) acabou por aceder à publicação com a condição que estes ficassem alojados no sítio do Jornal de Notícias. Nessa reunião no JN ficou também definido que o projeto teria oportunidade de publicar na conta da rede social Instagram do Jornal de Notícias. Apesar de termos proposto, que por cada testemunho fossem feitas três publicações: uma no feed, um no separador de story e outro no formato de reel's, ficou definido, no final dessa reunião, que nos seria permitido explorar esses formatos, mas não publicar todos em simultâneo. Isto é, por cada testemunho poderíamos usar uma destas valências, mas não todas no mesmo dia. Como extensão editorial da marca Jornal de Notícias, existiu uma preocupação por parte dos responsáveis para que o projeto não se tornasse demasiado relevante no normal processo de publicação da conta. Esta regra não foi completamente respeitada, mas mais uma vez temos de nos recordar que este projeto era um objeto externo às dinâmicas próprias da redação e como tal era visto como um corpo estranho.

Depois de contarmos com a garantia de publicação no Diário de Notícias e Jornal de Notícias, ficou determinado que o Dinheiro Vivo, publicado ao sábado em ambas as publicações serviria como uma espécie de meio de divulgação de peças laterais sobre o projeto em si. Num esforço para consolidar o nosso universo o DV acabou por ser extraordinariamente importante porque foi colocando, num meio de comunicação social com visibilidade nacional e que se dirige a um público alvo especializado, peças que davam conta deste projeto disruptivo: uma narrativa

*transmedia* não ficcional publicado em meios de comunicação social. Faltava-nos, contudo, um último meio, a rádio. A TSF- Rádio Noticias, tem um histórico de aposta em conteúdos inovadores e fora de formato muito baseado na reportagem *in loco*. O jornalista Pedro Pinheiro, diretor executivo da rádio depois de escutar os áudios dos episódios já editados, pediu a aprovação dos técnicos. A nossa opção na recolha de som, revelou-se aqui especialmente acertada e os episódios foram aprovados para irem para o ar. Contudo, cremos que teria sido mais interessante uma edição dedicada e própria para rádio. A linguagem e edição para rádio contém especificidades muito distintas da edição de vídeo e é de crer que teria sido vantajoso uma abordagem mais apropriada para este meio. Apesar de termos por várias vezes insistido na mais-valia em reeditar os episódios para rádio, mais uma vez a escassez de meios humanos e a relativa boa qualidade sonora da nossa edição acabou por ser determinante para esta opção de emitir os episódios transpostos diretamente do vídeo.

Cremos ser importante sublinhar que se perdeu assim o carácter *transmedia* nesta peça do nosso universo. Ao invés de termos um conteúdo que acrescentasse matéria ao nosso universo tivemos uma simples adaptação de um conteúdo (vídeo) já existente às características de outro meio, a rádio. Podemos então afirmar que neste contexto, esta entrada no universo pode ser considerada iminentemente *crossmedia*. Existiu, contudo, uma exceção. No episódio emitido a 28 julho, o testemunho de Marty e Susana o'Connell foi recolhido em inglês. Com uma tradução feita pelo professor Jorge Souto e uma edição e legendagem a cargo de Tiago Coelho, o vídeo ficou muito satisfatório para a publicação no sítio de internet do JN. Contudo, seria impensável emiti-lo desta maneira na rádio. A edição sonora teve de ser feita na TSF por João Felix, técnico experiente e há muitos anos no quadro da rádio. Com dobragem de voz a cargo dos jornalistas Nuno Domingues e Guilhermina Sousa a edição desse episódio é o único em que verdadeiramente conseguimos ter um episódio de rádio distinto das outras peças e que faz uma contribuição única para a construção do nosso universo, ou seja, insere-se na lógica da narrativa

*transmedia*

<https://open.spotify.com/episode/0K92ZbFcjsiO7t6zHwR7yL?si=NoeBfYXJRB-INQ-6Vuga6w>).

A presença na rádio e a emissão dos conteúdos em horário nobre: às 7h45 e às 16h30, conseguiu demonstrar a importância do meio. Frequentemente recebíamos feedback sobre estas emissões

por parte do público e dos próprios entrevistados. Acreditamos que a rádio ainda é um grande instrumento de comunicação e parte da sua magia é ausência de imagem pelo que ter o testemunho ali (mesmo que replicado do vídeo) frequentemente revelou impacto nas audiências. O facto de o programa passar a ter um separador próprio no sítio da internet da TSF e existir no formato *podcast* também conferiu uma expressão distinta e muito interessante. No decurso do projeto acabámos por realizar, com esta entrada na rádio, mais uma presença numa rede social, o Spotify. Pensamos que esta comparência na rádio teve a capacidade de nos aproximar de uma audiência mais distante dos meios de comunicação social convencionais e talvez mais disponível para ir à descoberta do nosso #UmOutroPaís nas redes sociais.

## **2.7. Portas de entrada**

Um dos tópicos que se colocaram desde muito cedo no projeto foi a questão dos acessos aos diversos conteúdos que produzíamos. Esta questão foi sendo vista com especial cuidado tendo em atenção que um dos nossos objetivos era cativar audiências através de publicações nas redes sociais. O constante declínio de audiência e subsequente perda da importância da comunicação social na sociedade, a perda de audiência de informação, particularmente dos jornais, em detrimento do consumo avulso de notícias nas redes sociais é especialmente relevante para um projeto como o nosso. A este propósito o relatório do Instituto Reuters para o estudo do jornalismo de 2021 (<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2021>), reforça uma ideia de mudança nos hábitos de consumo de notícias e um peso acrescido para o consumo de notícias nas redes. A imprensa escrita vê-se a perder leitores e a pandemia de covid-19 e os confinamentos impostos como medida de contenção da doença, vieram agravar o balanço.

De acordo com o relatório, dedicado ao estudo do impacto da comunicação social na sociedade, assiste-se a uma tendência nos quarenta países que o estudo observa e o acesso às notícias continua cada vez mais distribuído. Existem tendências que atravessam praticamente todos os mercados estudados. Apenas um quarto dos entrevistados (25%) prefere aceder a conteúdos noticiosos tendo como ponto de partida um sítio de internet ou uma aplicação de um órgão de comunicação social. Aqueles com idade entre 18 e 24 (a chamada Geração Z) têm uma conexão ainda mais fraca a estes sítios. O relatório indica que esta faixa etária é quase duas vezes mais propensa a preferir aceder notícias através de redes sociais, agregadores ou alertas móveis. Isto acontece apesar de alguns dos sítios nas redes sociais serem dados como sítios de

desinformação. O facebook é frequentemente apontado como veículo de propagação de notícias falsas.

No capítulo dedicado ao nosso país, o relatório anual revela que o meio predominante de acesso às notícias online é o *smartphone*. Confirmando uma tendência que se afirma desde 2019 quando este ultrapassou o *desktop*. Existe em Portugal um elevado nível de confiança nas notícias (61%) apesar do contexto de desinformação em relação ao Covid-19 que subiu especialmente nas redes sociais. Em 2021, as audiências elegeram o online e a televisão como meios de eleição para acederem a notícias (77%) enquanto as redes sociais registam 55% e a imprensa escrita apenas 27%. Este último número reflete uma tendência desde pelos menos 2015, o primeiro ano em que este estudo se aplicou no nosso país. Nesse ano, a imprensa escrita reunia 47% nas preferências no que diz respeito à origem das notícias.

Naquele que é um fenómeno global a imprensa escrita assiste a uma quebra nos números de audiência ano após ano e a pandemia veio agravar o cenário. Certamente não será alheio o facto de se ter tornado difícil a distribuição e a aquisição física de jornais. No nosso país os números libertados em setembro de 2021 pela Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT) revelam um panorama catastrófico. A associação constituída com o objetivo de comprovar e certificar os números de tiragem e circulação revelam uma perda generalizada de leitores em todos os órgãos nacionais com exceção do jornal Expresso. Esta contabilidade não se refere somente à circulação física de jornais e realiza um apuramento dos acessos digitais e neste campo também o jornal Público observa números positivos. Sublinhe-se que o estudo do Instituto Reuters estima que, em Portugal, apenas 17% da audiência pague pelo acesso a notícias online.

Se a pandemia desempenhou um papel demolidor no panorama da imprensa escrita na rádio o cenário não é melhor. Este meio depende em grande parte das audiências concentradas no início da manhã e o fim da tarde. Uma audiência muito conectada com as deslocações diárias para a habitação ou para o local de trabalho. Com a ausência destas locomoções, devido aos confinamentos, a rádio teve uma significativa perda de audiências que se refletiu na quebra do investimento publicitário.

## **2.8. Captar novos públicos e fidelizar o existente**

A conquista de novos públicos tornou-se nos últimos anos numa questão de sobrevivência dos meios de comunicação social. Num setor em crise é urgente compreender melhor as características das redes sociais e dos acessos para fazer face à crise. Sucedem-se as campanhas de angariação de assinantes num esforço de praticamente todos os meios em aumentar as audiências nas versões online dos meios. A SIC lançou uma plataforma de *streaming* própria com grande destaque para os conteúdos noticiosos e a RTP reforçou a oferta online através da sua aplicação RTP Play. Na imprensa escrita, em contracorrente no final do ano de 2021 o Diário de Notícias voltou à publicação da edição diária em papel num esforço para manter a visibilidade. Este projeto foi forçosamente prejudicado pelo confinamento. O consequente encerramento de pontos de venda, imposto apenas duas semanas após o seu regresso às bancas numa versão diária, foi muito prejudicial para o mais antigo jornal diário nacional. O semanário Expresso, que foi o único a ter um feedback positivo nos números libertados pela APCT, emite um código na sua versão impressa que depois permite o acesso à edição diária online de forma gratuita, uma estratégia que parece estar a dar frutos. Mas os meios têm também ensaiado a presença nas redes sociais. De acordo com o Instituto Reuters, no nosso país, a rede social facebook é a mais importante para o acesso a notícias (48%) destacando-se de todas as outras. Consideramos útil lembrar que de acordo com a visão do conjunto de mercados abrangidos pelo estudo da Reuters existe na geração Z um incremento de acesso à atualidade noticiosa através de outras plataformas como o *Instagram* ou o *TikTok*.

## **2.9. A questão do acesso**

Um dos pontos que ficou acordado, junto dos responsáveis pelos meios, é que este projeto, que desejávamos se mantivesse fiel aos princípios da convergência e da colaboração não teria acesso pago. Isto é, todos os conteúdos que produzíssemos nos meios estariam abertos por forma a facilitar o acesso e a sua divulgação. Contudo, não tínhamos contabilizado a questão de um mecanismo chamado *Nônio*.

Esta plataforma tecnológica, começou por reunir todos os grandes grupos de produção de conteúdos noticiosos nacionais: Cofina, Global Media, Media Capital, Público, Impresa e Renascença. O projeto anunciava-se em 2017 como garante para o utilizador de que a informação acedida nesta plataforma era “garantidamente credível” segundo anunciava a nota de imprensa divulgada na altura. Na realidade esta plataforma foi uma maneira de avaliar audiências para permitir a segmentação de publicidade e simplificar o processo de compra para

anunciantes e agências. Uma das questões que foi desgastando a plataforma foi que para se aceder a um sítio de Internet era exigido um registo: endereço de email, género e data de nascimento. Era possível aceder através de contas existentes em diversas redes: Facebook, Twitter, Google, LinkedIn, Paypal e Windows. Não obstante, tornou-se frequente chegarem às redações queixas de utilizadores obrigados a repetirem o registo por mais que uma vez.

No nosso projeto, pretendíamos captar indivíduos que não tinham por hábito aceder a sites de jornais e a nossa estratégia passava por lançar conteúdos nas redes sociais. Estas publicações frequentemente desvendavam um pouco dos testemunhos que difundíamos e o nosso trabalho era suscitar suficiente curiosidade pelo nosso universo para dirigir pessoas a acederem aos testemunhos nos sítios da Global Media. Devemos ter em consideração que numa época de grande desinformação um pedido de registo por parte de uma entidade, desconhecida pela generalidade do público, tem o poder de afugentar. Recebemos inúmeros relatos de pessoas que acreditavam que tinham de se tornar assinantes do jornal e coube-nos a nós realizar essa pedagogia de normalização do *Nônio*. Nos números que fomos recebendo relativos a audiências, não existe forma de contabilizar estas tentativas de acesso que recusaram o registo. Não existe maneira de saber quantos leitores perdemos devido a este mecanismo.

A plataforma *Nônio*, apesar de ser vista como uma ferramenta útil para anunciantes e meios é possivelmente um obstáculo à entrada de novas audiências que compreendem mal as implicações deste registo no mecanismo. O jornal Público que tem uma política de captura de novos assinantes bastante bem-sucedida acabou por abandonar a plataforma em 2019. O relatório da APCT, que aqui já citámos abrange a evolução nos primeiros seis meses deste ano e compara-o a um período homólogo do ano anterior. Apesar do diário propriedade da SoaneCom ter no último ano sofrido uma quebra na circulação do diário de 13,2% existiu um crescimento de 44,1% na circulação digital paga. Efetivamente, o Público parece não ter sofrido com ausência nesta plataforma.

## **2.10. Uma *hashtag* é tudo**

No processo de criação do projeto, foi perceptível que era essencial criar uma maneira de permitir o acesso ao nosso universo *transmedia*, independentemente do meio onde esse acesso era realizado. Existiu da parte do Diário de Notícias uma sugestão nesse sentido através da criação de um *Quick response code*, vulgarmente apelidado de QR Code. Este, mais não é do

que uma reformulação gráfica do código de barras que permite a leitura através de *smartphone*. Contudo, esta ideia acabou por ser abandonada face aos custos inerentes e por limitar o acesso por exemplo a alguém menos familiarizado com esta tecnologia. Tornou -se claro que era necessário um elo capaz de ligar as várias peças da nossa narrativa e que fosse entendível e aplicável. Um dispositivo que permitisse o acesso através de um browser no computador ou através de um clique numa janela de *smartphone*.

Entendemos optar por uma palavra-chave precedida do sinal tipográfico de uma cerquilha – uma *hashtag*. Esta fórmula revelou-se extremamente vantajosa pois para além da sua criação não ter custos acrescidos o seu uso ser comum em diversas redes sociais, como: facebook, instagram e twitter entre outros. Outra das particularidades do seu uso e potenciação, reside no facto de não ser um exclusivo das redes sociais, nem tão pouco da internet. O conceito desta “palavra-passe” conseguiu inclusive romper as barreiras do digital e ter uma presença off-line. Tornou-se comum ver um *hashtag* usado em suportes impressos, em publicidade ou até em conversas privadas entre amigos. Esta seria a nossa porta de entrada no universo que estávamos prestes a lançar. O *hashtag* com a simplicidade da sua formulação gráfica tornou-se tão comum que foi inevitável o seu uso na página do Diário de Notícias, junto a um vídeo no sítio do Jornal de Notícias, no podcast do programa no sítio da TSF- Rádio Notícias ou nas inúmeras publicações nas redes sociais. Aliás, a propósito destas últimas recorde-se que estas *hashtag* são utilizadas também como indexadores de conteúdo nas redes e em algumas delas como o instagram, facebook e twitter é possível realizar buscas específicas por estas palavras-chave tornando assim esta fórmula como um modo de agregar conteúdo numa rede.

No processo de seleção de uma *hashtag* para o projeto começámos por ensaiar o uso da hashtag #umoutropaís. Quando o projeto contava já com a colaboração da equipa de finalistas da ESCS, esta acabou por evoluir para #UmOutroPaís. Sublinhe-se que em termos de indexação nas redes ambas as formulações são lidas da mesma maneira. Nesta indexação não pode conter espaços e não existe uma distinção entre caracteres escritos em maiúscula ou minúscula. Com a entrada em cena da equipa de alunos finalistas da ESCS foi alterada a hashtag para #UmOutroPaís. O propósito foi acrescentar leitura à expressão que dá título ao projeto. Uma questão de facilidade de leitura importante se considerámos que a grande maioria dos conteúdos que estávamos prestes a lançar eram dirigidos a indivíduos presentes nas redes sociais e que compreendem o poder de um *hashtag*.

## 2.11. Antes do lançamento

A nossa equipa, tinha estado a preparar conteúdos de lançamento através do uso de diversas ferramentas que permitiram trabalhar à distância, mas todos em colaboração. Uma pasta criada no *Google Docs* (ver anexo D) serviu como base para a permuta de dados. À medida que as entrevistas foram sendo realizadas todos os envolvidos poderiam ter noção do desenho narrativo e percurso geográfico do projeto. Através desta ferramenta era possível todos termos noção dos objetivos e partilhar apontamentos de reportagem. Do lado da equipa composta por alunos finalistas da licenciatura de audiovisual e multimédia era possível fazer sugestões de edição e publicação nas nossas redes enquanto esta partilha integral do trabalho permitia ao professor Jorge Souto orientar o trabalho de projeto e verificar se mantinha a conformidade técnico-científica com os objetivos a que nos propúnhamos. Uma outra ferramenta foi o Google Drive acessado através da conta institucional de aluno de mestrado na ESCS. Este instrumento, disponibilizava um espaço de 25 Gb e permitiu a partilha não só de documentos como dos vídeos das entrevistas na sua versão integral, material fotográfico, bases gráficas e som. As reuniões na plataforma Zoom foram permitindo a troca de impressões regulares e o aplicativo WhatsApp permitiu esclarecer dúvidas no dia-a-dia. No dia 23 de junho, em vésperas de lançar o projeto e com a fase de recolha de testemunhos terminada realizou-se uma reunião semi presencial. Estiveram presentes além do mestrando, o professor Jorge Souto, Patrícia Lopes que coordenava grande parte do trabalho da equipa de licenciados e Duarte Costa Lopes que reformulou e redesenhou o site do projeto, à distância acompanharam a reunião Tiago Coelho e Tiago Matos. Desta reunião e face ao material que tínhamos ficou definido a cronologia de publicação. Diversos critérios estiveram presentes nesta definição, mas objetivamente a ideia foi ir criando ao longo da semana uma sequência de publicações que mantivesse a diversidade geográfica e a discrepância narrativa entre testemunhos. Não queríamos publicar testemunhos que proviessem de concelhos vizinhos ou com demasiados pontos em comum em dias subsequentes. Outra preocupação foi reservar as histórias mais ricas para os dias em que sabíamos serem mais fortes em termos de audiência para os meios.

A escassos dias do lançamento foi distribuída pelos diversos responsáveis dos meios, com um título provisório por testemunho. Foi também criado um texto de lançamento do projeto e ficaram definidos alguns mecanismos de funcionamento do projeto. A imagem para ilustrar o podcast na página de programas da TSF, devia ser enviada na véspera da emissão e o som devia ser entregue atempadamente (48 horas de antecedência) para o departamento técnico da

rádio o verificar. As imagens para ilustrar o artigo do Diário de Notícias deviam ser carregadas em sistema interno do jornal e o texto enviado para cinco endereços de email. As duas publicações a realizar na conta de Facebook do DN deviam ser enviadas na véspera até às 17h. Em relação ao Jornal de Notícias foi-nos solicitado que enviássemos as quatro primeiras publicações por completo para a equipa do JN Direto. Era um requerimento para criar o separador fundado de propósito para o projeto, <https://www.jn.pt/tag/umoutropais.html>. Além dos vídeos, tínhamos proposto a produção de três conteúdos distintos para a conta de Instagram do JN: três story, uma publicação para o feed e uma publicação para reels. Sublinhe-se que o acordo era somente para usar um destes conteúdos por dia e no caso do reels era uma inovação porque até aí nunca tinha sido usado pelos gestores de conta. As diferentes culturas organizativas ficavam assim patentes pela disparidade nos processos de entrega. O que acabou por exigir da parte de toda a equipa uma disponibilidade total durante a publicação do projeto.

Uma das premissas que defendemos ao longo da fase de publicação foi uma inflexibilidade no que diz respeito ao calendário que propusemos. A razão para essa rigidez está relacionada diretamente com estes processos de entrega. Sabíamos que o nosso projeto teria mais projeção se no dia em que alguém tomasse contacto com a narrativa, pudesse vir descobrir os vários fragmentos publicados nesse mesmo dia. Cremos que desta forma era mais perceptível o mecanismo por detrás do projeto e mais provável interessar novas audiências. Acreditamos que este efeito de descobrir uma história publicada na mesma janela temporal, motivaria o público a encontrar mais portas de entrada no nosso universo *transmedia*. Este universo desenhado por trinta histórias publicadas ao longo de trinta dias corria o risco de desmoronar se não tivéssemos a coordenação entre meios bem alinhada.

## **2.12. Publicação**

No dia 1 de julho de 2021 lançámos a primeira de trinta histórias, pessoas que decidiriam trocar o litoral para viver no interior do país. Após meses de publicação nas nossas redes, a evitar publicar imagens de indivíduos entrevistados fomos conseguindo criar uma pequena comunidade que aguardava pelo lançamento. A lógica até aqui tinha sido a publicação de paisagens e histórias laterais que foram criando o sentido de contexto narrativo, mas com o cuidado de não desvendar os testemunhos recolhidos e apenas revelavam que estávamos a percorrer o interior do país. Por isso, este momento era distinto, perante o lema “ler, ouvir e

ver” realizávamos um *call to action* em todos os meios. Nas páginas do Diário de Notícias, ao vivo e em podcast na TSF e no sítio de internet do Jornal de Notícias. Estava inaugurada a fase mais visível desta narrativa *transmedia*.

Neste episódio inicial de #UmOutroPaís, a 1 de julho, recebemos destaque na primeira página do Diário de Notícias (anexo A, figura 7). Era anunciado o início da série e publicado o testemunho de Avelino Rego, um engenheiro informático que relatava como tinha trocado a cidade do Porto para ser pastor na serra do Alvão, onde tinha nascido. Um informático que em vésperas de emigrar decidiu ser criador de vaca maronesa. No DN teve direito a uma página central ímpar e na página principal do sítio de internet do Jornal de Notícias a entrevista em vídeo teve grande destaque por várias horas antes de transitar para o separador do projeto no JN Direto.

Os conteúdos preparados para o facebook do Diário de Notícias foram publicados como combinado e todos as publicações produzidas para o instagram do JN também. Inadvertidamente tínhamos inaugurado a utilização de reels no instagram do JN. Foi a primeira vez que o jornal usou esta possibilidade de comunicação nas redes com um conteúdo desenvolvido pela nossa equipa. Clarifique-se que o Jornal de Notícias tem uma equipa extraordinariamente dinâmica no que diz respeito à utilização de novas ferramentas de comunicação e o jornal centenário foi mesmo o primeiro a ter um website no nosso país. A realização de iniciarmos um novo instrumento para chegar aos leitores foi muito gratificante para toda a equipa. Especialmente para uma equipa que colocava desta maneira em prática alguns conhecimentos que tinham aprendido como alunos na Escola Superior de Comunicação Social.

Na TSF foi emitida a edição áudio da entrevista às 7:45 e repetiu às 16:30. Ambos são considerados dentro do horário nobre da rádio, especialmente a primeira emissão. Naquela que pode ser considerada mais uma peça do nosso universo uma pequena entrevista com o mestrando foi emitida antes do jornal da noite e contextualizava o lançamento do projeto. A página de facebook de #UmOutroPaís fechou o dia a contar um total de 569 gostos e o número de seguidores era de 574. Verificou-se um crescimento de 747% de interações com a página face à quinta-feira anterior. No instagram registavam-se 211 seguidores.

Numa semana preenchida pela publicação de testemunhos recolhidos em Ribeira de Pena, Muxagata, Penamacor, Alcoutim, Vila Viçosa, Mondim de Basto e Ferreira do Zêzere. Voltámos a ter um grande destaque nas páginas do Diário de Notícias, dois dias após o lançamento do projeto, mais concretamente na primeira página. No sábado, 3 de julho, a

história de Anabela Martins e Rui Marcelo que transferiram a vida movimentada da capital para o Moinho do Maneio, uma unidade de turismo rural isolada na natureza de Penamacor foi o destaque fotográfico na capa. O facto de termos este tipo de visibilidade num dia em que tendencialmente a imprensa escrita tem mais audiência, empurrou o projeto para todos os sites que apresentam as capas dos jornais e a história de Anabela e Rui acabou por ser abordada nos noticiários televisivos que diariamente fazem a ronda pela imprensa escrita. O impacto desta distinção acabou por ter um efeito secundário. No domingo 4 de julho as publicações na nossa conta de facebook foram suspensas devido ao elevado número de interações na página. Mas, o nosso trabalho de equipa continuava, Tiago Coelho um dos alunos que formavam a equipa fez uma intervenção na conta de instagram do projeto e nesse dia passámos a ter disponível um *highlight* por cada entrevistado na nossa conta. Este aperfeiçoamento da nossa conta permitiu manter as stories de cada testemunho disponíveis no nosso perfil. No dia 5 de julho, quando publicámos a história de Paula Taborda, a nossa primeira história no Alentejo, a conta de facebook foi finalmente desbloqueada. Com a publicação de um artigo no sítio de internet da Escola Superior de Comunicação Social, convocámos a atenção da comunidade escolar para o projeto através da apresentação de toda a equipa e dos nossos objetivos. À medida que fomos lançando episódios já editados percebemos que os editores de vídeo no Global Media Group enfrentavam sérias limitações para cumprir com alguns dos prazos que tínhamos previsto. Assim, tornou-se necessário reforçar a equipa e permitir a redistribuição de episódios por editar. Com este propósito juntou-se mais um aluno à equipa, Diogo Nicolau. Nesse dia, 7 julho, por lapso da TSF o programa que contava a história de um enfermeiro em Ferreira do Zêzere, foi emitido durante o programa de Fernando Alves, às 9h30, que é um dos mais escutados nesse horário.

Como balanço da primeira semana de trabalho, registámos nas nossas redes uma subida de cerca de 22% do número de seguidores na conta do Instagram. No facebook, o número de seguidores cresceu cerca de 13% e o alcance médio da página cresceu aproximadamente 377% face à semana anterior. Dados interessantes sobre a nossa presença nas redes. Apesar de termos uma ideia positiva em relação às publicações nos meios devemos clarificar que é uma ideia baseada num pressuposto empírico. Obtida através da quantidade de comentários às diversas publicações e de novas partilhas desses conteúdos. Por esta altura, começámos também a dar nota dos primeiros comentários depreciativos nas redes, sobretudo no facebook do DN. Este tipo de intervenção é muito comum, sobretudo nas contas de facebook dos meios de comunicação social. Foi decidido que evitaríamos entrar em polémica e responderíamos

sempre de forma positiva incentivando, assim, a entrada no nosso universo. Este tipo de abordagem deu resultado e fomos constatando que eram comentários marginais e ocasionais. Na equipa fomos ficando com a impressão de termos conseguido construir uma comunidade em torno desta narrativa.

Na segunda semana de julho, à medida que a publicação de testemunhos passava por Oliveira do Hospital, Bragança, Fundão, Matança, Vila de Rei, Sabugal e Mação tivemos um desenvolvimento que apesar de lateral aos testemunhos foi extremamente importante. O #UmOutroPaís começou a ser notado dentro de direções não editoriais do Global Media Group, particularmente na direção de marketing digital. Reconhecendo o potencial do projeto passámos a contar com um estudo de audiências dedicado e que abordaremos em detalhe no capítulo final deste trabalho. Essencial para este efeito foi a consolidação da *hashtag* como a tínhamos desenhado e agora reforçada com a aplicação de igual maneira em todas as publicações no grupo – condição essencial para a captura de dados. Um dos desafios que os responsáveis por esta direção fizeram foi a realização de um vídeo promocional para ser transmitido nas plataformas digitais do Global Media Group. O vídeo demonstrou a capacidade criativa do grupo num esforço encabeçado pelo Duarte Costa Lopes com o Tiago Coelho. O vídeo com uma animação de 15 segundos foi entregue dois dias após o desafio e permitia a ligação a outro artigo na edição online do Dinheiro Vivo. As ligações desse artigo pretendiam encaminhar o auditório para o projeto – estava aberta mais uma porta de entrada para o nosso universo *transmedia*

No dia 10 de julho, o Dinheiro Vivo publicou um artigo (<https://www.dinheirovivo.pt/fazedores/umoutropais-historias-de-quem-mudou-de-vida--13924249.html>) na edição física e online onde explicava como estava a ser desenvolvido o nosso trabalho e qual o seu objetivo. Esse artigo destacava o trabalho desenvolvido por toda a equipa e o facto de este ser um de projeto de mestrado com a orientação de um docente da ESCS. Nesse sábado publicámos um dos testemunhos mais ricos do trabalho, a história de Bruno Ramos que largou a vida de jornalista na margem sul de Lisboa para ir trabalhar para o Pinhal Interior junto ao Fundão. Foi a quarta vez que os gestores de conta do instagram do JN acederam a publicar a nossa edição para Reels e foi o primeiro fenómeno exponencial nesta rede. No espaço de horas atingimos as 10 mil visualizações e no fim do dia tínhamos atingido as 17 mil. A publicação ainda mantém um registo impressionante, mas no final dessa semana atingiria mais de 25 mil visualizações. Percebemos que estávamos a ganhar tração nos meios e redes do Global Media Group e a conquistar atenção de um público crescente que navegava

entre o DN, JN e TSF. Agora na posse dos primeiros números relativos à audiência conseguíamos ir entendendo algumas nuances. No final dessa semana a história de Ana Rita Veríssimo, uma arquiteta que tinha medo de abelhas e se tornou apicultora em Mação, foi novamente publicada no formato de Reels no Instagram do JN. Foi um sucesso, ultrapassando as 12 mil visualizações num dia e não parando por aí, no início de setembro tinha quase 20 mil visualizações.

O testemunho de José Domingues um engenheiro informático que decidiu mudar de vida para trabalhar num centro de comunicação – o Cubo - junto à Covilhã, deu início à nossa terceira semana de publicações. Depois seguiram-se testemunhos recolhidos em Seia, Serpa, Alcaide, Manteigas, Rio de Mel e Videmonte. As histórias desta semana geraram muito bons resultados, tanto de audiência nos vários meios, como de partilhas e comentários. Com o acrescentar de histórias tão distintas e dispersas geograficamente consolidava-se a narrativa sobre as questões da desertificação e da coesão territorial.

No sábado dia 17, a história do “roupeiro”, Rodolfo Sater de Carvalho, teve direito a destaque de página, na capa do Diário de Notícias. Apesar de ser um destaque menos proeminente que o da semana anterior – não existiu nenhum suporte visual associado - a história deste designer gráfico e *video gamer* que abandonou as Caldas da Rainha por amor e acabou por se tornar queijeiro em Serpa, teve grande visibilidade e revelar-se-ia um dos vídeos mais vistos no JN Direto. No dia seguinte, a 18 julho, o testemunho de Rui Peleção (jornalista) e Filipa Gambino (editora de vídeo) que se fixaram em Alcaide, uma aldeia perto do Fundão, voltaria a dar provas da validade do projeto no formato de reels, ao chegar às 22 mil visualizações no Instagram do JN. Compreendemos que nesta altura o formato se estabelecia de grande alcance. Até ao final desta semana todos os conteúdos de reels tiveram um número significativo de seguidores, inclusive o do testemunho de Igor Costa um professor que foi morar para Rio de Mel. Por lapso, não foi escolhida nenhuma capa do vídeo e o que ficou visível na aplicação foi um ecrã a negro, ainda assim teve 17 mil visualizações. O reels da história de Andreia Proença no instagram do Jornal de Notícias foi o que teve mais sucesso nessa semana, atingindo, em 24 horas, cerca de 34 mil visualizações. De um modo geral, os reels publicados no instagram do JN geraram impulso à captação de novos públicos, com uma média aproximada de 17,7 mil visualizações durante esta terceira semana.

A última semana começou com o testemunho de Vasco Nogueira e Joana Dourado que trocaram Coimbra por Serpa ele médico e ela engenheira, num testemunho que tocava as questões da carência de médicos no interior do país. Depois fomos até ao Sardoal, seguindo

para Marvão, depois Seia, Arganil, Penamacor, novamente Marvão, seguindo para Aljustrel e terminando com Casais de Folgosinho.

No sábado enquanto publicávamos a história de Paula Costa e Nuno Frade, um casal que trocou a vida em Sintra para ir criar um parque de campismo naturista à sombra do castelo de Marvão, o Dinheiro Vivo publicava uma entrevista com Ana Abrunhosa - Ministra da Coesão Territorial. A entrevista foi fotografada pelo mestrando e conduzida por uma das jornalistas do grupo que acompanhou e apoiou, desde o início, a presença do nosso projeto nos meios do grupo, a jornalista Joana Petiz. Constatámos que muitas das temáticas que fomos abordando através da publicação dos nossos testemunhos foram tema da conversa publicada no Dinheiro Vivo e emitida pela TSF. Mais uma peça socialmente relevante se juntava ao debate que suscitámos e ao universo *transmedia* que criámos.

Com o nosso empreendimento a chegar ao fim, olhámos para os resultados nas nossas redes. O número de seguidores da página do instagram cresceu cerca de 50% e o número de contas alcançadas cresceu aproximadamente 27%, ao longo do mês. O número de interações com as publicações do facebook, no último mês, cresceu 95%. Também nos meios do Global Media Group obtivemos um alcance bastante positivo. Os reels publicados no instagram do Jornal de Notícias obtiveram elevado alcance, atingindo um número médio acima das 20 mil visualizações. No final do projeto reels mais visto era o de Andreia Proença uma nómada digital na aldeia de Videmonte. A publicação reels atingiu as 39 mil visualizações, mas seria mais tarde ultrapassada pelo testemunho de Marty e Susana o'Connell, um casal dedicado ao trabalho com a tosquia de animais que atingiu mais de 45 mil visualizações.

Como encerramento do projeto, a 31 de julho, publicámos duas peças que davam conta deste empreendimento. Um texto no Diário de Notícias, com o título Coração e Comunicação e uma edição de entrevistas vídeo, publicado no JN Direto com toda a equipa que tinha produzido o #UmOutroPaís. Estas duas peças de “balanço” do nosso universo - após um mês intensivo de conteúdos disponibilizados nos diversos meios - pretenderam colocar o enfase não só no projeto que tínhamos criado, mas também clarificar o contributo de cada membro da equipa e sublinhar que este é um projeto de carácter científico na área da comunicação.



Figura 6 - Fotomontagem com os 30 testemunhos publicada a 31 de julho no DN

### **CAPÍTULO 3: Considerações finais**

O nosso objetivo de publicar um universo capaz de se categorizar como uma narrativa *transmedia* não ficcional, apresentou diversos desafios e deixar espaço de reflexão para outros que, eventualmente, queiram apostar nesta forma de contar histórias.

#### **3.1. Audiências e monetização**

Como já explicámos, graças à atenção que o #UmOutroPaís recebeu nos meios da Global Media Group, foi possível o acesso a dados nos meios do grupo. Estes números têm algumas falhas na sua captura porque dependem da sua correta indexação. Isto é, dependem das publicações com recurso à *hashtag*, exatamente como a formulámos. No entanto, a publicação dos artigos utilizou outros *hashtag*'s decididos pela equipa de gestão de redes dos meios. Ou seja, as peças foram publicadas com a nossa *hashtag* mas não só. Cada conjunto de *hashtag* foi entendido pelo software de captura de dados como se tratasse de peças distintas. No Diário de Notícias o resultado foi uma listagem com 51 entradas e no Jornal de Notícias 43 entradas

apesar de termos na realidade produzido 31 peças: trinta testemunhos mais uma peça dedicada ao projeto.

Por outro lado, fomos ganhando noção de outros problemas durante o decorrer do projeto: nomeadamente com o site da TSF. Em primeiro lugar o site de internet da TSF apresenta problemas no que toca à contabilização de acessos, um problema relacionado com a estrutura do site e a maneira como os utilizadores ali interagem. Este foi um obstáculo à captura de dados através do *Google Analytics*. Uma segunda questão surgiu relacionada com a ferramenta de *podcast* na página. O botão que dá acesso a esta versão do conteúdo só funciona quando instalado um leitor de RSS no browser onde é realizado o acesso. Este tipo de leitor é usado por sites e blogues para divulgarem notícias ou avisar de novas publicações. São uma maneira eficiente para acompanhar notícias, sites e atualizações de software. Muitos têm fortes recursos de pesquisa e recursos organizacionais personalizados, mas não se pode afirmar que esteja generalizado o seu uso. O problema é que quando um utilizador tenta ativar o botão de *podcast* no site e não possui esse leitor o que recebe é uma página de código. Este problema não acontece quando o sítio é acedido através de um *smartphone*. O *podcast*, para estes utilizadores acabou por ficar disponibilizado através do Spotify. Contudo, foi-nos impossível contabilizar o número de tentativas de acesso por estas vias. O mesmo problema existiu por não ser possível contabilizar os utilizadores que não aceitaram registar-se através do *Nónio* ou que no site do JN não viram até ao fim os filmes publicitários com a duração de trinta segundos e que eram condição para assistir aos vídeos dos testemunhos.

A nossa convicção, face a estas limitações, é que estes números podem dar-nos uma aproximação dos resultados, mas pecará sempre por defeito. São, contudo, dados preciosos porque nos fornecem uma ideia do impacto que o nosso projeto obteve na vertente digital. Com as limitações que já constatámos verificamos, ainda assim números relevantes.

Na TSF, obtivemos 750 visualizações de 411 utilizadores. Na sua maioria as pessoas realizaram um acesso direto à página (39,1%), através do motor de busca Google (34%) e através do site do Diário de Notícias (17,2%). Apesar de ser um baixo número de visualizações revelou-se um interesse por parte de leitores provindos da página do DN. A maioria da audiência foi feminino (51,2%) e a distribuição etária: acima de 65 anos (27,3%), 55-64 (20,6%), 45-54 (21,8%), 35-44 (10,3%), 25 -34 (12,7%), 18-24 (7,3). A maioria de acessos deu-se no distrito de Lisboa (44,3%), do Porto (15,7%) e de Coimbra (5%). Os acessos foram

realizados através de *smartphone* (51,3%) e *desktop* (45,5%). Como já descrevemos anteriormente existiram falhas no tipo de contabilização. Não foi por isso possível, no caso da TSF, o registo de audiências por episódio. O único registo que obtemos foi o acesso ao segmento de página onde foram disponibilizados os diferentes episódios. Existe, porém, um dado curioso, das 738 visualizações o tempo médio na página foi de 8 minutos e 33 segundos. O que pode indicar que estes utilizadores escutaram mais do que um episódio quando acederam à página.

Em relação ao Diário de Notícias o #UmOutroPaís obteve nos artigos publicados na página de internet do Diário de Notícias: 71783 visualizações produzidos por 46900 utilizadores. A maioria dos acessos foi através da página do DN (43,4%) mas é notório o contributo oriundo do trabalho realizado na conta de facebook (25,2%). A maioria dos acessos foi realizado por mulheres (52,8%) e no total de acessos o *smartphone* (60,4%) prevaleceu como instrumento de acesso. Tivemos mais leitores na região de Lisboa (36,3%), mas o Porto também contribuiu com 12,3%. Na divisão por escalões etários registámos: 65 anos (23,2%), 55-64 (21%), 45-64 (19,3%), 35-44 (15,6%), 25-34 (13,1%) e 18-24 (7,8%). Isto é, existiu uma prevalência na audiência no escalão etário acima dos 65 anos, mas se combinarmos os dois escalões mais jovens o número é especialmente interessante: entre os 18 e os 34 anos obtivemos 20,9% que é um valor muito interessante para a audiência normal no Diário de Notícias.

Nesta altura, a performance por número de consultas à página era liderada pela história de Vasco Nogueira e Joana Dourado que trocaram Coimbra por Serpa com 5187 acessos e mais de quatro minutos de tempo médio de visualização. A história de António e Rita dois técnicos de conservação e restauro que trocaram Lisboa para irem viver para a Muxagata no concelho de Fornos de Algodres ficou em segundo lugar com 4673 visualizações e um tempo de leitura em página dia de 4'50' minutos muito superior à história de Nuno Silva, um professor de ensino secundário em Penamacor, cujo testemunho, obteve 4479 visualizações.

Em relação ao Jornal de Notícias, atingimos as 72849 visualizações e 48 200 utilizadores. A maioria dos acessos aconteceram encaminhados do facebook (37,1%) enquanto os utilizadores que fizeram um acesso direto ao site registaram 31,7%. A gestão de redes no Jornal de Notícias, pontualmente partilhou hiperligações no seu facebook para a página de internet do JN, contabilizámos apenas quatro ocasiões onde isto aconteceu. Somos por isso levados a crer que grande parte destes acessos via facebook foram obtidos tendo como base as publicações por nós produzidas para a página do Diário de Notícias ou através de partilhas realizadas pela

audiência. Um número interessante é o acesso através de pesquisa direta: no motor de busca da Google (13,4%) e no Diário de Notícias (13,9%). Estes dados levam-nos a crer que existiu um aumento de audiência através de busca direta. Mais uma vez, verificou-se o domínio do público feminino (53,1%) e uma claríssima maioria de acessos foi realizado através de *smartphone* (64,8%). A origem destes acessos esteve em Lisboa (26,6%) e no Porto (24,9%), contudo em termos de divisão etária existe uma repartição mais interessante: mais de 65 anos (18,6%), 55-64 (20,7%), 45-54 (20,1%), 35-44 (16,1%), 25-34 (15,4%) e 18-24 (9,2%). Também aqui a divisão etária é consonante com o Diário de Notícias que mostra uma maioria de leitores acima dos 45 anos. Uma das diferenças reside nos números nos escalões etários mais baixos, entre os 18 e os 34 anos (24,6%) levando-nos a crer que, também no JN, conseguimos alguma penetração nesta camada. O vídeo mais visto aliás, é o testemunho de Rodolfo Sater Carvalho, um jovem queijeiro com 30 anos a viver em Serpa e que atingiu as 7244 visualizações. Sublinhe-se que no Instagram, este testemunho, só foi publicado no formato story. O segundo vídeo mais visto é o Carla Costa, uma antiga diretora de marketing duma marca de luxo que na sequência de um problema de saúde foi viver para Mondim de Basto. Este vídeo teve 5423 visualizações, mas devemos ter em conta que no Instagram este foi um testemunho de grande impacto: 10 mil visualizações no formato IGTV. No computo geral de todos os vídeos no JN Direto, os vídeos de testemunhos do #UmOutroPaís ocupavam no início de agosto, as doze primeiras posições demonstrando o impacto do projeto na plataforma.

Uma análise aos dados capturados, parece indicar que existiu uma grande adesão da audiência ao nosso projeto, no Jornal do Noticias e no Diário de Notícias. Infelizmente os dados a que tivemos acesso na TSF, não parecem acompanhar essa tendência, mas atendendo às limitações que aqui enumerámos não nos parece prudente aceitar como válidos os números de audiência na web da rádio. O facto de não ter sido possível contabilizar os acessos por episódio espelha bem as limitações que o website da TSF apresenta. Outra limitação que verificámos foi não ser possível conectar o engajamento de audiência no instagram a visualizações nos meios. Porém, importa salientar os números interessantes relativos a uma audiência mais jovem e habitualmente presente naquela rede social. Relativa surpresa face à predominância da audiência feminina. Estas são tendências anómalas quando se caracteriza as audiências aos meios digitais dos jornais.

Refletindo sobre o impacto das audiências, torna-se importante compreender que após a análise dos valores aferidos pelo Google Analytics, por parte dos responsáveis de marketing digital do Global Media Group, este projeto foi considerado como muito positivo. Durante a fase de publicação do projeto o Diário de Notícias registou 71 783 acessos e o Jornal de Notícias verificou 72 849 acessos dos quais 49 440 são *Publisher Monetised Pageviews*. Isto é, no que diz respeito ao Jornal de Notícias (infelizmente no Diário de Notícias, não foi possível apurar este valor), o projeto atingiu um valor muito interessante de visualizações de página, em que o utilizador assistiu ao conteúdo após visualizar um anúncio associado, traduzindo-se assim em receitas a favor da empresa. Este número compreende o número total de visualizações de página no website e podem ser traduzidos em investimento publicitário, devemos observar que uma única página pode ter vários blocos de anúncios. Cremos que se o nosso projeto fosse publicitado, este número teria sido ainda mais expressivo. Desta maneira, abrem-se as portas para a concretização de apoios financeiros externos ou a possibilidade de sponsors interessados em associar-se. Existem vários exemplos neste sentido de apoio à comunicação não ficcional, através da figura de Projeto Editorial de Potencial Económico - vulgarmente apelidado na indústria dos média como *PEPE* - ou do mecenato aplicado à indústria da comunicação social. Este tipo de apoio torna-se ainda mais relevante para o mercado de investimento em projetos de comunicação não ficcional quando está associado uma lógica de “*long tail*” (Anderson, 2004). Finda esta fase, consideramos interessante continuarmos a registar visualizações nos dois meses subsequentes ao término de publicações. No Jornal de Notícias existiram 3 200 visualizações das quais 1886 foram *Publisher Monetised Pageviews* e no Diário de Notícias 9 989 visualizações. Isto é, como trabalho de comunicação, #UmOutroPaís ainda perdura nos meios onde foi publicado em julho de 2021. As publicações continuam disponíveis para consulta e continuam a verificar-se acessos a esses conteúdos, o que não deixa de ser interessante face à completa ausência de divulgação nesse sentido.

### **3.2. Teoria e prática**

A fase de publicações do projeto #UmOutroPaís, arrancou com uma presença num sítio da internet e um trabalho visível nas redes sociais: facebook e instagram. Estas foram etapas necessárias para que no momento da publicação existisse já um público interessado no projeto. Na prática, estes indivíduos foram a base da nossa audiência durante a fase mais intensa e visível da publicação nos meios do Global Media Group.

Para compreendermos a evolução do projeto e a sua profundidade junto das audiências, devemos ter em atenção que este só foi possível graças à cultura de convergência e ao ambiente de cultura participativa em que vivemos descrito por Henry Jenkins. Pensamento que ganhou mais relevância face ao desenvolvimento da Web 2.0: “a cultura convergente está a permitir novas formas de participação e colaboração” (Jenkins, 2006, p.245).

Neste ambiente de participação e colaboração, o facto de um grupo de publicações, agregado por um *hashtag* continuar a ter procura e relevância nas edições digitais dos meios, pode ser descrito como um fenómeno *long tail* (Anderson, 2006). Vivemos numa época em que abundam conteúdos mediáticos generalistas por um lado, mas simultaneamente aumenta a procura por conteúdos diferenciados, frequentemente associados a nichos de mercado. O facto do nosso projeto manter a curiosidade e continuar a ter audiência, pode ser lido como um fenómeno relacionado com a facilidade de acesso aos conteúdos, mas também pelo facto de ser um tema que interessa a um público específico, “estamos a passar de um mercado de consumo em massa para o consumo em nichos agora definida, não pela nossa geografia, mas pelos nossos interesses” (Anderson, 2006). Um dos fatores mais relevantes neste sentido é que este tipo de interesse representa, sobretudo, uma mudança nos hábitos de consumo. Existe, segundo Chris Anderson, uma preferência por conteúdos com significado para as comunidades e esta tendência “vai criar um ciclo de feedback positivo que transformará indústrias inteiras - e a cultura - nas próximas décadas” (Anderson, 2006). Fenómenos que fomos abordando ao longo deste trabalho de projeto e que estão presentes, de tal maneira, que tornam #UmOutroPaís não só válido como narrativa não ficcional como também exequível, apesar das limitações de meios que já aqui descrevemos.

Para termos noção da importância destes desenvolvimentos tecnológicos no desenho deste projeto, devemos ter em atenção as ferramentas utilizadas, que são exemplos de uma cultura participativa dinâmica e interativa. Foi através de ferramentas como o Google Drive ou o Google Docs que se partilhou documentos, sugestões e ideias. Frequentemente as edições dos episódios vídeo para os sites e para as redes sociais foram alvo de discussão entre a equipa através de plataformas de comunicação como o Zoom e o WhatsApp. Foi possível, enquanto estávamos à distância, trocarmos ideias praticamente em tempo real. A equipa completa só por uma vez se encontrou fisicamente, mas na realidade, desde o momento de entrada no projeto dos alunos de licenciatura em Audiovisual e Multimédia, em abril de 2021, todos os dias interagiu, trocou ideias, esclareceu dúvidas e produziu conteúdos – num processo próximo do

que Pierre Lévy descreveu como de inteligência coletiva, “a capacidade dos coletivos humanos se envolverem em cooperação intelectual a fim de criar, inovar e inventar” (Lévy, 2003, pp. 105-122). Se para o nosso projeto este trabalho colaborativo e em rede se revelaria crítico para a sua construção, os mesmos princípios revelar-se-iam cruciais na construção da narrativa e potenciação da captura de audiências.

Na definição da temática de projeto, foi importante considerarmos algumas características da cultura da convergência como definidas por Henry Jenkins. Antes do nosso trabalho se tornar visível para um maior número de pessoas, através das plataformas da GMG, estas ideias descritas pelo norte americano foram decisivas para começarmos as nossas publicações nas redes sociais. Nestas plataformas existem “barreiras relativamente baixas à expressão artística e envolvimento cívico, tornando possível o contributo de qualquer um” (Jenkins, 2009). São locais de encontro da comunidade e que transmitem a ideia de que todos os contributos são válidos criando assim a ideia de “conexão social” e “reconhecimento da validade de contributos” (Jenkins, 2009). Numa definição genérica, quando pensamos em redes sociais referimo-nos a “serviços baseados na web que permitem que (1) os indivíduos, construam um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema limitado, (2) articulem uma lista de outros usuários com os quais compartilham uma conexão, visualizem, (3) percorram sua lista de conexões e aquelas feitas por outras pessoas dentro do sistema” (Ellison e Boyd, 2013, pp.151-172). Estas plataformas, são locais de liberdade e de partilha onde os indivíduos sentem que a sua opinião é escutada pela comunidade e estão por isso disponíveis para participar. Para conseguirmos uma audiência orgânica, isto é, um público que adere aos nossos conteúdos por interesse na temática que abordámos e não por estratégias de aquisição de audiências, considerámos que era importante elegermos um tema abrangente. Um assunto que interessasse não só individualmente aos cidadãos como também a diversas comunidades que existiam já implantadas nas redes sociais, isto é, um tema que tirasse partido da “crescente *plataformização* das nossas sociedades” (Dijck et al, 2018).

O assunto da desertificação e da coesão territorial pareceu-nos forte o suficiente para conduzir a uma narrativa capaz de suscitar a adesão do público. Sendo tema recorrente na comunicação social e em vários fóruns de cidadãos preocupados com esta tendência no nosso país. O tema ganha especial relevância, em discussões nas redes sociais, sobretudo, numa altura em que é realizado novo censo da população. Esta realidade ganha contornos mais atuais e, neste caso, ainda mais evidentes.

Cientes de que devíamos observar a teoria sobre narrativas *transmedia*, debruçámo-nos assim na estruturação do nosso universo observando alguns dos princípios descritos pelos investigadores. Se atendermos aos princípios descritos por Henry Jenkins em “*The Revenge of the Origami Unicorn: Seven Principles of Transmedia Storytelling*” (2009) foi nossa preocupação, no desenho do nosso trabalho, perceber que princípios descritos tendo em mente a ficção poderiam ser utilizados na narrativa não ficcional.

Um princípio como a Subjetividade ou a Construção de Mundos dificilmente pode ser encaixada numa lógica de comunicação não ficcional e ainda para mais num projeto de cariz jornalístico publicado em órgãos de comunicação social nacional. Importa por isso, olhar para o nosso projeto à luz da apreciação de autores que descreveram o termo narrativa *transmedia* com intuito de a aplicar a um universo real ou não ficcional. Estes princípios enumerados por Jenkins e que abordámos no primeiro capítulo deste trabalho foram sendo experimentados por diversas vezes no campo da comunicação não ficcional: “nada de novo deve ser inventado para aplicar a narrativa *transmedia* no jornalismo” (Moloney, 2011, p.60). A combinação dos princípios enumerados aplicados a uma narrativa não ficcional é o verdadeiro interesse do nosso trabalho.

Ao abordarmos a questão da coesão territorial e desertificação através da recolha de testemunhos de indivíduos que tomaram a opção de se mudarem para o interior do país, pretendemos captar o interesse de quem pondera esta opção e participar no diálogo mais alargado na sociedade sobre estes temas. Utilizando a temática do projeto, captámos a atenção de pequenas comunidades - frequentemente ativas nas redes sociais - que se debruçavam sobre problemáticas relacionadas com o estabelecer residência no interior do país. Estávamos por isso a trabalhar na questão da propagação da nossa narrativa, na lógica do princípio “*Spreadable*” ou “Distribuível” da história. Como acontece nas narrativas ficcionais também aqui ambicionávamos ultrapassar a audiência que já nos seguia nas redes sociais ou que estavam já presentes nos meios da GMG. As redes sociais desempenham aqui um papel importante porque se revelam “capazes de agrupar usuários por interesse (...) e se envolverem em comunicação síncrona e assíncrona, são aspetos essenciais da experiência do usuário das redes sociais” (Ellison e Boyd, 2013, pp.151-172). O uso combinado de *hashtags* contribui exatamente para esse agrupar de utilizadores em torno de uma temática que os interessa. A divulgação de uma narrativa visual do local onde decorria a nossa primeira história foi exemplo disto. Este preâmbulo do testemunho de Avelino Rego, um engenheiro informático que

abdicou de emigrar para se tornar pastor na Serra do Alvão, foi acompanhado de uma série de *hashtag's*. Para este efeito além do *hashtag* #UmOutroPaís usámos também #TerraMaronesa, utilizado por uma comunidade muito ativa no facebook. Começámos assim por abrir caminho para o testemunho que iríamos publicar. Provocando o interesse dos leitores sobre o testemunho em si, mas também sobre o local onde vive o pastor, enquanto incitávamos o interesse desta comunidade. Para contextualizar, sublinhe-se que são comunidades ativas e envolvidas não só pelo facto de residirem no interior do país, mas também pelo interesse em questões diversas como a ecologia e a sustentabilidade ambiental.

Pretendíamos que o público ultrapassasse a narrativa que lhes estávamos a oferecer e os motivasse a investigar mais sobre um dos espaços do universo narrativo. Na realidade estávamos a potenciar dois dos princípios enumerados por Jenkins: “*Spreadable vs. Drillable*”. Apesar de frequentemente os dois fundamentos, serem descritos como contrapostos é importante sublinhar que um não exclui o outro. O que existe, são níveis diferentes de envolvimento.

Uma publicação, ainda anterior à fase de publicação nos meios do GMG, revelou-se especialmente “difundível”. A 29 de maio publicámos na nossa página de Facebook e depois no Instagram a história de uma queijeira que produzia os seus queijos de forma artesanal numa pequena aldeia do concelho de Seia. Esta pequena história, apesar de não se enquadrar nos perfis em que estávamos a trabalhar na altura, tinha o potencial para chamar à atenção para uma realidade muito própria do interior do país e especialmente da Serra da Estrela: a produção tradicional de queijo. O texto da autoria da Patrícia Silva, relatava que este era um processo artesanal e que dependia da qualidade do leite das ovelhas dando um rosto a esta tradição, Maria Natália Lopes. A publicação foi diversas vezes partilhada pelos utilizadores nas suas próprias contas – “*Spreadable*” - e frequentemente acabámos por receber pedidos de indivíduos que desejavam saber mais sobre esta personagem ou simplesmente saber como encomendar queijos. Em agosto de 2021, a nossa atenção foi captada pelo facto de esta senhora figurar num separador no primeiro canal da televisão estatal pública portuguesa, juntado mais um nível, ainda que externo ao nosso universo narrativo.

Durante a recolha de depoimentos, outras portas se foram abrindo e permitiram explorar outros níveis da narrativa pelos leitores. No percurso que fomos desenhando nas redes sociais do projeto fomos deixando informações que complementavam as histórias do entrevistados, como por exemplo na publicação de 4 de abril, uma das primeiras publicações concebidas pela equipa

de estudantes da Escola Superior de Comunicação Social (<https://www.facebook.com/umoutropais/photos/a.108511714642658/120111826815980>). A publicação desta imagem, captada junto à aldeia da Muxagata onde foram entrevistados António Morgado e Rita Ferreira, com um desafio para encontrar os ovos de Páscoa procurava oferecer um outro nível de leitura à nossa audiência, transformando o nosso universo em “Drillable”. Também nos textos publicados no Diário de Notícias frequentemente dávamos a conhecer estruturas ou projetos, que apesar de não serem centrais na narrativa, despertavam a curiosidade da audiência. Este fenómeno aconteceu, por exemplo, com o Data Center da Altice (o Cubo) a operar junto à Covilhã ou a estação da biodiversidade (EBIO) na ribeira da Muxagata que tinha sido inaugurada recentemente. Amiúde fomos contactados no sentido de saber mais sobre esses projetos ou alertados para problemáticas nas regiões por onde se desenvolvia o nosso universo. A capacidade de explorar o nosso universo e aprofundar o conhecimento foi sendo, progressivamente, descoberto pela audiência, mas este lado “*Drillable*” foi sobretudo baseado na descoberta de projetos, que apesar de não serem centrais na história, estavam presentes no nosso universo narrativo.

Na discussão sobre como se devia afirmar o projeto no contexto das edições diárias do jornal e da programação regular da rádio, entendemos que era importante criarmos uma audiência de forma gradual e que se fosse familiarizando com o tipo de universo que propúnhamos. Na verdade, desejávamos que a nossa história fosse penetrando audiências nas diversas plataformas, mas sobretudo o público fosse tomando consciência da regularidade da publicação. Desta forma empregando o fundamento de “*Continuity*” (Jenkins, 2006) para conseguirmos uma progressiva adesão ao nosso universo. Esta foi uma questão fulcral para garantir o envolvimento, a credibilidade do nosso universo narrativo, foi o fundamento que nos levou a persistir na publicação simultânea, em todos os meios e diária de cada um dos testemunhos durante trinta dias porque “as regras são vitais para criar e manter a credibilidade da história” (Bernardo, 2014). Mas não é só uma questão de habituação à cadência de publicação de um testemunho por dia. O projeto apostou também numa “continuidade e serialização” (Moloney, 2011) ao concretizar cada testemunho com o recurso a opções no estilo semelhantes. Isto é, cada testemunho mantinha uma coerência visual e o mesmo se aplicava independentemente do meio onde era feita a publicação. O intuito era levar a audiência a identificar rapidamente que estava perante uma publicação que fazia parte do nosso universo narrativo. Por isso, os vídeos começavam sempre com a entrada em campo do entrevistado enquanto se escutava a apresentação do mesmo e terminavam com a saída de campo na

declaração final. O recurso a um plano fixo recorrendo à lente de tipo *tilt&shift* para abertura e o fecho realizado sempre da mesma maneira, permitia ao espectador identificar imediatamente que a publicação se tratava de mais uma peça da nossa história maior.

As entrevistas, realizadas com recurso a um guião, relativamente aberto, mas semelhante na sua estrutura mantinha a coerência entre os testemunhos. Em todos os casos, esta técnica garantia que todos os depoimentos abordavam os mesmos temas respeitando as suas especificidades e dando-lhes liberdade para enfatizar as problemáticas que mais lhes interessavam. Nas trinta e uma páginas publicadas no Diário de Notícias a ideia foi exatamente a mesma. Os textos foram construídos com a intenção de contar a história de cada personagem enquanto se sublinhavam dados da região ou informações sobre o contexto socioeconómico dos entrevistados. Frequentemente procurou-se que esses textos remetessem para outras publicações que já tivéssemos realizado nas redes sociais do projeto antes da fase de publicação nos meios da GMG, permitindo ao leitor mais interessado na narrativa aprofundar mais o seu conhecimento pelo nosso universo. No desenho de página no Diário de Notícias, existiu a preocupação de manter a coerência ao longo de toda publicação. A imagem do testemunho tinha o máximo de destaque graças a uma imagem fotográfica horizontal no topo da página. O texto ficou no fundo da página acompanhado por um mapa do país onde se assinalava o local da recolha de testemunho que permitia localizar a história no território. A página obedeceu sempre ao mesmo modelo para permitir a imediata identificação da publicação com o nosso universo. Outro fator importante na identificação das nossas peças foi a inserção do logotipo, desenhado pelo Duarte Costa Lopes e pelo Tiago Coelho. O logotipo foi usado na página física no Diário de Notícias, nas nossas redes, no sítio de internet da TSF – Rádio Notícias e sempre no final das publicações vídeo para a conta de instagram do Jornal de Notícias. A utilização de um elemento gráfico, apesar de discreto e por vezes muito subtil pretendeu reforçar os elos entre os vários elementos do universo criado e conduzir audiências aos nossos conteúdos. Existiu assim um esforço de coerência não só na continuidade de publicação, mas de serialização narrativa com especial cuidado nos signos empregues.

Um dos aspetos mais sensíveis nas narrativas *transmedia* é a questão “*Immersion vs. Extractable*”. O primeiro ponto revela-se importante porque consiste na ideia de introduzir a audiência na nossa história. Neste tipo de comunicação existem experiências neste sentido, descritas na literatura por Nonny de la Peña (2011) e Kevin Moloney que descrevem diversos projetos na comunicação não ficcional onde recorrem do uso de newsgames e até de jogos de

realidade alternativa. O propósito é estimular a ligação entre o leitor e a história. Como neste momento, as produções deste tipo de conteúdos eram inviáveis no nosso projeto, esta questão de introdução de contributos da audiência no universo narrativo coloca-se de maneira um pouco diferente. Contudo, cremos que a questão da imersão de audiências no universo narrativo passa também pela comunicação que se estabelece com o público e na forma como este se envolve. Quando, no decurso das nossas publicações, começámos a receber mensagens com críticas ou perguntas sobre o nosso projeto, um dos trabalhos fundamentais que a nossa equipa desenvolveu foi responder a esses comentários. Este tipo de atividade decorreu sobretudo nas caixas de comentários do Diário de Notícias e na sua página de facebook, mas também no instagram apesar de menor frequência. A nossa prática neste sentido foi o de responder a todos os comentários de forma positiva e de maneira que o público se visse compelido a imergir ainda mais nas nossas histórias.

No dia 3 de julho, umas das nossas publicações sobre Anabela Martins e Rui Marcelo, que figurou na primeira página da edição do Diário de Notícias, obteve um comentário na página de Facebook do Diário de Notícias, o comentário reclamava a circunstância de todos os casos publicados, até essa altura, serem oriundos de Lisboa. A afirmação era falsa e a nossa resposta foi um convite para conhecer o nosso primeiro caso que era procedente do Porto. Conscientes de que “a autorrepresentação em espaços online oferece aos participantes muitas possibilidades de construir ativamente uma representação de como gostariam de ser identificados” (Ellison e Boyd, 2013, pp.151-172), procurámos que as nossas respostas fossem construtivas, assertivas e uma espécie de reforço positivo para as questões levantadas. Sempre que possível apontávamos outro caminho para que a solução fosse encontrada nas nossas redes. Esta política de “resposta pela positiva” foi realizada não obstante o tipo de comentários: valorativo, depreciativo ou meramente informativo.

Durante a publicação do projeto fomos contactados inúmeras vezes por pessoas que queriam partilhar o seu testemunho. Estes contactos foram realizados para o endereço de email que estava presente junto à assinatura nos artigos ou através de mensagem nas redes sociais do projeto: “quanto mais as nossas reportagens entrarem no seu mundo, mais engajado o público ficará” (Moloney, 2011). Isto é, estes leitores desejavam fazer parte do nosso universo narrativo. Cremos que o facto de termos construído a nossa narrativa em torno de um problema real, como a desertificação territorial que preocupa grande parte da população contribuiu para que o nosso projeto tivesse uma característica “*Extractable*”. Não temos maneira de saber se

existiram casos de pessoas que viram nas questões levantadas e nos artigos publicados repostas para as dúvidas que tinham em mudar para o interior do país. O nosso propósito era apresentarmos as histórias e levantar questões relevantes, independentemente de se tratar de casos bem-sucedidos ou não. Quando publicamos o testemunho de Nuno Miguel Coelho, um engenheiro agrónomo que migrou há dez anos para Alcoutim e agora se via na iminência de voltar ao litoral, o testemunho levantou algumas dúvidas nos editores dos meios da GMG e na nossa equipa. Mas, o facto de não apresentarmos só histórias de sucesso ou escolhidas por serem positivas, conferiu à nossa narrativa um teor mais autêntico e real. Um dos derradeiros desejos da comunicação jornalística é “inspirar à ação (...) os jornalistas ingressam na profissão com a esperança de inspirar mudanças e engajar o público na democracia ou facilitar o público agir com base nas informações, é uma meta significativa” (Moloney, 2011).

A importância na definição de casos foi também elemento decisivo na construção do universo narrativo. Deliberadamente decidimos eleger casos cuja atividade profissional fosse relevante para o computo geral do nosso projeto e excluir casos redundantes. Subjacente a esta pré edição, estava a ideia de que não podemos contar uma história sobre o combate pela coesão e contra a desertificação territorial se só recolhermos testemunhos de proprietários de alojamentos locais ou de pastores - apesar de estes também fazerem parte do nosso universo narrativo. Desde o início foi para nós importante criar uma narrativa diversa nos entrevistados: no género, nas idades, nas profissões e distribuído geograficamente pelo território. Contudo, o mais importante foi fornecermos um retrato fiel do tema abordado, “a narração de histórias *transmedia* não é uma série - não conta uma única história, mas uma variedade de histórias ou episódios autónomos, contidos em vários documentos. **O que mantém essas histórias juntas é que elas acontecem no mesmo universo narrativo e fazem sentido em relação às outras histórias**” (Ryan, 2015, p.4). A experiência de Avelino Rego que demos a conhecer no primeiro dia de julho era uma inspiração para Ana Teresa Matos, depoimento publicado no penúltimo dia de julho. A jovem bióloga que dá os primeiros passos numa exploração agrícola em Casais de Folgosinho no coração da Serra da Estrela conta a sua experiência pessoal referindo o trabalho de Avelino na Serra do Alvão. O testemunho de Marty o’Connell publicado a 28 de julho foi recolhido na Herdade da Ribeira de Borba onde Paula Taborda foi entrevistada para a publicação de 5 de julho e isso era perceptível visualmente. De forma, mais ou menos explícita, além de todos os entrevistados terem em comum a escolha de rumarem ao interior vindos do litoral, estavam estabelecidas ligações entre vários dos testemunhos publicados.

Importa reforçar esta ideia de que estamos a trabalhar no mundo real e não numa construção de um mundo perfeito “*Worldbuilding*”. Mais importante do que criarmos peças atrativas, a opção foi construir uma narrativa que apostasse numa forma “*storytelling*” coerente. Este universo narrativo deve ser capaz de interessar audiências pela nossa história e levá-los a descobrir o nosso universo, “o *transmedia storytelling* não é um jogo para juntar cada história, uma a uma, como um puzzle quebra-cabeças, mas sim uma viagem de volta a um mundo favorito” (Ryan, 2015, p.4). Por este motivo, o princípio da “performance” acaba por ser complexo aplicar numa narrativa não ficcional. Este fundamento apesar de muito interessante para o conceito de “*fan fiction*” e “*role-play*” pois dá ênfase à “capacidade de adotar identidades alternativas para fins de improvisação e descoberta” (Jenkins, 2009), torna-se difícil de gerir no que toca à comunicação de teor não ficcional.

Como já observámos, durante a primeira fase de recolha de depoimentos, fomos compreendendo a importância de ir equilibrando esses testemunhos de forma a criar um universo narrativo coerente e real. Desta forma, estávamos a empreender num planeamento de projeto do tipo “*top-down*” (Jenkins, 2006, p.18) ou descendente, isto é, estávamos a definir desde o início da publicação qual a história que queríamos contar, “distribuindo a narrativa através de vários documentos” (Ryan, 2015, p.6). Devemos recordar-nos, no entanto, que vivemos um fenómeno de cultura de convergência, “um processo simultaneamente orientado pelas empresas produtoras de média de cima para baixo e um processo orientado pelo consumidor de baixo para cima. A convergência corporativa coexiste com a convergência de base” (Jenkins, 2006, p.243). Isto é, independentemente de termos sido nós a definir a narrativa do #UmOutroPaís no início do projeto de forma descendente, existe a possibilidade de ocorrer um fenómeno do tipo “*bottom-up*” (Jenkins, 2006, p.18) ou ascendente, através da participação da audiência. O facto de veicularmos a narrativa, através de diversos meios de um grande grupo de comunicação social, estimula a interação com a audiência. Isto é, tira partido de “novas tecnologias que foram projetadas para responder melhor ao feedback do consumidor” (Jenkins, 2006). Contudo, o facto de termos escolhido publicar nas redes sociais onde existem barreiras tecnológicas mais baixas e, sobretudo, onde impera uma cultura de participação, potencia a criação de novos conteúdos por parte da audiência. Assistimos a este efeito “*bottom-up*” ou ascendente, quando no final da recolha de depoimentos, ainda antes de qualquer publicação nos órgãos de comunicação social, uma pessoa contactou-nos através da rede social instagram, uma mulher que tinha decidido residir em Évora, abordava-nos com o intuito de prestar

testemunho e fazer assim parte do universo que estávamos a criar. Acabámos por não recolher o seu depoimento porque apresentava problemas de coerência e ligação ao nosso universo narrativo, contudo, este foi o primeiro de muitos contactos. Especialmente através das redes sociais, fomos assistindo a um fenómeno do género “*snowball effect*” (Ryan, 2015, p.2) que foi ganhando expressão nas semanas seguintes, “no efeito bola de neve, certas histórias são tão populares ou tornam-se culturalmente tão proeminentes, que geram espontaneamente uma variedade de recontagens do mesmo meio em ilustrações e adaptações nos média” (Ryan, 2015, p.2). Este efeito foi frequentemente descrito em narrativas ficcionais, mas a proximidade que estas histórias reais apresentavam com a comunidade estimulou esta participação. Alguns indivíduos partem da nossa audiência e desejavam, agora, fazer parte da narrativa. Este fenómeno é uma consequência de uma cultura participativa “mais aberta, menos sob o controle dos produtores de média e mais sob o controle dos consumidores” (Jenkins, 2006). Neste sentido, cremos que é ainda mais pertinente o recurso, numa segunda etapa do projeto, de conteúdos produzidos pela audiência e fazer do projeto um exemplo desta cultura de convergência.

As publicações que surgiram, nas redes sociais, adaptando conteúdos nossos para publicações próprias foi considerável. Estas publicações, frequentemente realizadas por pessoas que prestaram depoimento para o projeto, aumentam o nosso universo - apesar de na realidade não acrescentarem informação nova. Aconteceu com Carla Costa, o testemunho publicado a 6 de junho, o seu depoimento em vídeo foi um dos que teve mais audiência no sítio de internet do Jornal de Notícias e obteve muitas visualizações (mais de 10 mil) na conta de Instagram. Esta antiga diretora de marketing que, por motivo de doença, trocou o Porto por Mondim de Basto tinha uma presença bastante relevante nas redes sociais. Ao republicar as nossas publicações no seu perfil privado acabou por gerar mais audiência para a nossa publicação original, mas sobretudo mais interesse pelo nosso universo. São contributos que foram surgindo como parte de um desejo de partilha com outros utilizadores e faz parte da matriz das redes sociais, “o desejo de comunicar e partilhar conteúdo é o principal motivo para o uso de serviços de redes sociais” (Ellison e Boyd, 2013, pp.151-172).

Importa realçar que este fenómeno de participação ativa no nosso universo narrativo dista da ideia subjacente ao princípio de “performance”, caracterizado por Henry Jenkins e que já abordámos. Entendemos que não existiu, da parte da audiência, uma tentativa de satisfazer “as falhas” na narrativa, mas sim o desejo de pertencer a uma comunidade: “é sempre possível

adicionar sua própria história a um banco de dados narrativo que coleta depoimentos individuais em várias mídias, mas seria desastroso para a coerência narrativa permitir que fã's acessem e modificassem documentos que constituem a nave-mãe" (Ryan, 2015, p.12). A opção das redes sociais como local de publicação, com um tipo de edição adaptado ao meio, permitiu-nos penetrar em públicos distintos dos habitualmente presentes nos meios tradicionais dos jornais, embora estivéssemos conscientes de alguns riscos: "permitir que os consumidores interajam com os conteúdos mídia em circunstâncias controladas é uma coisa; permitir que participem da produção e distribuição de bens culturais – nos seus próprios termos - é algo completamente diferente" (Jenkins, 2006, p.241).

Apesar de estarmos conscientes destes riscos, inerentes à cultura participativa, era importante dar à audiência mais do que uma mera oportunidade de "interatividade". Ou seja, não nos queríamos limitar a usar "as novas tecnologias projetadas para responder melhor ao feedback do consumidor" (Jenkins, 2006); mas sim capitalizar o facto de que o ambiente mediático da Web e das redes sociais ter "empurrado essa camada oculta da atividade cultural para o primeiro plano, forçando as indústrias de produção de mídia a confrontar as suas implicações para seus interesses comerciais" (Jenkins, 2006, p.133).

Num momento de crise no panorama mediático, cremos que este foi um risco que valeu a pena correr. Urge encontrar novos públicos e entender como nos devemos relacionar neste ambiente de cultura da participação: "uma tarefa cada vez mais difícil para os produtores de notícias é alcançar jovens" (Moloney, 2012). Existiu no caso do #UmOutroPaís, uma tentativa deliberada de alcançar uma audiência mais jovem e tradicionalmente menos aderente à narrativa tradicional na comunicação social. Já descrevemos anteriormente que existe uma tendência para o aumento de importância que as redes sociais desempenham no acesso a conteúdos noticiosos. De acordo com o relatório do Instituto Reuters "*Digital News Report 2021*", a rede social Facebook confirma-se como a mais usada de todos os serviços de redes sociais a nível global. Segundo este estudo em Portugal, 72% dos inquiridos usam este serviço de rede social e no que toca ao acesso e partilha de notícias o número cifra-se nos 48%. Isto quer dizer que devemos considerar formas de comunicar também através das redes sociais. Uma publicação deve ser pensada para explorar as características da plataforma. Revela-se crucial ser pertinente e utilizar as vantagens que cada meio oferece. O que não pretendíamos, de todo, era proceder a uma mera adaptação do conteúdo às características das plataformas como aconteceu no caso do conteúdo emitido pela TSF. Pretendemos que cada publicação concorresse para a relevância

do nosso universo retomando a ideia de que “idealmente, cada meio dá sua própria contribuição única para o desenrolar da história” (Jenkins, 2007).

No final de 2020, com o objectivo de descrever índices de notoriedade, utilização, opinião e hábitos dos portugueses face às redes sociais o estudo “Os Portugueses e as Redes Sociais”, elaborado pela empresa de estudos de mercado Marktest foi publicado. Neste relatório, a que tivemos um acesso muito limitado, era confirmado o domínio do facebook nas preferências do público português. Contudo, o estudo refere que o instagram foi a segunda rede social mais utilizada. A rede atinge uma preferência de 22,8% de utilizadores no seu total, mas é a mais usada pela maioria dos inquiridos na faixa etária compreendida entre os 15 e os 24 anos (57,1%). Foi neste sentido que encarámos as publicações nas redes sociais com especial detalhe e o instagram em particular, para surpresa de alguns responsáveis editoriais na Global Media Group. Considerámos relevante capturar público nesta faixa significativa da população e fizemos o nosso planeamento consonante.

### **3.3. Considerações finais**

Nos últimos cinco anos assistimos a diversas alterações no consumo de notícias com a crescente importância da utilização de *smartphones* no quotidiano da vida contemporânea. Estes dispositivos já não são meros telefones móveis, mas sim meio principal de acesso a conteúdos noticiosos e fundamentais para a participação nas redes sociais. A utilização de *smartphones* assumiu um papel absolutamente relevante na forma como interagimos como indivíduos, mas sobretudo na forma como nos relacionamos com a comunidade. Por outro lado, assistimos a uma importância crescente destas comunidades frequentemente constituídas em torno de um interesse comum e – muitas vezes - com uma existência apenas visível nas redes sociais. Estas plataformas de participação (e interação) social ganharam nos últimos anos um destaque que escapa à compreensão de uma indústria de conteúdos que ainda opera com um modelo de negócio proveniente do domínio cultural dos séculos XIX e XX. A criação e profusão de conteúdos “*user generated*”, promoveu a crescente importância dos serviços de redes sociais como lugares de excelência na propagação de informação. Naturalmente, estas transformações não se limitaram aos consumidores e ao acesso a conteúdos, assistimos a uma tomada de consciência por parte da indústria de produtores de conteúdo sobre novos caminhos para se relacionarem com as audiências. Existe nesta indústria uma preocupação, à qual os

órgãos de comunicação social não são estranhos, sobre como encontrar modelos e formas de chegar a “novos” públicos. Num processo de revolução no consumo de conteúdos assistimos a uma crise sem precedentes na indústria audiovisual, que se questiona sobre como continuar a propagar as suas narrativas. Parece-nos claro, por isso, que o conceito de “inteligência coletiva” (Lévy, 1994) e os fenómenos descritos como “cultura de convergência” (Jenkins, 2006) fazem especial sentido neste momento histórico. Neste ambiente de cultura participativa, um ensaio como o que levámos a cabo com o projeto #UmOutroPaís prova a validade do conceito de narrativa *transmedia* aqui aplicada à comunicação não ficcional.

A iniciativa de testar este tipo de comunicação através de canais subordinados a órgãos de comunicação social distintos com redações próprias e orgânicas de funcionamento diferentes, revelou-se também um desafio. Apesar de serem órgãos de comunicação integrantes do mesmo grupo empresarial é importante recordar que possuem hierarquias próprias, dinâmicas diferentes e que recebem com prudência conteúdos externos à sua organização.

O facto de este grupo estar num processo de reestruturação complexo e com carências a nível de recursos humanos – especialmente visíveis nos setores técnicos - prejudicou o nosso universo narrativo, especialmente na rádio. Como já aqui explanámos, nesta plataforma tivemos de aceitar a adaptação dos conteúdos editados para vídeo ao invés da sua reedição. Acreditamos que teria sido mais vantajoso para este meio a concretização de uma edição que explorasse melhor o potencial sonoro da nossa recolha e respeitasse algumas das características do meio, mas infelizmente e apesar das nossas investidas, tal não foi possível com exceção do episódio dedicado a Marty o’Connell, emitido a 26 de julho, como já referimos. Estas carências nas áreas técnicas também poderiam prejudicar em grande parte o projeto se não fosse a intervenção da equipa constituída dos – entretanto – licenciados da Escola Superior de Comunicação Social com a orientação técnica e científica do Professor Jorge Souto. Face à escassez de recursos humanos, no Global Media Group (GMG), foi através da intervenção – valiosa - desta equipa composta pelo Duarte Costa Lopes, Patrícia Silva, Tiago Coelho, Tiago Matos e mais tarde reforçada pelo Diogo Nicolau que foi possível concretizar atempadamente as edições de vídeo de grande parte dos episódios gravados. Foi também possível resolver inúmeros desafios como o desenho de um spot de publicidade ao projeto, criado e concretizado em apenas dois dias para emissão nos canais do GMG.

Importa, contudo, referir que estávamos a trabalhar com redações que atravessavam um processo complexo de reestruturação de recursos humanos e de reenquadramento editorial. Esta realidade permitiu ao nosso projeto obter alguma compreensão por parte dos responsáveis editoriais que perante a complexidade da proposta que lhes foi realizada a aceitaram. O facto de o mestrandando ser jornalista do grupo, mas não estar afeto a nenhuma das redações envolvidas revelou-se de utilidade paradoxal. Se por um lado, permitiu a colocação de propostas mais ousadas, por outro, existiu ocasionalmente uma resistência às ideias externas e estranhas à organização. Frequentemente fomos forçados a realizar concessões e vimos alguns objetivos barrados como o uso de reels e story's na rede social instagram do Jornal de Notícias que almejávamos tivesse sido publicado em todos os testemunhos. Também na edição em papel do Diário de Notícias fomos confrontados com alterações de título e de legenda fotográfica que por vezes desafiam algumas lógicas da nossa narrativa, apesar de nunca a terem comprometido na totalidade. A questão de o diálogo se ter estabelecido entre redações distintas, também foi um desafio. Acostumados mais a competir do que a cooperar assinalámos a resistência – que ultrapassámos - para que existisse uma referência cruzada entre meios.

Estes eventos, bastante comuns no dia-a-dia nas redações de um meio editorial são reflexo das tensões próprias da produção noticiosa diária. Revelam-se, contudo, mais difíceis de solucionar quando não se está verdadeiramente inserido numa redação e nas suas dinâmicas, atreitos a um permanente “processo de autoria negociada produzido por agentes situados em contextos sociais complexos” (Souto, 2019, p.169). Estes processos, obrigaram, a que da parte da nossa equipa fizesse um reforço na sua capacidade organizativa e de entrega atempada de conteúdos, precavendo algumas objeções ou pedidos de alterações inesperadas aos conteúdos propostos. A redistribuição de conteúdos por outras plataformas, próprias do projeto, foi encarada pela equipa como algo natural. Em certa medida essas oposições que nos foram sendo apresentadas, contribuíram para que o nosso universo narrativo fosse sendo construído de forma mais coesa enquanto paralelamente era mais disseminado nas redes. Estas adversidades acabaram por nos forçar a melhorar a narrativa e continuamente reforçarmos o caráter “*Spredable*” do projeto.

Nenhum destes fatores surpreende verdadeiramente. Se atendermos ao facto de estarmos perante uma crise de recursos e audiências na comunicação social, termos empreendido uma comunicação que se empenhou na criação de conteúdos específicos para as redes sociais, torna este projeto ainda mais relevante para realizações futuras. Os canais dos meios de comunicação

social nas redes, apesar de serem apresentados como extensões editoriais das marcas, são constantemente pouco trabalhados. Raras vezes assistimos a uma comunicação pensada de raiz para cada canal de rede social e que eficazmente explore as vantagens inerentes às redes. O uso de *hashtags* como “signos que buscam a determinação e representação de um objeto” (Alzamora et al., 2016) é repetidamente mal compreendido apesar de termos verificado que se começa a entender o seu verdadeiro potencial. O facto de “as *hashtags* passarem a englobar as características peculiares de cada ambiente impactando a formação de novos significados” (Bicalho, 2018, p.203) conduziu-nos para a insistência na profusão da *hashtag* #UmOutroPaís. Em todas as plataformas utilizadas o termo acabou por ser aceite perante a evidencia de que é um mecanismo simples de implementar e bastante funcional. Numa indústria onde “o design profundo e pré-planeado é uma raridade relativa” (Moloney, 2018, p.83) importa realçar o cuidado e o rigor que impusemos na construção da nossa narrativa e na forma como a queríamos comunicar. Pretendemos escapar à prática, comum no meio, de adaptar aos meios conteúdos pensados e criados para outras plataformas, uma espécie de “*shovelware*” como nos descreve Pavlik e que acaba por ser incompreensível na Web 2.0. Este é um dos principais obstáculos em comunicar eficazmente as narrativas não ficcionais.

Cremos que observando o nosso projeto, inserido numa indústria que sufoca com o declínio de audiências, pode existir a tentação de enviar um repórter solitário para o terreno e deixá-lo captar texto, som e imagem. Uma espécie de “*uberjornalista*” (Ford, 2007) que empreende sozinho na recolha de materiais brutos para depois o entregar a um editor mais ou menos hábil e capaz de os transformar numa narrativa coerente. Este é uma fantasia que importa desmistificar. Mais do que um problema de flexibilidade e capacidade de recolha no terreno existe um real problema nas tarefas a desempenhar e na qualidade do material recolhido. Apesar das mudanças tecnológicas o terem permitido torna-se praticamente impossível fazer a recolha de matérias de facto, vídeo, fotografia e sons com uma qualidade ótima. Na grande maioria dos casos existe sempre uma vertente que ficará comprometida e pode eventualmente afetar o trabalho final. Para abordar uma vertente meramente técnica importa acentuar que vivemos imersos numa cultura visualmente muito rica onde abundam publicações nas redes sociais de conteúdos recolhidos com o máximo cuidado e qualidade. Muitas vezes vemos publicações de grande sofisticação com recurso a tecnologias de manipulação de imagem, tratamento digital de cor e som. Nesta miríade de publicações diárias, utilizar uma imagem defeituosa ou um som mal captado pode prejudicar irremediavelmente uma narrativa por mais interessante que seja o seu conteúdo. A distribuição de conteúdos não ficcionais recorrendo a

diversos canais é já uma realidade, mas importa salientar que existe por parte da audiência uma atenção (e uma exigência) redobrada em relação à qualidade dos conteúdos publicados, “cada meio deve entregar o que é melhor e os jornalistas em vários meios devem trabalhar juntos - convergir - para criar um produto de notícias melhor. A verdade é que, quando os jornalistas fazem isso, provavelmente requerem mais pessoas a trabalhar e não menos, para ser bem feito” (Ford, 2006).

Fora da realidade dos meios digitais do Global Media Group registamos também audiências nas redes sociais. O facebook, apresentou-se como um fator crucial em momentos distintos. Em primeiro lugar, no momento de efetuar a pesquisa de depoimentos, *à posteriori* na divulgação do nosso universo narrativo e por último na interação das audiências com o público. Contribui para este valor, a centralidade desta rede social como ferramenta de interação dos leitores com os conteúdos publicados nos órgãos de comunicação social e como ferramenta de participação das audiências em questões de índole cívica com os assuntos narrados, no nosso caso a desertificação e coesão territorial. Como já expusemos esta rede é de facto a mais utilizada no nosso país e importa aqui defender que não é só uma questão de partilha de conteúdos e comentários. O facebook transformou-se numa espécie de praça pública digital onde todos estão presentes e ali fazem prova de vida: indústria e utilizadores. A aplicação de uma comunicação adequada a esta plataforma ao invés de uma mera adaptação de conteúdos torna o projeto mais relevante e dinâmico, assim como na outra rede social em que investimos: o instagram. A utilização das diversas valências que esta rede oferece, leva-nos a crer que contribuiu para que o projeto ganhasse tração e dimensão na rede. Importa apontar que existiu um especial cuidado na seleção de testemunhos, com a inclusão de indivíduos jovens que pudessem abordar vertentes relacionadas com o nosso tema central e que de certa maneira interessassem a audiências mais novas. Apesar do peso que o facebook tem na generalidade da população, é no instagram que se assiste um crescimento de popularidade entre as gerações mais novas. Isto levou-nos a insistir no uso de ferramentas desenvolvidas nesta rede e aproveitar a sua expansão para captar novos públicos. Estas linguagens, muito distintas das utilizadas no facebook, demonstraram-se valiosas em termos narrativos não só porque enriqueceram o nosso universo, mas essencialmente porque trouxeram para a audiência um público substancialmente mais novo e simultaneamente conotado com um afastamento da comunicação social tradicional. Apesar de não ter sido possível medir se existiu uma transferência direta de acessos na rede social instagram para acessos nas plataformas digitais

dos meios, conseguimos constatar alguns fenômenos interessantes que podem indiciar alguma conexão entre os acessos nas redes e o crescimento de audiências nos meios digitais.

Além do interesse no Instagram pelos depoimentos de indivíduos numa faixa etária mais jovem, importa referir que à medida que conteúdos preparados para o formato de Reels foram sendo aceites para publicação na conta do Jornal de Notícias notámos um impacto na audiência nos meios digitais dos jornais. Especialmente a partir da segunda semana de publicação, com a publicação do depoimento de Bruno Ramos a 10 de julho, esse formato mostrou um crescimento contínuo e exponencial conduzindo, à posteriori, até ao máximo de 46 mil visualizações numa única publicação do tipo Reels. Se é prematuro afirmar que estas visualizações conduzem a um interesse maior pelos restantes conteúdos do nosso universo, e, parece-nos inegável que este é um campo a explorar pela indústria, “se antigos telespectadores, se transformam em utilizadores e assumem um novo papel, as velhas mídias também estão sendo reconvertidas pela sua contaminação com a hipermídia” (Scolari, 2008). Isto é, quando falamos em comunicação torna-se cada vez mais difícil dissociar audiências das plataformas e da “contaminação entre linguagens e sistemas semióticos” (Scolari, 2008).

Concluimos que este tipo de projeto deve ser levado a cabo através da constituição de uma equipa multidisciplinar e unicamente dedicada à execução deste tipo de projeto. Essa foi a nossa proposta nos vários momentos em que tivemos oportunidade de expor a nossa ideia para o projeto. Somente face à escassez de meios humanos é que começámos a estudar métodos que devíamos implementar para permitir a recolha de depoimentos por uma única pessoa. Contudo, esta situação deve ser encarada como um último recurso, pois nem sempre é possível ou exequível. Por várias ocasiões tivemos de repetir a recolha de planos vídeo e conteúdos sonoros em locais por onde já tínhamos passado. Uma vantagem que só foi possível por nos termos lançado no terreno com muita antecedência, porém um luxo que raras vezes se encontra disponível no ritmo da produção diária de conteúdos não ficcionais e que abordam a atualidade. Quando lidamos com um *deadline* a meteorologia ou os constrangimentos à movimentação durante uma pandemia podem ser obstáculo incontornável para um repórter solitário.

Releva para o nosso projeto que quando estavam verificados os parâmetros para que a nossa comunicação não ficcional fosse bem-sucedida, foi compreendido a importância do passo seguinte, saber transmiti-las. Não era suficiente termos boas histórias para contar, mas sim saber como o fazer. Parece-nos de importância extrema a polivalência da equipa que

constituímos e consideramos que deve ser tomada em conta na formação de qualquer futuro projeto que seja pensado neste sentido. Uma equipa que consiga realizar diversos tipos de edição vídeo e áudio compreendendo as diferenças que cada edição deve ter em cada plataforma. O mesmo acontece com a edição de texto. A comunicação nas redes sociais exige capacidade de síntese e deve ser capaz de motivar a audiência a querer saber mais. Não é uma questão de oferecer um bocado da história nas redes e depois obrigar a ir comprar o jornal ou ir ver o vídeo no site para perceber a história. Importa a capacidade de realizar uma edição que seja consonante com as características e dinâmicas próprias de cada suporte. Sempre que um conteúdo é publicado passa por um processo de edição – às vezes por diversos níveis - e frequentemente o tipo de resultado difere consoante a plataforma onde a peça é publicada. A diferença substancial para o nosso projeto é a ideia de que cada uma destas edições tem um valor próprio além do que acrescentam ao universo narrativo, evitando a ideia de serem meras adaptações de um conteúdo. A ideia fundamental, de que na narrativa *transmedia* cada pedaço da história tem um valor próprio e contribui para o universo, como defendeu Henry Jenkins, norteou as nossas construções narrativas e características do projeto. Isto é, no contexto deste trabalho, surge-nos como importante não só defender a criação de uma equipa que compreenda estas dinâmicas, mas acima de tudo que compreenda o momento em que vivemos e saiba como comunicar eficazmente.

Considerando a importância e peso que este tipo de projetos pode ter, especialmente se cogitarmos na captura de novos segmentos de audiência numa indústria que sofre uma crise económica séria e prolongada, a construção de uma equipa autónoma dedicada a este tipo de projetos e organizada hierarquicamente dentro de um grupo editorial traria, com um investimento mínimo, acesso a vantagens num curto prazo. A banalização das ferramentas como máquinas fotográficas capazes de fazer captura de vídeo e de som e de softwares de edição – alguns gratuitos - tornaram o investimento em equipamento relativamente acessível a qualquer grupo de comunicação social de dimensão regional ou nacional.

Uma equipa deste género, liberta do trabalho de agenda diária, poderia dedicar-se à planificação e execução deste tipo de comunicação rentabilizando tempo e recursos financeiros. Mas sobretudo um coletivo que possa refletir com outros comunicadores sobre quais as ferramentas disponíveis e como as usar para contarem a sua história através do uso dos princípios associados à narrativa *transmedia*. Uma forma de ajudar os jornalistas a transferir o cuidado com que se dedicam à criação de histórias únicas (tradicionais) e preparar esses conteúdos para a criação de um projeto complexo construído com muitas partes

interligadas (Moloney, 2018). Creemos que para um grupo de comunicação social interessa este tipo de dinâmica em que para além de produção própria se consiga apontar opções distintas para - outros - autores de narrativa não ficcional que desejem criar conteúdos capazes de retirar partido duma verdadeira cultura de convergência.

Projetos de comunicação não ficcional como o #UmOutroPaís, inserem-se bem nesta cultura de convergência, porque se relacionam com temas do mundo real. Abordam preocupações reais das pessoas e temas que lhes podem interessar. A comunicação não ficcional não exige, do público, o exercício de “*suspension of disbelief*” em que lhes exigido que aceitem como verdadeiras premissas de um trabalho de ficção, mesmo que elas sejam fantásticas, impossíveis ou contraditórias. As narrativas que conseguem a construção de histórias a partir de um universo narrativo sólido são, regra geral, mais bem-sucedidas do que as narrativas *transmedia* geradas com base num enredo dominante - *plot dominated* (Ryan, 2015). O facto de termos criado o nosso universo narrativo inserido no nosso tempo, num mundo real e não numa galáxia longínqua imaginária permite que a audiência se relacione diretamente com o tema abordado sem esforço adicional. Um universo narrativo não ficcionado oferece tantas possibilidades de expansão quantas histórias logremos encontrar nesse mundo real.

O facto de nos podermos relacionar, pessoalmente, com estas histórias amarradas em torno de um tema sugere que existe uma infinidade de novas histórias possíveis neste universo. Mas na narrativa *transmedia* não ficcional surgem condições para que as audiências se deixem envolver e até participarem como personagens. Eventualmente com o desejo de interagir com outros indivíduos ou de preencher as lacunas que encontrem nesse universo. Neste sentido uma das propostas, para dar continuidade ao projeto, consiste em lançar uma segunda fase de publicação recorrendo a depoimentos gravados por indivíduos que desejem prestar testemunho. Devidamente enquadrado por um guião e com o estabelecimento de alguns princípios visuais, esta nova etapa de participação baseada em “*user generated content*” procura desenvolver na audiência - que se encontra já em conexão com a nossa comunicação - a ideia de que pode participar no nosso universo narrativo.

O argumento mais favorável ao nosso projeto #UmOutroPaís é o de que na realidade não é finito. Além de possuir uma característica intemporal na sua narrativa, pode continuar a ser consultado nos meios digitais e possui o potencial para se comportar como um verdadeiro universo de forma expansível. À medida que concluímos este relatório do trabalho de projeto,

continuamos a ser abordados, por leitores que querem prestar testemunho e por responsáveis do Global Media Group, para que continuemos o trabalho iniciado. A ideia de comunicar recorrendo à narrativa *transmedia* é acima de tudo assegurar que comunicamos uma história às pessoas da melhor maneira possível e nesse sentido cremos que conseguimos fazer prova de que este conceito pode ser utilizado no âmbito da comunicação não ficcional. Se o que nos importa é chegar às pessoas, porque não tirar proveito desta cultura de convergência entre meios, plataformas e utilizadores. Esta simbiose pode servir para contar histórias, ficcionais ou não, mas sobretudo serve para chegar às pessoas. O #UmOutroPaís, mais do que uma narrativa que chegou ao fim é um ponto de partida.

#### 4. Bibliografia

- Alzamora et al. (2012). Convergence and transmedia: semantic galaxies and emergent narratives in journalism
- Anderson, C. (2004, October 1). The long tail. Retrieved from <https://www.wired.com/2004/10/tail/>
- Bernardo, N. (2011). *The Producer's Guide to Transmedia: How to Develop, Fund, produce and Distribute Compelling Stories across Multiple Platforms*. London: beActive books
- Bernardo, N. (2014). *Transmedia 2.0: How to create an entertainment brand using a Transmedial approach to storytelling*. London: beActive books
- Boumans, J (2004). Cross-Media: E- Content Report 8. ACTeN-Anticipating Content Technology Needs. retrived from [http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthinh/2008/07/14/a\\_most\\_useful\\_.html](http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthinh/2008/07/14/a_most_useful_.html)
- Bechmann Petersen, A. (2006). Internet and cross media productions: Case studies in two major Danish media organizations. *Australian Journal of Emerging Technologies and Society*, 4(2), 94-107.
- Canavilhas, J. (2013). Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. *Periodismo Transmedia: miradas múltiples*, pp. 53-68, Bogotá: Editorial Universidad del Rosario
- Canavilhas, J et al. (2014). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. livros labCom, Covilhã, ubi
- Castells, M (2002) *A Sociedade em Rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura; vol.1*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002
- Castells, M (1999) . *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra
- Flores, J (2010). *Periodismo a través de periféricos móviles*. M. CebriánHerreros (coord.), *Desarrollo del periodismo en internet*. Madrid: Comunicación social.
- David, A (2018), *Jornalismo transmediático : lógicas transmediáticas nas novas práticas jornalísticas : mais que uma história, uma experiência*. Tese de Mestrado em Ciência da Comunicação, Universidade Católica Portuguesa.

- de La Peña, N et al. (2010). Immersive Journalism: Immersive Virtual Reality for the First-Person Experience of News. *Presence*. 19. 291-301. 10.1162/PRES\_a\_00005.
- Ford, S. (2007). *As the world turns in a convergence culture*. (Master's dissertation, Comparative Media Studies, MIT, 2007). Retrieved January 20, 2021, from <http://cms.mit.edu/research/theses/SamFord2007.pdf>
- Ellison, N.B. & Boyd, D (2013), *Sociality through Social Network Sites*. In Dutton, W.U. (Ed.), *The Oxford Handbook of Internet Studies*. Oxford University Press, pp 151-172
- Pessa, B. R. (2009). *Livro-Reportagem: Origens, conceitos e aplicações*. In: *Regiocom*, Universidade Metodista de São Paulo
- Gambarato R.R. (2018) et al. *Exploring Transmedia Journalism in the Digital Age*. 10.4018/978-1-5225-3781-6
- Instagram, Twitter E TikTok estão a crescer Em Portugal. (2020, October 8). Retrieved from <https://www.meiosepublicidade.pt/2020/10/instagram-twitter-tiktok-estao-crescer-portugal/>
- Jenkins, H. (2003). *Moving characters from books to films to video games can make them stronger and more compelling*. In *Technology Review* do MIT - Massachusetts Institute of Technology
- Jenkins, H. (2006). *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. New York: New York University Press.
- Jenkins, H. (2007). "Transmedia Storytelling 101." *Confessions of an Aca-Fan* retrieved from [http://henryjenkins.org/2007/03/transmedia\\_storytelling\\_101.html](http://henryjenkins.org/2007/03/transmedia_storytelling_101.html)
- Jenkins, H. (2009), "The revenge of the Origami Unicorn: Seven Principles of Transmedia Storytelling", retrieved from [http://henryjenkins.org/blog/2009/12/the\\_revenge\\_of\\_the\\_origami\\_uni.html](http://henryjenkins.org/blog/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.html)
- Jenkins, H. (2010) *Transmedia Storytelling and Entertainment: An annotated syllabus*, *Continuum*, 24:6, 943-958, DOI: 10.1080/10304312.2010.510599
- Jenkins, H. (2014) *Rethinking 'Rethinking Convergence/Culture'*, *Cultural Studies*, 28:2, 267-297, DOI: 10.1080/09502386.2013.801579
- Lévy, P. (2007) *Abrir o espaço semântico em prol da inteligência coletiva*. *Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 1, n.

1, p. 129-140, jan./jun. 2007. Retrived from

<<http://www.reciis.cict.fiocruz.br/index.php/recipe/article/view/43/37/>>.

- Lévy, P. (2003) *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 4. ed. São Paulo
- Lévy, P. (2003) *Le Jeu d'Intelligence Colective*, Université d'Ottawa
- Menke, M. et al. (2019) Insights from a Comparative Study into Convergence Culture in European Newsrooms, *Journalism Practice*, 13:8, 946-950, DOI: 10.1080/17512786.2019.1642133
- McLuhan, M. (2003). *Understanding media: The extensions of man*. Gingko Press.
- Moloney, K ( 2012). *Transmedia Journalism as a Post-Digital Narrative*. 10.13140/RG.2.2.13630.95045.
- Moloney K. (2011). *Porting Transmedia Storytelling to journalism*,. Retrieved from <https://transmediajournalism.org/contexts/transmedia-journalism-principles/> .
- Moloney, K (2014) *Foundations of Transmedia journalism: A Review of the literature*. Atlas Institute, University of Colorado, Boulder
- Newman N. et al. (2021), *Digital News Report 2021*, Reuters Institute for the Study of Journalism
- Polónio, J (2017) *Living the vanlife: o transmedia storytelling aplicado ao género documental*, Trabalho de projeto apresentado à Escola Superior de Comunicação Social para obtenção de grau de mestre em Audiovisual e Multimédia.
- Renó, D (2019) *Perspectivas hacia UN periodismo post contemporáneo*. (n.d.). Digital Object Identifier System. <https://doi.org/10.31207/rch.v10i2.199>
- Renira R. & Lorena T. (2017) *Transmedia Strategies in Journalism*, *Journalism Studies*, 18:11, 1381-1399
- Ryan, M.L (2015), “*Transmedia Storytelling, Industry Buzzword or New narrative Experience*”
- Ryan, M.-L. (2017). *The Aesthetics of Proliferation*. In M. Boni (Ed.), *World Building* (pp. 31–46). Amsterdam University Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctt1zkjz0m.4>
- Ryan, M.-L. (2018). *Narratologia transmedia e transmedia storytelling*. *Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, (6), 9–25. [https://doi.org/10.14195/2183-6019\\_6\\_1](https://doi.org/10.14195/2183-6019_6_1)

- Salaverria, R. (2010) Estructura de la Convergencia de Medios. In X. Lopez y X. Pereira (org) Convergencia digital: Reconfiguración de los Medios de Comunicación en España, pp 27-40
- Scolari, C.A. (2008) Hipermediaciones: elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva. Barcelona: Gedisa.
- Scolari, CA (2009). “Transmedia Storytelling: Implicit Consumers, Narrative worlds, and Branding in Contemporary Media Production”. *Internacional Journal of Communication* n°3
- Souto, J (2019) “As notícias no ecrã - uma etnografia da produção do noticiário televisivo” Braga: Teórica Edições.
- Van Dijck, J. (2013). *Culture of Connectivity: A Critical History of Social Media*. Oxford: Oxford University Press. 2013
- Van Dijck, José, Thomas Poell, and Martijn De Waal. 2018. *The Platform Society: Public Values in a Connective World*. New York: Oxford University Press.
- Veglis, A. (2012) From Cross Media to transmedia Reporting in newspaper Articles. *Publishing Research Quarterly*, 28 (4), 313-324

Fundado em 1864

# Diário de Notícias

www.dn.pt / Quinta-feira 17.2021 / Diário / Ano 157º / N.º 55 589 / €1,30 / Diretor-geral editorial Domingos de Andrade / Diretora Rosália Amorim / Diretor adjunto Leonídio Paulo Ferreira / Subdiretora Joana Petiz



**BAIRRO JAMAICA**  
Ventura acusa família Coxi de "inventar discriminação" para ajudar a ilegalizar o Chega

PÁGS. 8-9

ORLANDO ALMEIDA / GLOBAL IMAGES

## 4.<sup>a</sup> VAGA REFORÇO DE MEDIDAS EM VEZ DE CONFINAMENTO, PEDEM OS ESPECIALISTAS

**COVID-19** Hoje é dia de reunião de Conselho de Ministros. O governo tem de decidir o que fazer para conseguir controlar a pandemia. E nesta semana esteve a ouvir vários especialistas sobre a sua sensibilidade para a possibilidade de um novo confinamento, porque é um dos cenários em cima da mesa. O DN sabe que houve quem dissesse sim, mas a maioria quer a aposta em outras medidas: reforço de vacinação, rastreamento, testagem e cumprimento de regras de proteção. PÁGS. 4-5

### NOVIDADES

**INQUÉRITO DE PROUST**  
**VÍTOR SOBRAL**



"A Padeira de Aljubarrota personifica o que mais gosto numa mulher: ser decidida"

PÁG. 12

**REPORTAGEM**

O Portugal real pela lente e a pena do fotógrafo Reinaldo Rodrigues PÁG. 17



**EXAMES NACIONAIS**  
Arrancam amanhã, são mais difíceis e podem beneficiar quem os fez no ano passado

PÁG. 10

**Economia**

Emprego a duas décimas de recuperar da pandemia

PÁG. 14

**Comunismo**

"Os chineses percebem que sem o PCC não haveria a Nova China", diz Wang Suoying

PÁG. 19

**Futebol**

Messi e Sergio Ramos estão livres. O custo zero que pode custar muitos milhões

PÁG. 22



Figura 7 - Capa DN, 1 julho com destaque para o início de publicação



## Projeto para mais de uma vida

**DA ENGENHARIA INFORMÁTICA À VACA MARONESA** Num país em que 41% da população se fixa em Lisboa e Porto, fomos atrás de 30 pessoas que deixaram a cidade para trás. Na primeira pessoa, contam experiências, sonhos, ambições – mas também as dificuldades que encontraram neste rumo. São histórias de gente, do território, da coesão e da desertificação. Como a que levou Adelino Rego a Lamas.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

O caminho faz-se pela estrada que serpenteia nos campos de cultivo. E apesar do calor percebe-se que à medida que subimos à aldeia de Lamas a temperatura vai caindo. A paisagem do Parque Natural da Serra do Alvão vai sendo pontuada por vacas que vagueiam com a calma própria dos grandes animais em liberdade. O encontro faz-se na aldeia, 950 metros acima do nível do mar, no local a que os animais irão regressar sozinhos ao fim do dia.

Sem estrada que mereça esse nome, daqui em diante o percurso faz-se num velho Corsa transformado em jipe que desbrava caminhos próprios para gado, que galga obstáculos com facilidade espantosa e

nos ajuda a chegar perto das vacas que pastam – e de Adelino Rego, que mal abre o portão toco de troncos retorcidos reforçado por pedras vê os animais inverter a marcha na sua direção.

Filho da terra, é criador de vaca maronesa e vai dando a atenção pedida aos animais, que vão sossegando ao som da sua voz serena e gestos tranquilos. Sentamo-nos à conversa. Não é difícil perceber que é jovem, especialmente quando comparado com os colegas de profissão com quem nos fomos cruzando até chegar a Adelino.

“Os meus pais sempre me educaram para sair daqui, nunca tinha ponderado esta opção.” É engenheiro informático e até era bem-sucedido

no trabalho e na vida que levava no Porto, onde estudou e depois começou o percurso profissional. Mas em 2011 decidiu não engordar as estatísticas que davam conta de um aumento dramático na emigração – o Instituto Nacional de Estatística anunciava uma subida de 85% nas saídas no ano anterior, com especial incidência na faixa etária dos 25 aos 29 anos, a de Adelino. Se tivesse saído, o seu percurso seria em tudo similar ao de muitos outros, educados para fugir ao mundo rural. Uma conversa com um tio, emigrante, em vésperas de assumiro compromisso lá fora, mudou tudo.

O tio trabalhava há muito longe da terra onde nascera e falou-lhe da dureza da vida de emigrante, levando

Avelino a refletir sobre o seu futuro, a partir dos desabafos e queixumes que ouvia. “Nem sonhava ele quanto eu estava a absorver... Percebi que tinha de deixar de reclamar e fazer alguma coisa.” Decidiu voltar à aldeia dos pais e atirar-se à terra, para incredulidade da comunidade que o tinha visto nascer, estudar e partir para a grande cidade.

O seu trabalho com a maronesa, a tradicional raça de gado da região, dá-lhe hoje uma visão mais abrangente do que a de uma fonte de rendimento da carne de excelência ou do tradicional trabalho de tração destes animais. A palavra “plenitude” vem-lhe à cabeça quando começa a discorrer sobre um ecossistema que depende dos animais não só como fonte de rendimento mas também no papel que desempenham no controlo do material combustível. Com ajuda das vacas, a região mantém-se a salvo de fogos.

Quanto ao engenheiro informático, está grato por pertencer a “uma comunidade que se preocupa” e especialmente ao sentimento de harmonia entre homens, animais e ambiente. “Este é o projeto de uma vida e não sei se uma vida é suficiente.” Talvez por isso, vai em breve criar uma nova vida na aldeia de Lamas.

reinaldo.rodrigues@globalimagens.pt



Lamas

Aldeia no concelho de Ribeira de Pena, freguesia de Alvadia, aqui predomina a população idosa, que se dedica à agricultura e à criação de gado. Sem crianças, não há escolas em toda a freguesia, onde moram pouco mais de cem pessoas.

▶ **Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)**  
 ▶ **Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)**  
 ▶ **Ouçá o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)**  
 Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IPL

Figura 8 - Avelino Rêgo, DN 1 julho



## Uma tela em branco

**JUNTAR À PEDRA NOVAS PAIXÕES** António e Rita estavam fartos das constantes subidas do valor das rendas em Lisboa e foram à procura de uma nova região para o seu ofício, ligado ao restauro do património. Muxagata deu-lhes essa oportunidade. E abriu-lhes o apetite por novos projetos, ligados à natureza e à agricultura biológica.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

Quando, em junho de 2019, apareceu este casal de estranhos na festa da aldeia pensou-se, na povoação, que eram dois turistas que por ali passavam e teriam aproveitado a ocasião. Outros pensaram que eram parentes de alguém emigrado para a França ou para a Suíça, como muitos outros filhos da terra que partiram ao longo da última década. Foi então com curiosidade generalizada que em 2019 os habitantes da Muxagata, no concelho de Fornos de Algodres, perceberam que António Morgado e a companheira Rita Ferreira se fixaram numa casa que estava vazia no centro da aldeia, ali a uns 500 metros da igreja. Vindos da cidade, o casal de conservadores restauradores estava habituado a assentar arraiáis junto das obras de restauro de conventos e igrejas durante longas tempora-

das. O trabalho de António é recuperar e conservar as cantarias, ou seja, trabalhar com elementos de pedra que podem estar presentes em estruturas do património edificado, mas também pode passar pela recuperação de peças de estatuária com dimensões variáveis. Este tipo de trabalho, além de tecnicamente muito exigente, implica ficar longas temporadas fora de casa, pelos menos durante as empreitadas.

Certo dia, a ideia surgiu-lhes: e "se fôssemos viver ali para o centro do país?" A busca passou por um território vasto no interior do país, do Alentejo ao Douro, onde o casal tinha laços familiares. Contudo, existiam regras muito específicas para a demanda, nomeadamente, ser um espaço inserido na natureza, ter um terreno que pudessem comportar um atelié... e a casa tinha de ser de pedra, pois claro.

A ida à festa da aldeia serviu para confirmar que estavam no sítio certo, conhecer os futuros vizinhos e "o ideal romântico de repovoar o interior concretizou-se no espaço físico", remata António. A casa na Muxagata "ainda tinha um bónus: os tetos e soalhos de madeira" que o casal anda diligentemente a recuperar. Antes da decisão de partir, havia neles a necessidade de que estava na hora de abandonar Lisboa: "Mandávamos uma moeda ao ar e desde que não fosse uma grande cidade, ficávamos bem."

Estavam saturados de andar sempre a equilibrar o orçamento que oscilava de cada vez que o custo de vida aumentava e a situação se tornava incomportável. Sobre tudo face aos excessos na subida do preço das rendas das casas em zonas históricas, com muita procura por parte de turistas, como era o

bairro da Graça onde moravam. Na Muxagata, onde agora se encontram, a região é rica em património, especialmente em pedra. Também demonstrou ser um local capaz de lhes fornecer trabalho. A pandemia refeou um projeto de agricultura biológica que tinham pensado lançar com uns amigos, que também se mudaram para o concelho contíguo de Figueiró da Granja, e foram as boas relações de vizinhança, que tinham estabelecido com as comunidades locais que lhes garantiram trabalho durante este período.

Hoje em dia têm trabalho regular. Começaram, inclusive, a trabalhar com uma empresa do setor, sediada em Viseu, a uns escassos 50 quilómetros do ponto onde nos encontramos. Mais importante – "tornámo-nos uma família", afirmam. Enquanto não avança o outro projeto, o casal ocupa todo o tempo livre a (re)construir a casa com que tanto sonharam. O contacto íntimo com a natureza despertou-lhes o interesse pela diversidade paisagística deste vale da Muxagata. Numa localização privilegiada, com o rio Mondego a apenas dois quilómetros, têm uma vista singular para o maciço central da serra da Estrela, onde nos dias mais claros se observa o cume repleto de neve. Esta região, que é de uma enorme riqueza em fauna e flora, fez-lhes descobrir uma nova paixão: a observação de aves.

Com orgulho, António conta-nos da inauguração de uma esta-

ção da biodiversidade (EBIO) na ribeira com o mesmo nome da aldeia. Um percurso pedestre curto, de três quilómetros, mas representativo dos habitats característicos desta região. Neste trilho é possível admirar a diversidade de flora e, sobretudo, observar uma enorme variedade de aves e insetos.

Este projeto, num concelho como Fornos de Algodres, com um vasto território e baixa densidade populacional e com dificuldades em atrair o empreendedorismo, assume especial importância. Com um vasto património natural, o concelho persegue agora a inventariação e a catalogação de toda a fauna e flora presente no território.

Este tipo de projeto, como o EBIO da Ribeira da Muxagata, pode bem vir a ser parte de uma resposta para esta região que vê o potencial existente em turistas de natureza. Estes visitantes são muito distintos do turismo de massas que caracteriza cada vez mais as grandes cidades. Preocupam-se, acima de tudo, com questões ambientais, com a proteção da vida terrestre e a biodiversidade. Para Rita e António, esta é já uma aposta ganha: entre a riqueza natural e as relações que estabeleceram com a comunidade, sentem que aqui "as pessoas ouvem com atenção e dão-te valor". Quando vieram para zona, sentiram que estavam perante uma tela em branco que começaram a preencher no momento em que meteram a chave na porta da nova casa. Ainda falta concluir muita coisa, mas têm uma certeza: "Há pouca gente e queremos ajudar a pôr crianças na aldeia."

reinaldo.r.drodrigues@globalimagens.pt



### Muxagata

É uma das 12 freguesias do concelho de Fornos de Algodres, no distrito da Guarda. Segundo os Censos de 2011, moravam 241 pessoas em Muxagata, situada ao fundo da serra do Belcaide.

▶ **Veja todos os vídeos em [dn.pt](#)**  
 ▶ **Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](#)**  
 ▶ **Ouçá o podcast em [tsf.pt](#)**  
 Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IPL

Figura 9 - António Morgado e Rita Ferreira, DN 2 julho

# Diário de Notícias

www.dn.pt / Sábado 3.7.2021 / Diário / Ano 157º / N.º 55 591 / €1,70 / Diretor-geral editorial Domingos de Andrade / Diretora Rosália Amorim / Diretor adjunto Leonídio Paulo Ferreira / Subdiretora Joana Petiz



**O Rei Lagartu morreu há 50 anos**

PÁGS. 20-21

**Jogos Olímpicos com maior representação feminina de sempre**

PÁG. 28



**Dennis Redmont**  
"Um dia chegaram a vir oito pides à minha procura. Só 50 anos depois soube porquê"

PÁGS. 22-23

## RECOLHER À NOITE É OBRIGATÓRIO E INCUMPRIMENTO PODE DAR PRISÃO

**Pandemia** Governo esclarece que o impedimento de circulação na via pública nos concelhos de risco elevado e muito elevado é uma imposição. Violar esta regra constitui desobediência agravada, com pena máxima de quase ano e meio de cadeia ou multa de 160 dias. PÁGS. 6-7

### OS HERDEIROS DO MOINHO

Anabela e Rui trocaram Lisboa por um novo projeto de vida. Das ruínas de um velho moinho nasceu um alojamento local, numa propriedade que está na família há mais 200 anos.

PÁG. 15



**Berardo sai em liberdade em troca de caução histórica de 5 milhões**

PÁG. 8

"Querem acabar com a raça dos bancários", diz presidente do maior sindicato do setor **DINHEIRO VIVO**

Estado gasta 7 milhões na compra de carros, mas frota é velha e gasóleo domina **DINHEIRO VIVO**

**EM QUE DEVE SER EMPREGADO O OURO ALÉMÃO?**

**NOTÍCIAS NO DN HÁ CEM ANOS O QUE ACONTECEU A 3 DE JULHO DE 1921, PARA LER HOJE** PÁGS. 36-37

Figura 10 - Capa DN 3 julho com destaque fotográfico



## Os herdeiros do Moinho

**VOLTAR ÀS RAÍZES** Anabela e Rui trocaram Lisboa por um novo projeto de vida. Das ruínas de um velho moinho nasceu um alojamento local, numa propriedade que está na família há mais de 200 anos.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

O caminho por uma estrada de terra batida deixá-nos o carro com as cores de um todo-o-terreno a meio de uma classificativa do Dakar, mas de olhos banhados pela paleta de verdes e pelo intenso azul de um céu de primavera. As árvores vão-nos escutando até ao alojamento local, no concelho de Penamacor. É o sonho de uma vida, concretizado há uma década por Anabela Martins e Rui Marcelo. Quando os visitámos, era tempo de renovações e melhoramentos. A ideia será realizar uma promessa que Rui fez a si mesmo: pôr a funcionar o edifício que dá nome a este lugar: o Moinho do Maneio. O mais difícil é arranjar a mão-de-obra. Um problema acrescido pelo fecho das fronteiras provocado pela pandemia, ainda em vigor na altura da nossa visita. Aqui, na raia, a desertificação não é um mero pormenor técnico. Desde

a década de 1960 que por aqui se assiste a uma perda no número de habitantes, muito por via da migração para o litoral, mas também para o estrangeiro. Tornou-se normal recorrer a trabalhadores qualificados recrutados do outro lado da fronteira e o fecho das mesmas tem, por isso, um impacto especial nesta população. Além da falta de gente, também o envelhecimento marca este concelho. Segundo um relatório da extinta Unidade de Missão para a Valorização do Interior, de 2017, este concelho apresenta valores descritos pelos investigadores como extremos para os índices de envelhecimento, longevidade e dependência de idosos. Esta conjugação de fatores tem impacto nos planos de Rui, que precisava de recorrer aos trabalhadores que não estão a mais de vinte quilómetros em linha reta. Agora, restam-lhe os poucos homens que por ali existem. Os

trabalhadores especializados são poucos e viram-se assoberbados com o súbito aumento da procura que o fecho da fronteira provocou. O local é idílico, preenchido por um combinado de verdes intensos e uma tranquilidade que as águas da ribeira de Bazágueda transmitem. A propriedade, junto à serra da Malcata, está há mais de 200 anos na família e se os anos foram espalhando retalhos de terreno por gerações de primos e irmãos, foi preciso vontade e determinação da parte do casal para comprar as parcelas que os anos disseminaram. Com raízes familiares em Penamacor, os dois viviam em Queluz e trabalhavam em Lisboa, ele jornalista especializado em assuntos automóveis e ela engenheira. Quando Anabela se viu sem emprego, a decisão foi migrarem para o interior e enguerem um alojamento local a partir das ruínas que ali existiam. A ideia germinava há mui-



### Moinho do Maneio

O lugar do Moinho do Maneio pertence ao concelho de Penamacor, distrito de Castelo Branco. Fica junto à serra da Malcata e é banhado pelas águas da ribeira de Bazágueda.

▶ **Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)**

▶ **Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)**

▶ **Ouçã o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)**

Projeto coproduzido com a Escola Superior de Comunicação Social/IPL

[reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt](mailto:reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt)

to nas suas cabeças, mas a crise que, há dez anos, assolou o nosso país desencadeou o "inevitável", como nos relata Rui. Estes 20 hectares fazem hoje do seu sonho uma realidade. Na voz de Anabela, há uma certa serenidade de cada vez que interage com um dos muitos animais de companhia que por ali circulam ou nos chama a atenção para um melhoramento na propriedade. Como a tenda esférica que, além de uma vista privilegiada para a ribeira, permite aos hóspedes dormirem sob um céu estrelado. Neste sítio optaram por "regressar às origens" e tentam passar essa tranquilidade a quem os visita. Em comunhão com a natureza, talvez por isso o acesso à internet fica numa zona limitada da propriedade e a cobertura de telemóvel não seja fantástica, como nos relata Anabela: "As vezes os miúdos queixam-se, mas passado um tempo é vê-los a passear, a nadar na ribeira, a andar de bicicleta ou de canoa." Mas este ambiente também os põe à prova. Como da vez em que a tempestade *Elsa* provocou o transbordo da ribeira e danificou algumas habitações. Contudo, na contabilidade do deve e do haver não têm dúvidas - esta "foi a melhor maneira de vivermos a segunda metade das nossas vidas". Como nos confessa o jornalista enquanto mira alguns burros que ali acolheram: "Costumo dizer que me reformei aos 40 anos."

Figura 11 - Anabela Martins e Rui Marcelo, DN 3 julho



## O pastor melancólico

**O ENGENHEIRO QUE VIROU PASTOR** Em 2011, ao perder o emprego, Nuno deixou Alverca e rumou a Alcoutim, onde hoje cuida de um rebanho de cabras algarvias. Mas as saudades de casa apertam.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

No dia em que conversámos com este pastor, acompanhávamos o seu passo acelerado, enquanto guiava com um cajado dezenas de cabras que iam mordiscando arbustos e árvores no percurso pelas pequenas ruelas da aldeia. À medida que entramos na serra algarvia, que em abril já acusa a falta de água, Nuno Miguel Coelho vai encaminhando os animais com a ajuda do bastão muito fino e comprido, mas confessa que por vezes usa um drone para as acaminhar, "o que facilita, e muito, a vida!". Neste dia, contudo, a aeronave está para reparar, por isso o cajado é a sua ferramenta. A forma como apoia o corpo no cajado de madeira transforma-o em mais que um instrumento de trabalho, ficamos com a sensação de que já é uma extensão do seu corpo.

Quando, em 2011, Nuno perdeu o emprego, viu nesta contrariedade uma oportunidade para refazer a vida. Durante os anos de crise, os planos de reestruturação ditados pela intervenção da *troika* no nosso país enviaram muitos para o desemprego. No final desse ano, o número de desempregados iria fi-

xar-se nos 14 pontos percentuais, uma realidade muito pior do que as previsões que vinham do governo e de Bruxelas, já de si bastante sombrias. A medida que o número de desempregados crescia, alimentado pela recessão económica, o discurso oficial do governo começava a centrar-se na austeridade e no apelo ao empreendedorismo.

Este discurso que emanava de Lisboa levou Nuno a querer concretizar um sonho antigo: criar uma queijaria na pequena povoação de Cortes de Seda. O engenheiro alimentar, na altura com 37 anos, convenceu a companhia a rumar à terra que viu partir os pais no início dos anos 1970. A aldeia, no concelho de Alcoutim, olhou com desconfiança para o jovem urbano, mas isso não o desmotivou. Como para se fazer bom

queijo o ideal é ter um rebanho, o novo pastor vindo de Alverca foi comprando cabras algarvias.

Enquanto nos explica como foi cruel o primeiro ano de pandemia para os seus sonhos, vai contando que durante algum tempo ainda aliou o pastoreio com os passeios organizados para turistas que por ali passavam, mas o flagelo da covid-19 acabou com esse rendimento extra e o confinamento acabou por deitar por terra o projeto pessoal que até já tinha um financiamento assegurado.

Crítico da crescente falta de serviços no interior, como hospitais e escolas, vai ficando pelo amor à natureza e à tranquilidade, apesar das saudades que os amigos de Lisboa lhe deixam. Esta é uma paisagem solitária e o distanciamento social que a pandemia impôs ainda reforçou esta solidão com mais dureza. Talvez por isso, as redes sociais desempenhem um fator de ligação aos amigos que deixou para trás – "se pudesse trazia-os e dava vida nova a Alcoutim". Passam dez anos desde que está neste pequeno concelho algarvio junto ao rio Guadiana. Com o olhar fixo nos montes na direção a Espanha onde as suas inquietas cabras algarvias vagueiam, o engenheiro alimentar, metamorfoseado em pastor, permanece preso ao seu cajado e desabafa: "Depois de dez anos de luta a acreditar que posso cá estar, não sei se fique ou me vá embora."

reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt



### Cortes de Seda

Cortes de Seda fica no concelho de Alcoutim (o mais a nordeste do Algarve), pertencente ao distrito de Faro. O rio Guadiana e a serra do Caldeirão marcam a paisagem desta região.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)

Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

Ouçá o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/ISL

Figura 12 - Nuno Miguel Coelho, DN 4 julho



## Anos de ouro no Alentejo

**UMA PAIXÃO PELO CAMPO** Paula Taborda tem uma vida feita de itinerâncias. Do Congo para a África do Sul e depois para Portugal. Aos 60 anos foi para o Alto Alentejo gerir uma unidade de turismo rural.

TEXTO E FOTOGRAFIA **REINALDO RODRIGUES**

A herdade fica ali ao lado de Vila Viçosa, mas tem o nome da Ribeira de Borba, que a cruza. A propriedade fica numa antiga rota utilizada pelos romanos que atravessavam este território rumo a Évora. Neste lugar vive Paula Taborda, mais do que acostumada a circular pelo mundo, que veio aqui parar no contexto de pandemia, em setembro de 2020. Aos 60 anos deu início a uma nova aventura: gerir um turismo rural.

Quem olha para ela não adivinha facilmente as histórias por detrás dos seus olhos brilhantes de azul intenso. Passou a infância no Congo, onde nasceu, e a adolescência em Angola. Depois foram os estudos de Medicina na África do Sul. Tudo isto antes de ter rumado a Portugal, há cerca de 20 anos. Quando um problema de saúde a

fez perder as expectativas em relação à medicina, começou a envolver-se em projetos relacionados com a restauração. Até que, em setembro de 2020, quando amigos lhe falaram neste projeto de turismo rural, decidiu virar costas à marginal de São João do Estoril, onde vivia.

Gostava muito do mar e das grandes caminhadas no paredão, mas decidiu mudar-se de armas e bagagens para uma realidade oposta à grande cidade. Aqui, onde reinam os campos verdejantes e o montado alentejano, confessa: "Sempre senti uma grande paixão pelo Alentejo e por esta zona de Borba, Évora e Redondo." Na propriedade, ainda hoje se encontram vestígios de uma ponte romana sobre o curso de água, que enriquece ainda mais o património deste lugar.

Estamos no concelho de Vila Viçosa, rico em história e fortemente ligado à consolidação da nossa identidade nacional. Um território que albergou romanos e muçulmanos até à conquista cristã no século XIII e que, fruto da sua proximidade com a fronteira, tem um histórico de resistência popular às sucessivas invasões espanholas e posteriormente às invasões francesas. A batalha de Aljubarrota daria à terra a imagem da sua padroeira – Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa – e confirma a ligação que esta vila tem à nossa história. Desde 1646 e do fim da Guerra da Restauração da Independência que a santa é a padroeira do nosso país.

A esta importância histórica junta-se uma grande riqueza patrimonial e estética, conseguida com o recurso ao mármore extraído na região, bastante surpreendente para



### Vila Viçosa

A "Princesa do Alentejo" tem uma profunda ligação à história de Portugal e à Casa de Bragança. O Paço Ducal tem 110 metros de comprimento completamente revestidos a mármore.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)



Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)



Ouçã o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

Projeto coproduzido com a Escola Superior de Comunicação Social/IPL

[reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt](mailto:reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt)

os muitos visitantes que aqui acorrem diariamente. Existem na vila diversos monumentos e o mármore está presente um pouco por toda a parte, mas poucos impressionam tanto como o Palácio Ducal. Antiga sede da Casa de Bragança, construído entre os séculos XVI e XVII, o mármore cobre o piso das praças, os postes e a fachada de 110 metros do paço. Esta monumentalidade encanta Paula Taborda, que vê neste passado "histórico-cultural" um património que a apaixona. Passa muitos dos seus dias ocupada com a gestão da propriedade de 23 hectares, mas também a aprender muito sobre esta forma de viver a vida no campo. De tal maneira que passa "muito do tempo dentro da propriedade". O facto de ter vivido os anos de juventude no grande continente africano, com as suas vastas extensões de terra a perder de vista, fazia-a desejar este regresso ao campo. "Era algo que já me ocupava o espírito há uns anos", diz.

Ainda não sabe se algum dia irá regressar à cidade ou se a falta do mar e especialmente da família vão tornar a atual escolha insustentável. Mas, neste momento, considera que "há pessoas que gostavam de viver numa adrenalina muito grande e para mim, nesta idade, já dei para essa luta toda. Não é que não tenha de o fazer aqui no dia-a-dia, mas o ritmo é outro".

Figura 13 - Paula Taborda, DN 5 julho



### Mondim de Basto

O município de Mondim de Basto pertence ao distrito de Vila Real e tinha, segundo os Censos de 2011, uma população de 3272 habitantes. A vila fica na margem esquerda do rio Tâmega e no sopé do monte Farinha.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)

Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

Ouçã o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/ISL

## O tempo de regresso à natureza

**TURISMO** Um problema de saúde fez acelerar os planos de Carla e Fernando, que deixaram a vida mais agitada no Porto para lançarem em Mondim de Basto um negócio para toda a família.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

Uma vida agitada, entre o trabalho na comunicação de uma marca de artigos de luxo e a casa da família no Porto, foi interrompida de forma abrupta. Carla Costa vivia uma vida boa, sem aparato, mas com fácil acesso aos confortos que a cidade grande oferece. A moeda de troca desta vida era o stress, numa espécie de compromisso entre conforto, o acesso ao consumo e uma cadência de trabalho tão intensa que levava a nossa protagonista a atravessar os dias enquanto sonhava com o descanso semanal junto dos entes queridos, neste caso, na terra que a viu nascer, Mondim de Basto. A sua saída, anos antes, foi num registo que já todos assumem como o mais normal: nascer, crescer e partir para estudar ou para ganhar a vida. Um

movimento similar a tantos conterrâneos que como ela fizeram o percurso de se dirigir ao litoral.

A ideia de voltar à terra era partilhada há muito pelo marido Fernando, mas posta em prática depois de um episódio grave de saúde que a levou, sem aviso prévio, a ser submetida a uma operação de urgência de 16 horas. Este momento surgiu transformado num sinal emitido para a família: era preciso mudar imediatamente. O evento traumático ativou-lhe uma espécie de instinto de sobrevivência e a ideia de que eram menos importantes os recursos económicos e mais valioso ter tempo para viver. O tempo, como nos recorda, é um bem que muitas vezes ignoramos em busca do conforto imediato. Esquecemos o quanto valioso é ter tempo para viver, usufruir da família e

estar com os amigos. Este bem precioso, aliado ao reencontro com o amor à paisagem deslumbrante em torno de Mondim, vila encaixada entre Trás-os-Montes e o Minho, permitiu à antiga diretora de comunicação entender que havia lugar para promover um dos grandes atributos da região, o turismo de natureza.

Os números publicados pelo Turismo de Portugal referentes a 2019, ano seguinte à tomada desta opção pela família, explicam a preferência dos investidores por negócios relacionados com o universo do turismo. Num mundo anterior à pandemia da covid-19, as atividades turísticas foram responsáveis por 52,3% das exportações de serviços, por 19,7% das exportações totais e as receitas turísticas registaram um contributo de

8,7% para o PIB nacional. Números em crescimento e em sintonia com a diversificação de mercados, tudo porque além de maior número de turistas portugueses existiu um crescimento expressivo dos mercados americano e brasileiro. Uma série de prémios de reconhecimento internacional ajudaram a colocar empreendedores com o foco virado para as potencialidades naturais do território, como a empresa de passeios que Carla criou. Com o objetivo de explorar trilhos nas serras do Alvão do Marão, em contacto próximo com os habitantes locais e em colaboração com agricultores, pastores e criadores de gado da raça maronesa, a mondinense, experiente na área da comunicação e do marketing, vislumbrou uma tendência de crescimento de tu-

ristas que procuram vivências autênticas e de contactar com quem vive em harmonia com a natureza.

Na companhia de Carla e o seu marido, visitámos cursos de água e serras, fomos encontrando alguns pastores com quem costuma trabalhar e com quem o casal tem notória afinidade. Fernando, seu companheiro de uma vida, vai resgatando pedras e pedaços de madeira que mais tarde, quando chegar à sua oficina caseira, transformará em animais fantásticos que colocará à venda. Mais uma a chegar para este trabalho que se transformou num negócio de toda a família. Este mundo arrebatou alguns dos seus clientes, que como ela também estão saturados do rolo compressor da vida de cidade e até já levou alguns a considerar seguir os passos desta família resoluta.

Sempre disponível para ajudar a trazer gente para o interior, relembra a importância de uma boa organização e da existência de um espaço próprio para a vida familiar capaz de fortalecer o tempo que tem para estar e ver crescer os filhos gémeos de 9 anos. Para que tudo corra bem, remata, "este é um projeto de toda a família, é disso que se trata, um projeto que só faz sentido em família".

[reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt](mailto:reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt)

Figura 14 - Carla Costa, DN 6 julho



## Lutar pela saúde e pelas crianças

**ANDRÉ BRÁS** Deixou Coimbra para vir trabalhar em Ferreira do Zêzere e no início as suas longas rastas chamavam a atenção. Hoje cuida da vacinação anticovid e do bem-estar dos mais novos.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

A rotina de André Brás está muito diferente desde que existe pandemia. O enfermeiro passa agora grande parte da sua semana no centro de vacinação de Tomar. Tem muitas doses de vacina para preparar e o trabalho que normalmente realiza, no Centro de Saúde de Ferreira do Zêzere, ficou para trás. Além dos cuidados de saúde primários que normalmente lhe ocupam os dias, coordena a equipa de intervenção precoce local. Esta unidade reúne profissionais dos Ministérios do Trabalho e da Solidariedade Social, da Saúde e da Educação e tenta, através do envolvimento das famílias e da comunidade, sinalizar e ajudar crianças até aos 6 anos que tenham dificuldades. André, com 41 anos e pai de duas filhas, também pertence há dois anos à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ) de Fer-

reira do Zêzere. Este órgão é muito importante porque, apesar de ser um organismo não judicial, reúne técnicos de diversas áreas e possui autonomia suficiente para intervir rapidamente em momentos em que os direitos de crianças e jovens estejam em risco. No quadro da pandemia, o relatório anual da CPCJ registou um aumento das situações de violência doméstica a nível nacional. Em 2020 foram abertos 3877 processos – mais 816 do que em 2019. Um flagelo social que afeta igualmente litoral e interior, inquietando muitos profissionais ligados à educação, à justiça e à saúde que, como André, trabalham nestas comissões.

No final de mais um dia a preparar as doses de vacinas, larga o seu trabalho e nota-se que ainda está focado na tarefa, exigente, que lhe ocupou o dia. À medida que vai contando a sua história, ainda fala com

aquela pressa de quem passou o dia sob pressão. Longe vão os tempos em que o jovem, nesse tempo com longas rastas e um ar pouco convencional para enfermeiro, chegou a estas paragens, vindo de Coimbra, para trabalhar no centro de saúde: “Despertava a curiosidade dos utentes”, diz a sorrir.

Com o passar dos anos, foi-se criando uma relação de confiança e proximidade: “As pessoas às vezes aparecem no centro para ver se está tudo bem, mas também para se desbafar e conversar.” A mulher também é enfermeira e trabalha em Tomar: “Tomámos a opção de trabalhar em sítios diferentes, mas decidimos viver em Ferreira, porque é mais barato.” Nas pausas do trabalho a família ruma até ali bem perto, à Albufeira de Castelo de Bode: “Durante o verão, ou nos dias mais quentes, vou dar um mergulho ou andar de caiaque na albufei-

ra. É mesmo muito bom.” Mas se o escape fica ali a cinco minutos de casa, as viagens também são uma aventura.

Especialmente quando são feitas na carrinha ‘pão de forma’, com o motor refrigerado a ar, que o enfermeiro comprou, recuperou e fez voltar à circulação. Antes de a pandemia de covid-19 eclodir, esta preciosidade percorria as estradas ao encontro de fãs um pouco por todo o país. O enfermeiro confessa que aprecia muito a beleza natural que mistura floresta e albufeira, mas aponta o que crê ser uma lacuna: “Existem pouca diversidade de eventos culturais”, comparando à que existia quando vivia em Coimbra. As duas filhas, e a escola e as amizades delas vão aqui fixando André Brás, mas, no futuro, quer “voltar a mudar, a viajar”. Parece que a velhinha ‘pão de forma’ vai voltar à estrada.

reinaldo.r.rodrigues@globalimagens.pt



### Ferreira do Zêzere

A vila, inserida na região do Médio Tejo, pertence ao distrito de Santarém e é sede de município, subdividido em sete freguesias. Tem uma forte ligação às atividades de lazer náutico: a estação náutica de Castelo de Bode é um dos pontos de atração.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)

Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

Ouçá o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IPS

Figura 15 - André Brás, DN 7 julho



### Oliveira do Hospital

Cidade e sede de município, no distrito de Coimbra, região da Beira Alta, Oliveira do Hospital tem uma população de aproximadamente 7500 pessoas. A paisagem é marcada pela passagem de dois rios, o Alva e o Alvoco.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)

▶ Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

🎧 Ouça o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IPL

## Ciência no centro renova região

**INVESTIGAÇÃO** O Campus de Tecnologia e Inovação de Oliveira do Hospital é um bom exemplo de como é possível atrair jovens talentos científicos para o interior do país, como Hélia Sales.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

Os três arcos isolados e pendurados no ar dão um ar insólito ao local. Depois da estrada sinuosa, que atravessa uma paisagem bela e assombrosa, até Lagares da Beira, ficamos ali a olhar para aqueles arcos suspensos, sozinhos, sem função aparente. Do lado de lá da cancela, existem vários pavilhões brancos em torno de um edifício muito maior, com ar tosco e inacabado. Os arcos e o edifício destoam da modernidade dos restantes edifícios, são vestígios do anterior ocupante deste local: um antigo centro de negócios que falhou. "Mas acho que em breve será recuperado", diz-nos Hélia Sales, coordenadora de investigação em biotecnologia florestal na BLC3. Conheceu este projeto enquanto frequentava o mestrado em Biodi-

versidade e Biotecnologia Vegetal na Universidade de Coimbra e teve de desenvolver um trabalho sobre a valorização de recursos da Beira Interior. Na realidade, dificilmente se encontra na região outro projeto desta dimensão em torno da investigação científica. A Associação BLC3 – Campus de Tecnologia e Inovação, foi fundada em maio de 2010 e não tem fins lucrativos. Um espaço que cresceu em torno de projetos científicos que abordam o tema da bioeconomia e da economia circular. Ou seja, investigação que visa criar uma economia mais respeitadora do meio ambiente. Os princípios básicos assentam em redução, reutilização, recuperação e reciclagem de materiais e energia. Aliás, o acrónimo BLC3 deriva da expressão "Biomassa Lenho-Celulósica", que é o principal recurso

existente em Portugal. E o "3" vem de terceira geração de biorrefinarias: numa forma simplista, podemos descrever como a produção de combustíveis ligados às microalgas. Aqui, em Oliveira do Hospital, a uma hora e meia de Coimbra, procura-se fazer ciência com o foco em soluções que incluam na mesma equação a cidadania, o território e a natureza.

Este tipo de projetos consegue criar mais-valia económica e social, num território que é muito afetado pelo envelhecimento. A BLC3 tem conseguido o mais difícil nesta região: fixar massa crítica. Muitos destes jovens cientistas, como Hélia Sales, que começou por estagiar aqui. Num processo que considera muito "natural", foi ficando nesta "estrutura de investigação, que está sempre a colocar novos desafios enri-

quecedores". Hoje em dia é coordenadora de investigação na área da biotecnologia florestal e está a desenvolver um trabalho, no plano do doutoramento, em torno da oliveira galega-vulgar. A espécie é predominante no nosso país e tem diversos exemplares magníficos como a oliveira do mouchão, no concelho de Abrantes – que de acordo com as últimas análises, é a árvore mais antiga da Península Ibérica, com uns "singelos" 3500 anos. Mas a oliveira mais tradicional no nosso país, a galega, está a perder terreno para outras variedades. A entrada em Portugal da cultura de olival intensivo tem provocado a substituição das antigas oliveiras que ocupavam o território nacional. "Estão a ser deixadas para trás porque são pouco resistentes às doenças, pragas e, além disso,

não podem ser usadas nos olivais superintensivos por causa da mecanização", explica Hélia. Estas características dos olivais tradicionais do nosso país vão deixando espaço para a entrada no nosso território de outro tipo de espécies, como a oliveira arbequina, muito comum em Espanha. Este trabalho de Hélia tem-na levado ao estudo da espécie por todo o país, a fim de entender a variedade genética e conseguir depois desenvolver ensaios moleculares. Espera conferir mais resistência e produtividade à oliveira galega, mas este é um trabalho que pode ser empregue noutras espécies. Como os olivais estão disseminados por todo o país, "estar ali no centro até tem dado jeito" para as constantes deslocações. É este tipo de projetos que contribui para fixar cada vez mais cientistas neste polo, conseguindo construir "uma equipa muito jovem" que frequentemente se consolida em amizades fora do *campus* da BLC3. Estamos num "município de portas abertas que tenta captar jovens" e, tal como Hélia Sales salienta, "muitos jovens não experimentam vir viver para aqui por falta de informação ou informação errada. Mas o interior tem muito para oferecer".

[reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt](mailto:reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt)

Figura 16 - Hélia Sales, DN 8 julho



### Parque Natural de Montesinho

Situado no nordeste de Portugal, entre Bragança e Vinhais, limitado a norte por Espanha, o parque tem cerca de 75 mil hectares e perto de 9 mil habitantes distribuídos por 92 aldeias.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)

▶ Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

🎧 Ouça o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/ISL

## Viver na natureza com lente focada

**FOTOGRAFIA** António Sá foi-se apaixonando pelo Parque Natural de Montesinho a cada visita profissional que lá fazia. “Trás-os-Montes tornou-se um vício”, diz. E também a sua casa.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

O Parque Natural de Montesinho fica ali encaixado no nordeste de Portugal, entre Bragança e Vinhais, limitado a norte pelo país vizinho. Numa sucessão de elevações arredondadas e vales profundos, conta com grande abundância de cursos de água que serpenteiam entre as muitas aldeias dentro dos limites do parque. Lagomar é uma dessas aldeias. Aquela que António Sá escolheu para morar, em 2010. Situa-se numa região que regista todos os anos as temperaturas mais baixas de Portugal, podendo atingir 12 graus negativos. Talvez por isso lhe chamem Terra Fria. Com cerca de 75 mil hectares, o parque tem perto de 9 mil habitantes distribuídos por 92 aldeias, o que lhe confere um equilíbrio muito interessante entre a ocupação humana e a natureza.

Os prados verdejantes surgem pontuados por cabeças de gado e uma vegetação que podemos admirar: matos pintados pela cor primaveril das urzes, esteves e giestas. Impressionam pela sua imponência os soutos de castanheiros, os bosques de carvalhos e ainda se podem observar espécies como a raposa, o lobo-ibérico, a corça ou o veado.

Em maio de 2019, foi, pela primeira vez, registado um urso-pardo a deambular pelo parque. Este registo de um exemplar desta espécie, declarada extinta no nosso país desde 1843, não significa um regresso ao território, mas é um sinal de que podem existir condições para que tal venha a acontecer. Perante esta possibilidade, António, habituado a percorrer estas terras munido da sua máquina fotográfica, sente que fez a escolha certa quando decidiu viver aqui. A ideia de sair de Espi-

no, de onde é natural, e ir viver para um sítio mais tranquilo já lhe ocupava o espírito há muitos anos. A intenção de mudar foi ganhando consistência cada vez que o jovem fotógrafo se deslocava ao parque em serviço para uma das muitas revistas ligadas a viagens e à reportagem de natureza: a edição portuguesa da revista *National Geographic* ou a revista de viagens *Volta ao Mundo*, de que foi colaborador regular durante muitos anos. Habituado a correr mundo de câmara na mão, este envolvimento com a natureza sempre exerceu uma atração especial. Com esta paisagem de Montesinho foi criando uma espécie de dependência. Por esse motivo, quando não se deslocava ao parque em trabalho, eram as evasões em família com a mulher, Ana Pedrosa, jornalista e companheira de muitas viagens, e os dois filhos. Sempre que havia

tempo livre rumavam para aqui e confessava: “Trás-os-Montes tornou-se um vício: quanto mais tínhamos, mais queríamos. E Trás-os-Montes correspondia. Sempre.”

Quando decidiram mudar, assentaram nesta aldeia bem dentro dos limites do parque e apenas a uns 15 minutos de carro do centro da cidade de Bragança. A ideia era recuperar uma casa na aldeia, mas acabaram por construir de raiz. Mudaram-se, de armas e bagagens, com os dois filhos de 7 e 10 anos, para grande surpresa dos aldeões, que estavam mais habituados a ver nascer casas de férias e muito pouco acostumados a verem uma nova família invertendo a habitual tendência demográfica. Talvez, essa surpresa de os ver chegar explique “uma amizade, solidariedade e a sensação de que existe sempre alguém disponível para ajudar”, um

sentimento que os perpassa desde que aqui residem.

Nesta região, as cores da floresta vão delimitando as quatro estações do ano de forma marcante, mas a maior surpresa que tiveram foi acordar depois de um nevão e perceberem o impacto, “não só o lado visual, mas também o nível auditivo... sem eco, sem ruído”. É um festim visual para uma pessoa que fotografa da forma que António o faz, sempre numa ótica de respeito e compreensão pelo que a natureza oferece. Os seus passeios fotográficos acabaram por se tornar *workshops* para quem vem de fora e na sua casa nasceu uma pequena unidade de alojamento, capaz de permitir uma estada em comunhão com o parque. É uma experiência valiosa para quem gosta de natureza e quer conhecer e compreender melhor os cambiantes deste território tão rico. Habituado a viajar, a distância também não o impressiona: estamos a duas horas do Porto, onde é possível matar as saudades do mar, e a três horas e meia de Madrid, onde é possível embarcar para qualquer parte do mundo. Bragança, afinal, é bem mais central do que parece. Antes de viver aqui, António, certo dia, confessou ao diretor de uma revista: “Tantas vezes lá vou, que acabarei por ficar.” E assim foi. [reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt](mailto:reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt)

Figura 17 - António Sá, DN 9 julho



**Serra da Gardunha**

A serra da Gardunha está situada na Beira Baixa, nos concelhos do Fundão e de Castelo Branco. Com 1227 metros de altitude e cerca de 20 quilómetros de comprimento, passa por 14 freguesias.

▶ **Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)**  
 ▶ **Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)**  
 ▶ **Ouçã o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)**  
 ▶ **#UmOutroPaís**

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/ISL

# No Fundão se prova a força do interior

**BRUNO RAMOS** Natural de Almada, abraçou a missão de valorizar de o património natural e cultural que se pode encontrar nas zonas interiores do país, como a serra da Gardunha.

TEXTO E FOTOGRAFIA **REINALDO RODRIGUES**

**N**a Casa do Guarda, a meio caminho do topo da serra da Gardunha, uma pessoa consegue parar e avistar uma paisagem deslumbrante. Entre montes, cursos de água e um mar de branco da flor de cerejeira encontra-se a cidade do Fundão, onde Bruno Ramos trabalha há mais de 20 anos. Almadense de gema, habituado a fazer a vida entre as duas margens do rio Tejo, é uma espécie de pioneiro nesta coisa de mudar de vida para o interior do país. O que desencadeou a mudança foi uma ida ao Algarve para assistir a um encontro onde uma série de associações de desenvolvimento local discutiam os seus planos de ação para os territórios frequentemente esquecidos pelo poder central. Para este jornalista, que sempre viveu na Grande Lisboa, o encontro despertou nele um sentimento de desconhecimento e de ignorância em relação ao trabalho que estas pessoas

estavam a fazer em torno da coesão, da nossa identidade e da questão da cidadania. Estava estarrecido perante a sua própria ignorância, perante a dimensão do trabalho que estes grupos estavam a tentar levar a cabo. O impacto foi de tal maneira forte que, quando um amigo lhe perguntou se queria ir trabalhar para o Pinhal Interior, não teve maneira de dizer que não. Encaixado entre a Cova da Beira e o Pinhal Interior, o Fundão era casa e abrigo de muitos amigos, responsáveis pelas visitas prévias que Bruno tinha feito a este território durante a juventude. Bruno Ramos queria tentar colocar a sua experiência como jornalista ao serviço da comunicação da Pinus Verde. Esta começou por ser uma associação de produtores florestais, apícolas e agropecuários localizada na aldeia de Bogas de Cima, bem no centro do Pinhal Interior, a 30 quilómetros da sede de

concelho. A união de produtores, criada em 1998, foi tendo um crescimento constante, tirando partido da entrada de coletividades privadas e mais tarde entidades públicas. Paulatinamente foi criando uma rede de parcerias, não exclusivamente na área florestal, mas também, para uma requalificação do património rural. Uma preocupação com as pessoas que já existiam neste território era dar-lhes a possibilidade de um combate eficaz à pobreza e à exclusão social. Além destas preocupações, procurou também proporcionar acesso à cultura e à conservação da riqueza cultural destas aldeias, tantas vezes esquecidas pelo centralismo de Lisboa. O projeto maior da associação é a Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto (ADXTUR). Foi criada porque o isolamento daquele território tinha um lado menos negativo, que era a preservação de um património

cultural do xisto e de um estilo arquitetónico presente em aldeias de 20 municípios. Iniciou-se, então, um trabalho de reabilitação, com intervenções no espaço público e respeito pelo meio ambiente, num raro entendimento entre comunidade, agentes privados e a administração local. "Existiam aldeias aqui que no início deste século não tinham saneamento básico ou eletricidade, contribuindo para a baixa autoestima das pessoas", explica-nos. A criação de uma marca credível em termos turísticos, a Rede das Aldeias do Xisto, foi capaz de atrair pessoas interessadas por este território, mas sobretudo foi capaz de transmitir uma mensagem de valorização do património existente para os que já aqui viviam e encorajando a preservação desta riqueza cultural. Para Bruno, que transitou para esta estrutura, logo no início do projeto em 2007, este foi mais um estímulo numa dinâmica que dura há

20 anos: "Acho sempre que estou para me ir embora, mas há sempre mais um estímulo e mais um desafio." Este projeto concentra-se em tentar provar que "existem aqui condições e infraestruturas para a existência de um modo de vida por direito próprio, num território virgem com mais espaço para novos projetos e mais possibilidades para a criatividade". Este processo, afirma, não é português: "Existem diversos estudos que indicam que até 2050 mais de 50% da população mundial irá viver no litoral." Não que rejeite as qualidades das cidades junto à costa e da sua capacidade em aglomerar culturas distintas, mas se existe algo que a pandemia nos mostrou foi que "existe um refúgio no interior", onde é possível viver com qualidade, em comunhão com a natureza, sem ser preciso rejeitar a digitalização. No caso do Fundão, há boa qualidade nos acessos viários e digitais, mas também nos serviços públicos. Na ausência do mar, que sempre lhe fez companhia enquanto vivia no litoral, admira com frequência "este mar de montanhas" que se avista da Casa do Guarda. "Existe aqui uma espécie de energia vibracional" que o faz reconciliar com o meio ambiente. "Às vezes ando aqui a cabritar pelos montes até arranjar uma pedra confortável e fico ali a ler ou só a estar com a natureza."

reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt

Figura 18 - Bruno Ramos, DN 10 julho



de condições de mercado para fazer negócios, como vendas de imobiliário, por exemplo.

A Otisave, que no OE2020 suplementar era o maior veiculado de todos (tinha uma dotação de 387 milhões de euros), acabou por registar despesas de apenas 44 milhões.

O ministério explica que houve "uma redução de 115,1 milhões de euros em venda de bens de investimento", que impactou diretamente na receita de capital das administrações públicas, o que é "justificado pelo facto de, em 2020, o mercado imobiliário ter sido afetado pela pandemia de covid-19".

O resultado final para os contribuintes referente a 2020 só será conhecido no final de dezembro. As Finanças não fazem esses cálculos, terá de ser, uma vez mais, o Tribunal de Contas a fazer esse apuramento. Doze meses depois do ano em causa.

De 2008, quando rebentou a crise e o BPN foi nacionalizado pelo governo de José Sócrates, até 2019, a banca já exigiu aos portugueses 21 mil milhões de euros. São quase dois planos de recuperação e resiliência.

Definitivamente perdidos por causa do Banif estão 3 mil milhões de euros. No BPN desapareceram 6,2 mil milhões de euros em fundos às custas dos contribuintes.

**Dois pequenos bancos receberam 44% dos apoios Banif e BPN, dois bancos considerados de pequena dimensão, são responsáveis, até agora, por 44% do prejuízo total de Portugal com o setor bancário.**

Entretanto, o Instituto Nacional de Estatística (INE) já divulgou as suas contas relativas ao custo do governo com medidas de apoio ao setor financeiro, tendo concluído que o esforço dos contribuintes com o setor bancário voltou a subir em 2020, ano de pandemia e de grave crise económica.

O custo final para as contas públicas superou os 1,7 mil milhões de euros e a taxa de esforço (medida face à dimensão da economia) voltou a subir, o que já não acontecia desde 2017, ano da capitalização da CGD.

Ou seja, quase 15% do défice total final de 2020 deve-se a este tipo de apoios à banca, onde relevam essencialmente dois: mais uma ajuda ao Novo Banco na ordem dos referidos mil milhões de euros e o pagamento de 600 milhões de euros em juros por conta dos apoios já concedidos, disse o INE na notificação sobre os défices excessivos.

#UMOUTROPAÍS

## Histórias de quem mudou de vida



Anabela e Rui proprietários do alojamento local "Moinho do Maneio" no concelho de Penamacor, distrito de Castelo Branco FOTO: REINALDO RODRIGUES

Há pastores e professores, donos de burros e de unidades turísticas. São trinta histórias, sobre pessoas que escolheram ir viver para o interior, deixando o litoral para trás, sobretudo nas cidades situadas no eixo Lisboa-Porto.

Para levantar questões como a desertificação e a coesão territorial e, ao mesmo tempo, envolver novos públicos, o projeto #UmOutroPaís, com assinatura de Reinaldo Rodrigues, jornalista do Global Media Group, encontra uma nova forma de desbravar caminhos, com as histórias de pessoas reais, publicadas em diversos formatos nas diferentes plataformas do grupo GMG.

A especificidade do projeto prende-se com a forma como as histórias chegam ao público e à forma como o público as pode ir descobrindo. Todos os dias há uma nova vida que se relata na rádio (edição da manhã da TSF, com repetição à tarde) e se lê nas páginas, sites e redes sociais dos jornais (DN e JN), com vídeo a acompanhar. "Cada publicação é trabalhada e adaptada às características de cada um dos meios e canais de comunicação", explica Reinaldo Rodrigues, autor do projeto #UmOutroPaís - que tem também site próprio que reúne todas as histórias (<https://umoutropais.wordpress.com>), além das redes sociais, onde se pode ir acompanhando novos conteúdos relacionados com cada uma das publicações.

O objetivo do lançamento deste projeto é "lançar a discussão sobre o motivo que empurra a maioria das pessoas para as cida-

des, num país com a dimensão e acessos como tem o nosso. Há dois terços da população a viver em um terço do território", concretiza o jornalista, autor do conceito, das entrevistas e das imagens.

Esta "reportagem em formato muito alargado", segue um princípio poucas vezes visto no nosso país. É uma forma de comunicar distinta, transmedia, com o resultado final a servir também de base para o trabalho final do jornalista no mestrado em Audiovisual e Multimédia da Escola Superior de Comunicação Social (ESCS). O que justifica a colaboração de quatro recém-licenciados da ESCS que se voluntariaram para auxiliar e concretizar diversas etapas do projeto, com a supervisão de Jorge Souto, professor e orientador científico do projeto.

"Este é o primeiro projeto transmedia com este fôlego feito em Portugal. E um dos poucos no mundo a enquadrar este conjunto diversificado de meios", assegura o coordenador técnico-científico do projeto, referindo ainda, que "além de inovar na área da comunicação, ele pode ajudar a fortalecer a relação entre a academia e as empresas de comunicação social". "Outro objetivo é ajudar a trazer novos públicos, enquanto motiva a discussão de temas do interesse de todos", conclui.

A publicação de #UmOutroPaís estende-se até ao final do mês de julho.

(que foi quem acolheu os destroços iniciais do BPN que tinha sido nacionalizado).

Assim, tudo somado, mesmo com esta conta da CGE em equilíbrio, o BPN voltou a provocar um nómbo de mais 1,3 mil milhões de euros nas contas finais de 2019.

De facto, segundo o Tribunal de Contas, "em 2019, com a entrega à CGD de 1377 milhões de euros,

concluiu-se o reembolso dos empréstimos, ficando extintas as correspondentes garantias".

### Ano fraco nos negócios imobiliários

Em 2020, as Finanças explicam que se tratou de um ano atípico por causa da pandemia covid-19. A atividade dos veículos financeiros foi reduzida a mínimos, até por falta

Esforço dos contribuintes com a banca



\*Peso do projeto final nas necessidades de financiamento (N)

Fonte: Tribunal de Contas

Figura 19 - Artigo sobre o projeto na edição impressa do Dinheiro Vivo de 10 julho



## Sonhos, cabras e queijos na aldeia da Matança

**TRADIÇÃO** Numa pequena queijaria de 20 metros quadrados, Fábio e Ana preservam o conhecimento passado de geração em geração. Já existem planos para o negócio crescer. E a família também.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

A paisagem pintada de um verde garrido, entremeadas por grandes blocos graníticos do tamanho de casas, vai denunciando que estamos na Beira Alta. Pequenos rebanhos vão pontuando prados vistosos, no concelho de Fornos de Algodres, a caminho da aldeia da Matança. Esta foi a terra que viu nascer Fábio Gerardo, mas não o viu crescer, isso aconteceu em Lisboa. Como muitos antes dele, os pais de Fábio decidiram ainda jovens rumar à capital face à falta de alternativas e a um destino quase certo de labuta no campo.

Esta é uma terra muito marcada pelos que decidem partir. Desde os anos 1950 que Fornos de Algodres perde população de forma contínua. Nos últimos censos, o número de habitantes não chegava aos cin-

co mil. É um território muito extenso, com pouca indústria e voltado, sobretudo, para o pastoreio, seguindo assim uma longa herança no fabrico de queijo à sombra da Serra da Estrela. Região de queijo onde o saber fazer passa através de gerações e há muito se percebeu que para ter bom queijo é preciso ter bom leite. Não esquecendo a flor de cardo, abundante nesta zona. Considerado como o mais antigo dos queijos portugueses e um dos mais afamados queijos de ovelha de todo o mundo, o Queijo Serra da Estrela é feito com leite de animais das raças "Serra da Estrela" ou "Churra Montdegueira", consideradas como as de melhor eficiência leiteira.

Contudo, esta região é reconhecida pela qualidade dos seus pastos e o leite de cabra tem sido alvo de aposta de muitos novos produtores.

Estes animais, com um índice de produção leiteira superior ao das ovelhas, são apreciados pelas qualidades naturais do seu leite e levam a que alguns criadores apostem no fabrico de um queijo diferente, extremamente saboroso e bastante distinto do queijo tradicional da serra da estrela.

Este conhecimento, transmitido através dos tempos, foi desde muito cedo algo presente na vida do jovem. No caso de Fábio, as férias escolares serviam para rumar junto dos avós, onde os acompanhava nas tarefas de tomar conta do rebanho ou para acompanhar a avó enquanto esta preparava o queijo, da mesma forma que há muitos anos se fazia na família: leite, flor de cardo (essencial para coaltar o leite) e sal. Este laço com o campo e a tradição da família foi sendo traduzido

numa paixão pela herança com que foi presenteado.

Talvez por isso, o jovem sentiu que tinha "o privilégio de saber o que queria ser quando fosse grande" e em cada encruzilhada que a vida académica lhe apresentava o jovem sabia exatamente qual o percurso a tomar para retomar o trabalho da vida dos avós.

No seu percurso, quando ainda estudava engenharia zootécnica no Instituto Superior de Agronomia em Lisboa, cruzou a vida com Ana Martins, nascida em Cascais e longe de pensar numa vida no interior. Mas o namoro entre ambos conseguiu construir um amor em torno do sonho de infância de Fábio: rumar ao interior e ter uma exploração agropecuária.

A chegada a este território, levantou muitas dúvidas na comunidade. Dúvidas sobre a persistência do jovem casal perante uma "vida dura e muito difícil", como nos diz Ana, quando se refere aos caprichos do tempo e aos cuidados constantes de que estes animais precisam. A sua chegada contradiz a tendência de decréscimo no número de trabalhadores neste setor. Se no início dos anos 1990 existiam 850 mil trabalhadores dedicados à agricultura, em 2016 o número fixava-se nos 318 mil.

Atravessando os campos em redor de Fornos de Algodres apercebemo-nos de outro fator que afeta esta atividade: o envelhecimento. Em 1989, 40% dos agricultores tinha 55 ou mais anos e em 2016 esta percentagem atinge os 56,2%. Mas quando o casal se mudou para a Matança em 2012, Ana, que tinha nascido e crescido nas imediações de Lisboa, percebeu que tinha de aprender com a experiência e começou a acompanhar a avó de Fábio, ajudando-a no processo de fabricação tradicional do queijo de cabra.

Encontramos o jovem casal com o filho mais novo que, entretanto, já nasceu ali e cresceu por cima da pequena queijaria de 20 metros quadrados, no piso térreo da casa. Ana, encarrega-se da produção de queijos, atualmente com recurso exclusivo ao leite de cabra e Fábio está ocupado com o acompanhamento dos animais. Nesta vida, o trabalho nunca cessa e a caminho do local onde nos esperava o rebanho de 350 cabras passamos pelo espaço onde o casal anseia revolucionar a capacidade de produção da quinta. Um capril novo, com escritório, sala de ordenha, sala de leite, cabritário, enfermaria e nave principal, que permita rentabilizar a produção de leite. Mas nem só de trabalho vive o jovem casal empreendedor. Se em 2020 conquistaram a Medalha de Ouro no 10.º Concurso Nacional de Queijos Curados Tradicionais Portugueses, em breve outro prémio os espera: no final deste mês uma nova criança irá nascer na aldeia da Matança.

reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt



### Matança

A aldeia da Matança pertence ao concelho de Fornos de Algodres, vila que por sua vez faz parte do distrito da Guarda, na região da Beira Alta.

▶ **Veja todos os vídeos em** [dn.pt](https://www.dn.pt)  
 ▶ **Veja o vídeo em** [jn.pt/jndireto](https://www.jn.pt/jndireto)  
 ▶ **Ouçã o podcast em** [tsf.pt](https://www.tsf.pt)  
 ▶ **#UmOutroPaís**  
 Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IPL

Figura 20 - Ana Martins e Fábio Gerardo, DN 12 julho



UM OUTRO PAÍS



**Casteleiro**

Freguesia do município do Sabugal, situa-se no extremo ocidental do concelho, no distrito da Guarda, já em plena Cova da Beira, região há muito reconhecida pela fertilidade dos seus terrenos.

▶ **Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)**  
 ▶ **Veja o vídeo em [jn.pt](https://jn.pt) / [jndireto](https://jndireto.com)**  
 ▶ **Ouçã o podcast em [ts.pt](https://ts.pt)**  
 #UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/ IPL

# O "gourmet rural" do Casteleiro

**SABORES** Meruges, nêveda (ou erva-gateira) ou norsas podem ser ingredientes desconhecidos para muitos portugueses, mas são eles que fazem toda a diferença na cozinha de Rui Cerveira.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

Desde pequeno que acompanhava a avó pelos campos em redor da aldeia. Sem a aldeia se aperceber, estava a dar formação ao neto, que passava ali as férias da escola, e ia com ela apanhar mis-caros e amoras para consumo próprio ou para vender. Em redor da aldeia do Casteleiro, reconhece ervas que nos parecem banais e recolhe-as com uma delicadeza de quem conhece bem o valor do que está a colocar no cesto.

"Esta sempre foi a minha terra", diz-nos Rui Cerveira, com aquele sotaque típico de quem cresceu no centro de Lisboa, onde muitas vezes com a pressa do falar se engolem umas quantas vogais. Na ver-

dade, Rui nasceu e cresceu num bairro típico da capital e é com felicidade que se recorda das "futeboladas" com os amigos nas ruas com paralelos de basalto preto. Mas não só: na adolescência as idas aos grandes cinemas e aos inúmeros jogos a que assistiu no Estádio da Luz faziam as delícias do grupo de amigos. Se pudesse, era das coisas que trazia aqui para a aldeia.

O percurso foi longo, o chefe de cozinha trabalhou um pouco por todo o país: Algarve, Alentejo, Douro e, claro, os Açores, que lhe dividem o coração com a Beira. Não é só a questão da beleza natural, mas sobretudo a resiliência perante a in-cluemência dos elementos que, na sua opinião, une beirões e açoria-

nos. Talvez por isso, quando estava farto de andar a cirandar entre projetos, Rui ainda ponderou ficar nas ilhas atlânticas. Mas o coração e a afinidade com a terra que conhecia desde pequeno fez a balança pender definitivamente para o concelho do Sabugal.

Veio aqui parar quando os pais decidiram recuperar uma casa antiga da família e teve de acompanhar as obras. Ainda não sabe se foi a tranquilidade da aldeia, os aro-mas da terra pela manhã ou o cheiro das lareiras quando o fogo se acesa, que o fez querer lançar aqui um restaurante diferente. Talvez fosse a sensação de "beber água fresca de uma fonte" ou a fertilidade própria deste local – a Cova da Beira – onde

fruta e legumes se desenvolvem com especial qualidade. Na sua cabeça, surgiu a ideia de criar um restaurante que usasse "os produtos fantásticos, que estão mesmo aqui à mão" e à distância de uns passos da porta da sua cozinha. Falamos de alimentos com sabores muito distintos a brotar em redor do Casteleiro, de forma espontânea e a custo zero, como meruges (uma espécie de agrião que cresce em água muito limpa) ou a flor de sabugueiro, que usa para confeccionar peixinhos-da-horta. A nêveda (ou erva-gateira), da família das aromáticas, "faz uns gelados divinais" e sobre as norsas, que lembram espargos selvagens, assegura que são deliciosas. Os umbigos-de-vénus que recolhe

dos muros de pedra em redor da aldeia são uma ótima alternativa à alface. Mas também o cardo, cuja flor é normalmente colhida no fim do verão e depois de seca é usada no fabrico de queijo. Neste conceito de "gourmet rural" o talo de cardo é limpo e depois comido como um espargo.

De repente, começamos a olhar para toda esta diversidade de ervas que não associávamos à alta-cozinha. Nesta combinação entre "cozinha de lavradores, regional e gourmet", Rui Cerveira ainda tem tempo para lecionar Gestão Hotelaria na Escola Superior de Turismo e Hotelaria em Seia, "porque aqui o tempo rende mais". Com a mulher e as duas filhas já nascidas na Beira Alta, uma na Covilhã e outra no Fundão, sente-se especialmente feliz neste local e enquanto conversamos acena à filha mais nova com um sorriso gigante. Explica que aqui valoriza o tempo que consegue ter para a família e a fortuna de fazer o que gosta: "Tenho a sorte de trabalhar no que gosto e assim conseguimos ser mais realizados, ter uma vida com muito mais qualidade. Na realidade temos tudo de bom, falta é trazer pessoas. A minha missão é trazer pessoas para aqui."

reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt

Figura 21 - Rui Cerveira, DN 13 julho



### Mação

É um concelho do distrito de Santarém, já na provincia da Beira Baixa e na sub-região do Médio Tejo, que se destaca pelo facto de produzir cerca de 70% do presunto nacional. A vila de Mação tem menos de 2 mil habitantes.

[Veja todos os vídeos em dn.pt](#)  
[Veja o vídeo em jn.pt/indireto](#)  
[Ouça o podcast em tsf.pt](#)  
[#UmOutroPaís](#)  
 Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IPL

## A arquiteta com medo de abelhas

**APICULTURA** Ana Rita Veríssimo trocou o ateliê e a azáfama de Lisboa por uma nova vida em Mação, onde montou um “negócio das abelhas” e se deixou contagiar pela natureza.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

**A** medida que vestimos os fatos brancos conseguimos já ouvir o zumbir das abelhas. Ao metermos-nos ao caminho por entre os arbustos pintados com as cores das flores de esteva, urze e rosmarinho, este som torna-se cada vez mais intenso. Estamos ainda a uns metros das colmeias e já somos escutados por um enxame que se agarra à rede que nos protege o rosto.

O cheiro intenso a mel que exala destes insetos invade-nos as narinas e recordamos a recomendação de Ana Rita Veríssimo para evitar fazer movimentos bruscos. Qualquer agitação pode despertar o sentimento de defesa destes pequenos animais e presentearem-nos com um ferrão – e o veneno que lhe está adjacente.

O ferrão pode inclusive atravessar a roupa de proteção e as nossas luvas de borracha: “Só de pensar

que tinha terror de abelhas!”, diz a sorrir Ana Rita. Hoje, pela maneira como agilmente levanta as tampas das colmeias para depois verificar o processo de enchimento dos favos de mel, ninguém diria.

A tradição apiária é muito forte em Mação, um território vasto, com grandes cursos de água, onde é possível alojar colmeias no meio da natureza e distanciadas das povoações. Existiam laços familiares que ligavam Ana Rita e o marido a esta região, mas estamos “num território onde a cultura de abelhas está enraizada de uma forma muito profunda”. Em relação ao mel, é na família do marido, Vasco Diogo, que há três gerações se trabalha em conjunto com as abelhas.

À medida que os benefícios para a saúde deste produto são conhecidos, o consumo de mel aumenta. No nosso país já existem quase 12 mil apicultores e mais de 750 mil

colmeias. Todavia, o mercado é composto na sua maioria por pequenos produtores que, além de se preocuparem com a concorrência externa à União Europeia, têm ainda de lidar com pragas como a vespa asiática ou outra maldição que todos os anos os preocupa: os incêndios. Estamos no concelho com maior área ardida durante os incêndios de agosto de 2017. Foram 26 mil hectares, representando quase 80% do concelho e atingindo os meios de subsistência de 50 aldeias, ou seja, apesar de não terem existido vítimas mortais, existiu uma catástrofe em termos económicos e sociais.

Antes de ter vencido o seu medo das abelhas Ana Rita Veríssimo, vivia com o marido em Lisboa. Arquiteta de profissão, habituada às correrias de uma vida na cidade com os ritmos próprios de uma profissão que lhe “exigia 13 ou 14

horas de trabalho diário”, sempre pressionada para cumprir prazos de entrega de projetos e pouco tempo para estar com quem mais gostava. Talvez por a pressão constante da vida de cidade a desgastar, no seu espírito começou a fermentar a ideia de que talvez fosse possível mudar de vida.

As ligações familiares que tinham com o concelho no Interior do país tornavam este sítio uma opção viável. De início, começaram por estudar o concelho e a viabilidade da apicultura. Principaram por explorar a ideia de ir, paulatinamente, criando a alternativa neste lado, enquanto mantinham a vida em Lisboa. O plano era mudarem-se somente quando o negócio das abelhas estivesse montado.

Mas tinham a sensação de que as coisas estavam a arrastar-se e não se resolviam. Até que um dia decidiram tomar a opção mais radical:

vender a casa, despedirem-se e rumar a Mação. Nos primeiros tempos tudo lhe parecia muito difícil, o que a levou “a deixar uma porta aberta no ateliê em Lisboa, caso voltasse a precisar de trabalhar como arquiteta”. Mas rapidamente fechou essa porta. “Eu não quero ser a Ana Rita que veio de Lisboa, até porque hoje sou outra pessoa.”

Acredita que se deu nela um ajuste psicológico, fruto da impressão que esta natureza forte lhe deixou, mas também do convívio com pessoas autênticas e genuínas, habituadas a trabalhar neste meio rural, como aconteceu aquando da primeira colheita de mel: “A cresta do ano passado contou com a ajuda de imensa gente, impressionou-me a união que estas pessoas mostraram com o nosso projeto.”

Depois de um ano sem voltar ao estúdio, o trabalho de apicultora começa a contagiar o seu antigo ofício, começando a ter outra visão: “Estou a descobrir uma nova arquitetura com este *mindset* é maravilhosa a forma de organização de uma colmeia, também vemos a nossa vida de forma diferente.”

Mais importante é a calma que agora sente e a comunhão com esta forma de estar na vida. Se “o primeiro contacto com as abelhas foi de terror, agora é uma paixão”.

reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt

Figura 22 - Ana Rita Veríssimo, DN 14 julho



### Covilhã

É uma cidade do distrito de Castelo Branco, na província da Beira Baixa. Com mais de 36 mil habitantes, a Covilhã é conhecida por ser a porta de entrada da serra da Estrela e também pela indústria da lã.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)

▶ Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

📌 Ouça o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IPS

## Homem da nuvem da Covilhã

**TECNOLOGIA** José Domingues é administrador de sistemas do "Cubo", como é conhecido o Data Center Altice Covilhã. A Beira Baixa passou a ser o seu refúgio para não ser "triturado" em Lisboa.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

Aquele quadrado, monolítico, negro e gigante, destaca-se a quilómetros de distância. A medida que nos aproximamos da Covilhã é praticamente impossível não o ver. Ali, onde ainda se vislumbram as marcas da pista do antigo aeródromo que o Cubo, em 2013, veio amputar a bem do progresso da terra, combinámos encontro com José Domingues, 61 anos, administrador de sistemas na Altice.

Lisboaeta de nascimento, "mas não alfacinha", tem uma vida feita de itinerâncias e já percorreu o país de lés a lés. Trabalha no Cubo há cinco anos. Aqui estão fisicamente alojados os grandes servidores, que mantêm grande parte dos serviços tecnológicos que damos por adquiridos e a que frequentemente nos referimos como "a nuvem" – essa entidade abstrata que está tão pre-

sente na nossa vida e de que muitas vezes nem nos damos conta.

Raras vezes refletimos sobre o uso de serviços de internet, de tal maneira que nem nos questionamos se têm uma forma corpórea. Pois bem, essa "nuvem" está em grande parte aqui na Covilhã: "Hoje em dia nem a televisão funciona em condições se não tiver uma boa ligação de internet." São máquinas que exigem acompanhamento constante e equipas altamente especializadas de que José faz parte: "Temos esta necessidade de ter o serviço 24 horas disponível."

As equipas certificam-se de que existe serviço de internet para que estes "computadores portáteis, que estão nos nossos bolsos e andam connosco o dia inteiro" permaneçam ligados ao mundo, diz José enquanto brinca com seu telemóvel. "Ah e ainda fazem chamadas telefó-

nicas!" Como nos explica, "são os computadores que dão suporte a isto e são os administradores de sistemas que mantêm os computadores a funcionar" num ritmo exigente, com escalas de serviço permanente e sem períodos de descanso.

O Data Center Altice Covilhã, ou Cubo, como é conhecido, é um prodígio tecnológico e arquitetónico. Com cerca de 75 500 metros quadrados de área, qualquer coisa como dez campos de futebol, é um dos maiores *data centers* da Europa. Ficou aqui localizado porque estamos numa zona de baixo risco de fenómenos naturais, como por exemplo atividade sísmica. Mas também porque existe aqui a possibilidade de aproveitamento de recursos naturais como a energia solar. Graças à localização junto à serra da Estrela, há uma temperatura do ar e humidade ideais para

uma instalação deste tipo e desta dimensão.

É uma construção com preocupação ambiental, completamente alimentada por fontes de energias renováveis. Possui uma central fotovoltaica própria, armazena a água da chuva e utiliza um sistema de arrefecimento revolucionário – que é importante para que os servidores não aqueçam em demasia. O sistema de arrefecimento explora a existência de diferenças de temperatura entre ambientes para a produção de arrefecimento. De uma forma simplista: o calor produzido pelas próprias máquinas e os ares frios que sopram junto à serra são essenciais para esta técnica. O Cubo não é extraordinário só pela tecnologia, mas também pelo edifício em si, uma obra com soluções sustentáveis que mostra que alta tecnologia e ecologia podem coexistir.

Para José Domingues foi fácil mudar-se para aqui, saturado de uma cidade como a capital: "Lisboa é uma trituradora de pessoas." Apesar de desempenhar este trabalho há "anos valentes e na realidade poder ser feito em qualquer parte do mundo", desde que haja uma boa ligação à rede de internet, foi com satisfação que veio trabalhar para aqui. Da casa de pedra na aldeia de Peraboa, onde reside, até aqui são uns 12 minutos de carro, "a menos que se apanhe um rebanho pelo caminho". Quando, há cinco anos, a empresa de telecomunicações convidou a mudar de local de trabalho para a Covilhã e a trabalhar neste "edifício magnífico" pensou nesta questão de repovoar o interior. Mas também nas condições para o fazer: "A proposta não implicava a redução de salário, o que à tornava apetecível." Numa equação difícil entre viver no interior e a falta de condições salariais, acha que vivemos num país que se inclina para o litoral com uma concentração de empresas e meios no eixo entre Porto e Lisboa. Com apreensão, assiste aos anúncios de empresas que desistem de estar no interior e ao que isso pode reavivar na memória destes beirões: "As pessoas aqui foram votadas ao abandono durante muitos anos." [reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt](mailto:reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt)

Figura 23 - José Domingues, DN 15 julho



### Seia

A cidade de Seia pertence ao distrito da Guarda, na região da Beira Alta, e é sede de município (dividido em 21 freguesias). Fica situada na vertente ocidental da serra da Estrela, tendo sido elevada à categoria de cidade em 3 de julho de 1986.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)

▶ Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

📌 Ouça o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/ISL

## Em Seia a ligar o Brasil e a Índia

**TRABALHO** O avanço da pandemia em São Paulo levou Lana Bitu a escolher outro lugar para viver. Agora é junto à serra da Estrela que a jornalista faz a ponte entre duas redações no Brasil e na Índia.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

**D**aqui se vê a encosta da serra da Estrela onde está a segunda maior cidade do distrito da Guarda – Seia. Na varanda da casa de Lana Bitu, a paisagem é deslumbrante. Aqui, a brasileira, 48 anos e jornalista há mais de 25, vive com o marido e os dois filhos, António e Miguel, numa casa transformada numa espécie de centro multimédia. Computadores espalhados pela sala e fios de microfones emaranhados em auscultadores, que ora servem para acompanhar as aulas das crianças ora são usados nas constantes reuniões de trabalho dos pais. Os miúdos assistem ao longo à nossa conversa com a curiosidade própria das suas idades: 7 e 12 anos. Não balançando

na cama de rede durante o intervalo das aulas do colégio *online*. À medida que a pandemia da covid-19 se foi espalhando, perceberam que permanecer em São Paulo, onde residiam, já não era boa ideia. Decidiram então viver um par de meses em Seia, onde o seu marido tinha crescido e mantinha ligações familiares. Mas já lá vai um ano. Aqui é o seu refúgio seguro, longe do descontrolo pandémico no Brasil: "Como estava todo o mundo em teletrabalho não importa muito onde você está", explica Lana com aquela descontração própria de quem se sente segura neste abrigo à sombra da serra da Estrela.

Mas a fixação da família neste lugar trouxe alguns benefícios para o

trabalho de Lana. Jornalista versátil, com anos de experiência em publicações que lidam com celebridades, encabeça um projeto de expansão internacional da revista *Caras*. A publicação, também presente no nosso país, especializada na cobertura dos universos de entretenimento e celebridades, estabeleceu-se recentemente na Índia. O grupo editorial brasileiro estruturou uma redação para produzir conteúdos em plataformas digitais, focada em exclusivo na Índia e na indústria cinematográfica de Bollywood. A indústria de cinema indiana é uma das maiores fábricas de receitas da sétima arte, movimentando valores monetários muito acima da sua congénere norte-americana.

Em Seia, numa sala que partilha com as aulas das crianças, Lana faz a ponte entre o Brasil e a Índia, tentando conciliar três fusos horários distintos. "Até ao meio-dia tenho algum tempo livre, mas também não posso dormir antes da meia-noite", comenta. Vai gerindo o tempo entre as conversas através do WhatsApp com a casa-mãe e a redação na Índia. Realiza muitas entrevistas através da plataforma Zoom e vai gerindo as necessidades de um projeto digital entre a Índia e o Brasil.

Mas se a pandemia mudou a forma de trabalhar e obrigou ao abandono da vida citadina, para a vida em família trouxe alguns benefícios. Além de um contacto íntimo com a natureza, que aqui os-

cila entre a surpresa de "pisar na neve" e de uma "primavera que chega de uma forma que você leva um susto", há também o contacto com as pessoas "genuínas e muito amigáveis" e experiências que considera que os filhos irão reter para sempre. Como "ver os rebanhos que fazem aquela delícia do queijo serra da Estrela". Lana sente que os filhos têm beneficiado de um contacto com uma natureza distinta daquela a que estão habituados. Este contacto entre a natureza e a confraternização na mesma casa também permitiu estreitar laços entre pais e filhos: "A convivência com as crianças ajuda a perceber quais as dificuldades que elas têm", mas também revelou nelas "um interesse pelo trabalho dos pais".

Para Lana, ter mudado de vida está a ser enriquecedor para a profissão e para a família. Crê que voltará ao Brasil até ao fim do ano, mas não tem a certeza. "Já adíamos voltar tantas vezes", remata a sorrir e explica: "Quando alguém mora fora durante um tempo você deixa de ter um lar e aqui sinto que ganhei uma segunda casa de verdade!"

[reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt](mailto:reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt)

Figura 24 - Lana Bitu, DN 16 julho

# Diário de Notícias

www.dn.pt / Sábado 17.7.2021 / Diário / Ano 157º / N.º 55 605 / €1,70 / Diretor-geral editorial Domingos de Andrade / Diretora Rosália Amorim / Diretor adjunto Leonídio Paulo Ferreira / Subdiretora Joana Petiz

<p><b>Rodolfo Carvalho</b> O <i>gamer</i> que se mudou para o Alentejo e se tornou queijeiro em #UmOutroPaís</p> <p>PÁG. 16</p>	<p><b>Dirk Niepoort</b> As escolhas culturais do produtor de vinhos para os sete dias da semana</p> <p>PÁGS. 18-19</p>		<p><b>Corrida ao espaço</b> O último milionário a chegar é um ovo podre</p> <p>PÁGS. 20-21</p>		<p><b>Brunch com...</b> André Henriques, o DJ, produtor e agora autor de música que perdeu o medo</p> <p>PÁGS. 22-23</p> 
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

## DIVERGÊNCIAS NÃO AFETARAM RELAÇÃO COSTA-MARCELO

**SONDAGEM** A maioria dos portugueses continua a acreditar no bom entendimento entre Presidente da República e primeiro-ministro, apesar da diferença de visões no que respeita

à covid, revelada nos últimos tempos, entre Belém e São Bento. Metade dos inquiridos dá razão ao PR sobre a necessidade de alterar a matriz de risco seguida em Portugal, mas dois

terços apoiam a manutenção de medidas restritivas na gestão da pandemia. E grande parte considera que a estratégia de fiscalização tem sido ineficaz. **PÁGS. 6-7**

**Política** Empresas-mãe com sede no estrangeiro vão responder por dívidas laborais

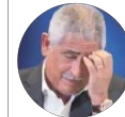
PÁG. 8

**Lisboa** Medina conversa com Livre para coligação. Inês Lobo é trunfo no Urbanismo

PÁG. 9

**Lorent Saleh** "É imoral e injusto que a Europa receba violadores de direitos humanos"

PÁGS. 28-29



**Desporto** A queda do homem que salvou o Benfica e a "inoportuna" entrada de Textor

PÁGS. 30-31



**NELSON DE SOUZA**  
"NÃO ADMITIMOS PERDER NEM 1 CÊNTIMO DO PT2020 E JÁ EXECUTÁMOS METADE DO PLANEADO PARA 2021"

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGES

**Autárquicas** Tiago de Matos Gomes: "Lisboa vive uma situação grave de má gestão do espaço público" PÁG. 9

Figura 25 - Capa DN 17 julho com destaque ao projeto



### Serpa

Serpa é uma cidade do distrito de Beja, na sub-região do Baixo Alentejo, com cerca de 14 mil habitantes. É sede de concelho, um dos mais extensos de Portugal, com aproximadamente 1106 quilómetros quadrados.


**Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)**  

**Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)**  

**Ouçã o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)**  

**#UmOutroPaís**  
Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IPL

## O gamer que se tornou queijeiro

**RODOLFO DE CARVALHO** Mudou-se para o Alentejo por amor e para continuar a trabalhar na sua área de formação ligada ao *design* gráfico. Mas uma proposta inesperada fê-lo virar "roupeiro".

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

**N**a estrada que liga Serpa a Pias a paisagem está diferente. No nosso imaginário, o Baixo Alentejo ainda é desenhado com chaparros e searas, mas a cultura intensiva de oliveira está a mudar a paisagem. O amarelo torrado das searas passou ao verde-cinza dos olivais. Numa quinta junto à estrada fica a queijaria de Rodolfo Sater de Carvalho. Fomos ao seu encontro num domingo à tarde porque este é o dia de fazer requeijão de ovelha e queremos conversar com este recém-queijeiro que veio de longe.

Natural de Vila Franca de Xira, estudou *design* gráfico nas Caldas da Rainha, onde ainda ponderou ficar: "Nunca pensei muito para a frente, mas também nunca pensei sair de Vila Franca nem das Caldas da Rainha", diz a sorrir. O amor descobriu-o ali, numa colega do

curso. E foi essa paixão por Amélia que o trouxe há oito anos até ao Alentejo, para trabalhar como *designer* na empresa que a companhia fundou.

Tudo girava em torno dos computadores. Quando não era no trabalho, a desenhar peças de comunicação para as marcas da região — que iam desde o desenho de sítios na internet até rótulos e campanhas —, tinha o hábito de jogar videojogos *online* — o *gaming*. Era um *gamer* que "sofria muito com a velocidade da internet", mas apaixonado por essa forma de passar o tempo e até do convívio quando compartilhava um jogo com outros. Sempre foi muito ligado às tecnologias e, talvez por isso, Rodolfo ainda hoje não consegue perceber como é que a "coisa se deu". Sabe que, no meio de tanto contacto com computadores, co-

meçou a ficar saturado e sentia "um crescente desapego pela arte do *design* gráfico". Cada pequena tarefa transformava-se numa coisa "muito pesada" e a desmotivação foi-se instalando. "Por sorte ou talvez não, fui um dia abordado na rua por um senhor que queria saber se eu gostava de alugar uma queijaria", recorda a rir-se com o inusitado da proposta. Conhecia bem as histórias do queijo da região, graças ao sogro que era um apaixonado pelo tema. Este culto ao queijo de Serpa está ligado à qualidade do leite de ovelha, mas não só.

O queijo de Serpa está intimamente ligado ao convívio e ao sentimento de comunidade em algumas partes do Alentejo. Frequentemente, enquanto se partilha uma canção de cante alentejano, alguém saca de um queijo da re-

gião para partilhar. Faz parte do sentir alentejano, em torno de uma mesa, repartir o cante, o copo de vinho, o pão e o queijo para unir a comunidade. Sobre a proposta: "Ri-me muito daquilo e achava uma parvoíce, mas depois a ideia foi ficando, criando raízes e cá estou eu", explica. No processo, que considera muito normal, foi saber junto dos outros produtores como se faz. Nesta região estes produtores são apelidados de roupeiros, graças à tradição de estender à porta de cada queijaria as mantas tradicionais e panos utilizados no processo de filtragem do leite e fabrico do queijo. Aprendeu com estes roupeiros mais antigos, a quem pediu ajuda com a humildade de quem vem da cidade e pouco percebe do ofício. Em alguns casos, eram clientes do estúdio de *design* e foram ajudando o jovem.

No final de 2019, deu início a esta nova etapa na sua vida. Auxiliado pela preciosa transmissão de conhecimento dos outros roupeiros, aliou à tradição alguma modernidade tecnológica. Em instalações modernas e bem equipadas, processa leite de ovelha 100% alentejano, filtrado em mantas tradicionais, a que juntou flor de cardo de apanha manual e sal marinho do Algarve. Após seis meses de produção, a Curadoria 100 Histórias recebeu quatro medalhas no Concurso Nacional de Queijos Tradicionais Portugueses. O queijo fresco de cabra recebeu medalha de ouro e a distinção "Melhor dos Melhores", enquanto o requeijão de ovelha foi distinguido com medalha de ouro e o queijo de ovelha curado com medalha de prata. Um registo impressionante para "um gajo vindo de fora, que veio abrir uma roupearia". Na sua essência Rodolfo sente-se muito bem nesta comunidade onde se valorizam as pessoas. Vê em Serpa um lugar seguro, saudável para si, para a mulher Amélia, e para criarem a filha de 2 anos. Sentem-se mais do que acarinhados nesta comunidade: "As pessoas aqui vivem muito as tradições e gostam de acarear, que é uma palavra que usamos muito por aqui, quer dizer trazer para si — acolher."

reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt

Figura 26 - Rodolfo Sater Carvalho, DN 17 julho



### Alcaide

É uma freguesia pertencente ao município do Fundão, na Beira Baixa, que chegou a ser vila e sede de concelho no século XIX. O Alcaide, na Gardunha, faz parte da rede das Aldeias de Montanha.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)

▶ Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

🔊 Ouça o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IFL

## De Alcaide para o mundo

**PROJETOS** Uma oportunidade de trabalho num jornal histórico, uma promessa feita a ver a Seleção jogar e uma conversa marcante ao almoço. Tudo se conjugou para Rui e Filipa mudarem de vida.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

O café do Baptista é ponto de encontro entre os alcaidenses, mas também referência para quem chega de fora. Fica logo na entrada na aldeia e, ali ao fundo, na rua em direção à torre sineira, está o apartamento de Rui Peleção e Filipa Gambino. Vivem em Alcaide há quatro anos. A decisão deu-se anos antes, em Lisboa, durante um almoço prolongado em que os dois refletiam sobre a vida em conjunto, depois de darem os primeiros passos como casal. Neste caso, o passo síncrono foi em novembro de 2017 e cruzou a ida a uma agência bancária para abrir com um almoço generosamente regado e uma conversa marcante: "Foi uma epifania. Abrimos uma conta em conjunto, que é sempre um passo importante, bebemos duas garrafas de vinho e decidimos mudar de geografia", resume Rui. O trabalho de ambos sempre envolveu algu-

ma flexibilidade. Ele jornalista e ela editora de vídeo, sempre falaram em vir para estas paragens, mas o plano era apenas gozar os anos de ouro perto da terra natal de Rui, aqui no Fundão: "Reformámo-nos mais cedo", remata ele a sorrir. Entretanto, num daqueles alinhamentos que o universo às vezes oferece, o *Jornal do Fundão* foi alvo de uma mudança profunda. Numa operação rara no nosso país, um grupo de jornalistas e de professores universitários tomou conta do jornal e deu-lhe vida nova, dando um motivo adicional para Rui Peleção rumar ao interior.

O *Jornal do Fundão* é um bom exemplo do jornalismo regional. Fundado após o final da II Guerra Mundial, numa altura em que soprava a esperança de uma mudança de regime no nosso país, tem uma história de resistência à ditadura e de divulgação da cultura. Mais do que um semanário de vo-

cação regional, foi porta-voz das grandes causas da coesão territorial e do desenvolvimento do interior. Apesar dos vários ataques à sua continuidade, da censura, da suspensão forçada, o jornal voltou sempre mais forte. Ao longo da sua história contou com vários suplementos culturais. Pelas suas páginas passaram nomes como José Saramago, Carlos Drummond de Andrade e José Cardoso Pires, entre muitos outros. Sempre na mão da família do fundador, foi perdido algum fulgor, até ser comprado pelo Global Media Group (grupo a que pertence o DN). Em 2018, a entrada de novos proprietários ligados à região teve o intuito de modernizar o jornal e investir na sua digitalização: "Uma aventura", explica Rui, que veio trabalhar e investir no projeto.

O casal começou então a procura de encontrar casa para alugar. Filipa e Rui percorriam as al-

deias em redor do Fundão: "Não queríamos sair de uma cidade para irmos para outra cidade, mesmo que mais pequena." Em dia de jogo do Mundial, assistiram por casualidade a uma partida de Portugal no café do Baptista, centro nevrálgico da aldeia. Imediatamente "acharam piada à pinta da aldeia" e Rui atirou, com um excesso de confiança, que "se Portugal ganhar, ficamos aqui". Tal não aconteceu, mas quando saíram do café perceberam que este era o sítio certo, independentemente do desaterto da equipa das Quinas frente à baliza uruguaia. Além disso, "foi a única aldeia onde vimos um sinal para alugar casa, ao invés do habitual vende-se", lembra Filipa, sorrindo. Alcaide também tem outra característica que os encantou. À saída do café da terra, já de noite, depararam-se com um grupo de pessoas a vestir coletes refletivos para fazerem uma caminhada. Para Fi-

lipa fez-se luz: "Eu quero viver numa aldeia onde se fazem estas coisas." Para ela, a adaptação à natureza que os rodeia foi fácil, apesar das saudades do mar, do qual estava a uns passos quando vivia nas Caldas da Rainha, de onde é natural. Em relação ao emprego, a tarefa foi mais árdua: "Ter trabalho aqui não é fácil." O que a obrigou a manter muitos dos trabalhos de edição de vídeo em Lisboa e só agora começa a ter algum na região. Rui lembra que "não é tudo um mar de rosas", pois as indústrias criativas aqui têm muitas dificuldades de sobrevivência face à ausência de oportunidades. "É preciso ter algum pragmatismo, porque, apesar de o custo de vida ser mais baixo, a dinâmica económica não cria oportunidades de emprego", explica, enquanto apela às pessoas que estudem bem as oportunidades de trabalho quando tomam este tipo de opção. Para eles, a ideia de mudar de vida incluía o objetivo de ter uma criança que pudesse "andar a brincar na rua de joelhos esfolados, livre". Quando conversámos junto à pequena horta, no quintal, sob o olhar atento do Bruce Lee, o gato residente da casa, estava Filipa grávida. Entretanto, a pequena aldeia de Alcaide, no meio da natureza e a uns 15 minutos do Fundão, já tem nova residente: a Maria Rita nasceu.

reinaldo.t.rodrigues@globallimagens.pt

Figura 27 - Filipa Gambino e Rui Peleção, DN 18 julho



## Um amor à primeira vista

**ESTRELA** Gabriela Cravinho quis deixar o Algarve e o único critério era encontrar um novo rumo "acima de Lisboa". Apaixonou-se pela vila de Manteigas, onde as pessoas "são tão bonitas e amigas".

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

**E**stamos num cenário completamente inserido dentro do Parque Natural da Serra da Estrela, contudo Gabriela Cravinho gostaria de trazer para aqui um "bocadinho da ria Formosa". Não é que aqui, em Manteigas, lhe faltem espaços de natureza para passear. Nos últimos 16 anos foi conhecendo cada vez melhor esta região e gosta de se perder em longas caminhadas através dos trilhos na serra ou de fazer praia no Vale do Rossim, uma barragem situada bem no coração da serra a 1400 metros de altitude.

Naquela altura, precisava de abandonar o sul do país e mais concretamente Olhão, onde morava. Necessitava de mudar de vida, pegou na filha ainda criança e começou a procurar soluções o mais distantes possível da vida de funcionária pública em Tavira, onde trabalhava. "O único critério era ser acima de Lisboa" e como nunca tinha vindo a Manteigas, pareceu-

-lhe uma oportunidade para conhecer esta pérola escondida no coração da serra da Estrela.

O que não tinha previsto, quando fruto de um concurso público veio à entrevista na companhia de uma amiga, era que se ia "automaticamente apaixonar por este lugar". Um lugar remoto, extraordinariamente belo, habitado por uma população envelhecida, mas muito solidária, que viu com curiosidade a chegada de alguém que fazia o caminho inverso aos muitos que saíam do território. Aqui, conseguiu relançar a sua vida e desenvolver amizades como nunca tinha feito noutro lugar: "Fiz mais amigos aqui, em 16 anos, do que em qualquer outra altura da minha vida."

O seu trabalho na câmara municipal é um constante desafio e, sendo esta uma autarquia pequena, a jurista tem de acumular uma série de áreas distintas na divisão que chefia. Mas este é um trabalho com frutos. Em dezembro do ano passa-

do, a empresa de estudos de mercado Marktest dava conta de um estudo segundo o qual Manteigas ganhava a distinção de concelho com a melhor qualidade de vida do país. O município serrano, o mais pequeno do distrito da Guarda, obteve uma pontuação de 15,1, numa escala de 20, na análise de 15 vetores que vão do domínio económico à demografia. Este tipo de distinção torna-se muito importante porque permite que o país veja neste território novas potencialidades.

Existem vários projetos turísticos e empresariais que contribuem para este dinamismo económico e o seu reflexo é a taxa de desemprego que está abaixo dos 3%, valor que os especialistas consideram pleno emprego. Quando Gabriela se mudou teve de acumular o trabalho em várias áreas, algumas delas diretamente apontadas como fatores positivos para este caso de sucesso no interior. O investimento público em torno de áreas como a cultu-

ra, a ação social, a educação e a regeneração urbana têm sido apontados, pelos responsáveis políticos, como determinantes para esta classificação. Os dados mostram um certo estancamento na saída de pessoas, para o regresso de alguns jovens casais e até para um aumento no número de alunos do ensino básico.

O que Gabriela veio descobrir foi uma qualidade de vida que desconhecia. Os mais velhos despertam em si uma "ternura" especial porque, apesar de serem mais conservadores e fechados, são de uma intuição e solidariedade que se transformam no cimento da comunidade.

Não sabe se a vida a vai levar a mudar novamente para outro sítio, mas confessa-se admirada com a qualidade de vida que conseguiu obter em Manteigas e, sobretudo, surpresa com as pessoas. "São tão bonitas e são tão amigas", remata.

reinaldo.l.rodrigues@globalimagens.pt



### Manteigas

A vila de Manteigas é sede de concelho e pertence ao distrito da Guarda, na região da Beira Alta. Insere-se na área do Parque Natural da Serra da Estrela.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)

▶ Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

🎧 Ouça o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/ISL

Figura 28 - Gabriela Cravinho, DN 19 julho



### Rio de Mel

Pequena aldeia da freguesia de São João, no concelho de Oliveira do Hospital, que deve o nome à cultura em torno das abelhas e da produção de mel. Faz parte da rede das Aldeias de Montanha.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)

Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

Ouçã o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/ISL

## O agricultor professor no Rio de Mel

**MUDANÇA** A precariedade da vida de professor acabou por ajudar Igor Costa e a mulher, Ana Raimundo, a encontrarem um novo rumo num projeto de reforestação e agricultura sustentável.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

**A** panorâmica do Santuário da Senhora dos Remédios é deslumbrante. Do outro lado, está Rio de Mel, uma aldeia pequena, com casas dispersas que vão sarapintando encosta verde acima. Foi aqui, na fronteira entre os concelhos de Oliveira do Hospital e Seia, às portas do Parque Natural da Serra da Estrela, que combinámos encontro com Igor Costa, 43 anos, professor do ensino secundário. Para chegarmos à casa onde vive, há que fazer o percurso acidentado que atravessa o monte, dividido em socacos. Por aqui e ali vemos-se colmeias — aliás é graças a essa cultura em torno da abelha e do mel que a terra ganhou o nome. Avistamos a casa de pedra, outrora propriedade do avô da companheira, onde vivem há nove anos: "Começámos a vir para aqui depois dos incêndios de 2012." Ainda estavam a viver em Aveiro e nessa altura foi pre-

ciso dar uma mão na terra para ajudar na reforestação após os incêndios. "Estava desempregado e começámos a vir uma semana, depois um mês e, eventualmente, percebemos que estávamos melhor aqui." No caso de Igor Costa, como de muitos outros professores no nosso país, foi a precariedade na profissão que lhe abriu a perspetiva para uma nova vida.

Existe no nosso país um paradoxo crónico que opõe a falta de docentes que não conseguem uma colocação fixa por falta de vagas e o vagoar de jovens professores por concursos locais a fim de colmatar as necessidades reais dos estabelecimentos públicos de ensino. Todos os anos se sucedem as reportagens, nos jornais e nas televisões, com profissionais que se viram obrigados a concorrer para lugares frequentemente no extremo oposto do local de residência. Perante a ameaça de desemprego, mudam-

-se de armas e bagagens, forçados a abandonar as famílias, para regressarem todos os fins de semana, num calvário que desmolda qualquer um, por muito amor que tenha ao ensino. "Se eu quisesse ir dar aulas, conseguia colocação numa grande capital de distrito ou mesmo em Lisboa ou no Porto", explica Igor. A questão é que o professor estava farto, não só da itinerância, como também da falta de continuidade que esta precariedade implica. Quando se quer fazer desenvolver um projeto educativo que faça a diferença, esta inconstância é negativa para professores e alunos.

Quando começaram a vir para Rio de Mel, o objetivo não era viver na aldeia, mas à medida que se embrenhavam na natureza "e repunham as árvores autóctones que caracterizam a região" foram ficando mais apegados ao território. Mas não tem sido fácil. Depois do esforço que se seguiu aos incêndios de

2012, esta região foi novamente atingida em 2017 de forma ainda mais brutal e violenta do que nos anos anteriores. Apesar de em Rio de Mel não terem ocorrido vítimas mortais, a devastação na mancha verde foi catastrófica. Todo o trabalho de reforestação foi devorado naqueles dias quentes de outubro, deixando a aldeia novamente mergulhada no negro que os incêndios inscrevem na paisagem. O casal ainda ponderou abandonar o seu projeto, mas fez do desânimo força e, à medida que a vida foi timidamente voltando às encostas de Rio de Mel, também um projeto com o nome da terra foi germinando. "Passou-nos pela cabeça sair, mas o dia-a-dia foi correndo e o cenário foi-se compondo com o verde voltando." Aprenderam com alguns dos erros do passado e voltaram ao plano de reforestação com o auxílio do fundo Recomeçar da Santa Casa. Com ajuda de especialistas e

voluntários da região, conseguiram implementar um plano de reforestação e agricultura sustentável em torno da aldeia. Acreditam que no futuro possa contribuir para a proteção de todos. Até agora foram plantados sete hectares de espécies autóctones em socacos, mas este "é apenas um por cento do objetivo, porque a área total que o projeto Rio de Mel quer reforestar chega aos 700 hectares". A mulher, Ana Raimundo, companheira de vida e de projeto sustentável, é ilustradora e artista plástica e inspira-se nos tons que a natureza lhe oferece para as peças que aqui cria. Não são os únicos. Igor Costa tem notado que às aldeias em redor chegam cada vez mais casais jovens. Da mesma maneira que lhe foram transmitidos os conhecimentos dos mais velhos da aldeia, também ele agora partilha experiências com os que chegam. "São conversas agrícolas", atira a sorrir. Quando cai a tarde soalheira sobre a encosta, vemos o filho a brincar, feliz. O miúdo sente-se orgulhoso da pequena horta que construiu ao lado da casa e dos tritões, pequenos anfíbios semelhantes a lagartos e bastante comuns nos cursos de água junto à aldeia, que encontrou. Olhando para o filho, Igor desabafo: "Estamos rodeados de natureza. Poder sair de casa e não ver prédios nem carros é uma espécie de paraíso."

[reinaldo.t.rodrigues@globalmagensa.pt](mailto:reinaldo.t.rodrigues@globalmagensa.pt)

Figura 29 - Igor Costa, DN 20 julho



### Videmonte

Freguesia do município da Guarda com 53,92 km<sup>2</sup> de área e 478 habitantes. Fica a 22 km de distância da sede de concelho e é também onde se situa o ponto mais alto do município.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)

Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

Ouçá o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IPS

## A nómada digital de Videmonte

**APOSTA** Andreia Proença voltou às origens com a pandemia, mantendo a sua atividade profissional à distância. Encontrou a tranquilidade da aldeia, mas sente falta do café com os colegas de trabalho.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

Fica num alto, mesmo lá em cima, no monte. Por isso a aldeia de Videmonte faz juz ao nome. A povoação destaca-se no horizonte e é visível a muitos quilómetros de distância. Chegámos à freguesia onde se situa o ponto mais alto da Guarda. Ao lado da Igreja de São João Baptista, junto ao café, onde ao final da tarde se juntam os habitantes para conversar ou discutir questões importantes, como, por exemplo, os resultados do jogo de futebol ou a nova alfaia agrícola do vizinho, espera-nos Andreia Proença.

Com 26 anos, está aqui refugiada de uma pandemia que tanto afeta a cidade grande como a mais pequena aldeia. A diferença é que aqui existe, segundo ela, um porto seguro e uma oportunidade para estar próxima da família: "Esta sempre foi a minha casa, mesmo quando estava a viver no Porto", explica. Cresceu aqui, até sair para

a Invicta, onde estudou e depois começou a trabalhar. Nos últimos quatro anos faz gestão de produto numa das empresas portuguesas chamadas de unicórnio. São companhias que muitas vezes começaram como *startup* e que combinam inovação com o investimento tecnológico em plataformas digitais para atingir um volume de negócios na ordem dos mil milhões de dólares. Estas empresas no nosso país são raras pelo modelo de negócio e pelo dinheiro que geram.

No seu dia a dia, articula, através de plataformas digitais, as necessidades dos clientes e organiza serviços e equipas para disponibilizar o produto pretendido: "O meu trabalho é à volta de códigos que utilizamos para fazer a ponte entre clientes e as equipas de desenvolvimento de plataformas."

Um processo que exige concentração, rapidez de decisão e uma

boa ligação à internet. Mas depois de um ano e meio a trabalhar em casa, não é só a internet que falha. Também escasseiam as relações sociais que se estabelecem no ambiente de trabalho: "Perde-se o espírito de equipa." Sente falta daqueles momentos de pausa do café com os colegas ou de ir ao final do dia beber um copo ao Café Candelabro, ali bem no centro do Porto. "Agora é tudo muito pessoal", relata.

Mas isso pode estar prestes a mudar. Esta é uma das 41 povoações que pertencem à rede de Aldeias de Montanha, uma associação que se estende entre o Parque Natural da Serra da Estrela e a Paisagem Protegida da Serra da Gardunha, através de nove municípios. Além de melhorar as condições existentes nas povoações, esta rede pretende estimular o seu desenvolvimento. Um dos projetos em marcha neste momento é o

Cowork Rural, com a instalação em algumas destas aldeias de espaços com boas condições físicas e bem equipados tecnologicamente para que possam ser partilhados. Num cenário ideal, a associação espera desenvolver condições para os que aqui vivem e para os que aqui querem ter uma vida mais tranquila, mas sem abdicar dos trabalhos que têm nas grandes cidades. O teletrabalho abriu a porta a muitos para que possam continuar ligados, fora dos grandes centros urbanos, mas o objetivo também é que novos habitantes com projetos individuais se sintam atraídos por este território. E que, tendo condições, possam vir viver para estas paragens.

Criar estes espaços de trabalho no ambiente de aldeia também proporciona o envolvimento das comunidades locais. São estas comunidades que dão o suporte e mantêm estes espaços numa es-

pécie de envolvimento das comunidades com esta geração digital.

Uma das formas encontradas foi envolver a população local no processo de escolha, reabilitação e decoração destes espaços. Em Videmonte, é uma antiga casa que servia de apoio aos caminhantes que passavam por aqui, e Andreia mal pode esperar para que seja inaugurado o espaço. "Tenho necessidade de estar com pessoas", explica. Nesta aldeia tem "descanso, família e a possibilidade de estar na natureza", enquanto não é possível retomar a vida social que tinha no Porto.

Andreia vê neste espaço uma oportunidade para estar na companhia de outros que, como ela, carecem desse contacto. Crê que no futuro as empresas irão optar por um cenário misto, em que se possa alternar entre um período de trabalho no escritório e outro em teletrabalho. Não tem dúvida de que o trabalho na aldeia de Videmonte ficará a ganhar se tiver um sítio com as características do Cowork Rural, que dê condições a outras nómadas digitais que, como ela, procuram manter os seus trabalhos digitais mas com um registo mais íntimo de contacto com as suas raízes. Como nos explica Andreia, "aqui na aldeia assento e equilibro. Existe aqui uma tranquilidade que não existe na grande cidade".

[reinaldo.t.rodrigues@globalmagens.pt](mailto:reinaldo.t.rodrigues@globalmagens.pt)

Figura 30 - Andreia Proença, DN 21 julho



**Serpa**

A cidade pertence ao distrito de Beja, inserida na sub-região do Baixo Alentejo. É sede de município, dividido em cinco freguesias.

**Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://www.dn.pt)**  
**Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://www.jn.pt/jndireto)**  
**Ouçá o podcast em [tsf.pt](https://www.tsf.pt)**  
**#UmOutroPaís**  
Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/ IPL

# Saúde, música e vida nova em Serpa. “O Alentejo como terra mãe”

**MUDANÇA** Os incentivos a médicos que decidam deslocar-se para o interior do país deram um impulso aos planos de Vasco e Joana, profundos admiradores da música e da cultura alentejana.

TEXTO E FOTOGRAFIA **REINALDO RODRIGUES**

O parque está cheio de miúdos. Correm em direção ao escorrega, segurando nas mãos aquelas misturas estranhas de guloseimas. Júlio, filho mais novo de Joana Dourado e Vasco Nogueira, faz uma mistura com bolachas e batatas fritas que vai mordiscando enquanto corre atrás dos amigos. As crianças, já se sabe, têm aquela particularidade de fazer amigos em tempo recorde e o facto de, em Serpa, em plena pandemia, se ter visto chegar um casal novo com filhos pequenos ajudou a estabelecer uma rede de apoios a toda a família.

“Devemos muito à comunidade, que se organizou para nos ajudar”, explica Joana. Até ao verão passado a vida da família sempre foi em redor de Coimbra. Ele médico psiquiatra e ela engenheira civil a desenvolver um trabalho de doutoramento não tinham descanso.

“Passávamos os dias a andar de carro”, explica Vasco. Com os filhos na escola em Coimbra e Vasco a trabalhar no Hospital da Figueira da Foz, era a rede familiar que dava suporte à logística diária. Os dias eram passados atrás do volante na cidade dos estudantes. No ano passado, enquanto existia um alívio das medidas de combate à pandemia, começaram a sentir-se cansados da vida que levavam. “Existe uma certa ingratidão pelas pessoas” nas cidades do litoral do país, explicam. Privilegiadas geograficamente, nas infraestruturas e no investimento financeiro por parte do Estado, estas urbes esquecem-se das pessoas e da qualidade de vida: “São cidades que desperdiçam uma geração inteira.” Saturado dos quilómetros e da vida “sem tempo”, Vasco decidiu aproveitar algumas das medidas de incentivo aos médicos que se desloquem para re-

giões carenciadas. Como Joana podia trabalhar no doutoramento em qualquer lado, decidiram em família dar o passo em frente. Deram um “salto para o interior e para sul”, a 370 quilómetros de Coimbra, num movimento que família e amigos assumiram ser um devaneio radical de ambos. Chegaram em novembro, ele colocado num projeto inovador de cuidados com a saúde mental do Hospital de Beja e ela à espera de saber resultados de um concurso para admissão à função pública. Apanhados pela segunda vaga da pandemia, que nesta região teve grande impacto, a família viu-se obrigada a novo confinamento em Serpa. Vasco foi incorporado no Hospital de Beja, mas nos serviços de emergência à covid. “Foi um bocado duro para todos” explica Joana. “Chegámos com tudo às costas e, de repente, tudo fechou.”

Com dois miúdos pequenos em casa e sem apoio da família “valeu o apoio da comunidade” que, apesar do confinamento, tentou auxiliar no que podia o casal recém-chegado. Vasco e Joana já conheciam algumas pessoas de Serpa desde o tempo de estudantes em Coimbra. Os seus percursos já se tinham cruzado num organismo ligado à Associação Académica que impressiona pela vitalidade e longevidade: o Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC). Fundado em 1966, tem um dos trabalhos mais longos e profundos de estudo e interpretação das danças e músicas tradicionais portuguesas. Tem semeado o respeito e a curiosidade pela cultura popular em gerações sucessivas de estudantes. Gente que se envolveu em projetos musicais como a Brigada Victor Jara ou as Segue-me à Capela, de que Joana Dourado faz parte. Mas não foi só na

divulgação da cultura popular que o GEFAC se destacou. No que toca ao amor também deixou frutos. “Parece uma agência matrimonial”, confessa Vasco a rir.

Esta paixão pela música e a tradição popular alentejana, que ambos nutrem, é dos grandes incentivos para terem feito esta opção. Como explica Vasco, há aqui um apelo mais forte: “O Alentejo como terra-mãe.” Impressionados “pelo dinamismo social e cultural” que sentiram em Serpa, depois do período mais crítico da pandemia, elogiam a resiliência da comunidade. Esta é “uma região historicamente muito discriminada” e com uma tradição de resistência. Coragem para enfrentar a incoerência dos elementos, desafiava a ditadura, combater o afastamento dos decisores e minimizar o isolamento social. Como exemplo desta ostracização, referem as assimetrias nas infraestruturas: “O Hospital de Beja está a cair. É mantido graças à diligência das pessoas que lá trabalham.” E prosseguem: “A autoestrada para aqui nunca foi acabada, a estrada nacional está em muito mau estado e a ligação ferroviária é obsoleta”, o que obriga a um “trabalho gigantesco das autarquias”. Como Serpa, que conseguiu manter muitos serviços essenciais como escolas, centro de saúde, correios, entre outros. Creem que é possível “repovoar e fixar pessoas no interior, mas é preciso investir na região e corrigir as assimetrias”, conclui Vasco. reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt

Figura 31 - Joana Dourado e Vasco Nogueira, DN 22 julho



**Sardoal**

A vila (foi elevada a esta categoria em 1531, por D. João III) é sede de município (dividido em quatro freguesias) e pertence ao distrito de Santarém, na região do Ribatejo.

▶ **Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)**  
 ▶ **Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)**  
 ▶ **Ouçá o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)**  
 ▶ **#UmOutroPaís**  
Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IPS

# No Sardoal sempre de olhos na estrada

**TRANSIÇÃO** A pandemia empurrou Pedro e Luísa da Grande Lisboa para o interior do país. Mas na pequena povoação de Monte Cimeiro a adrenalina do trânsito da cidade entra-lhes pela sala dentro.

TEXTO E FOTOGRAFIA **REINALDO RODRIGUES**

**A** moto de grande cilindra está encostada, ali ao fundo da garagem, entre um monte de palha e uma ovelha que bebe água. Era o veículo que antes da pandemia Pedro Alves e a mulher Luísa Grácio usavam para os passeios de domingo entre a serra de Sintra e Colares: "Começávamos ali na Casa do Preto, onde nos juntávamos com o resto da malta, e depois era aproveitar as curvas", explica Pedro. O gosto de estar com os amigos, aliado à liberdade de andar de moto, eram parte do modo de estar do casal, ambos membros ativos do Grupo Motards do Ocidente, um motoclube no concelho de Sintra. Para Luísa, além da convivência que proporcionavam, os passeios de moto eram uma forma de conhecer o país. Contudo, a professora do ensino básico sempre sonhou com o dia em que pudessem voltar a viver no Monte Cimeiro, uma pequena po-

voação no Sardoal, de onde é natural. Mas para Pedro, filho de Oeiras e a trabalhar como gestor de frota de uma empresa de reboques a operar na região de Lisboa, Sintra e Cascais, a vida só era concebida entre as curvas de Sintra e a linha junto ao mar na marginal. Mas isso foi antes da pandemia de covid-19. E antes de terem sido infetados pela doença. Em outubro, o casal acusou positivo nos testes à covid-19, engrossando o número de infetados em Portugal. Foi só perto do final de dezembro que Pedro conseguiu voltar a testar negativo. Mas, para Luísa, o caminho foi ainda mais longo. A viver confinada num apartamento na linha de Sintra, via o seu estado de saúde a deteriorar-se diariamente e foi com autorização médica que conseguiu permissão para se mudar para a casa de família, isolada numa colina na terra natal. Já o casal tinha decidido ficar por Monte Cimeiro quando, face ao descontro-

le no número de infetados, o país foi obrigado a entrar em novo confinamento. Com a melhoria do estado de saúde de Luísa e a concordância dos responsáveis pela empresa de reboques, Pedro conseguiu autorização para trabalhar remotamente. Uma decisão que, como explica, "muito provavelmente, antes da pandemia, não seria possível". A empresa ace-  
**Da varanda da nova casa é possível avistar toda a povoação do Monte Cimeiro, que é rica nos silêncios que a natureza oferece.**

deu ao teletrabalho numa profissão que exige rapidez, prontidão de resposta e "uma boa ligação à internet, o que aqui é mais difícil". O acesso às redes de telemóvel e internet nesta região é especialmente penoso. "É um problema no qual nunca tinha pensado, porque onde vivíamos a internet é tipo água, basta abrir a torneira", comenta Pedro. Da varanda da nova casa é possível avistar toda a povoação que é rica nos silêncios que a natureza oferece. Escutam-se apenas alguns pássaros, um rebanho ao longe e uns vizinhos que conversam no campo em frente. Em redor da casa surge agora um pomar onde vagueiam umas ovelhas. São "animais de estimação", alimentados pelo casal com muito carinho e leite em pó preparado num robô de cozinha. Ao lado, na sala, está montado um autêntico centro de comando, com três grandes moni-

res que mostram, em tempo real, as estradas, as ocorrências e as localizações dos reboques. Existe aqui uma adrenalina que contrasta com o ambiente fora da sala. É o mesmo tipo de adrenalina que Pedro sente quando se aproxima da capital e começa a entrar no trânsito. "É essencial", explica. Já para Luísa, ir a Lisboa é um tormento: "Quando na autoestrada passamos Aveiras e começo a ver o trânsito, só me apetece vir embora." A decisão de ficar no Sardoal está tomada e, agora, aguardam que Luísa consiga colocação numa escola da região pois "daqui já não saem". Quando a professora contou a um vizinho, amigo de infância, a sua decisão, este exclamou um "até que enfim!". E isso resume muito o sentimento que os invade. "Aqui em Monte Cimeiro não estamos numa aldeia, estamos em família", contam ao DN.

reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt

Figura 32 - Luísa Grácio e Pedro Alves, DN 23 julho



### Marvão

A vila fica situada no alto da serra do Sapoio, a 860 metros de altitude, e pertence ao distrito de Portalegre, na sub-região do Alto Alentejo. É sede de município, dividido em quatro freguesias.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](#)

▶ Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](#)

📻 Ouça o podcast em [tsf.pt](#)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/ISL

## Despir os preconceitos em Marvão

**NATURISMO** Paula e Nuno escolheram o Alentejo para criar um parque de campismo naturista. Investimento que não difere muito de comprar casa "em Algueirão e casar para a vida com o IC 19".

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

A silhueta do castelo é visível a quilómetros de distância. A quem olha à primeira vista, parece que a serra e o castelo estão fundidos. Enquanto nos aproximamos da Quinta do Maral, o paisagem vai perdendo a vegetação densa e passamos por dois ciclistas que calmamente avançam pelo Parque Natural da Serra de São Mamede. Na quinta somos esperados por Paula Costa e Nuno Frade, naturais de Lisboa, a viver aqui há nove anos. Com dez hectares, muito próximos da serra do Sapoio, onde se apoia o Castelo de Marvão, criaram um parque de campismo naturista. "Não nascemos numa família naturista, mas ouvimos o conceito num programa de rádio e ficámos interessados", explica Nuno. Incomodados pelo tradicional discurso de que "lá não há nada, lá fora é que é bom", decidiram começar este projeto que só consideram ser realizável por al-

guém que "se identificasse com a causa naturista", conclui Nuno.

Nos anos de juventude, em Sintra, pertenceram a um grupo de escuteiros. Dessa altura ficou-lhes o respeito e o gosto pela natureza, pois foram ambos muito ativos e participaram em inúmeras atividades no Parque Natural de Sintra-Cascais. Segundo Paula, "Marvão já era uma paixão quando éramos escuteiros em Sintra". Mas nesses anos de escutismo conheceram quase todo o país de mochila às costas.

Quando começaram a procurar um lugar para edificar o seu projeto já tinham uma boa ideia dos fatores mais relevantes. Uma equação que pudesse aliar o preço com bom tempo; uma paisagem natural extraordinária e um património arquitetónico relevante, capaz de atrair turistas. A dimensão da propriedade também é pertinente para aqueles que os visitam, para

que possam desfrutar da natureza e descansar segundo os preceitos da cultura naturista.

O naturismo surgiu como ideia no início do século XX, em França e na Alemanha. Caracteriza-se por uma forma de estar e pensar, defendendo a vida em harmonia com a natureza. A prática da nudez social pretende consolidar o sentimento de autoestima, o respeito pelos outros e pelo meio ambiente. Neste contacto com a natureza, os naturistas defendem um comportamento responsável perante os ecossistemas e o respeito por quem os habita. Argumentam que o consumo de uma alimentação saudável e uma vida de respeito pelas diferenças entre seres humanos consegue criar novas gerações mais saudáveis e mais conscientes do nosso impacto sobre o planeta. Em Portugal existe, desde 1977, uma federação consagrada ao naturismo, que está muito ligado à prática de

atividades balneares. Uma prática permitida em diversas praias ao longo do nosso litoral com o título de "praia oficial naturista". São nove áreas todos situados abaixo do rio Tejo. No campismo, foram surgindo, nos últimos anos, cada vez mais projetos dedicados a esta forma de estar. Mas a Quinta do Maral é o projeto localizado mais a interior de todos e o que está mais próximo da fronteira com Espanha, a escassos 25 quilómetros.

Esta localização tem vantagens óbvias, atendendo a que o nosso país é muito procurado por turistas que se deslocam por via terrestre, oriundos um pouco de toda a Europa e adeptos do naturismo. "Frequentemente entram no parque autocaravanas com mais condições do que a minha casa", conta Nuno a rir. Paula e Nuno consideram-se bem recebidos por esta comunidade que, apesar de mais conservadora, tem visto com curio-

sidade a chegada destes turistas especiais. Como Paula nos explica: "No início tínhamos receio de que as pessoas nos pudessem tratar mal e na realidade há um gozo, mas é amigável." Como daquela vez em que um grupo de senhoras de uma aldeia ali perto decidiu entrar, depois de uma caminhada, para conversar com os turistas "da piscina dos nudistas". Apesar de o diálogo ter sido impossível - nem os naturistas falavam português nem as senhoras falavam outra coisa que não o português -, foi uma experiência divertida para todos. O projeto de "uma vida" neste parque de campismo rural e naturista implicou um investimento que não difere muito de comprar uma casa "em Algueirão e casar para a vida com o IC 19", comentam. Ela continua a trabalhar, de forma remota, para uma empresa informática de Sintra, mas abriu uma loja *online* de produtos naturais para complementar o negócio do campismo, que é muito sazonal, esclarece Paula. Explica-nos, também, que a pandemia não ajudou a que viessem mais turistas.

Segundo Nuno, o propósito é ficar aqui. "Valorizamos o facto de morarmos dentro de um parque natural, as pessoas, o património e a natureza. Aqui temos tempo para viver, não andamos sempre em correria e isso não tem preço" resume Nuno.

[reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt](mailto:reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt)

Figura 33 - Paula Costa e Nuno Frade, DN 24 julho



### Seia

A cidade de Seia pertence ao distrito da Guarda, na região da Beira Alta, e é sede do município (dividido em 21 freguesias). Fica situada na vertente ocidental da serra da Estrela.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)

▶ Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

🎧 Ouça o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/ISL

## Uma longa espera até chegar ao interior

**SEIA** Saturada das rotinas e do emprego em Lisboa, Ana Cravo reforçou o desejo de viver na zona onde tem raízes familiares. Mas não foi tarefa fácil: "É mais fácil procurar emprego no estrangeiro do que no interior de Portugal."

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

**C**ombinámos encontro no Santuário de Nossa Senhora da Guia, que tem uma vista deslumbrante para a vila de Loriga. Ana Cravo não vive longe. Desde setembro que vive na sede de concelho, aqui ao lado, em Seia. Filha de gente da terra que migrou para Lisboa, aos 34 anos concretizou um objetivo que há muito perseguia: mudar-se para o interior do país.

Apesar das dificuldades, porque "é mais fácil procurar emprego no estrangeiro do que no interior de Portugal", explica. A engenheira do ambiente estava saturada do emprego em Lisboa. Era funcionária numa consultora e trabalhava o desenvolvimento urbano "sentada a uma secretária". Sempre quis rumar ao interior e virar as costas à grande cidade. Tinha uma ligação a Seia, construída nos momentos de convívio em família, nas férias grandes, nas visitas aos familiares

que tinham resistido à migração para a capital. Por isso começou por este território à procura de um emprego que lhe permitisse realizar a mudança. O objetivo era que, em família, pudessem ter uma vida mais calma, em contacto com a natureza, principalmente poder proporcionar ao filho, ainda bebé, essa vivência. Queria conseguir fazer a diferença: "Tinha o sonho de partilhava com o marido, ele filho de imigrantes romenos que há muito valorizavam a qualidade de vida que esta terra, em pleno Parque Natural da Serra da Estrela, possui.

O ano passado, enquanto grassava a pandemia no nosso país, surgiu essa oportunidade. Um processo de recrutamento para trabalhar no projeto Aldeias de Montanha, uma dinâmica associação a trabalhar no interior do nosso país. O projeto é resultado

da conjugação de esforços de nove municípios para criarem a Associação de Desenvolvimento Integrado da Rede de Aldeias de Montanha. A ideia é conjugar esforços para o desenvolvimento das 41 aldeias que compõem a rede atualmente. Mas o objetivo não é sim-

● "Não me vejo a voltar, não sinto falta de nada de Lisboa, tirando um bom hambúrguer de *fast food*", explica, a sorrir, Ana Cravo.

plesmente criar uma oferta turística nestas aldeias entre a serra da Gardunha e a serra da Estrela, mas sim criar condições para a fixação de pessoas neste território.

Para isso desenvolvem projetos como os que estão em vias de ser implementados em várias aldeias, como o *coworking* rural, de que falámos nesta série de reportagens, no passado dia 23 de julho, quando passámos por Videmonte. Este é um dos projetos em que Ana Cravo também está a trabalhar, mas não é o único. O seu trabalho é orientado para o desenvolvimento das condições de quem aqui vive e trabalha, como, por exemplo, a valorização do património ambiental e das vivências das comunidades sediadas nestas povoações. O primeiro dia de trabalho nas Aldeias de Montanha passou-o "com um pastor, a descer a serra, a ver a vida que eles têm". "Só por isso já valeu a pena",

diz. Em Seia existe uma tradição de empreendedorismo e "é comum vermos emigrantes a regressar à terra. Mais raro é vê-los a ficar", acrescenta Ana. Numa terra onde, no inverno, o frio desce pelas encostas da serra até à cidade, a habitação pode ser um problema. Além da inexistência de um mercado de arrendamento, existe um problema de construção: "As casas estão mal construídas e são ineficazes contra as temperaturas de inverno." Por isso o casal já pensa em arranjar uma casa melhor, com espaço exterior em que o filho possa brincar.

A terminar, Ana Cravo conta-nos que não revisita a capital desde a mudança: "Não me vejo a voltar, não sinto falta de nada de Lisboa, tirando um bom hambúrguer de *fast food*." [risos] Mas enquanto o nosso filho for feliz aqui, eu também fico.

[reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt](mailto:reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt)

Figura 34 - Ana Cravo, DN 25 julho



### Arganil

Vila pertencente ao distrito de Coimbra, na região da Beira Litoral, com cerca de quatro mil habitantes e 332,84 km<sup>2</sup> de área. É sede de município, dividido em 14 freguesias.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://www.dn.pt)

▶ Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://www.jn.pt/jndireto)

🎧 Ouça o podcast em [tsf.pt](https://www.tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IFL

## Os cogumelos deram-lhe asas

**ARGANIL.** O lisboeta Rúben Gama veio para esta região trabalhar numa exploração agropecuária e acabou por lançar o seu próprio projeto. Cogumelos de Arganil chegam a cada vez mais clientes.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

**A**travessamos montes tingidos de branco, graças à flor da esteira, saímos da estrada nacional e subimos pelo caminho de terra batida. Estamos em Arganil, uma região vasta, encaixada entre a imponência da serra do Açor e a frescura do rio Alva, com vales ricamente florestados, bem no centro do país. Causam admiração os enormes pavilhões brancos onde Rúben Gama trabalha.

Lisboeta, neto de arganilenses, está há 10 anos a trabalhar nesta região. Primeiro, numa exploração agropecuária e depois com este negócio próprio: uma plantação biológica de cogumelos. Os seus filhos brincam na estrada de terra batida em redor destes gigantes brancos na companhia de *Muxi*, a cadela da família. Saem para apanhar flores para oferecer à mãe, que estava em casa, em Ar-

ganil. A família foi a principal razão da mudança para este local. Depois da licenciatura em Produção Animal, na cidade de Santarém, esteve alguns anos a viver em Lisboa com Patrícia, a namorada que vinha dos tempos de escola secundária. Queriam constituir uma família, mas, sobretudo, queriam ter tempo para ver os filhos crescer.

Depois de um período sem emprego na capital, decidiu rumar a uma região com bastantes ofertas de trabalho na sua área. Este território está, em sua opinião, bem apetrechado com escolas e serviços de saúde, além de ficar próximo de grandes centros urbanos, como Coimbra. Por este motivo consegue garantir qualidade de vida: "Não sinto diferença entre viver aqui ou numa grande cidade. Afinal, estamos num país que demora duas horas a atravessar."

Claro que nestes 10 anos não existiram só momentos positivos. Basta recordar os incêndios de outubro de 2017. Nessa altura, o fogo tingiu estas colinas de negro. Além dos 45 mortos e cerca de 70 feridos, perto de uma dezena dos quais graves, centenas de animais

morreram encurralados por um mar de chamas que em dois dias varreu a região norte e centro do país. Só em Arganil, mais de 145 casas foram destruídas pelos incêndios, sendo 85 de primeira habitação. Mas o impacto também atingiu muitos animais.

O Ministério da Agricultura, num balanço feito no final desse mês, apontava para mais de 500 mil animais mortos, sobretudo aves, mas também bovinos, ovinos e suínos. Na exploração agropecuária onde Rúben trabalhava, dezenas de animais perderam a vida, num episódio que o traumatizou. A sua paixão "é trabalhar com a vida" e este foi um golpe muito duro para quem quer "estar perto da natureza, trabalhar a terra e dinamizar um mundo rural tão abandonado".

Foi com entusiasmo e curiosidade que abraçou este projeto do

● "Não sinto diferença entre viver aqui ou numa grande cidade. Afinal, estamos num país que demora duas horas a atravessar", frisa Rúben Gama.

Figura 35 - Rúben Gama, DN 26 julho



### Penamacor

Vila do distrito de Castelo Branco, situada na sub-região da Beira Baixa, com cerca de 1500 habitantes segundo os últimos censos. É sede do município de Penamacor com 563,71 km<sup>2</sup> de área e 5682 habitantes, subdividido em nove freguesias.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)

▶ Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

🔊 Ouça o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IFL

## O professor tranquilo que queria ver os filhos jogar à bola na rua

**NUNO SILVA** Passou por Viseu e Castelo Branco, antes de encontrar em Penamacor aquilo que procurava: tranquilidade para a vida familiar e um firme compromisso com os seus alunos.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

**N**a Escola Básica de 2.º e 3.º Ciclos e Ensino Secundário de Ribeiro Sanches, o professor de Educação Física andava ocupado com os preparativos para o desconfinamento que se esperava na altura da nossa conversa, por isso combinámos o encontro no Jardim da República, mesmo em frente à Câmara Municipal de Penamacor. Passam seis anos desde que Nuno Silva, na altura professor no Porto, rumou com a mulher Susana e o filho José Miguel até ao cume da Beira Baixa que faz fronteira com Espanha.

Conhecemos um homem determinado que já tinha tido uma

experiência de viver aqui em 2008. Se para a companheira foi natural voltar à terra que a viu nascer, para o homem que nasceu em Lamego e desde muito novo jogou à bola nas ruas do centro do Porto este era um pensamento distante. A ideia de se fixarem no interior ainda passou por Viseu e Castelo Branco, mas a busca por viver num sítio onde o seu filho também pudesse experimentar a liberdade de chutar uma bola em plena rua fez-lhes optar pela paz da pequena vila, que de acordo com o último censo tem pouco mais de 1500 habitantes.

Estamos numa zona com o mais alto índice de envelheci-

mento do país, nota-se na pele de cada habitante, dado o desinvestimento em serviços como a educação e a saúde. O trabalho dos professores também tem especial importância no combate ao abandono escolar e à iliteracia, mas a tendência de envelhecimento da população e uma taxa de analfabetismo superior a 20 pontos percentuais não favorecem este combate.

Estabelece-se, assim, um círculo vicioso entre a falta de valências que consideramos essenciais (levando ao desencorajamento de muitos de tomar a opção de rumar ao interior) e a falta de investimento do governo central face à

crescente ausência de pessoas. Numa tentativa de perceber as tendências demográficas no território nacional, os técnicos da extinta Unidade de Missão para a Valorização do Interior fizeram as contas às dinâmicas demográficas e declararam estarmos numa zona de muito forte despovoamento. Estamos numa sociedade pequena e unida por todos os que se conhecem, com as vantagens e os inconvenientes que isso traz. Mas também de uma população marcada e unida por um forte sentimento de estar esquecida pelo poder central.

Talvez por estarmos num lugar onde as pessoas "se habituaram a

não precisar de nada, a sobreviver com muito pouco", Nuno Silva encara com muita convicção a sua missão de ensinar: "Para mim os alunos são como meus filhos, se existe um com um problema eu quero saber qual é para o poder ajudar. É importante uma atividade física regular porque esta é capaz de trazer mais paz e fazer um planeta melhor", sublinha.

O sentido de segurança e de proteção na comunidade é claramente uma mais-valia, mas também a comunhão com a natureza, os cheiros e as cores das estações que são aqui de uma vivacidade extrema. Como diz Nuno Silva, que desde que aqui chegou aumentou a família com mais duas crianças – o Manuel, agora com 3 anos e o João de apenas 10 meses –, "se alguém conseguir vender num fracasso a qualidade de vida que Penamacor tem vai ficar milionário".

Estão assim reunidos os ingredientes para projetar uma vida em família feliz e tranquila, por isso a ideia de sair daqui não lhe agrada, mas confessa que tudo dependerá das políticas, pois se o país continuar a desativar serviços e a esquecer esta população será difícil permanecer.

Talvez por estarmos num lugar onde as pessoas "se habituaram a

reinaldo.rodrigues@globalimagens.pt

Figura 36 - Nuno Costa, DN 27 julho



### Marvão

Entre Castelo de Vide e Portalegre, está situada a tranquila vila de Marvão. A vila e as montanhas escarpadas estão inscritas na lista de candidatos a Património Mundial da UNESCO desde 2000.



Veja todos os vídeos em [dn.pt](https://dn.pt)

▶ Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

🔊 Ouça o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IPL

## O encantador de ovelhas

**TOSQUIADORES** Marty e Susana dedicam-se à tosquia de ovelhas. O neozelandês já fez este trabalho um pouco por todo o mundo. Em 2012 apaixonou-se pelo Marvão e por cá quer ficar.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

Uma carrinha, branca, com umas letras meio apagadas na lateral, vai subindo até ao sítio onde estão as ovelhas já presas num redil. Ao chegar, Marty e Susana O'Connell vão começando a montar os equipamentos para a tosquia, enquanto o filho Rowan, com 6 anos, pega num *tablete* se afasta da operação. Para ele nada disto é novidade, mas para quem assiste pela primeira vez impressiona. Nas incursões pelo interior do país fomos escutando relatos sobre um neozelandês que vivia no nosso país e se dedicava à tosquia de ovelhas. Sabíamos que tinha uma técnica muito distinta dos tosquiadores nacionais e vivia em Marvão. Por casualidade encontramos na Herdade da Ribeira de Borba onde tínhamos entrevistado a Paula Taborda, publicada a 5 de julho. Com 53 anos, o neozelandês vai montando um estrado e depois

uma espécie de poste que suporta um motor e uma mola de onde desce um arnês.

É aqui que começa o seu trabalho. A mulher, Susana, portuguesa originária de Paço de Arcos, vai montando outro estrado ao lado, que limpa cuidadosamente e prepara para receber a lã. Ela vai retirar as impurezas maiores da lã, como pequenos ramos ou folhas, e certifica-se de que existe separação entre as distintas qualidades de lã. A ideia é aproveitar a maior quantidade possível. Os animais nervosos são retirados do redil pelos homens da herdade mas, quando chegam à mão de Marty, acalmam subitamente. O neozelandês tinha, entre tanto, calçado os seus sapatos de feltro, que usa para não sujar a lã. Agora senta as ovelhas, segurando-lhes gentilmente a cabeça e encostando-as junto às suas pernas. À medida que vai cortando, vai con-

versando com os animais e flutuando, suspenso pelo arnês, retirando todo o casaco de lã, praticamente numa peça inteira. Nota-se que está extremamente focado em retirar o máximo de lã sem ferir o animal. Quando as liberta, as ovelhas dão um salto no ar e afastam-se do local, algumas para irem ter com as crias que assistem à cena: "Tentamos sempre fazer a tosquia às mães primeiro, porque estão em *stress* por se verem afastadas das crias", explica Susana, enquanto rapidamente vem buscar a peça acabada de cortar.

O neozelandês faz este trabalho desde os 18 anos. Primeiro na quinta da família, depois para uns vizinhos e agora um pouco por todo o mundo. "Já fazia este trabalho há uns dois anos, quando fui para a tosquia de inverno na Austrália e alguns colegas disseram-se que precisavam de tosquiadores na Euro-

pa. Comecei a pensar que era uma boa ideia para viajar", relata o neozelandês. Com uma vida de itinerância, levou o seu trabalho um pouco por todo o mundo, desde os Estados Unidos, passando por Suíça, Itália e Escócia – onde conheceu Susana. Numa temporada no nosso país, enquanto ela trabalhava numa agência de viagens, vieram até casa de um amigo em Marvão: "Chegámos de noite e chovia imenso, mas de manhã saímos de casa, vimos aquela natureza toda com a serra e o castelo no topo, enquanto escutávamos os badalos de um rebanho de ovelhas. E dissemos um para o outro: 'Isto tem tudo o que procurávamos'".

Em 2012, compraram um terreno em Marvão com uma ruína que reconstruíram enquanto viviam numa tenda tradicional mongol, uma iurta. Naquilo que caracteriza como "uma vida de cigano", Marty

continua a trabalhar pela Europa fora e deixa fortes elogios à qualidade da lã do nosso país: "A lã portuguesa tem um bom ADN." Crê que é importante manter a diversidade genética das ovelhas em Portugal, que teme se venha a perder dada a desvalorização de um produto ecológico como a lã e a tentação de investir em espécies capazes de produzir animais mais volumosos, mas menos ricos em termos de produção de lã. Por isso, considera importante este trabalho de exibição da sua arte que tem feito um pouco por todo o país.

Este "chamar a atenção" para potenciar um produto endógeno, que grande parte das vezes as pessoas não aproveitam porque se perdeu esse hábito ou porque financeiramente não é interessante para os proprietários. Mas esta família não vai parar por aqui. "Há 31 invernos que não vou à Nova Zelândia. Neste ano vamos lá passar o dia de aniversário do meu filho e do meu pai", explica Marty. Mas não querem deixar Marvão: "A ideia é irmos fazendo temporadas entre lá e cá", prossegue Susana. Aqui têm uma casa que adoram, o que, aliado ao facto de não terem nenhum empréstimo, lhes permite esta liberdade de rumarem à terra natal de Marty O'Connell. "É como na tosquia: fazes as coisas com o teu ritmo e o teu tempo. Somos livres."

[reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt](mailto:reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt)

Figura 37 - Susana e Marty o'Connell, DN 28 julho



### Aljustrel

Município português que pertence ao distrito de Beja, na região do Sul de Portugal. Aljustrel é bastante conhecida nacional e internacionalmente pelas suas minas, que são Património Industrial Mineiro e Geológico, e também pelo seu Santuário de Nossa Senhora do Castelo.



Veja todas as histórias em [dn.pt](https://dn.pt)

▶ Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

📻 Ouça o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/ISL

## Respirar geologia na terra das minas

**IGOR MORAIS** Quando se mudou para a vila alentejana de Aljustrel, pensava que ia para o fim do mundo. Mas hoje está encantado e desenvolve a sua profissão de geólogo na plenitude.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

**C**ombinámos encontro junto ao Moinho do Maralhas. Daqui avista-se, a norte, a vila de Aljustrel. Do outro lado do moinho está a mina de Aljustrel. O local não é inocente: Igor Morais, de 32 anos, vive aqui desde 2016 e ganha a vida a estudar as profundezas da terra. Natural de Montemor-o-Velho, perto de Coimbra, conta-nos que “enquanto estava a estudar” sempre gostou “muito de recursos minerais”. Por isso acabou por optar pela licenciatura e o mestrado em Geologia. O contacto com a região deu-se no concelho vizinho de Castro Verde, onde opera a mina de Neves Corvo. “Na área da geologia não é fácil encontrar emprego;

ou se vai para os municípios ou se segue para o setor mineiro”, explica o geólogo. Por essa razão, quando terminou o estágio profissional, nem hesitou em agarrar a oportunidade de trabalhar ao abrigo de uma bolsa de investigação para um projeto que o Laboratório Nacional de Energia e Geologia está a conduzir no Alentejo.

Este é o laboratório estatal que desenvolve investigação nas áreas da energia e da geologia, sendo que estamos numa região de grande tradição mineira. As minas de Aljustrel assentam sobre a Faixa Pirítica Ibérica. Uma vasta área geográfica do sul da Península Ibérica, com 250 quilómetros de comprimento e uma largura que

vai oscilando entre os 30 e os 50 quilómetros.

Estudos geológicos apontam para que esta faixa se inicie no território de Alcácer do Sal e se estenda até Sevilha. Nesta faixa estão a operar duas das três minas atualmente em funcionamento em território português. Mas existe um registo de atividade de mineração que remonta à Pré-História. Arqueólogos têm descoberto vários vestígios de aldeias mineiras romanas. Estes mineiros estariam espalhados por esta região em busca de ouro, prata e cobre. Existe, contudo, uma mina que se destaca: a mina de São Domingos, na zona de Mértola, a 80 quilómetros desde ponto e que tem um registo

de longevidade único. Funcionou na época da ocupação romana, mas teve uma outra vida na era moderna. Durante mais de cem anos operou ininterruptamente até se ter esgotado o minério em 1965. Curiosamente, nesta mina trabalhou o bisavô de Igor Morais.

Este é um território fértil para quem estuda a terra e para o laboratório onde Igor trabalha. O jovem geólogo vê-se obrigado “a passar grandes temporadas no campo” onde desenvolve vários trabalhos de investigação e cartografia do território. “O Alentejo é bastante rico. Aqui respira-se geologia um pouco por todo o lado”, explica. Para ele e para outros geólogos da sua idade, que vêm para

Aljustrel, também contribui bastante o facto de esta ser uma comunidade habituada a ver chegar pessoas para a mina, o que torna as pessoas bastante hospitaleiras.

Mas não foi só o minério de Aljustrel que lhe mudou a vida. Aqui conheceu a mulher e, há dois anos, tiveram um filho. Apaixonado pela terra que viu nascer o filho, confessa-se “fascinado pelos tons que a natureza” da região oferece. Uma paleta de cores muito distinta da que se encontra na natureza da região centro, onde cresceu, e do rio Mondego, de que diz “sentir muita saudade”.

Apesar de ser um sítio bastante tranquilo, houve um outro aspeto que o surpreendeu na vila alentejana: a intensidade da vida social: “Quando para aqui vim achava que vinha para o fim do mundo. Mas saiu-me o tiro pela culatra.” Confessa-se impressionado com a vida cultural de Aljustrel, muito dinamizada pela câmara municipal. À sombra das oliveiras, em redor do moinho do Maralhas, que vigia Aljustrel, de um lado e do outro, remata em jeito de desabafo: “Gostava de ficar aqui, tenho uma situação profissional estável, gosto das pessoas e gostava de ficar aqui.”

[reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt](mailto:reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt)

Figura 38 - Igor Morais, DN 29 julho



### Casais de Folgosinho

Vila com uma vista deslumbrante para o Alto Mondego e para os planaltos mais elevados da serra da Estrela, com áreas de cultivo, matos e lameiros.



Veja todas as histórias em [dn.pt](https://dn.pt)

Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](https://jn.pt/jndireto)

Ouçã o podcast em [tsf.pt](https://tsf.pt)

#UmOutroPaís

Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/ISL

## Plantar o futuro na serra da Estrela

**ANA TERESA MATOS** Comprou uma propriedade nesta vila para poder pensar o mundo rural de maneira diferente. E também para compreender as vantagens das antigas técnicas agrícolas.

TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

**A**travessar o Folgosinho e seguir em frente. Continuar a subir a serra. Sempre a subir, até se chegar aos casais. Aqui, no topo dos montes, estão os Casais de Folgosinho.

A 900 metros de altitude existe um panorama em tudo semelhante à nossa imagem romântica da paisagem cultivada na serra da Estrela. Um misto de agricultura e natureza em estado selvagem. Ana Teresa Matos, de 29 anos, está aqui há três. Veio em busca de um sonho: procurar melhorar a nossa relação com estes ecossistemas.

Este é um território montanhoso que se desenvolveu em torno do Mondego. Espalhados por estes montes, de matos e lameiros, estão gerações de agricultores que se dedicaram ao pastoreio e ao cultivo. Existe nesta região um equilíbrio delicado entre o homem e a natureza. Uma harmonia que se estende pelos campos de centeio, passa pelos cursos de água e pela vegeta-

ção autóctone que resiste, numa coexistência entre homem, fauna e flora. Ana conhece esta paisagem há muito. Acompanhava o pai, que, na primavera, se mudava para esta região para estudar um vírus na lagartixa-de-montanha. O biólogo e virologista vinha para o planalto central da serra da Estrela e trazia a filha, ainda criança.

A pequena assistente foi-se habituando à paisagem, a conhecer este meio ambiente e transformando-se numa admiradora deste equilíbrio tranquilo. Tendo crescido numa aldeia em Mafra, passou a vida em peregrinação para estudar em Lisboa. Sempre que ia para a universidade e percorria o itinerário em direção à capital, "olhava para a poluição, para o ruído, e ficava com dores de cabeça. Só pensava 'vou estar o dia todo a respirar isto'", diz a propósito desses tempos. Desde a faculdade que foi desenhando um percurso para si: "Em Biologia come-

cei a ter noção dos problemas do mundo natural."

Foi ganhando a percepção de que o tipo de respeito pelo mundo natural e que tinha dominado a agricultura até à revolução industrial desapareceu com a introdução de máquinas e o consumo desenfreado de combustíveis fósseis. A paisagem, outrora dominada por árvores autóctones e pelos grandes herbívoros que de forma natural controlavam matos e fertilizavam os terrenos, foi-se degradando.

Num esforço para melhor compreender a floresta no nosso país, estudou Engenharia Florestal na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Estava a aproximar-se do território que desejava trabalhar e nela foi crescendo uma ideia: é possível fazer as coisas de forma diferente.

Quando chegou a altura, vendeu um lote de terra na aldeia natal e comprou um terreno aqui: cem hectares em pleno parque natural.

Depois de muito anos de sobrevoamento e desmatamento da serra da Estrela, o século XX foi de várias tentativas de reflorestação pouco respeitadoras da herança natural do território. Além disso, a migração da população e o progressivo abandono das terras de cultivo levou a que existisse um descontrolo no ordenamento deste território. Mas Ana Teresa acredita que ainda é possível captar algum do conhecimento na comunidade.

Interessa-lhe a preservação de uma "agricultura ancestral, ligada à natureza, e que não recorre a químicos ou indústria". Se há uns anos "existiam ainda vacas e cavalos a trabalhar a terra, hoje em dia só se veem tratores", o que implica um grande impacto na compactação dos solos e no consumo de combustíveis fósseis.

Na sua propriedade, nos Casais de Folgosinho, quer pensar o mundo rural de maneira diferente.

Quando conversámos tinha acabado de semear centeio (uma espécie de centeio de primavera) e andava a terminar o projeto para reflorestar a propriedade com carvalhos e castanheiros. Tem intenção de vedar o terreno, para que os animais de grande porte, como cavalos e vacas, possam por ali vagar à semelhança dos seus antepassados. Estes grandes herbívoros, em liberdade, numa zona de floresta autóctone, podem trabalhar a favor do controlo de materiais combustíveis, enquanto fertilizam a terra e preparam os prados para os ovinos: "O restauro passivo não requer muito trabalho, é deixar evoluir a natureza", explica.

Este é um esforço para reconstruir um ecossistema sustentável para homem, fauna e flora. Um meio ambiente com defesas para enfrentar pragas e outras catástrofes, sejam elas naturais ou provocadas pelo homem, como os incêndios. Com os vizinhos, espera compreender as vantagens das antigas técnicas agrícolas, como fazer o pão e como trabalhar o leite das ovelhas bordaleiras, que pastoreia. Aqui em Casais de Folgosinho está em curso um projeto que se esforça para demonstrar que não temos de andar sempre na busca do lucro e dos resultados económicos. Como Ana Teresa Matos defende, "é preciso andar um bocadinho para trás, para seguirmos todos em frente".

reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt

Figura 39 - Ana Teresa Matos, DN 30 julho



# Coração e comunicação

**PORTUGAL** Chegou ao fim o projeto que durante um mês contou as histórias de quem deixou as grandes cidades e foi viver para o interior.



TEXTO E FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

**H**oje não precisamos de subir a uma serra nem cruzar uma miríade de estradas municipais. Não vamos ao encontro de uma pastora em Casais de Folgosinho nem conhecer os Herdeiros do Moinho a Penamacor. Ou ao centro geodésico do país, em Vila de Rei. Na última peça impressa do projeto #UmOutroPaís, fazemos uma reflexão sobre esta aventura e o nosso lugar de conversa é uma sala de aula na Escola Superior de Comunicação Social (ESCS), onde esteve o coração deste projeto. Escrevemos coração porque este é um projeto de muito fôlego para quem trabalha nesta sala de forma inteira e voluntária.

Foi nesta sala, durante uma aula de Jorge Souto, professor na ESCS, que pela primeira vez surgiu a ideia de usar numa reportagem um conceito muito familiar ao mundo da ficção e do entretenimento. O conceito de *transmedia* já é uma forma de comunicar videojogos e sagas de entretenimento, como o mundo da banda desenhada. No nosso país,

contudo, existem poucos projetos na área da comunicação social que possam carregar esse título.

O professor tinha noção disso. O conceito, no plano teórico, é relativamente simples, mas para um produto informativo enfrenta algumas resistências. Diversas vezes tivemos de explicar a nossa ideia: à sombra do Castelo de Marvão, em Seia, no coração da serra da Estrela ou à volta de uma mesa, em Serpa.

A narrativa *transmedia* é frequentemente aplicada na ficção e muitas vezes esse era o exemplo dado aos entrevistados para explicar o projeto. O nosso #UmOutroPaís é como uma daquelas sagas em que vão aparecendo super-heróis. Frequentemente nestas epopeias os super-heróis vão desfilando na narrativa e cada um vai ajudando a contar uma história. Quem conhece este tipo de universo sabe que cada um destes personagens tem história própria e relevante.

A ideia do nosso projeto era criar uma história maior, um universo. Colocar no centro da discussão um tema relevante para a nossa socie-

• Todos os dias, cada fragmento de vida dos nossos heróis no interior do país foi contado e contribuiu mais um bocadinho para que a nossa narrativa, sobre coesão e desertificação, fizesse sentido.

dade através de vários super-heróis a contar a sua história. Há muitos meses que contamos na comunicação social muitas histórias relevantes: de doença, dor e sofrimento. Se, num ano de pandemia, todos precisamos de saber o que vai acontecendo à nossa volta, também é verdade que precisamos de continuar a viver.

O desafio partiu do professor, o mesmo da sala de aula onde começa esta história: "E se contássemos histórias de quem foi viver para o interior?" para lançar um diálogo sobre coesão territorial, mas pela positiva. Começámos então a contar uma história, muitas vezes contada, poucas vezes na primeira pessoa. Fomos construindo uma narrativa, de coragem, resiliência, resistência, alegria, tristeza e muita sinceridade. Lançámo-nos ao terreno à procura dessas histórias. Trinta histórias de pessoas que fizeram a escolha inversa à maioria dos nossos concidadãos.

Os primeiros resultados dos Censos 2021 são reveladores da desertificação do interior, da perda de

habitantes do nosso país e de quem premente é relançarmos esta discussão. Acrescentando valor a cada uma das peças deste *puzzle* demográfico, estas histórias contribuem para a discussão do momento: dois terços da nossa população vive amontoada num terço do território. Porquê?

Encontrámos muitas vivências em sentido contrário ao que consideramos normal. Com as histórias recolhidas precisávamos de as saber contar. Voltámos aos corações da nossa sala de aulas. Sabíamos que a nossa história tinha de ser contada na internet e nas redes sociais, ou seja, onde estão as pessoas.

Começou então um trabalho com um grupo de recém-licenciados da ESCS, a quem o professor lançou um repto: vamos ajudar a fazer o que ainda não está feito. A foi pensar em dividir cada uma das histórias para que o público pudesse aceder a cada uma delas nas várias plataformas. Persistentemente, com entusiasmo e dedicação, o Duarte Costa Lopes, o Diogo Nicolau, a Patrícia Silva, o Tiago Coelho e o Tiago Matos trabalharam dia e noite para que os conteúdos fossem coerentes e distintos. Durante todos os dias de julho, cada entrevista teve uma edição dedicada. Os vídeos publicados no sítio de internet do JN, texto e fotografia aqui no DN e o som diariamente na TSF. Conteúdos distintos ocuparam os *feeds* do Instagram do JN e o Facebook do DN. Outros, contando outras partes de cada história, foram editados e cuidadosamente publicados pelas redes do #UmOutroPaís.

Todos os dias, cada fragmento de vida dos nossos heróis no interior do país foi contado e contribuiu mais um bocadinho para que a nossa narrativa, sobre coesão e desertificação, fizesse sentido. Um exercício de coordenação extraordinário entre os meios envolvidos e os frutos desta equipa de jovens que se lançam agora no mercado de trabalho.

Mas se a ideia foi deixar-nos todos a refletir sobre o país, a forma como o fizemos, através do *transmedia*, pretende demonstrar que os meios de comunicação social podem ser relevantes para nós enquanto sociedade, ao suscitar questões que dizem respeito a todos, ao invés de apenas reagirem aos acontecimentos. Este universo *transmedia* sobre vidas vividas no interior aqui fica, para ser descoberto e percorrido nos vários meios por quem chega agora ou depois. Aqui, nesta sala, com estes corações, juntamente com os relatos dos muitos heróis que vão do Alvão até Alcoutim, mostrámos que existe #UmOutroPaís à nossa espera.


reinaldo.t.rodrigues@globalimagens.pt

▶ Veja todas as histórias em [dn.pt](#) ▶ Veja o vídeo em [jn.pt/jndireto](#) ▶ Ouça o podcast em [tsf.pt](#) #UmOutroPaís Projeto coproduzido com Escola Superior de Comunicação Social/IPS


Figura 40 - Artigo de conclusão do projeto, DN 31 julho




**JN** | [O Diário](#) | [National](#) | [Local](#) | [Família](#) | [Mundo](#) | [Economia](#) | [Desporto](#) | [Pessoas](#) | [Inovação](#) | [Cultura](#) | [Opinião](#) | [NI](#) | [TVG](#) | [Mais Notícias](#)




**"Um Outro País"**  
**José Domingues, a força da tecnologia na Covilhã**



**"Um Outro País"**  
**Ana Rita Veríssimo dedica-se à apicultura em Mação**




**"Um Outro País"**  
**Rui Cerveira abriu uma restaurante gourmet no Sabugal**



**Esta casa pré-fabricada sustentável foi construída em duas semanas**


---



**"Um Outro País"**  
**Susana e Miguel trocaram Lisboa por Vila de Rei para baixar o ritmo de...**

**"Um Outro País"**  
**Ana Patricia Martins e Fábio Gerardo, sonhos, queijos e...**

Ana Patricia Martins e Fábio Gerardo deixaram o stress de Lisboa para se dedicarem aos queijos e cabanos em Fornos de Algodres e até já criaram a marca "Queijos do Mondego".




**"Um Outro País"**  
**Bruno Ramos, o pioneiro das Aldeias do Xisto**

---

**"Um Outro País"**  
**António Sá, viver a natureza no Parque Natural de...**

António Sá vive na cidade de Espinho pelos sons de Sinagoga e vive dentro do SIDA numa das 52 aldeias que existem no Parque Nacional de Montesinho. O episódio nove de "Um Outro País" é sobre este fotógrafo.




**"Um Outro País"**  
**Héla Sales, fazer ciência em Oliveira do Hospital**

**"Um Outro País"**  
**André Brás, lutar pela saúde em Ferreira do Zêzere**

Neste último episódio de "Um Outro País" conhecemos a história de André Brás, enfermeiro, 41 anos. Viveu em Coimbra até terminar a curso e agora luta pela saúde em Ferreira do Zêzere.


---



**"Um Outro País"**  
**Carla Costa, largar a correria e regressar a Mondim de Basto**


**"Um Outro País"**  
**Paula Taborda, da marginal de Cascais à herdade da Ribeira ...**

A herdade de Paula Taborda é o quinto episódio de "Um Outro País", um projeto sobre quatro aldeias da litoral e das grandes cidades para repositar o interior do país.




**"Um Outro País"**  
**Nuno Miguel Coelho, engenheiro transformado em pastor em Alcoutim**

---



**"Um Outro País"**  
**Anabela Martins e Rui Marcelo, herdeiros do Molinho em Penamacor**

**"Um Outro País"**  
**António Morgado, viver e restaurar o património em Fornos de Algodres**



**"Um Outro País"**  
**Avelino Rego, da emigração quase certa para a Serra do Alvão**

[VER MAIS](#)

[Novidades](#) | [Mapa de Site](#)

**Quer mais artigos do JN e as newsletters editoriais no seu e-mail?**

Preencha os campos do formulário e as notícias de última hora "vão aqui um minuto".

Figura 42 - Página web JN Direto dedicada ao projeto (2)

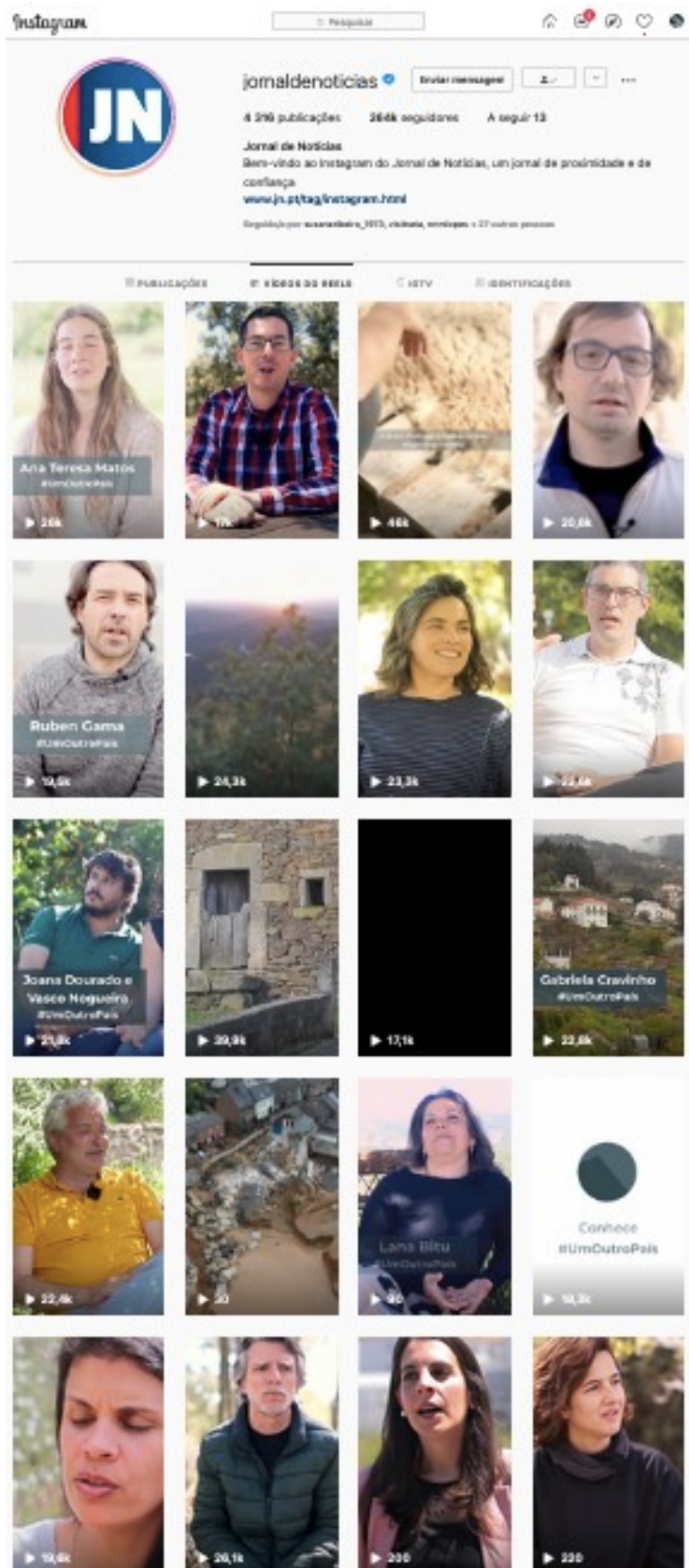








Figura 43 - Conteúdos reels no Instagram do JN

12/00000

# #UmOutroPaís na primeira narrativa transmídia em Portugal

14 julho 2020 • 20:07

PARTEILHA

-  Facebook
-  Twitter
-  WhatsApp
-  Email
- 
- 



**N**um país no qual dois terços da população vivem e trabalham no litoral, escolhemos olhar para quem fez o caminho inverso. São 30 histórias na primeira pessoa e compõem a primeira narrativa transmídia em Portugal, um projeto coproduzido com a [Escola Superior de Comunicação/ISEL](#).

Há pastores e professores, donos de burros e de unidades turísticas. São três dezenas de histórias, sobre pessoas que escolheram ir viver para o interior, deixando o litoral para trás, sobretudo nas cidades situadas no eixo Lisboa-Porto.

Para levantar questões como a desertificação e a coesão territorial e, ao mesmo tempo, envolver novos públicos, o projeto #UmOutroPaís, com assinatura de [Reinaldo Rodrigues](#), jornalista do Global Media Group, encontra uma nova forma de desbravar caminhos, com as histórias de pessoas reais, publicadas em diversos formatos nas diferentes plataformas do grupo GMG.

Para [ler no DN](#), [ver no JN](#) e [ouvir na TSF](#). Siga-nos por [#UmOutroPaís](#), também nas redes sociais [Facebook](#) e [Instagram](#) do projeto.

## SUBSCREVER NEWSLETTER

Subscreva a nossa newsletter e tenha as notícias no seu e-mail todos os dias

[SUBSCREVER](#)



LEIA TAMBÉM

[#UmOutroPaís: Histórias de quem mudou de vida](#)

PARTEILHA ESTE ARTIGO

-  Facebook
-  Twitter
-  WhatsApp
-  Email
- 

#UmOutroPaís

**dinheiro vivo**

**NEWSLETTER**

Fazer a receber informação de interesse no seu computador.

[SUBSCREVER](#)

TSF 30 EMISSÕES DISPONÍVEIS

Portugal Mundo Notícias Desporto Futuro Programas Mais Vistas

30 EMISSÕES DISPONÍVEIS

PROPOSTAS DE EMISSÕES

JUL 2021

30 Jul 2021

**Ana Teresa Matos, repensar a terra em Casais de Folgosinho**

30 Jul 2021

30 Jul 2021 **Ana Teresa Matos, repensar a terra em Casais de Folgosinho** Partilhar

29 Jul 2021 **Igor Maciel, um geólogo na região das minas em Aljustrel** Partilhar

28 Jul 2021 **Marty e Susana O'Connell: ensinar e ensinar em Marvão** Partilhar

27 Jul 2021 **Nuno Silva, o professor tranquilo de Penamacor** Partilhar

26 Jul 2021 **Balena Gama, trabalhar a vida em Arganil** Partilhar

25 Jul 2021 **Ana Cruz, finalmente viver no interior em Seia** Partilhar

24 Jul 2021 **Nuno Frade e Paulo Costa, despir as preceções em Mo...** Partilhar

23 Jul 2021 **Luisa Grácio e Pedro Alves, observar Cascais e viver no S...** Partilhar

22 Jul 2021 **Vasco Nogueira e Joana Dourado: música, saúde e ideais ...** Partilhar

21 Jul 2021 **Andréia Proença, a missão digital de Videmonte** Partilhar

20 Jul 2021 **Igor Costa, em comunhão com a natureza de Rio de Mai** Partilhar

19 Jul 2021 **Maria Gabriel Cruzinho, o serviço público à sombra da Se...** Partilhar

18 Jul 2021 **Filipa Gambino e Rui Poljédo, editar para o mundo, de Fa...** Partilhar

17 Jul 2021 **Bedello Sater Carvalho, o gamer que agora é quejira e...** Partilhar

16 Jul 2021 **Lara Rita, entre o Brasil e a Índia, está Seia** Partilhar

Figura 45 - Página de programas TSF (1)

TSF Portugal Mundo Notícias Desporto Futuro Programas Mais Vistas

**PROGRAMAS**

**Um Outro País**

Num país em que a população se fixa, cada vez mais, em torno dos grandes centros urbanos do litoral, pertencem ao encontro de quem faz a procura inversa. Na primeira pessoa, e escutando experiências, sonhos, ambições e também dificuldades de trinta pessoas que mudaram de vida e rumaram ao interior de Portugal. Histórias sobre o território, a coesão e a desertificação, pela jornalista Reinaldo Rodrigues, em colaboração com a TSC/TFI. Para ouvir na TSF todos os dias, pelas 7H45, com repetição depois das 16H30, até 31 de julho. #UmOutroPaís

30 EMISSÕES DISPONÍVEIS

PROCURAR EMISSÕES

JUL 2021

3	T	Q	Q	3	Q	D
04	05	06	07	08	09	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

**Ana Teresa Matos, repensar a terra em Casais de Folgosinho**

30 Jul 2021

15 Jul 2021 **João Domingues, a força da tecnologia na Covilhã**

14 Jul 2021 **Ana Rita Viveiros, da arquitectura à apicultura em Mação**

13 Jul 2021 **Rui Carneiro, gourmet rural no Sabugal**

12 Jul 2021 **Suzana Alves, balnear e ritmo em Vila de Rei**

11 Jul 2021 **Ana Patrícia Martins e Fábio Garcia, sonhos, queijos e c...**

10 Jul 2021 **Bruno Ramos, o planeiro das aldeias do Xisto**

9 Jul 2021 **António Sá, viver a natureza no Parque Natural de Monte...**

8 Jul 2021 **Hélia Sales, fazer ciência em Oliveira do Hospital**

7 Jul 2021 **André Brito e o leite pela saúde em Ferreira do Zêzere**

6 Jul 2021 **Carla Costa, largar a carreira e regressar a Mendonça de Ba...**

5 Jul 2021 **Paula Taborda, da marginal de Cascais à Verdade da Ribe...**

4 Jul 2021 **Runo Miguel Coelho, O engenheiro transformado em past...**

3 Jul 2021 **Arabela Martins e Rui Marcelo, os herdeiros do Malhão e...**

2 Jul 2021 **António Morgado, viver e restaurar o património em Fern...**

1 Jul 2021 **Avelino Rago, da emigração quase certa para a Serra de ...**

Figura 46 - Página de programas TSF (2)

UM OUTRO PAÍS

PODCAST

# TSF - Um Outro País - Podcast

Reinaldo Rodrigues / ESCS/IPL / TSF

UPGRADE

reinaldophoto

FOLLOWING

All Episodes Newest to Oldest

**Ana Teresa Matos, repensar a terra em Casais de Folgosinho**

Edição de 30 de Julho 2021

Jul 30 · 5 min

**Igor Morais, um geólogo na região das minas em Aljustrel**

Edição de 29 Julho 2021

Jul 29 · 5 min

## About

Num país em que a população se fixa, cada vez mais, em torno dos grandes centros urbanos do litoral, partimos ao encontro de quem faz o percurso inverso. Na primeira pessoa, escutamos experiências, sonhos, ambições e também dificuldades de trinta pessoas que mudaram de vida e rumaram ao interior de Portugal. Histórias sobre o território, a coesão e a desertificação, pelo jornalista Reinaldo Rodrigues, em colaboração com a ESCS/IPL. Para ouvir na TSF todos os dias, pelas 7h45, com repetição depois das 16h30, até 31 de julho. #UmOutroPaís

**show less**

Figura 47 - Página com os programas em formato podcast no Spotify

## Anexos B – Reprodução de publicação na ESCS

The image is a screenshot of the ESCS website. At the top, there is a navigation bar with the ESCS logo and menu items: HOME, ESCOLA, CURSOS, INVESTIGAÇÃO, INTERNACIONAL, COMUNIDADE, ALIANÇAS, and DOCENTES. Below the navigation bar, there is a red banner with the text "À DESCOBERTA DE #UMOUTROPAÍS".

The main content area features an article titled "Um Outro País" with a sub-header "Publicado 04 julho 2021". The article text describes the project as a transmedia development by the research group "Novas Realidades" in the areas of "Audiovisual e Multimédia (NM)". It mentions that the project involves 20 students who traveled to various parts of Portugal. The article also lists the project coordinators: Prof. Doutor Jorge Sousa, and collaborators: Patrícia Silva, Tiago Correira, and Tiago Matos.

Below the text, there is a photograph of the project team members. To the right of the article, there is a sidebar with a section titled "Últimos artigos" (Latest articles) listing other recent publications.

Below the main article text, there is a section titled "Visibilidade mediática" (Media visibility). It features a circular logo with the text "UM OUTRO PAÍS" and a detailed description of the project's media reach. The text states that the project has been featured in various media outlets, including the Diário de Notícias, Jornal de Notícias, and various social media platforms like Facebook and Instagram.

Below the "Visibilidade mediática" section, there is a section titled "Um projeto inovador" (An innovative project). It describes the project as a first-of-its-kind transmedia project in Portugal, involving 20 students and coordinated by Prof. Doutor Jorge Sousa. It highlights the project's focus on digital media and its innovative approach to journalism and communication.

At the bottom of the article, there is a photograph of the project's first issue, "Diário de Notícias", and a caption: "A primeira edição do projeto 'Um Outro País' lançada sexta 1 de julho. Imagem: site do projeto 'Um Outro País'".

Figura 48 - Artigo na página web da ESCS

## Anexos C – Reprodução de publicações nos meios do projeto

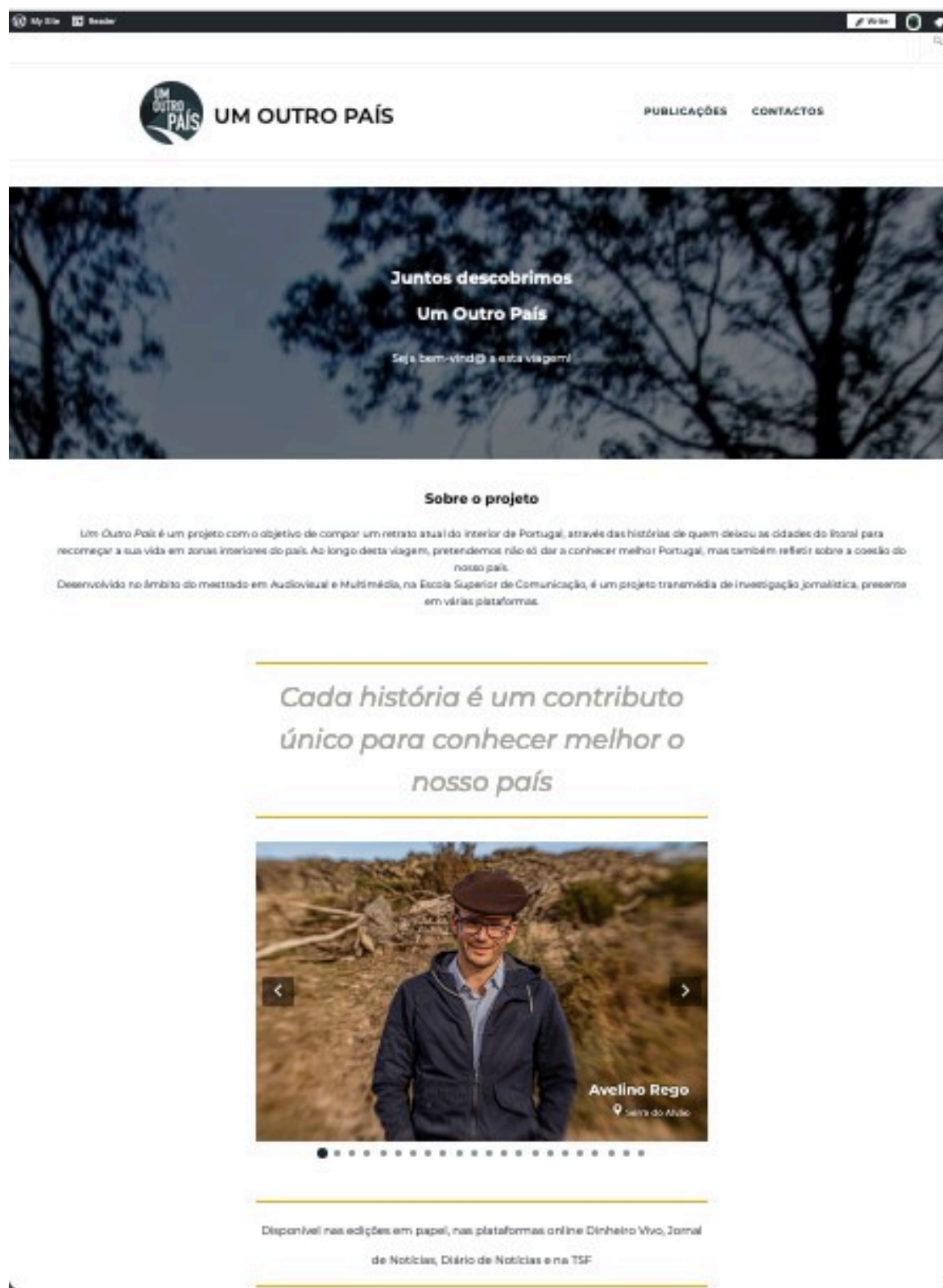


Figura 49 - Página Web #UmOutroPaís (1)



Figura 50 - Página Web #UmOutroPaís (2)

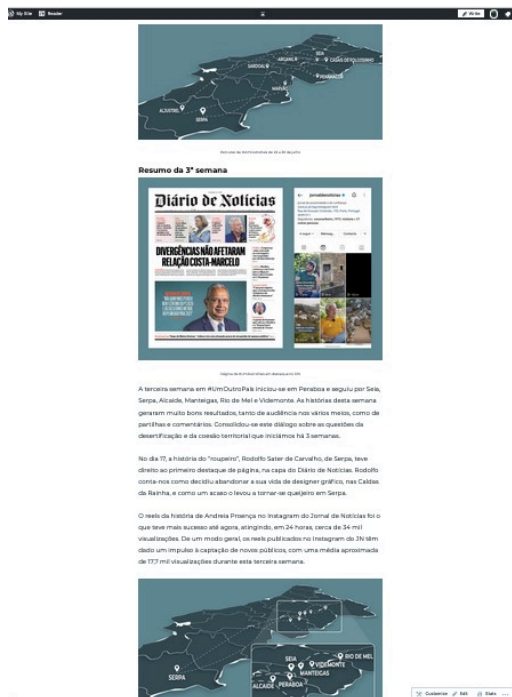


Figura 51 - Página Web #UmOutroPaís (3)

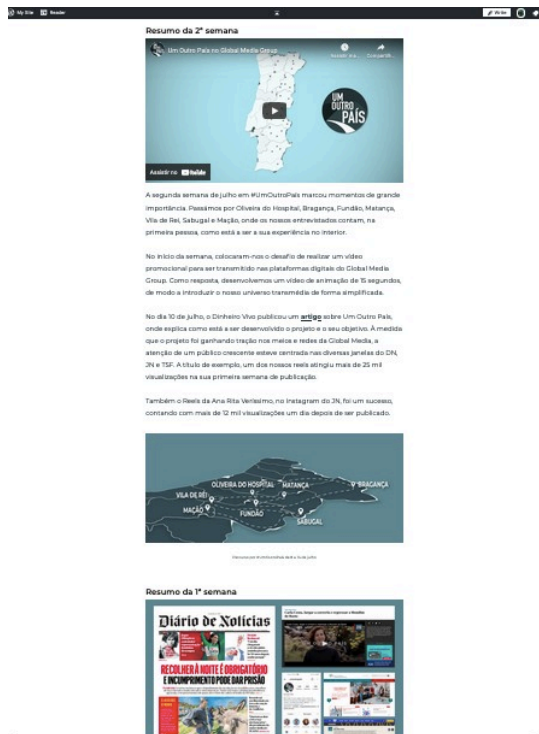


Figura 52 - Página Web #UmOutroPaís (4)



Figura 53 - Página Web #UmOutroPaís (5)





Figura 56 - Instagram #UmOutroPaís (1)

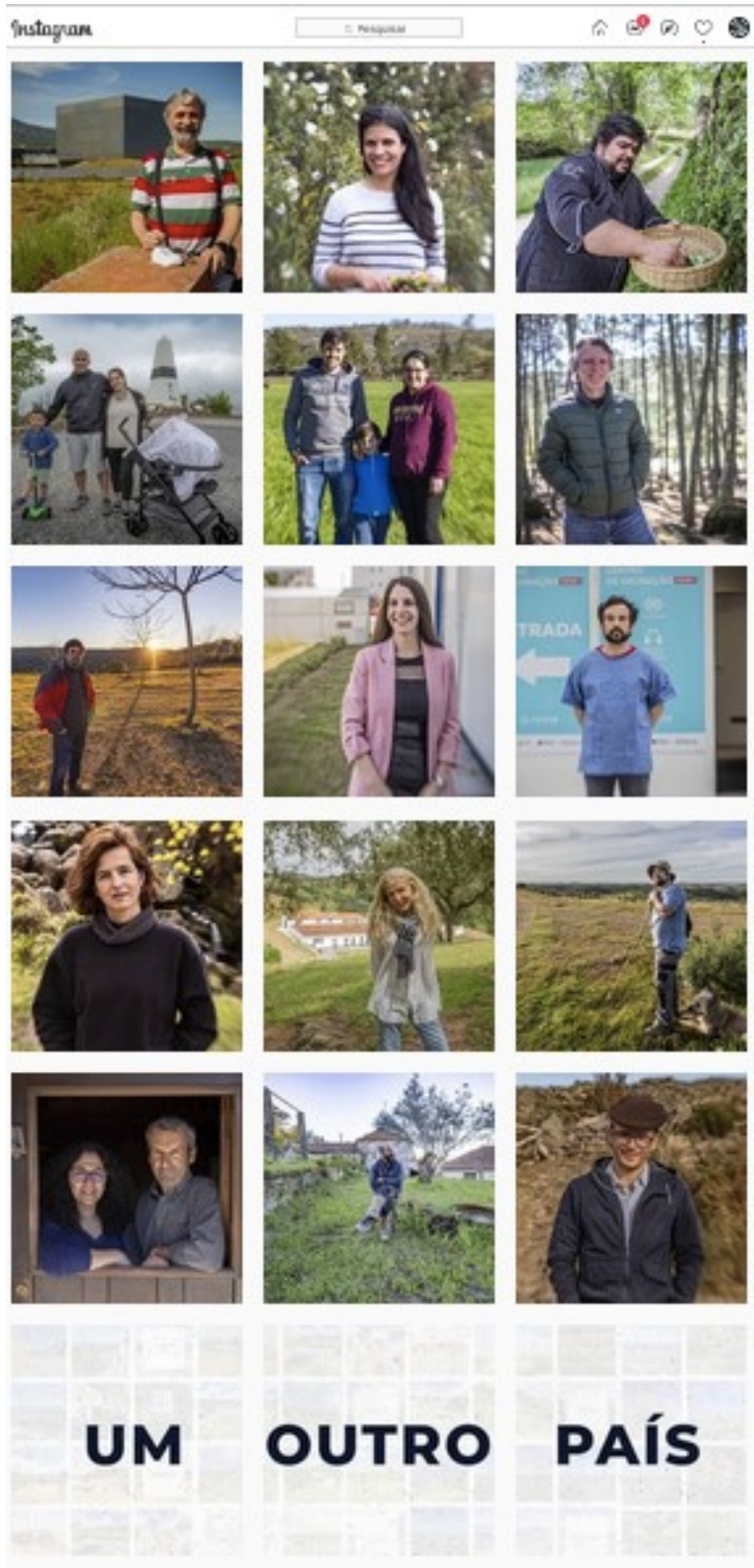


Figura 57 - Instagram #UmOutroPaís (2)

**Um Outro País**  
@umoutropais · Jornalistas

Publicado por **Renata Rodrigues** em 09 de março de 2018

Estamos a conduzir uma série de reportagens que versam sobre a terra da costa litoral e a importância do interior para o desenvolvimento do país. Neste sentido, estamos a conduzir este trabalho em vários municípios do Portugal Continental e procuramos pessoas de perfil ativo, que tenham vontade e gosto para viver no vosso município. Não é importante se são pessoas angélicas do céu, para este projeto o que é importante, é encontrar cidadãos que vivam em cidades junto ao litoral e escolham ir para o interior do país. Na próxima semana estamos a reportar nos concelhos de Aguiar de Sousa, Almeida, Fornos de Algodres, Marzagão, Meda, Penamacor, Sernanheira, Taboão, Trancoso, e Vila Nova de Paiva. **SE QUISER PARTICIPAR Contacte-nos!**

# HISTÓRIAS PROCURAM-SE!

*Se vivia no litoral e escolheu viver e trabalhar no interior contacte-nos !!!*

480 Pessoas atingidas · 21 Interações · Classificação de distribuição

2 comentários · 1 partilha

Comentar como **Um Outro País**

**Renata Rodrigues**  
Alicia Morgado viu dar o teu contacto ao Renata Rodrigues 😊  
Reage · Responder · 30 sem

É possível adicionar o teu nome e alguns comentários, porém, em todo o momento.

Figura 58 - Facebook #UmOutroPaís

## Anexos D – Reprodução de documento de trabalho no Google Docs

### UM OUTRO PAÍS

Email: [um.outro.pais.2021@gmail.com](mailto:um.outro.pais.2021@gmail.com)

Facebook [umoutropaisfb@gmail.com](mailto:umoutropaisfb@gmail.com)

Instagram: umoutropais

### Redes Sociais e Website

Wordpress: <https://umoutropais.wordpress.com/>

Facebook:

Instagram:

Base de pesquisa

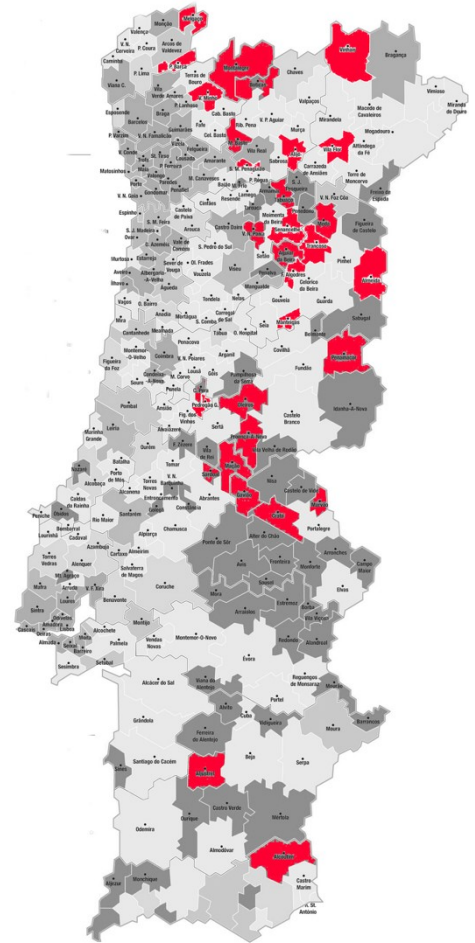
- Unidade de Missão para a valorização do interior:

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-/ficheiros-coesao-territorial/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-o-interior-em-numeros-os-territorios-do-interior-pdf.aspx>

LISTA DE LUGARES QUE ESTÃO A VERMELHO NO MAPA, contactados:

1. Melgaço (Viana do Castelo)
2. Ponte de Barca (Viana do Castelo)

3. Montalegre (Vila Real)
4. Vieira do Minho (Braga)
5. Boticas (Vila Real)
6. Vinhais (Bragança)
7. **Mondim de Basto (Vila Real) → Carla Costa**
8. Alijó (Vila Real)
9. Vila Flor (Bragança)
10. Santa Marta de Penaguião (Vila Real)
11. Tabuaço (Viseu)
12. Vila Nova de Paiva (Viseu)
13. Sernancelhe (Viseu)
14. Meda (Guarda)
15. Trancoso (Guarda)
16. Aguiar da Beira (Guarda)
17. **Fornos de Algodres (Guarda)**
18. Almeida (Guarda)
19. Manteigas (Guarda)
20. **Penamacor (Castelo Branco) → Anabela Martins/Rui Marcelo + Nuno Silva**
21. Pedrógão Grande (Leiria)
22. Oleiros (Castelo Branco)
23. Proença-a-Nova (Castelo Branco)
24. Mação (Santarém)
25. Sardoal (Santarém)
26. Gavião (Portalegre)
27. Crato (Portalegre)
28. Marvão (Portalegre)
29. Aljustrel (Beja)
30. **Alcoutim (Faro) → Nuno Miguel Coelho**



FONTE: DGS - INFOGRVIA.JN

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>M / F</b>	<b>Antiga Ocupação</b>	<b>Origem</b>	<b>Profissão</b>	<b>Localidade</b>	<b>Concelho</b>	<b>Anos</b>	<b>Observações</b>	<b>FB</b>	<b>INSTA</b>
-------------	--------------	--------------	------------------------	---------------	------------------	-------------------	-----------------	-------------	--------------------	-----------	--------------

Nuno Miguel Coelho	47	M	Engenheiro Segurança Agro Alimentar	Alverca	Pastor	Corte da Seda	Alcoutim	10	Foi viver para ali perto dos Pais com a namorada (Daniela), que não aguentou o isolamento e foi embora há um ano e meio. Toma conta de cabras às vezes com um drone. Continua a fazer fiscalização de obra para uma empresa de construção civil e está a fazer formação online		
--------------------	----	---	-------------------------------------	---------	--------	---------------	----------	----	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Anabela Martins	50	F	Empresa de Mineração	Queluz	T.Rural Moinho do Maneio	Moinho do Maneio / Serra da Malcata	Penamacor	10	Casal que vivia em Lisboa (Queluz) e decidiu recuperar um espaço na família do marido há 10 na sequência da crise de 2011/2012. Ele era jornalista da Motojornal e ela trabalhava numa empresa de mineração. "Queria viver aqui até ao resto da minha vida"		
-----------------	----	---	----------------------	--------	--------------------------	-------------------------------------	-----------	----	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Rui Marcelo	48	M	Jornalista	Queluz	T.Rural Moinho do Maneio	Moinho do Maneio / Serra da Malcata	Penamacor	10	Queixam-se de falta de mão de obra e no facto de o fecho das fronteiras ser muito penalizador muitos dos fornecedores vêm de Espanha. Ele continua a trabalhar como jornalista em Lisboa. Tem também uma exploração de frutos silvestres ali perto.		
----------------	----	---	------------	--------	-----------------------------------	----------------------------------------------	-----------	----	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Nuno Silva	44	M	Professor de Educação Física	Porto	Professor de Educação Física	Penamacor	Penamacor	4	Tem três filhos e é bastante empreendedor tem um negocio como videografo e quer arranjar CP de jornalista- Já passou duas vezes por penamacor e salienta a qualidade de vida como positivo e a saúde como negativo		
------------	----	---	------------------------------	-------	------------------------------	-----------	-----------	---	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Avelino Rêgo	37	M	Engenheiro Informático	Porto	Criador Gado	Lamas	Ribeira de Pena/Serra do Alvão	10	Filho de criadores de Vaca Maronesa os pais sempre quiseram que ele estudasse para não ter a mesma vida. Depois de 8 anos a estudar e trabalhar no Porto na véspera de emigrar para Suíça uma conversa com o tio fez-lo regressar à aldeia. Defende a criação de gado na perspectiva ecológica e é um dinamizador da racionalização dos baldios. Está junto com uma rapariga e vão ter o primeiro filho		
--------------	----	---	------------------------	-------	--------------	-------	--------------------------------	----	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Carla Costa	45	F	Diretora de Marketing	Porto	Guia Turística	Mondim de Basto	Mondim de Basto	3	Era diretora de Marketing numa marca de luxo. Teve um problema grave de saúde, um Meningioma cerebral e decidiu mudar de vida. Tem uma empresa de caminhadas e trabalha em comunhão com os pastores da Serra do Alvão. Tem já resultados bastante eficazes porque além de empreendedora é muito ativa nas redes sociais.		
-------------	----	---	-----------------------	-------	----------------	-----------------	-----------------	---	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

António Sá	52	M	Fotógrafo	Espinho	Fotógrafo e tem um turismo	Lagomar	Bragança	10	Fotógrafo freelancer, colaborador regular da National Geographic. Vive com a mulher dois filhos no <b>Parque Natural de Montesinho</b> . Está mais próximo de Madrid do que Lisboa e isso tem vantagens para o seu trabalho. Continua a ter muito trabalho e faz passeios fotográficos pelo parque com os seus clientes. O turismo é muito bonito e tem um ar nórdico. A mulher escreve.	como é o passeio, o que é que se observa?	de um outro país se chega rapidamente ao mundo;  Montesinho é um dos pontos melhores para observação de aves de grande porte (Faia Brava)
------------	----	---	-----------	---------	----------------------------	---------	----------	----	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Ana Patricia Martins e Fábio Gerardo	34 e 32		Engenheiros licenciados	Lisboa	Exploração agropecuária	Matança	Fornos de Algodres	10	Fábio é natural da aldeia e ela é do Barreio. O filho Afonso já nasceu ali. Ele sempre quis ir para a terra dos Avós e ela acompanhou-o. Tem uma exploração com 250 cabras e produzem queijo. Estão a construir uma nova queijaria e são empreendedores. Ela está grávida		
--------------------------------------	---------	--	-------------------------	--------	-------------------------	---------	--------------------	----	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

António Morgado	44	M	Conservador Restaurador	Lisboa	Conservador Restaurador	Muxagata	Fornos de Algodres	3	António e Rita compraram uma casa numa aldeia perto da Serra da Estrela. Estão a recuperar a casa. Foram para ali com uns amigos com o intuito de criarem produtos biológicos mas o projeto não chegou a arrancar e os amigos estão numa aldeia em Gouveia. Trabalham como conservadores restauradores na região (agora numa obra em Aguiar da Beira).		
-----------------	----	---	-------------------------	--------	-------------------------	----------	--------------------	---	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Ruben Gama	39	M	Engenheiro Produção Animal	Lisboa	Produtor de Cogumelos	Arganil	Arganil	11	Não arranjava trabalho em Lisboa e Veio para Arganil onde trabalhou numa quinta . Depois candidatou-se a um subsídio e conseguiu lançar a própria produção .Um momento traumático dos incêndios de 2017... Depois de ter vindo teve dois filhos tem uma frase interessante: "Trabalhar a vida"	(se houver fotos) o cogumelo selvagem era um recurso que as comunidades usavam para complementar a alimentação. Ir aos cogumelos juntava as famílias e os mais velhos	Diferentes cogumelos de exploração (pleurotus?); o cogumelo não é vegetal nem animal...
------------	----	---	----------------------------------	--------	-----------------------------	---------	---------	----	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------

Rui Cerveira	42	M	Chef de Cozinha	Lisboa	Chef de Cozinha	Casteleiro	Sabugal	13	Experimentou vários sítios: Alentejo, Açores mas a terra dos avós era ali e ali fez um restaurante chamado Casa da Esquila. Cozinha recorrendo a ingredientes que recolhe nos campos da zona . É emocional não conseguiu responder a uma pergunta pq se lembrou de um amigo dos Açores que vivia em Santarém e morreu sem que tivessem oportunidade se verem. Se pudesse punha o estádio da Luz na terra	fotos da paixão clubistica? há casas do Benfica, porto e sporten g em todo o país	fotos comida com ingredientes locais
--------------	----	---	-----------------	--------	-----------------	------------	---------	----	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------

Bruno Ramos	47	M	Jornalista	Almad a	Diretor de Comuni cação Aldeias do Xisto	Fundão	Fundão	20	Fez a opção de ir para ali depois de uma conferencia do atual presidente da cm fundão. É bastante reflexivo sobre o interior e é a entrevista mais extensa que temos.	projetos aldeias do xisto; cerejas;	dark sky(lança do maio 2021)- o isolamento do interior como oportunidade
-------------	----	---	------------	------------	---------------------------------------------------------	--------	--------	----	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------

Ana Rita Verissimo	41	F	Arquiteta	Lisboa	Apicultor	Mação	Mação	1,6	com raízes familiares em Mação estavam a pensar há muito em mudar o marido candidatou-se a um fundo como não havia desenvolvimentos decidiu vender tudo despedir-se a abraçar o projeto... tinha muito medo de abelhas . Bee mação	o mel é o único alimento que aguenta milhares de anos sem se estragar	(Fátima Lopes tb tem refúgio em Mação) a flora local e o mel
--------------------	----	---	-----------	--------	-----------	-------	-------	-----	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------

Maria Gabriela Cravinho	58	F	Funcionária Pública, jurista	Tavira	Funcionária Pública, chefe de divisão	Manteigas	Manteigas	16	Jurista, Concorreu de Lisboa para cima, só tem pena de não ter aqui a Ria Formosa. Apaixonou-se instantaneamente e nunca tinha ali ido ...amor à primeira vista	Serra da Estrela	
-------------------------	----	---	------------------------------	--------	---------------------------------------	-----------	-----------	----	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------	--

Paula Taborda	60	F	Diretora hoteleira	Cascais	Médica	Ribeira de Borba	Vila Viçosa	0,8	Nasceu no Congo e veio para PT há vinte anos. Médica de formação teve um prolema oncológico e dá ideia de que se foi desinteressando pela profissão. Há 8 meses aceitou o desafio de ir tomar conta de uma herdade em Borba. Tem saudades dos filhos e dos três netos mas por enquanto não tem saudades de nada da grande cidade.		
---------------	----	---	--------------------	---------	--------	------------------	-------------	-----	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Igor Morais	32	M	Geologo	COimbra	Geologo	Aljustrel	Aljustrel	6	De Coimbra fez o curso de geologia sempre a achar que iria dar aulas. Conseguiu ir trabalhar para a mina de Neves Corvo e depois de um período de desemprego conseguiu uma bola se investigação e mais tard conseguiu emprego à custa do PREVPAV no LNEG . Conheceu a mulher em Aljustrel e têm um filho de dois anos	o que é uma pirite?	
-------------	----	---	---------	---------	---------	-----------	-----------	---	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------	--

Ana Cravo	32		Engenheira Ambiente	Lisboa	Engenheira Ambiente	Seia	Seia	9 meses	Engenheira ambiente, nasceu e cresceu em Lisboa mas a mãe é de Seia . Foi lá que durante as férias conheceu o marido romeno. Sempre quis rumar ao interior e a oportunidade apareceu-lhe com a associação aldeias de montanha. O pior naquela zona é a habitação pouco preparada para as temperaturas extremas		
-----------	----	--	---------------------	--------	---------------------	------	------	---------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Nuno Frade e Paula Costa			Informáticos	Sintra	Parque Naturalista	Maral	Marvão	10 anos	De Sintra foram para Marvão criar um dos 3 parques campismo naturalista do país. São Escuteiros e o parque é bastante despojado e estava sem hóspedes na altura		
--------------------------	--	--	--------------	--------	--------------------	-------	--------	---------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Marty e susan O'Connell	53 e 43		Tosquiador de ovelhas	Nómada	Tosquiador	Marvão	Marvão	9	<p>Ele é neozelandes faz há trinta anos trabalho de nomada como tosquiador, conheceram-se há 14 anos na escocia e tem um filho. Andaram à procura de um sitio para se fixar e acabaram por ficar apaixonados por Marvão. Percorre o interior a fazer o seu trabalho. Vão passar uma temporada à nova zelandia mas consideram Marvão a sua Casa.</p>		
-------------------------	---------	--	-----------------------	--------	------------	--------	--------	---	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

José Domingues	61	M	Informático	Lisboa	Administrador de Sistemas	Peraboa	Covilhã	6	Foi trabalhar no centro altice com a condição de ir para ali viver. Está habituado a conhecer ao país mas adora viver na aldeia. Da comida e do trabalho. Mudou-se porque a oferta salarial era boa e o dinheiro ali rende mais. Sente falta de uma loja de discos		
----------------	----	---	-------------	--------	---------------------------	---------	---------	---	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Filipa Gambino e Rui Pelejeão	39 e 47		Editora de Video e Jornalista	Lisboa	Editora de Video e Jornalista	Alcaide	Covilhã	4	Estavam fartos de viver em Lisboa e queriam ter um filho (ela está grávida da Maria Rita). Ele está no JFundão mas isso só surgiu depois de se mudarem. Apaixoram-se pela aldeia num fim de tarde na tasca local.		
-------------------------------	---------	--	-------------------------------	--------	-------------------------------	---------	---------	---	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Lana bitu	48	F	jornalista	São Paulo	Jornalista	Seia	Seia	10 meses	Fugiu da pandemia do Brasil e coordena vários projetos editoriais. O marido é de Seia e ela trabalha como publisher da Cara para a Índia. Não quis ficar em Lisboa preferiu a qualidade de vida de Seia		
-----------	----	---	------------	-----------	------------	------	------	----------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Andreia Proença	26	F	Gestora de Produto	Porto	Gestora de Produto	Videmonte	Guarda	1	Fugiu da pandemia. Trabalha para uma multinacional de produtos de luxo apartir da aldeia. um dos problemas é o acesso à net e está à espera da abertura de um cowork na aldeia para compensar a falta de socialização		

Luísa Grácio e Pedro Alves	34 e 34		Professora e gestor de sinistros	Cascais	Professora e gestor de sinistros	Monte Cimeiro	Sardoal	5 meses	<p>Ela sempre quis viver aqui. Estiveram ambos infetados e isso fez-os perceber que queriam viver aqui com mais qualidade de vida. Ela teve um acidente de trabalho e preferiu desempregar-se e ser feliz aqui. Ambos são motards (ele pediu-a em casamento num encontro) e ele coordena o serviço de uma empresa de reboques a partir daqui. Uma das principais dificuldades é "a net que em Lisboa é como água". Tem umas ovelhas mas de estimação</p>		
----------------------------	---------	--	----------------------------------	---------	----------------------------------	---------------	---------	---------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Rodolfo Sater Carvalho	29	M	Designers	Vila Franca de Xira	Roupeiro	Serpa	Serpa	Conheceu a mulher alentejana nas Caldas da Rainha na ESAD e decidiu ir para Serpa com ela criar o gabinete: alfazema de comunicação. É um geek informático até tinha uma máquina de mineração de criptomoedas. Um dia foi tentado a fazer queijo e foi aprendendo com os produtores regionais. Ganhou uma medalha de ouro e outra de prata com o seus queijos.		
------------------------	----	---	-----------	---------------------	----------	-------	-------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Vasco Nogueira e Joana Dourado	39 e		Médico e engenheira	Coimbr a		Serpa	Serpa		Médico psiquiatra estava no hospital da Figueira da Foz com a carreira estagnada e decidiu rumar a Beja. Seguindo os apelos para que médicos rumem a zonas carenciadas. Ela era bolseira e conseguiu emprego na CCDR Alentejo. ambos tem um discurso político de esquerda e com forte ligação ao GEFAC -Grupo Etnográfico Folclore Academia de coimbra		
--------------------------------	------	--	---------------------	----------	--	-------	-------	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Helia Sales		F	investigadora	Coimbr a	investigadora	Lagares da Beira	Oliveira do Hospital		Veio de Coimbra é conduz investigação sobre a Oliveira Galega. O centro é muito interessante porque é muito high tech no meio do campo. Aqui como investigadora teve oportunidades que dificilmente teria se ficasse na sua cidade de origem.		<a href="https://www.pordata.pt/Municipios">https://www.pordata.pt/Municipios</a>
-------------	--	---	---------------	-------------	---------------	------------------	----------------------	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-----------------------------------------------------------------------------------

Igor Costa		M	Professor	Aveiro	Produtor florestal	Rio de Mel	Oliveira do Hospital		<p>Cansado da vida de professor e da itinerância dedicou-se à produção florestal. Vive com uma artista plastica que não quis dar a cara e tem um filho o Sebastião. A aldeia fica na fronteira com o parque natural da serra da estrela. Tem um projeto Rio de Mel muito virado para a questão ambiental</p>		
------------	--	---	-----------	--------	--------------------	------------	----------------------	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Ana Teresa Matos			Biologa	Mafra	Pastora	Casais de Folgosinho	Folgosinho		<p>Cresceu a acompanhar o pai biologo nas idas à serra da estrela. Sempre sonhou em rumar ao interior. Comprou um terreno com 100 ha em pleno parque natural e fez curso de pastor e queijeira. A sua ambição é tornar-se um exemplo de sustentabilidade</p>		
------------------	--	--	---------	-------	---------	----------------------	------------	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

André Brás			enfermeiro	Coimbra	enfermeiro	Ferreira do Zezere	Ferreira do Zezere		DIA 1 às 16h30. enfermeiro que concorreu para o interior. Está autorizada a recolha de imagens da campanha de vacinação		
Susana Alves			Restauração	Lisboa		vila de Rei	desempregada		Dia 1 às 14h30 Forma para Vila de Rei abriram um restaurante que faliu e estão entre empregos. Têm dois filhos		

## SOBRE O PROJETO

Em *Um Outro País* temos como objetivo ajudar a compor um retrato atual do interior de Portugal, através das histórias de quem deixou uma vida no litoral para recomeçar em zonas interiores do país. Ao longo desta viagem, procuramos ainda refletir sobre a desertificação do nosso território. Desenvolvido no âmbito do mestrado em Audiovisual e Multimédia, na Escola Superior de Comunicação Social, este é um projeto transmedia de investigação jornalística.

-----

## PERFIS DA EQUIPA

### REINALDO RODRIGUES

Repórter e fotógrafo. Trabalha no Global Media Group desde 2004, onde já realizou trabalho em diversas vertentes como a escrita, a fotografia e o vídeo. Frequenta atualmente o mestrado em Audiovisual e Multimédia (ESCS). É também formador em diversas instituições, nas quais se destaca o CENJOR.

### OU

Repórter no Global Media Group desde 2004, realizou trabalho em diversas vertentes como a escrita, a fotografia e o vídeo. Frequenta atualmente o mestrado em Audiovisual e Multimédia (ESCS). É ainda formador [de], colaborando com diversas instituições, nas quais se destaca o CENJOR.

como estava [muito extenso e por ordem cronológica]:

Reinaldo Rodrigues concluiu o plano de estudos do Ar.Co em 1994. Trabalhou com diversos fotógrafos de moda e publicidade e mantém, desde 1998, trabalho impresso em diversas publicações. Formador desde 2003, colabora regularmente com diversas instituições, de onde se destaca o CENJOR. Desde 2004 trabalha no grupo Global Media Group, por onde passou por diversas publicações e realizou trabalho nas diversas vertentes: escrita, fotografia e vídeo. Além de desenvolver regularmente trabalho como repórter é aluno de mestrado em Audiovisual e Multimédia na Escola Superior de Comunicação Social (ESCS).

## 1 HISTÓRIA POR DIA

### JORNAL DE NOTÍCIAS (IG)

1 conteúdo por dia para instagram

- 1 story (para vídeo) OU 1 reels OU 1 feed [depende da história]
- [canal fora das redes] a entrevista “completa” (4-5 minutos) fica dentro do site do JN direto

### DIÁRIO DE NOTÍCIAS (FB)

→ Publica perfis (texto + foto + link para entrevista JN):

- Facebook: Lead // imagem (fotografia(s) ou vídeo depende da história)
- Website: página com perfil e pode-se chegar a partir do facebook do DN

## OUP REDES

### INSTA

→ **Feed:** [aquela pessoa tem uma história no nosso país que parece um outro país]

→ **Reels:** [frases em que as pessoas dizem algo que todos reconhecem em si próprios]

→ **Story:** partilhar JN

### FB

→ Partilhar DN + acrescentar algo relevante

→ vídeo é bom

ENVATO 1 MES GRÁTIS

amop1

finalmente2021

## **LISTA DE ENTREVISTAS A REALIZAR**

**Diogo - Duarte - Patrícia - Tiago Coelho - Tiago Matos**

**13/julho - Rui Cerveira // Patrícia entrega a 10/julho**

**14/julho - Ana Rita Veríssimo // Tiago Coelho entrega a 11/julho**

**15/julho - José Domingues // Diogo entrega a 12/julho**

**16/julho - Lana Bitu // Duarte entrega a 13/julho**

**17/julho - Rodolfo Carvalho // Tiago Matos entrega a 14/julho**

**18/julho - Filipa Gambino e Rui Peleção // Tiago Matos entrega a 15/julho**

**19/julho - Maria Gabriela Cravinho // Patrícia entrega a 16/julho**

**20/julho - Igor Costa // Tiago Coelho entrega a 17/julho**

**21/julho - Andreia Proença // Diogo entrega a 18/julho**

**22/julho - Vasco Nogueira e Joana Dourado // Duarte entrega a 19/julho**

**23/julho - Luisa Gracio e Pedro Alves // Tiago Matos entrega a 20/julho**

**24/julho - Nuno Frade e Paula Costa // Patrícia entrega a 21/julho**

**25/julho - Ana Cravo // Diogo entrega a 22/julho**

**28/julho - Marty e Susana O'connell // TC entrega montagem final a JS até 24/07 para tradução**

**29/julho - Igor Morais // Duarte entrega a 26/julho**

**30/julho - Ana Teresa Matos // Tiago Matos entrega a 27/julho**

Nota: o dia 26 é o Ruben Gama (ver se está avançado na empresa) + dia 27 Nuno Silva está feito

## 1) ENTREVISTADO: Avelino Rego, 37 anos, criador de vaca maronesa - vive em Lamas.

### Post Facebook 1 (DN) - Paisagem

Avelino Rego percebeu que era hora de regressar à terra natal, em Lamas, quando estava prestes a emigrar para a Suíça: “Sempre fui muito crítico daquilo que não fazíamos pelo interior, daquilo que não fazíamos pela conservação da natureza e naquela semana em que eu saí do meu emprego na informática e ia para outro emprego, também na área das tecnologias lá fora, eu percebi que também eu não estava a fazer nada.”

#UmOutroPaís

### Post Facebook 2 (DN) - Puto

O regresso de Avelino Rego à sua aldeia não era esperado por aquela comunidade que o viu crescer. Inicialmente ficou um pouco cética porque o abandono dos meios rurais pelos mais jovens é comum. “Fui educado para estudar e sair daqui. Os meus pais sempre me disseram que a vida aqui era muito difícil.”, conta. Formado em engenharia informática no Porto, Avelino tomou a decisão de ir para o interior e de se tornar criador de vaca maronesa.

#UmOutroPaís

### Reels (JN)

Avelino Rego decidiu regressar às origens, depois de uns anos no Porto. Na sua aldeia, recuperou o mesmo espírito de comunidade que sentia em criança.

#UmOutroPaís

### Feed Instagram (JN)-Paisagem (mudar a do DN post 1)

#AvelinoRego trocou o litoral pelo interior, e a engenharia informática pela criação de vacas maronesas. Assim encontrou a sua plenitude: “Plenitude é uma palavra que eu utilizo muito... e que eu procuro no meu dia-a-dia. Fazer coisas que sinto que, de facto, é aquilo que me move e aquilo em que eu acredito.”

#UmOutroPaís #TerraMaronesa

### OUTRAS FRASES do Avelino:

Na verdade eu só reclamava no café que os outros fizessem montes de coisas que eram necessárias. E pronto, percebi que tinha de parar de reclamar tanto e tentar fazer algumas das coisas que andava a reivindicar que fizessem. ”

“A questão da plenitude é uma palavra que eu utilizo muito e que eu procuro no meu dia-a-dia. Fazer coisas que sinto que de facto é aquilo que me move e aquilo em que eu acredito.”

“Achei que fazia mais falta a trabalhar diretamente com a natureza, e a aplicar algumas das ideias que eu acho que são necessárias na conservação da natureza, do que na área da tecnologia onde estava.”

“Eu nunca ponderei um dia voltar, porque eu fui educado para estudar e sair daqui. Os meus pais sempre me disseram que a vida aqui era muito difícil, era de miséria, de...”

“adoro o que faço. eu sou uma pessoa muito grata por muitas coisas, mas essencialmente sou uma pessoa grata por gostar tanto daquilo que faço”.

“As pessoas da comunidade quando eu voltei ficaram muito céticas”

## 2) ENTREVISTADO: António Morgado

“Começámos uma procura por vários locais do país, sempre no interior. Ponderamos alentejo por questões familiares, a zona do douro por razões familiares. e por um amigo em comum que acabou por vir na mesma aventura connosco, ficou num concelho perto do nosso, decidimos explorar melhor a serra da estrela”

*“Depois das primeiras visitas apaixonamo-nos pelo local, pela aldeia, pelo enquadramento paisagístico e é para aqui que vamos”*

“As pessoas ouvem-te com atenção e dão-te valor, sentes-te não só mais um no meio de tantos, mas um que veio por um motivo especial”.

“As pessoas da comunidade são muito especiais.” Conheceram a comunidade antes de se mudarem definitivamente - “vimos camuflados, tentar perceber como era o ambiente. e eu costumo dizer que os acho um bocadinho fechados, retraídos”.

“As pessoas perguntavam: mas vêm de férias? vem para fazer uma casa de férias? E nós dizíamos: não, vimos para habitar, estabelecer aqui o nosso local de trabalho, fazemos isto e as pessoas no início ficavam sempre curiosas. As vezes espreitavam pelo muro, o que é que andávamos a meter na horta, o que é que seria que estávamos a fazer.”

### Post 1 Facebook [DN]

#AntónioMorgado e a sua mulher, Rita, estavam habituados a “andar com a mochila às costas” devido à profissão. São conservadores-restauradores, pelo que era frequente passarem temporadas nos lugares para onde iam trabalhar. Apaixonados pelo interior do país, decidiram que era altura de saírem da cidade. Muxagata acabou por ser a aldeia que os conquistou.

#AntónioMorgado foi recebido com curiosidade em #Muxagata: “Às vezes espreitavam pelo muro, para saber o que é que andávamos a meter na horta, o que é que seria que estávamos a fazer.”

#UmOutroPaís

### Feed Instagram

#Muxagata não foi a primeira opção de António Morgado e da sua mulher, Rita, mas foi a opção que mais os conquistou. “Depois das primeiras visitas apaixonamo-nos pelo local, pela aldeia, pelo enquadramento paisagístico e é para aqui que vamos”, recorda António. Vivem na aldeia há cerca de dois anos e meio.

### Reels

Aos olhos de António Morgado e da sua mulher, Rita, o encanto de Muxagata não se fica apenas pela paisagem. Estende-se também aos habitantes da aldeia, que considera “muito especiais”.

## 3) ENTREVISTADO: Anabela Martins, Barreiro, 50 anos e Rui Marcelo, 48 anos, nasceu na Covilhã - são proprietários do Moinho do Maneio

#### Post 1 - Facebook DN

Viviam em Lisboa há 20 anos, quando sentiram que era altura de voltar às origens. Anabela Martins e Rui Marcelo concretizaram o sonho de abrir as portas do Moinho do Maneio, um turismo rural em Penamacor. Uma década depois, a engenheira e o jornalista sentem que tomaram a decisão certa. “Costumo dizer que me reformei aos 40 anos e ganhei uma atividade nova”, confessa Rui.

#### Post 2 - Facebook DN

Foi no Moinho do Maneio que Anabela e Rui encontraram a qualidade de vida que procuravam. Junto à #SerradaMalcata, vivem em contacto direto com a natureza. Nas palavras de Rui, este é o "ambiente que nos pode inspirar, que nos ajuda a viver melhor, que nos ajuda a alienar de tudo o que são problemas da sociedade e do dia-a-dia”.

#UmOutroPaís

#### Feed Instagram

Anabela e Rui são os herdeiros do Moinho do Maneio. Estão felizes com a mudança para o interior, mas Anabela confessa: “Se me dissessem [que viria para aqui viver] há 20 anos ou há 30 anos, não acreditava. Mas a verdade é que a idade nos modifica”.

#UmOutroPaís

#### Reels

Procuravam mais qualidade de vida, e encontraram-na junto à Ribeira da Bazágueda. A tranquilidade que sentem, e que transmitem aos seus hóspedes, revela que tomaram uma boa opção.

#### OUTRAS FRASES:

AM: “Eu decidi vir para aqui, para Penamacor, para regressar às nossas origens e poder ter uma maior qualidade de vida, que não tinha quando vivia na grande Lisboa” (apresentação)

RM: “Após 20 anos em Lisboa, decidimos que estava na altura de voltar às origens, voltar ao interior.”

RM: “O moinho do maneio estava em ruínas, é um espaço que teve muita história, muita vida, no antigamente. As pessoas foram abandonando. Era um espaço que estava ligado à minha família”.

RM: “Eu acho que é este ambiente que nos pode inspirar, que nos ajuda a viver melhor, que nos ajuda a alienar de tudo o que são problemas da sociedade e do dia-a-dia”.

RM: “Costumo dizer que me reformei aos 40 anos e ganhei uma atividade nova.”

“não sinto falta de nada do que tínhamos anteriormente. Temos a dobrar outras coisas que fazem mais falta na vida”.

AM: “Eu queria ficar aqui até ao resto da minha vida mas nunca se sabe, a vida dá muitas voltas e nunca digo que não à mudança”.

RM: “A comunidade viu a nossa chegada com bons olhos. Não foi uma chegada de um momento para o outro. Somos filhos da terra. Sentem-nos como isso.”

#### 4) ENTREVISTADO: Nuno Miguel Coelho, 47 anos, Lisboa - Alcoutim (vive lá há 10 anos)

##### Post Facebook 1 [DN]

Nuno Coelho aproveitou uma situação de desemprego para concretizar o sonho de ir viver para a terra onde os seus pais nasceram: Alcoutim. A tranquilidade e a natureza são dos aspetos principais que o motivaram a ficar até agora. Como afirma: “Aqui a vida é vivida com outro ritmo”.

##### Post Facebook 2 [DN]

Formado em engenharia alimentar, #NunoCoelho decidiu mudar-se de Lisboa para Alcoutim com a ideia de criar uma #queijaria na pequena povoação de #CortesdeSeda. Começou pela criação de cabras algarvias, para obter o leite. No entanto, o projeto não correu como planeado. Dez anos depois, não sabe se é altura de voltar a mudar.  
#UmOutroPaís #QueijodeCabra

##### Reels

A melancolia e a saudade do que deixou em Lisboa por vezes assolam Nuno Coelho. O isolamento da região é um dos aspetos que o deixa sem saber se deve ficar ou ir embora.

##### Feed Instagram

Nuno Coelho formou-se em engenharia alimentar. Rumou a Alcoutim para concretizar o sonho de criar uma #queijaria em #CortesdeSeda. Nessa caminhada, tornou-se pastor. Para além do bastão que o acompanha, por vezes recorre à ajuda de um drone para orientar o rebanho.

##### OUTRAS FRASES:

“Decidi vir viver para Alcoutim depois de uma situação de desemprego, de forma a conseguir completar um sonho que tinha na minha vida de vir viver para Alcoutim. Vi essa situação de desemprego como uma oportunidade de poder arriscar vir para cá”

“Escolhi vir viver para Alcoutim porque tenho aqui as minhas raízes. Os meus pais nasceram aqui. No início dos anos 70 foram para Lisboa e nasci lá”

“O mais interessante de se viver aqui é a natureza, o ar do campo, a tranquilidade, todas essas coisas que a natureza nos oferece e que não conseguimos encontrar no ruído das grandes cidades, na confusão e naquele aglomerado de pessoas e de trânsito a toda a hora. Aqui a vida é vivida com outro ritmo”

O que torna menos interessante viver em Alcoutim?

“A distância a que estamos de muitas coisas, nomeadamente serviços a nível de saúde. Isso são coisas que acabam por dificultar um bocado a vida. A nível de material não sinto falta de grande coisa. Sinto mais falta da convivência, do convívio com pessoas, com os meus amigos que deixei em Lisboa”.

O que se pode valorizar mais?

“O que se pode valorizar mais é uma pequena comunidade onde toda a gente se conhece bem, o que tem as suas vantagens e desvantagens. Mas de facto é a relação pessoal com as pessoas, que é bastante diferente do que viver num grande centro

urbano. Muitas vezes as pessoas do apartamento em frente mal se conhecem. Aqui há mais convívio, mais conhecimento, mais contacto. Eu tenho uns ovos a mais, dou à minha vizinha. A vizinha tem uma alface a mais, dá-me a mim. Há este tipo de relação que não é possível fora destes meios mais pequenos e mais rurais”.

## 5) ENTREVISTADO: Paula Taborda

### FEED (JN)

#PaulaTaborda já idealizava uma vida no campo, até que surgiu a oportunidade de mudar. Apaixonada pela região do Alentejo, a sua nova morada é em #VilaViçosa. “Gosto da paz e da tranquilidade que o campo dá. E esta é, de facto, uma zona que me atrai. Gosto das pessoas - são muito simpáticas”, conta a diretora hoteleira da Herdade #RibeiradeBorba.

### REELS

Ando imenso de bicicleta, ando a pé - que já era uma coisa de que gostava, só que andava no paredão à beira mar. Aqui ando à beira da ribeira que é ótimo a ouvir a água e os passarinhos, o chilrear. Basicamente é tudo ao ar livre, é exercício ao ar livre. Gosto muito do campo.

### POST DN 1

Aos sessenta anos, #PaulaTaborda aceitou o desafio de se deixar Lisboa e ir para Vila Viçosa, onde começou a gerir um turismo rural - a Herdade Ribeira de Borba. “Tenho uma paixão enorme pelo Alentejo, e isso fez-me vir parar aqui”  
#UmOutroPaís

### POST DN 2

Apesar das saudades do mar e da família, #PaulaTaborda sente-se feliz com a mudança para o interior: "Estou num estádio da vida em que já aprecio mais este final de tarde calminho, este verde todo... do que a correria da cidade"  
#UmOutroPaís

### ENTREVISTA COMPLETA:

“Há algum tempo pensava em mudar para o campo. Gosto muito do campo. E acabou por aparecer. A paixão mesmo que eu tenho pelo Alentejo é brutal. Tenho uma paixão enorme pelo Alentejo, e portanto como gosto muito desta região do Alentejo em particular vim aqui parar.”

“É estar no campo, é ter este chilrear dos pássaros, as ovelhas agora também não estão a falar mas falam comigo. Os burros, as éguas. E não, e basicamente é mesmo o poder receber pessoas, e tornar com que as estadia delas aqui saiam felizes contentes e com vontade de voltar”

“Ando imenso de bicicleta, ando a pé - que já uma coisa de que gostava só que andava no paredão à beira mar, aqui ando à beira da ribeira que é ótimo a ouvir a água e os passarinhos, o chilrear. Basicamente é tudo ao ar livre, é exercício ao ar livre. Gosto muito do campo. Gosto da paz, tranquilidade que o campo dá, e esta zona é de facto uma zona que me atrai, gosto das pessoas. Vila Viçosa é uma vila com muita história, as pessoas são muito simpáticas. Gosto, gosto bastante. Eu estou muito feliz aqui. E se tiver que voltar para a cidade voltarei, mas estou muito feliz aqui.

“Sinto a falta do mar, porque de facto gosto bastante do mar. Mas é a família. Mas também estamos a uma hora e meia, e hoje isto das distâncias não é nada - põem-se aqui vêm-me ca ver...”

“o que eu gosto mais em Vila Viçosa é a parte cultural e histórica. Meios pequenos, há sempre alguma desconfiança, mas eu acho que fui bem recebida e que estou a ser bem recebida. é recíproco com as pessoas com quem me dou, portanto também depende da forma como a pessoa trata o outro. Penso que talvez a pandemia vá por as pessoas a pensar de uma outra forma. Há pessoas que vivem e que gostam de viver a 300 e a 400 à hora, numa agitação incrível e uma adrenalina muito grande, eu pronto já estou nos meus 60 e as coisas já começam a ser... enfim. Já dei essa luta toda. Tou num outro estado da vida que já aprecio mais estes rear final de tarde calminho, este verde todo, os animaizinhos, ler um bom livro, ou andar de bicicleta ou dar um passeio a pé, do que a correria da cidade. Obviamente que vou ter falta de ir a um cinema ou a um teatro, da parte cultural, mas tirando isso e a família... “  
“As outras pessoas não optarem tanto... porque se calhar não sabem o quão bom é viver no campo, e tão gratificante que é”

#### 6) ENTREVISTADO: Carla Costa, 45 anos

##### POST DN 1

Para #CarlaCosta, ir apenas aos fins de semana para #MondimdeBasto deixou de ser suficiente para recarregar as baterias. Juntamente com o marido e os dois filhos, decidiu regressar à sua terra natal: "tínhamos de o fazer de forma permanente para conseguirmos viver de forma mais saudável". #UmOutroPaís

##### POST 2 DN

##### OPÇÃO 2 é mais eficaz

No Porto trabalhava na área do marketing. Em Mondim de Basto dedicou-se ao turismo e criou a Por Trilhos. E agora não olha para o consumidor da mesma forma: “nós temos realmente uma relação tão próxima com os nossos clientes que eu quase não lhes consigo chamar clientes. Porque acabam por criar uma relação connosco, e nós, de alguma forma, conseguimos ligarmo-nos a eles”.

##### No perfil fala-se das pessoas da comunidade

##### Para reels:

esse desejo acabou por ser acelerado com um episódio de saúde que eu tive e que de facto me fez perceber que tudo passa muito rápido, e que não vale a pena realmente estarmos naquela agitação constante da cidade, e termos uma vida de não termos tempo para nós, de não termos tempo para os nossos filhos, e então nessa altura era chegado o momento de mudar.

##### INSTAGRAM

O desejo de #CarlaCosta de ir viver para #MondimdeBasto teve de se realizar mais cedo devido a um episódio de saúde. Cansada da agitação da cidade, encontrou no interior um ritmo de vida diferente: “Estava constantemente fora, e, de repente, dou-

me conta de uma vida bastante mais tranquila, em que as coisas acontecem de uma forma muito mais lenta”

#UmOutroPaís

Entrevista de Carla completa:

“Nós decidimos vir viver para Mondim de Basto há 3 anos atrás. Era o nosso desejo já há algum tempo, mas esse desejo acabou por ser acelerado com um episódio de saúde que eu tive e que de facto me fez perceber que tudo passa muito rápido, e que não vale a pena realmente estarmos naquela agitação constante da cidade, e termos uma vida de não termos tempo para nós, de não termos tempo para os nossos filhos, e então nessa altura era chegado o momento de mudar. Pegamos em tudo, na nossa vida completa, e viemos com malas e bagagens para Mondim de Basto. Eu nasci aqui, fui criada aqui, o meu marido é daqui, nós sempre tivemos um amor enorme a esta terra a esta região e há dois anos e meio decidimos que não chegava apenas recarregar as baterias ao fim de semana, tínhamos de o fazer de forma permanente para conseguirmos viver de forma mais saudável. Nós decidimos vir para aqui e não havia outro sítio para nós irmos porque realmente era aqui que nós pertencíamos e onde nós pertencemos

No início talvez o ponto mais negativo era talvez uma falta de agitação, que era a agitação normal que eu tinha no meu dia-a-dia. Hoje em dia confesso que não sinto falta de nada.

Esta atividade que desenvolvemos na área do turismo, nós temos realmente uma relação tão próxima com os nossos clientes que eu quase não lhes consigo chamar clientes, porque acabam por criar uma relação connosco, e nós de alguma forma conseguimos ligarmo-nos a eles. Eles sentem a nossa felicidade em termos feito este regresso, e de alguma forma nós sentimos que os tocamos também e que eles próprios começam a pensar que se calhar também podem ter outro tipo de vida, num outro local.

Quando aqui chegámos obviamente deparamo-nos com algumas dificuldades, dificuldades muito típicas de quem está numa zona pequena, onde chegam as coisas com menos frequência. Às vezes até dificuldade em mudar mentalidades. Nem todas as pessoas viveram a mesma coisa que nós vivemos, tiveram as mesmas experiências ou veem as coisas da mesma maneira que nós, e às vezes o mudar mentalidade das pessoas acaba por ser a principal dificuldade.

(...)

Eu sou apologista de nunca dizer nunca a nada. Por isso eu não ponho de parte um dia sair daqui, e quando falo sair daqui não quer dizer regresso ao Porto ou para Lisboa, ou que vá para um país qualquer no estrangeiro. Eu não sei. Só sei dizer é que neste momento da minha vontade nem da família não tenho intenção de sair. Por minha vontade era aqui que acabava os meus dias”

## 7) ENTREVISTADO: André Brás

FACEBOOK DN 1

#AndréBrás é enfermeiro e, juntamente com a mulher, mudou-se de Coimbra para Ferreira do Zêzere há 15 anos. Está envolvido em vários projetos, mas atualmente é nos centros de vacinação que tem passado grande parte do tempo.

## FACEBOOK DN 2

A receção por parte da comunidade foi algo que surpreendeu #AndréBrás na chegada: “Ao contrário do que vinha habituado em Coimbra, [em Ferreira do Zêzere] até foram as pessoas mais velhas que me acarinharam mais e, mesmo em temas mais fraturantes da sociedade que se calhar levavam mais à discussão, são pessoas mais abertas à discussão”, conta.

### Parte para Reels:

“O que eu gosto mais em Ferreira é a proximidade à albufeira. Nós tanto no verão como em dias mais quentes basta nós pegarmos no nosso veículo e em 5 minutos estamos em água para darmos uns mergulhos ou para andarmos de caiaque e pronto isso não tem preço.”

## INSTAGRAM

No interior do país, #AndréBrás encontrou coisas que “não têm preço”, como a proximidade à albufeira de Castelo de Bode, onde aproveita para ir dar uns mergulhos com a família. Confessa que, de Coimbra, traria para #FerreiradoZêzere a parte cultural: “Há pouca diversidade de oferta de eventos culturais. É das coisas que mais faz falta”. #UmOutroPaís

### Entrevista completa:

O meu nome é André Brás, sou enfermeiro, tenho 41 anos, nasci e vivi em Coimbra até terminar o curso e neste momento vivo em Ferreira do Zêzere. Neste momento como enfermeiro de cuidados de saúde primários estamos quase permanentemente nos centros de vacinação a vacinar contra a COVID-19. Fora isso, noutros dias, também realizo visita domiciliária a utentes que estejam em dificuldade, que não se possam deslocar ao centro de saúde para realizar tratamentos. Para além disso, sou coordenador da intervenção precoce de Ferreira do Zêzere e de Tomar. Sou coordenador desde 2011, estou mais na parte da coordenação porque temos dois polos, um em Ferreira e outro em Tomar e eu coordeno as duas equipas. Para além disso, neste momento, há 2 anos integrei a CPCJ de Ferreira do Zêzere, que é um projeto que me foi proposto e estou a gostar.

Vivo em Ferreira há cerca de 15 anos. Ferreira agradou-me porque a minha esposa já estava a trabalhar em Tomar. Por concurso conseguimos ficar os dois em Tomar ou em Ferreira. Optámos cada um por ficar em locais diferentes, e em termos de aquisição de casa em Ferreira, na altura era significativamente mais barato. O que eu gosto mais em Ferreira é a proximidade à albufeira. Nós tanto no verão como em dias mais quentes basta nós pegarmos no nosso veículo e em 5 minutos estamos em água para darmos uns mergulhos ou para andarmos de caiaque e pronto isso não tem preço.

Há pouca diversidade de oferta de eventos culturais: ah apetece-me ir ao cinema, ia ao cinema. Ah apetece-me ir ao teatro. Logo à noite há teatro então eu posso ir. Quero ir ver um concerto. Ah pronto não há hoje mas pra semana há um concerto, posso ir. Era isso que eu trazia de Coimbra para Ferreira. Das coisas que mais faz falta é por aí.

Ao contrário do que vinha habituado em Coimbra, [em Ferreira do Zêzere] até foram as pessoas mais velhas que me acarinharam mais e mesmo em temas mais fraturantes da sociedade que se calhar levavam mais à discussão são pessoas mais abertas à discussão.

Não há mais pessoas que venham ao interior por causa da falta da segurança, por exemplo, em termos de saúde. As pessoas podem sentir falta de segurança devido à falta hospitais. E também a questão dos eventos culturais, porque nós hoje em dia, com os media podemos assistir rapidamente qualquer coisa até no telemóvel mas aquela proximidade com as pessoas num evento cultural que não existe.

Quero voltar a mudar, não para já porque quero oferecer alguma estabilidade de amizade às minhas filhas e também a nível escolar, mas sim o objetivo é que assim que elas estiverem orientadas na vida e que sigam o seu rumo e até mesmo eu deixar de trabalhar e é uma possibilidade e é sair e partir e viajar ou ir para outro local que colmate ou preencha algumas lacunas que Ferreira não tem neste momento.

“O que eu mais gosto é a proximidade da albufeira, nos dias mais quentes basta pegar no nosso veículo, em 5 minutos estamos em água, para ir dar uns mergulhos ou andar de caiaque. Isso não tem preço” - No concelho de Ferreira do Zêzere existem muitas praias fluviais. Uma das mais conhecidas é a Praia Fluvial do Lago Azul.

#### **8) ENTREVISTADO: Hélia Sales, 31 anos**

##### **FRASES:**

##### **FACEBOOK DN 1**

O percurso académico levou #HéliaSales até #OliveiradoHospital. É investigadora na #BLC3, onde começou por fazer um estágio. “No primeiro ano ia e vinha todos os dias de Coimbra. Mas, principalmente no Inverno, quem conhece as estradas que vêm aqui para Oliveira sabe que é um bocadinho complicado, e mesmo cansativo, fazer a viagem todos os dias. Então decidi que a melhor solução seria arranjar uma casa aqui”, conta.

#UmOutroPaís

##### **FACEBOOK DN 2**

#HéliaSales cresceu em Coimbra. Habituada ao campo e ao ar livre, confessa que não se identifica com cidades grandes: “Gosto quando vou passear, mas o permanecer e o viver é completamente diferente. Acordar de manhã e não ter de enfrentar um trânsito imenso para chegar ao trabalho, ou poder passear e conhecer espaços verdes - são as componentes de Oliveira do Hospital que para mim são mais interessantes”.

#UmOutroPaís

##### **REELS**

As pessoas aqui da comunidade são muito amigáveis, de portas abertas. Porque é uma zona interior - e as zonas interiores têm essa questão, de ser uma população mais envelhecida, porque muitos vão para as zonas do litoral e portanto quando vêm pessoas mais novas é sempre uma felicidade e receber de braços abertos.

##### **INSTAGRAM**

#HéliaSales mudou-se de Coimbra para #OliveiradoHospital. Confessa que não sente falta de nada que esteja noutra cidade, a não ser da família. É investigadora na #BLC3, onde novos projetos vão surgindo e prolongando a estada. “Estão reunidas todas as condições para permanecer aqui no interior”, afirma.

#UmOutroPaís

##### **ENTREVISTA COMPLETA**

À parte da minha família que podia estar aqui, não sinto necessidade de nada que esteja noutra cidade que seja preciso aqui em Oliveira. Portanto neste momento não tenho nada que é diga que é crítico, que gostaria mesmo que estivesse aqui em Oliveira e que me impeça de ser completamente feliz aqui. Estão reunidas todas as condições para eu permanecer aqui no interior.”

“A primeira vez que conheci Oliveira do Hospital foi através da BLC3, ainda durante o meu mestrado quando estava a terminar. Durante uma unidade curricular, ouvi falar da BLC3 e tive oportunidade de vir conhecer e portanto foi assim que eu conheci esta cidade.

Na altura, surgiu a oportunidade de vir fazer um estágio profissional à BLC3 e foram surgindo oportunidades que me permitiram permanecer. Portanto é uma das coisas que a BLC3 tem de muito positivo é esta possibilidade de progressão na carreira, de existirem tantos projetos que nos levam a permanecer na região interior centro.

Viver viver há cerca de 6 anos. No primeiro ano quando vim para a BLC3 ia e vinha todos os dias de Coimbra ... mas principalmente no Inverno, quem conhece as estradas que vêm aqui para Oliveira é um bocadinho complicado, e mesmo é cansativo fazer a viagem todos os dias, então decidi que a melhor solução seria alugar uma casa aqui em Oliveira.

Na BLC3 sou investigadora. Sou coordenadora da parte da biotecnologia vegetal. E passado um tempo de ter entrado na BLC3 surgiu a oportunidade de iniciar um doutoramento ... e surgiu a ideia de um projeto que tem em vista uma espécie de oliveira Galega vulgar... FALA DO PROJETO das oliveiras

Apesar de estar em Oliveira do Hospital, sinto que estou de alguma forma perto da minha família e das minhas raízes. Desde cedo que estou habituada à zona do campo, do ar livre, e para mim (o meu doutoramento como eu referi foi metade em Lisboa) e a altura que eu passei em Lisboa não me identifico muito com o registo de cidades grandes. Gosto quando vou passear, mas o permanecer e o viver é completamente diferente. Acordar de manhã e não ter de enfrentar um trânsito imenso para chegar ao trabalho. O poder sair e poder passear e conhecer espaços verdes. Portanto acho que é essa componente de Oliveira que para mim é o mais interessante.

Como é uma cidade pequenina talvez alguns serviços que existem noutras cidades maiores, que [são bons] às vezes para descontrair - por exemplo ir a um cinema, de ir um shopping, qualquer coisa desse género - falha um bocadinho em Oliveira, porque como é uma cidade pequena não tem esse tipo de infraestruturas. Mas talvez o que eu sinto mais falta aqui nesta zona.

O que eu valorizo mais em Oliveira é esta tentativa de captar jovens.

As pessoas aqui da comunidade são muito amigáveis, de portas abertas. Porque é uma zona interior - e as zonas interiores têm essa questão, de ser uma população mais envelhecida, porque muitos vão para as zonas do litoral e portanto quando vêem pessoas mais novas é sempre uma felicidade e receber de braços abertos. Portanto, acho que a comunidade também tem um papel muito importante quando uma pessoa vem para estas zonas interiores se fixar.

À parte da minha família que podia estar aqui, não sinto necessidade de nada que esteja noutra cidade que seja preciso aqui em Oliveira. Portanto neste momento não tenho nada que é diga que é crítico, que gostaria mesmo que estivesse aqui em Oliveira e que me impeça de ser completamente feliz aqui. Estão reunidas todas as condições para eu permanecer aqui no interior.”

**9) ENTREVISTADO: António Sá, 52 anos, vive em Lagomar. Fotografo**  
FACEBOOK DN 1

Desde cedo que #AntónioSá e a mulher tinham o desejo de viver longe da agitação da cidade. Foi em 2010 que se mudaram para Lagomar, uma aldeia localizada a 8 km de Bragança: “Temos uma paisagem espetacular. Já estamos dentro do Parque Natural de Montesinho. A outra coisa conveniente é estar muito próximo de uma cidade que nos oferece tudo o que precisamos”.

#### FACEBOOK DN 2

Para #AntónioSá não há nenhum aspeto negativo em viver fora da cidade: “No início achávamos que íamos ficar um bocado órfãos de alguns aspetos relativamente ao litoral, mas isso é um mito”. É repórter freelancer e trabalha a partir de casa, o que contribuiu para uma fácil adaptação ao interior.

#### REELS

Acordar aqui e ver esta encosta completamente branca, quando na noite anterior nos fomos deitar e não havia um floco de neve no chão e depois abrir as persianas de manhã e estar tudo branco é fabuloso.

#### INSTAGRAM

#AntónioSá encontrou a sua nova morada em #Lagomar, no #ParqueNaturaldeMontesinho. “Esta é uma aldeia com poucos habitantes, e, como é uma comunidade pequena, valorizo muito a solidariedade entre as pessoas”, conta. O contacto com a natureza e a paisagem são também aspetos que encantam o repórter fotográfico.

#UmOutroPaís

#### Entrevista completa:

“Desde 1989 que venho para cá, em fins-de-semana, enfim nos tempos livres, e uma vez que eu tinha um trabalho como freelancer e trabalhava a partir de casa podia viver em qualquer lado. e realmente aqui tinha uma afinidade grande com esta parte do território. Estou cá a viver desde 2010, fez 10 anos em setembro. Eu e a minha mulher tínhamos a certeza que queríamos viver fora de uma cidade. Vivíamos na área do Grande Porto, em Espinho, e portanto a mudança para aqui teria de ser sempre para uma localidade fora de uma cidade.

Para aqui especificamente para esta aldeia, porque é uma aldeia que fica a 8km do centro de Bragança. Tenho a conveniência de termos uma paisagem espetacular, já estamos dentro do parque natural de montesinho, e também a outra conveniente é estar muito próximo de uma cidade que nos oferece tudo o que precisamos.

Acho que não há nenhum aspeto negativo. No início achávamos que íamos ficar um bocado órfãos de alguns aspetos relativamente ao litoral, mas é um mito isso. As vezes amigos perguntam-me frequentemente “então mas tu nasceste à beira-mar, e então e o mar? não sentes saudades do mar?”. E sobretudo as pessoas de Espinho estão ligadas ali à costa. E portanto a minha resposta é sempre a mesma: sinto saudades do mar, não. Quando quero ir ao mar vou.

O melhor momento ligado aqui ao sítio onde vivo eu acho que é sempre aquela surpresa da meteorologia, particularmente ligado à neve. Acordar aqui e ver esta encosta completamente branca, quando na noite anterior nos fomos deitar e não havia um floco de neve no chão e depois abrir as persianas de manhã e estar tudo branco é fabuloso.

A nível auditivo é espetacular, porque é como se estivéssemos numa câmara insonorizada, onde não se ouve o mínimo eco, o mínimo ruído, é espetacular.

Esta é uma pequena aldeia com cerca de 50 e poucos habitantes, e como é uma comunidade pequena eu valorizo muito a solidariedade entre as pessoas. Essa permuta permanente de coisas entre as pessoas.

Acho que vou ficar por aqui (...)

Aqui tenho tudo o que gosto. Sobretudo o contexto paisagístico, contexto natural, é excecional. E portanto isso pacifica-me completamente com a ideia da permanência nesta parte de Portugal”.

#### 10) ENTREVISTADO: Bruno Ramos

Bruno Ramos, 47 anos, veio de Almada. É diretor da AXTUR, que Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto. Portanto, trabalho no projeto das Aldeias do Xisto e sou responsável da área da comunicação.

Um dia em que, com um amigo, meu vou ao Algarve a um encontro de associações de desenvolvimento local. E fico verdadeiramente impressionado com aquilo que eu, enquanto cidadão e enquanto jornalista, desconhecia que se fazia no meio rural. Desde projetos de desenvolvimento, projetos de luta contra a pobreza rural e eu fiquei num misto de fascinado e envergonhado. Fascinado com o que se fazia aqui, e envergonhado por, enquanto cidadão e enquanto jornalista, não saber e não se divulgar. O país não saber mais o que meio rural passava.

Não só o projeto das Aldeias do Xisto, mas também este desafio de estar no interior põem-te questões novas com muita regularidade. Há um estímulo permanente, à pessoa que tu és e àquilo que tu estas a fazer.

Ao longo destes anos todos, no que tenho trabalhado - e mais uma vez falo das Aldeias do Xisto - é um consórcio de 20 municípios e portanto é possível trabalhar em rede e acredito apiamente que a alternativa nestes territórios é essa: um trabalho em rede para ganhar escala.

Eu acho que é no interior que há mais possibilidade de desenvolver projetos novos. Por um lado, a proximidade com a natureza - e nós temos aqui neste meio, e sentimos esta tranquilidade - e eu acho que o mundo precisa cada vez mais disso. Quanto mais tecnificado e mais digitalizado o mundo fica, mais eu acho que ele precisa, que nós precisamos de nos ligar àquilo que nos faz verdadeiramente humanos - a ligação à terra, à natureza, aos cheiros. Eu aqui sinto a mudança das estações todos os dias - não é uma coisa que acontece de repente, que é uma tendência mundial - há estudos que dizem que em 2050 cerca de 70% da população mundial, mesmo em países iminentemente rurais, como é o caso da China ou da Índia, estaram a viver no meio urbano. É uma tendência inevitável.

Eu acho que estão reunidas as condições para mais pessoas tomarem esta decisão. Principalmente agora, com esta questão da pandemia, se teve algumas vantagens - dentro do mal que foi - é que as pessoas perceberam que há aqui um refúgio para onde podem vir. Os chamados “nomadas digitais”, que podem trabalhar em qualquer lado, e juntando mais uma vez aqui à questão da pandemia - muitas pessoas em teletrabalho. Quer dizer é completamente diferente estar enfiado em teletrabalho num apartamento num bloco de prédios do que estar numa cidade como o Fundão em que pegas no computador e vais trabalhar para qualquer lado.

Acho que há espaço para estas terras se afirmarem por aquilo que têm de bom, que é a ligação à terra, às comunidades, à natureza, à produção agrícola, à produção artesanal. No fundo, é a ligação às questões mais genuínas.

Às vezes ponho-me aí a “cabritar” no meio das pedras e encontro uma assim com o formato de sofá e fico ali simplesmente a sentir o sol, e a ver a paisagem. Gosto muito muito desta paisagem. Sinto-me muito ligado a este tipo de meio.

Tive 20 anos sempre com este mindset temporariamente. Eu tou aqui à 20 anos temporariamente. Mas como o trabalho, a região, o Fundão, sempre me apresentaram desafios e estímulos novos, eu fui-me mantendo aqui. Ficarei aqui enquanto aqui me sentir bem e enquanto houver desafios e projetos e uma vida que me faça crescer e que me faça feliz, que é o que aconteceu ao longo destes 20 anos.

POST DN 1 \_MG\_1388A

Nascido e criado em Almada, Bruno Ramos desconhecia o meio rural. Até ao dia em que um assistiu a um evento onde foi apresentado a “projetos de desenvolvimento, a projetos de luta contra a pobreza rural... Fiquei num misto de fascinado e envergonhado. Fascinado com o que se fazia [no interior], e envergonhado por, enquanto cidadão e enquanto jornalista, não saber e não se divulgar”, recorda.

POST DN 2 \_10P7798A

#BrunoRamos rendeu-se ao interior e mudou-se para a terra das cerejas. Vive no Fundão há 20 anos. É diretor de comunicação da Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto (ADXTUR): “Acho que há espaço para estas terras se afirmarem por aquilo que têm de bom, que é a ligação à terra, às comunidades, à natureza, à produção agrícola, à produção artesanal. No fundo, é a ligação às questões mais genuínas”.

FEED INSTAGRAM \_10P7795A

\*\* não sei qual das frases \*\*

Passadas duas décadas a viver no Fundão, #BrunoRamos quase não deu pelo tempo a passar. Entre os novos desafios e as novas ideias que vão surgindo - sobretudo no projeto das #AldeiasdoXisto, no qual é diretor de comunicação -, sente-se feliz nesta região: “Quanto mais tecnificado e mais digitalizado o mundo fica, mais eu acho que nós precisamos de nos ligar àquilo que nos faz verdadeiramente humanos - a ligação à terra, à natureza, aos cheiros”.

FRASE PARA REELS

Às vezes ponho-me aí a “cabritar” no meio das pedras e encontro uma assim com o formato de sofá e fico ali simplesmente a sentir o sol, e a ver a paisagem. Gosto muito muito desta paisagem. Sinto-me muito ligado a este tipo de meio.

- 11) ENTREVISTADO: Ana Patrícia Martins, 34 anos, faz queijo. Fábio Gerardo, 32 anos

POST DN 1

“Sempre tive uma ligação muito grande, quer com os meus avós, quer com a terra, com os animais e com o campo. No final do nosso percurso académico, decidimos

começar este projeto de vida que eu sempre tive em mente”, conta #FábioGerardo. Juntamente com a mulher, #AnaPatríciaMartins, mudou-se para a aldeia de Matança, em 2012. Aqui, os projetos têm crescido... e a família também.  
#UmOutroPaís

#### POST DN 2

#AnaPatríciaMartins e #FábioGerardo foram bem recebidos em Matança, no entanto, “eram poucos os que acreditaram que tínhamos vindo para ficar”, conta Ana. Passados nove anos, já não restam dúvidas que o objetivo é permanecer. Têm uma exploração agropecuária e uma pequena queijaria, que, brevemente, vai crescer. Na #SerrasdoMondego todos os dias são dedicados à produção artesanal de queijo de cabra.

#### INSTAGRAM

Recém-formados, #AnaPatríciaMartins e #FábioGerardo pegaram nas malas e rumaram para a aldeia de #Matança. No interior, estão a concretizar o sonho do jovem de ter uma exploração agropecuária: “Apaixonei-me por ele, e depois apaixonei-me pelo projeto dele”, conta Ana Martins, que trata do fabrico artesanal do #queijodecabra. Leite, flor de cardo, sal e uma pitada de amor - é a receita da #SerrasdeMondego, que tem vindo a passar de geração em geração.  
#UmOutroPaís

REELS [única frase em que estão bem os dois no vídeo]

Eu sempre tive o privilégio de quando chegamos ao 9º ano, ou quando chegamos ao 12º ano, em que vamos para Humanidade ou para onde é que vamos.  
Ana Martins: O que é que queres ser quando fores grande? Ele sempre soube responder a essa pergunta.

Entrevista completa:

Fábio: “Eu nasci aqui mas toda a minha vida vivi em Lisboa. Os meus avós maternos eram daqui [de Matança], e então sempre gostei muito de vir para aqui, de estar com os meus avós. Na altura, os meus avós tinham ovelhas e sempre tive uma ligação muito grande, quer com os meus avós, quer com a terra, com os animais e com o campo. Então, no final do nosso percurso académico, decidimos começar este projeto de vida que eu sempre tive em mente. Nós mudamo-nos em Agosto de 2012, portanto já estamos há cerca de oito anos e meio em Matança.

Eu sempre tive o privilégio de quando chegamos ao 9º ano, ou quando chegamos ao 12º ano, em que vamos para Humanidade ou para onde é que vamos.  
Ana Martins: O que é que queres ser quando fores grande? Ele sempre soube responder a essa pergunta.

Fábio: Sempre foi uma coisa inata em mim. Sempre foi um objetivo de vida, e sempre foi algo que eu quis e que eu senti, e que tive a oportunidade e a felicidade de poder concretizar.

Ana: E eu vim a reboque. Nós começámos a namorar na faculdade, e eu apaixonei-me por ele, e depois apaixonei-me pelo projeto dele.

Fábio: Tanto os meus pais como a mãe da Patrícia estão em Lisboa, e os nossos amigos, e os restantes familiares. Se estivesse toda a gente aqui ao pé, toda a família, toda a ligação que tivemos ao longo de 25 ou 23 anos em Lisboa, se estivesse aqui ao lado, a 20 ou a 30 km, ou a 100, era perfeito.

Ana: Há pequenas situações, e pequenos acontecimentos que uma pessoa pensa assim: epa, vale muito a pena! isto faz tudo valer a pena. mas isto é uma vida muito complicada. Qualquer pessoa que tenha o seu próprio negócio já tem a vida um bocadinho dificultada. Ao contrário do que muita gente acha e diz. E na agricultura, no campo, longe é muito complicado porque há sempre problemas. E estamos a falar de animais, estamos a falar de terrenos, do clima, de doenças, que coisas que estão completamente fora do nosso controlo. Há sempre más alturas, é claro que as boas equilibram, e também vamos aprendendo com as más.

Fábio: Acho que há pessoas que são espetaculares, cinco estrelas, e aquilo que uma pessoa precisa nem precisa de dizer.

Ana: Ao início ficaram muito... nem é reticentes. Tinham a certeza de que nós ao fim de meia dúzia de meses nos íamos embora. Já várias pessoas me disseram isso. Acho que poucos eram os que acreditaram que efetivamente tínhamos vindo para ficar. Agora acho que veem com bons olhos. Acho que vamos ficar por aqui, é esse o objetivo. Quando faço planos para a minha vida, faço planos para a minha vida aqui, não faço em outro lado qualquer, por isso acho que é esse o objetivo”

## 12) ENTREVISTADO: Susana Alves e Miguel Cadete

POST DN 1 // Foto \_10P7714v

#SusanaAlves e #MiguelCadete tinham a sensação de estar com a vida estagnada em Lisboa, por isso procuraram uma qualidade de vida superior em Vila de Rei. “Sempre achámos que teríamos mais condições para o nosso filho”, conta Susana.

POST DN 2 // Foto \_MG\_8508v

Em Vila de Rei, #SusanaAlves e de #MiguelCadete realizaram o objetivo de um negócio próprio, mas foi temporário. Conseguiram abrir um restaurante, mas devido à pandemia, tiveram de fechar. Contudo, o casal não desanima, e não pensa regressar a Lisboa. “Feçam-se umas portas, abrem-se outras. Não há que desanimar. Acho que num sítio mais pequeno é muito mais difícil arranjar emprego. Aparece-nos aquela vaga e temos que a agarrar, mesmo não sendo na nossa área”, salienta Miguel.

FEED INSTAGRAM // Foto: \_10P7717v

Susana Alves queria fugir da azáfama da cidade, e Miguel Cadete sonhava em ter um negócio próprio. Mudaram-se para #ViladeRei, no centro do país. “Aqui o tempo rende muito mais. Não tem nada a ver. Temos tempo para muito mais coisas. Em Lisboa é ir trabalhar, sair e tentar chegar o mais rápido possível a casa. Aqui é diferente”, conta Miguel, junto ao #marcogeodésico.

NOTA: #marcogeodésico e #viladerei Fazem a ligação aos posts de vila de rei

FRASE PARA REELS

Miguel: O que é que gostamos mais de viver aqui? Não sei, é o ambiente familiar, é o menos stress que existe nas grandes cidades, é termos uma pequena horta. A qualidade de vida é superior, sem dúvida.

Susana: Mesmo para as crianças, conseguem contactar com realidades completamente diferentes do que se estivéssemos em Lisboa. Então nesta altura da

pandemia nem se fala. Lá morávamos num apartamento, aqui o Francisco quase nem notou.

#### TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:

Susana: Olá o meu nome é Susana Alves, tenho 36 anos e estou desempregada.

Miguel: Olá o meu nome é Miguel Cadete, tenho 34 anos e estou a viver em Vila de Rei.

Miguel: Viemos para Vila de Rei, porque já passávamos cá férias, a Susana tem cá família e pronto depois decidimos criar o nosso próprio negócio, aqui na vila.

Susana: Sempre achámos que teríamos mais condições para o nosso filho, que na altura tinha 2 anos. Começámos a querer também evoluir a nossa vida em Lisboa, o que não era possível com aquela azáfama, aquele stress todo. E achámos que seria o indicado vir para uma família grande, que é isso que nós sentimos aqui. Estamos todos em família.

Miguel: Sim. Toda a gente se conhece, sabe sempre quem é o primo daquele, o tio, o irmão...

Susana: Nós vivemos aqui desde o dia 5 de janeiro de 2019 — foi o dia da mudança.

Miguel: Foi marcante!

Susana: Foi marcante.

Susana: Nós queríamos mudar de vida. O Miguel sempre falou de ter um negócio próprio e eu sempre quis vir para um sítio mais recatado.

Miguel: Aqui o tempo rende muito mais. Não tem nada a ver. Temos tempo para muito mais coisas. Em Lisboa, como deve saber, é ir trabalhar, sair e tentar chegar o mais rápido possível a casa. Aqui não. Aqui é diferente.

Susana: Nós viemos para cá com a intenção de realizar um sonho, que era ter um negócio próprio. Eu sou licenciada em Gestão Turística e Hoteleira, ou seja, estava um pouco dentro da minha área. O sítio era espetacular, com vista para o rio. Pareceu-nos tudo uma maravilha. Entretanto veio o COVID e acabámos por fechar o restaurante em abril do ano passado. Começou a ser bastante complicado, estávamos a pagar renda, fornecedores, pagando tudo. Era impossível...

Miguel: Fecham-se uma portas, abrem-se outras. Não há que desanimar. Acho que é óbvio que num sítio mais pequeno é muito mais difícil arranjar emprego. Aparece-nos aquela vaga e temos que a agarrar, mesmo não sendo na nossa área.

Susana: Não pensámos noutros sítios. Aqui parecia mais fácil, porque teríamos o meu pai para nos ajudar.

Miguel: E casa.

Susana: E casa.

Miguel: O que é que gostamos mais de viver aqui? Não sei, é o ambiente familiar, é o menos stress que existe nas grandes cidades, é termos uma pequena horta. A qualidade de vida é superior, sem dúvida.

Susana: Mesmo para as crianças, conseguem contactar com realidades completamente diferentes do que se estivéssemos em Lisboa. Então nesta altura da pandemia nem se fala. Lá morávamos num apartamento, aqui o Francisco quase nem notou.

Miguel: O que menos gostamos de viver aqui e que ainda não nos adaptámos muito bem é que toda a gente sabe tudo da nossa vida.

Susana: E uma pessoa quer fazer compras e tem de fazer 20km. Aqui temos alguns supermercados, mas falta tanta coisa. Agora o online é uma maravilha, mas se uma pessoa quer uma roupa ou algo diferente para comer, não há nada.

Susana: Por exemplo, aquela volta que nós adorávamos fazer, era ir lá da nossa casa ao Magoito, depois passar por Sintra e comer um travesseiro. Tenho tantas saudades disso!

Susana: Se pudesse trazer alguma coisa de Lisboa, trazia a minha irmã.

Miguel: Sinceramente, se pudesse trazer alguma coisa para cá, não sei, não consigo...

Susana: Trazias o estádio do Sporting ou trazias o Marquês (de Pombal).

Susana: É muito bom uma pessoa estar rodeada desta paisagem. Aliás, quando vamos a Lisboa, só de ver aqueles prédios todos, parece que até nos falta o ar – é muito assustador.

Miguel: Nem por um minuto ponderámos em voltar para Lisboa.

Susana: O nosso objetivo é ficar por cá. É estabilizar a nossa vida, tomar outro rumo, cada um arranjar algo para fazer.

### 13) ENTREVISTADO: Rui Cerveira

Publicação 1 [Copy + Fotografia 40118129\_GI313202Ireinaldorodrigues2847]

#RuiCerveira fez o percurso inverso dos pais, que nasceram no interior e mudaram para o litoral. Decidiu ir viver para o Casteleiro, terra que há muito lhe conquistou o coração. “Temos uma temperatura fantástica. Esta envolvência do microclima da #CovadaBeira, com um verão fantástico, com os produtos [da região]. Toda esta envolvência rural... Eu adoro e valorizo tudo isto”, conta o cozinheiro.

#UmOutroPaís

Publicação 2 [Copy + Fotografia \_10P7541v]

#RuiCerveira só trocava o #Casteleiro pelos Açores, que são a sua segunda paixão. No entanto, é no continente que pretende permanecer por agora. Da Lisboa da sua infância para o interior, trazia a parte cultural, como os cinemas e os teatros: “Coisas que eu gostava que as minhas filhas também pudessem conhecer.”

#UmOutroPaís

POST INSTAGRAM [Copy + Fotografia GI313202IREINALDORODRIGUES736 ou \_10P6953v]

#RuiCerveira vive no #Casteleiro há 13 anos, mas as suas ligações à terra são mais antigas. Escolheu o #Sabugal para começar o seu próprio projeto: “Nada melhor do que tentar atrair pessoas para uma terra de que gosto, no interior, onde há produtos

fantásticos". Nos seus pratos utiliza ingredientes que colhe nos campos, como #umbigodevénus, #norsas e #meruges.  
#UmOutroPaís

#### Transcrição da entrevista Rui Cerveira

Chamo-me Rui Cerveira, nasci em Lisboa, tenho 42 anos e sou cozinheiro. Tenho também o privilégio de dar aulas de Gestão Hoteleira, no IPG. Decidi vir viver para o Casteleiro por uma coisa simples: trabalhei por todo o país. Trabalhei um pouco nos Açores, Algarve, Lisboa, Alentejo. Chegou uma altura em que eu precisava de um espaço meu. Nada como o interior. O Casteleiro diz-me tudo, as minhas raízes são daqui, os meus pais são ambos do Casteleiro. Já desde pequeno que a minha vida era o Casteleiro. Era o verão, algum natal, alguma páscoa, eram passados aqui e tinha o privilégio de usufruir por toda esta natureza e por toda esta riqueza, por que me apaixonei.

No Casteleiro vivo há 13 anos. O momento em que eu decidi vir viver para aqui é quando na minha vida me sentia com capacidade, com força, sentia-me cheio de gana para trabalhar. Mas não tinha aquele projeto em que me sentisse enquadrado e resolvi criar o meu próprio projeto. Nada melhor do que tentar atrair pessoas para uma terra de que eu gosto, para este interior, para uma terra onde há produtos fantásticos. O Sabugal, estas terras da Raia. Nós temos aqui desde vinho, comida, ingredientes – temos tudo de bom – falta-nos é trazer pessoas para aqui. Toda esta natureza, o poder andar no campo, apanhar coisas, fazer o que a minha avó fazia, os cogumelos, as bagas, as ervas, as coisas diferentes, o ouvir os passarinhos.

Temos uma temperatura fantástica. Esta envolvência do microclima da Cova da Beira, com um verão fantástico, com os produtos – não há nada melhor que ir a uma cerejeira e colher a cereja. Toda esta envolvência rural... Eu adoro isto, adoro e valorizo tudo isso, porque beber água das fontes é tão bom.

O cheiro da terra, acho que o cheiro da terra, este ar puro, esta natureza, este cheiro de manhã, no verão, todos estes aromas que nós conseguimos viver. No inverno, este cheiro das lareiras, que nós já sabemos que está a chegar o frio. quando se começam a acender as primeiras lareiras e sentimos aquele cheiro a lenha, ali em outubro: "olha, está a começar a ficar frio, que as velhotas já acenderam o lume". Acho que são todos estes aromas e cheiros que nós sentimos aqui que se calhar é diferenciador e é único.

Neste momento não há nada que eu menos goste, porque tudo o que nós precisamos, graças a deus, hoje em dia, a internet manda vir. Desde que haja dinheiro e haja emprego nós conseguimos facilmente ter isso. Portanto, eu diria só que talvez quando for mais velho a questão da saúde, porque de resto não há nada que me demove de estar aqui.

Eu já conheço esta comunidade há muitos anos, desde pequenino, com todas as suas qualidades e todos os seus defeitos. As pessoas são fantásticas, as pessoas da aldeia ainda têm aquele sentido de respeito. Não deixam de ter aquele lado coscuvilheiro, no bom sentido, mas quem está habituado sabe como é e não custa.

Se eu pudesse trazer algo de Lisboa para aqui, vou dizer duas. Uma a brincar e bem a sério: o Estádio da Luz – assim aqui. Mas sobretudo gostava de ter aquela parte cultural, aquela parte dos teatros, dos cinemas, dos espetáculos. Aqui a Covilhã tem

bons cinemas, mas não tem os cinemas de infância. Não tem o Condes, não tem o São Jorge, não tem o Monumental, onde a gente ia. Pronto outras coisas que se calhar fazem parte da infância e que eu gostava que as minhas filhas também pudessem conhecer.

Só há duas coisas que me podem fazer mudar daqui, que é se algum dia, por algum motivo, tiver de ajudar as minhas filhas, porque de resto o Casteleiro é onde eu gosto de estar. Quem sabe um dia, na reforma, elas não precisem mais de mim e eu possa terminar nos Açores, a minha segunda paixão. Eu digo muitas vezes e as pessoas sabem, eu se não estivesse aqui estava nos Açores, porque eu adoro aquelas ilhas, adoro mesmo.

#### 14) ENTREVISTADO: Ana Rita Veríssimo

Facebook dn

Publicação 1 [copy + fotografia \_10P8952v\_1 ]

#AnaRitaVeríssimo e o marido, Vasco, escolheram Mação para começar uma nova vida e um projeto ligado às abelhas. “A apicultura faz parte da cultura e da história desta região, por isso achámos que tinha de ser aqui”, conta a arquiteta que se tornou apicultora.

Publicação 2 DN

Numa colmeia, todas as abelhas trabalham em conjunto. Em Mação também há este espírito entre a comunidade. “O melhor momento que eu senti desde que estou cá, foi a cresta do ano passado, em que reunimos uma série de pessoas para nos ajudar. Foi muito gratificante”, conta #AnaRitaVeríssimo

INSTAGRAM

Ser arquiteta e apicultora parece uma combinação pouco provável, mas #AnaRitaVeríssimo mostra que é possível. A mudança com o marido, Vasco, para Mação foi uma decisão “um bocadinho” radical. No entanto, as raízes de ambos já estavam plantadas naquela terra. “Tínhamos construído uma vida equilibrada, e a determinada altura decidimos que nós não éramos aquilo”, conta.

“Eu decidi vir viver para Mação para abraçar um projeto que o Vasco, o meu marido, queria desenvolver e que já era uma paixão que tinha há muito tempo. Apesar de eu ter... inicialmente... O primeiro contacto que eu tive com as abelhas foi de terror mesmo. Era mesmo um terror para mim, mas talvez mentalmente eu preparei-me, entreguei-me, e neste momento é uma paixão.

Nós quisemos ser um bocadinho radicais. E então dissemos: “no mes que vem, vamos mudamos tudo para mação e vamo-nos atirar de cabeça”. e foi um bocadinho assim. Entregámo-nos totalmente. Tínhamos o tempo totalmente disponível para a apicultura, não era a meio tempo e isso é que tem a sua magia.

Porque tanto as minhas raízes como as do meu marido estão em Mação, porque sempre achámos que Mação tinha qualquer coisa que não conseguíamos bem explicar, era quase uma atração. E talvez pela natureza. E como Mação tem na sua historia muito enraizado a apicultura, faz parte da cultura desta região, achámos que tinha de ser aqui.

Posso dizer que não sinto falta de nada de Lisboa. Todas as amizades que lá tinha mantemo-nos sempre em contacto. Já lá, com as nossas rotinas do dia-a-dia, estamos lá mas não estamos. Porque raramente uma pessoa tem tempo para se juntar com os amigos.

Acho que não há mais gente a fazer tipo de opção ... a primeira coisa que me disseram foi “tu não tens filhos, podes” portanto vêem um filho como peso que se leva no pé. Acho que não é por aí. Porque eu também tinha a minha casa, também tinha o meu trabalho, a minha estabilidade. Tínhamos ambos isso. Tínhamos construído uma vida equilibrada, e terminada altura decidimos que nós não éramos aquilo.

O melhor momento que eu senti desde que estou cá em Mação foi a cresta do ano passado, em que nós reunimos uma série de pessoas para nos ajudar. Algumas que tiveram o primeiro contacto com o mundo da apicultura, mas foi muito gratificante.

[Tenho sentido falta] do contacto com outras pessoas, e conseguir encontrar pessoas que estejam no mesmo alinhamento que nós. Encontrar pessoas que tenham a mesma vontade do que nós. E às vezes falta-nos um pouco de meios. E mesmo assim a câmara de Mação mexe-se muito e já há muitos grupos.

Eu sempre idealizei que era assim que eu me iria sentir bem, que era podermos viver numa sociedade propriamente dita. Aquela ideia de que toda a gente se conhece, toda a gente se ajuda, havendo uma pessoa que precisa - toda a gente se junta ou reúne esforços para ajudar.

[reels] Na própria colmeia, é tão maravilhosa a forma como [as abelhas funcionam] que nós, bebendo um bocadinho daquela organização, começamos a olhar para a nossa vida de forma diferente. E isso mudou-me.

## 15) ENTREVISTADO: José Domingues

Publicação 2 DN

#JoséDomingues aceitou o desafio de ir trabalhar para o centro do país e trocar Lisboa, cidade onde nasceu, pela aldeia de Peraboa. “Não há trânsito, não há stress. Só isso, justifica plenamente a minha existência no concelho da Covilhã”, assegura.

Facebook dn

Administrador de sistemas “há uns anos valentes”, #JoséDomingues trabalha no Data Center da Altice há cinco anos. O “Cubo” da Covilhã é um dos maiores data centers do mundo, alojando os servidores que mantêm os serviços tecnológicos utilizados diariamente. “São os computadores que estão, por baixo, a dar suporte a isto tudo. E são os administradores de sistemas que mantêm os computadores a funcionar. Portanto, em termos de administração de sistemas, precisamos que eles estejam a funcionar ininterruptamente durante 24 horas”, explica.

INSTAGRAM

#JoséDomingues confessa que o facto de a sua profissão não exigir um espaço físico fixo facilitou a sua mudança para #Peraboa: “Desde que haja um cabo de rede, um ponto de acesso wi-fi e um computador, faz-se administração de sistemas em qualquer parte do mundo”, explica.

#UmOutroPaís

“Eu trabalhava na empresa... para a empresa, e fui convidado a integrar os quadros mas como contrapartida ajudar a povoar o interior. E aceitei o desafio, e cá estou eu a viver na Covilhã, já há 5 anos.

A adaptação a um ambiente mais pequeno e mais fechado, do que aquilo que é uma grande cidade, em particular Lisboa, depende daquilo que nos caracteriza em termos de aproveitar oportunidades e locais.

Eu gosto muito daquilo que faço. Já o faço há uns anos valentes. A profissão pode ser desempenhada em qualquer parte do mundo. Não tem que ser Lisboa, não tem que ser numa grande cidade, nem tem que ser sequer neste edifício fantástico que está aqui atrás de mim.

Desde que haja um cabo de rede ou um ponto de acesso wi-fi, e um computador, faz-se administração de sistemas em qualquer parte do mundo.

Estamos a falar de uma empresa de telecomunicações. A TV hoje passa por uma coisa chamada internet. Sem cabos, sem telecomunicações a sério, não temos TV. Quando começamos a pensar na forma como nos passamos a relacionar com aquilo que são as telecomunicações, percebemos que se não houver 24h por dia, ninguém compra o serviço.

São os computadores que estão por baixo, a dar suporte a isto tudo. E são os administradores de sistemas que mantêm os computadores a funcionar. Portanto, em termos de administração de sistemas, precisamos que eles estejam a funcionar ininterruptamente durante 24h.

Apesar de ser alfacinha, não sou lisboeta de gema. Porque sempre me habituei a dividir a minha vida entre Lisboa, e dps sempre que acompanhava os meus pais, quer em férias, quer ao fim de semana, fora de Lisboa. Isso fez com que a minha adaptação a uma aldeia do concelho da Covilhã fosse muito rápida.

O que acontece é que nós, mesmo vivendo na cidade, por muitos cargos que possamos ter, ou não, habituamo-nos a um certo nível de vida. Abdicar daquilo que temos e virmos para o interior sem uma contrapartida torna-se mais difícil. Já o facto de haver uma proposta para ocupar uma posição em termos profissionais que estava disponível, mas não havendo uma diminuição naquilo que é o rendimento familiar, torna-se muito mais apetecível, como é óbvio. E sim, posso dizer que em termos profissionais e pessoais, foi uma mais valia vir para a Covilhã.

[Reels] Gosto muito do ambiente, do ar. O frio aqui, ao contrário do que as pessoas imaginam, é muito mais fácil de suportar do que em Lisboa.

Outra coisa que eu gosto muito é o como, e o que se come por aqui. Porque se come muito bem.

É a freguesia, no concelho da Covilhã, que mais ovelhas tem da raça determinante para a qualidade do queijo da serra, que é a churra mondegueira.

O museu do queijo é mesmo na aldeia, é uma parceria público-privada entre a junta de freguesia, que cede o espaço e creio que os funcionários, e uma fábrica de queijos que existe na Peraboa.

Uma das poucas coisas que sinto falta na covilhã é uma boa loja para comprar discos. De resto não há trânsito, não há stress, nada... portanto, só isso justifica plenamente a minha existência no concelho da Covilhã.

## 16) ENTREVISTADO: Lana Bitu

Publicação 1 DN

#LanaBitu e o marido, Paulo, vieram para Portugal para fugir à pandemia. Os dois meses e meio que iam passar em Seia transformaram-se em dez. Sente saudades da família e dos amigos que ficaram no Brasil, mas confessa: "Apesar dessa saudade, eu estou muito feliz de estar aqui. Não é uma saudade que faça com que não compense estar aqui, em momento nenhum. E tenho a certeza que no dia em que tiver de voltar eu vou sentir muita falta".

Publicação 2 DN

Jornalista de profissão, #LanaBitu confessa que as aulas e o trabalho online permitiram que a família se mudasse para Seia. "Sinto que participo muito mais na vida dos meus filhos. A pandemia é má, mas tem nuances que são de ganho - e acho que uma delas é sem dúvida a convivência com as crianças", afirma.

Post 1 Instagram [fotografia G11952021REINALDORODRIGUES757]

A natureza envolvente de #Seia é uma das coisas que #LanaBitu e a família mais gostam. "Temos tudo o que precisamos aqui. No fim de semana podemos ir fazer uma caminhada, usufruir de espaço, de ar puro, e de tranquilidade", afirma. Ainda sem data de regresso ao Brasil, a jornalista confessa: "Tenho a certeza que no dia em que tiver de voltar, vou sentir muita falta."

### **ENTREVISTA COMPLETA:**

Ola o meu nome é Lana Bitu Alves, tenho 48 anos, sou brasileira e jornalista. Vim para Seia porque o meu marido, Paulo, é daqui. Ele é angolano mas foi criado aqui em Seia e so saiu daqui aos 17 anos para ir estudar em Lisboa. Mas ele mora no Brasil há 21 anos e nós estamos juntos há 20. Quando a pandemia começou, aqui estávamos melhor, já era verão e estava outro clima. Os menino estavam online na escola (ainda estão) e eu e ele também estávamos a trabalhar online e percebemos que conseguimos vir para cá. Viemos dois meses e meio, que agora se transformaram em 10 meses e deve-se estender por 1 anos e dois meses.

Tem tudo o que precisamos aqui. Com uma natureza que nos permite no fim de semana ir fazer uma caminhada, usufruir de espaço e de ar puro, de tranquilidade. Esse foi o nosso critério para vir para cá.

Eu sou jornalista, então para exercer a minha profissão em Seia é relativamente tranquilo. É tudo online. Eu trabalho para quatro projetos no Brasil, e as demandas dos quatro envolve produção de conteúdo. Então recebo as demandas do Brasil, e executo aqui. Se tenho de fazer entrevista faço pelo whatsapp ou pelo zoom. Produzo os textos e envio por email. E mantenho toda a produção aqui.

Sinto que participo muito mais na vida dos meus filhos, porque quando falamos em pandemia, [sabemos que] é algo mau. Mas tem nuances que são de ganho -e acho que uma delas é sem dúvida a convivência com as crianças.

A coisa que eu mais gosto de viver em Seia, é uma expressão abrangente: é a qualidade de vida, a natureza. A natureza impregna-nos desde a hora em que acordamos até à hora em que vamos dormir.

A coisa que menos gosto de viver em Seia é a saudade do Brasil. Aqui há coisas incríveis, mas tenho saudades dos meus amigos e da minha família. Apesar dessa saudade, eu estou muito feliz de estar aqui. Não é uma saudade que faça com que não compense estar aqui, em momento nenhum. E tenho a certeza que no dia em que tiver de voltar eu vou sentir muita falta.

Eu mantenho contacto com toda a gente do Brasil e isso ameniza muito, isso torna ainda mais viável estar fora de São Paulo. Apesar de estarmos fisicamente fora, estamos emocionalmente presentes. Até as crianças, por exemplo, o Miguel, o mais novo, joga um jogo online e para jogar tem de estar a conversar com os amigos, então isso é uma forma de convivência.

Eu acho que a comunidade de Seia – não consigo dizer se é uma especificidade de Seia ou se é uma característica portuguesa – muito acolhedores. Eu já frequentava Seia há anos, vinha de férias. Então conheço as pessoas, mas acho muito interessante que a reação (delas) é de "ai que bom que estão aqui", " que bom que conseguiram vir" e não são só os nossos parentes. As pessoas que encontro no mercado e que pelo meu sotaque percebem que não sou de cá e perguntam por que estou aqui e eu respondo que viemos por causa da pandemia e eles dizem "que bom que conseguiram" – existe um acolhimento, eu tenho essa sensação.

Dizer um único fator que mais valorizo em Seia é cruel. Tenho as pessoas, eu gosto muito dos meus amigos de Seia, tem a tal qualidade de vida, e tem outra coisa que preciso de dizer, que é a comida. A comida portuguesa, o queijo da Serra da Estrela... Para as pessoas daqui pode ser banal, mas – eu não conheço a comida do mundo inteiro, mas esta aqui deve estar no top 5 facilmente.

Se pudesse trazer uma única coisa do Brasil para Portugal, seria um bocado da descontração brasileira, na medida em que ela não compromettesse a postura muito responsável com a vida. Eu acho isso uma aprendizagem, acho isso muito “legal”, tem sido um ganho para a nossa família. Mas queria que houvesse um pouco mais a descontração do humor malicioso brasileiro.

Eu penso muito sobre se Seia é um lugar onde eu voltaria. É engraçado porque, como disse, o Paulo vive no Brasil há 21 anos. Uma vez que viemos aqui passear eu perguntei-lhe se não tinha saudades, como é voltar para ele. Ele disse-me que quando moramos fora, nunca mais temos um lar. Saímos sempre de um lugar com saudade e matamos a saudade do lugar para onde vamos. Então o que eu entendo é que eu ganhei para sempre uma segunda casa, de verdade.

Eu acho que a comunidade de Seia – não consigo dizer se é uma especificidade de Seia ou se é uma característica portuguesa – muito acolhedores. Eu já frequentava Seia há anos, vinha de férias. Então conheço as pessoas, mas acho muito interessante que a reação (delas) é de “ai que bom que estão aqui”, “que bom que conseguiram vir” e não são só os nossos parentes. As pessoas que encontro no mercado e que pelo meu sotaque percebem que não sou de cá e perguntam por que estou aqui e eu respondo que viemos por causa da pandemia e eles dizem “que bom que conseguiram” – existe um acolhimento, eu tenho essa sensação.

## 17) ENTREVISTADO: Rodolfo Sater Carvalho

Publicação 1 DN

A ideia de #RodolfoCarvalho era mudar-se para #Serpa para trabalhar em design gráfico, juntamente com a mulher. No entanto, a envolvência com a cultura da região motivou-o a ir por outro caminho. Decidiu abrir a sua própria rouparia. Afirma com orgulho que é roupeiro e explica: “Um roupeiro é uma pessoa que trabalha numa rouparia. Uma rouparia não é uma lavandaria, é uma queijaria”. Esta designação surge “porque há muitos panos usados no fabrico do queijo, e antigamente as pessoas passavam na rua e havia espaços com muita roupa estendida à porta”.

Publicação 2 DN

É na #Curadoria100Histórias que #RodolfoCarvalho e a sua mulher produzem o famoso #queijodeSerpa, utilizando as técnicas artesanais. “Por sorte, ou não, uma vez um senhor na rua abordou-me e perguntou-me se queria alugar uma queijaria. Eu ri-me e achei que aquilo era uma parvoíce, mas depois a ideia foi ficando, foi criando raízes e... cá estou eu”, conta o jovem roupeiro.

#UmOutroPaís

“Um roupeiro nesta zona, em Serpa, é uma pessoa que trabalha numa rouparia. Uma rouparia não é uma lavandaria, é uma queijaria. Esta ideia do roupeiro vem porque há muitos panos usados no fabrico do queijo, e antigamente as pessoas passavam na rua e havia espaços com muita roupa estendida à porta. Daí foi chamada rouparia, e eu sou roupeiro.

Decidi vir viver para Serpa porque a minha mulher é de cá, nós conhecemo-nos nas caldas da rainha, e ela decidiu vir para cá criar uma empresa de design, ficamos os dois a trabalhar na empresa, até que me cansei de computadores. Esta decisão de desistir do design gráfico foi uma coisa que foi sendo criada. Houve algum desapego pela arte, no meu caso, e as pequenas tarefas que tinha que fazer tornaram-se cada vez mais pesadas. Já não estava a tirar gosto do que estava a fazer. Por sorte, ou não, uma vez um senhor na rua abordou-me e perguntou-me se queria alugar uma queijaria. E eu ri-me, achei que aquilo era uma parvoíce, mas depois a ideia foi ficando, foi criando raízes e... cá estou eu.

Num dia comum, levanto-me por volta das 5h30 6h da manhã. Normalmente já tenho o leite lá na queijaria nos tanques de refrigeração para fazer a passagem do leite. Para por volta das 8h, quando chegam as colaboradoras, o leite já esteja quente, preparado, para se meter em infusão de cardo. Depois a partir daí, será 1h para o leite coagular, entretanto vamos virando as camaras, fazendo algumas lavagens de queijo. Por volta das 9h30 começamos a fazer o queijo. Se tudo correr bem por volta das 11h30 já está tudo feito. Começamos a parte do requeijão e as limpezas. O requeijão demora umas 2h. Depois é a parte do tesuramento, que fica tudo numa piramidezinha nas fraldas a tesurar. Para depois, por volta das 16h o embalmarmos e sair.

Aqui a abertura das pessoas. A facilidade com que recebem no meio duma mesa, e dão a provar este petisco e aquele, e bora beber copos e vamos falar disto e daquilo. E o cante alentejano, que era uma coisa que eu não achava muita graça e agora já acho. Ainda não vi ninguém a dormir à sombra do chaparro, que era o que se ouvia em Lisboa. As pessoas são simples, fáceis de lidar. Mas claro que cada uma tem o seu feitio. A comida é maravilhosa, cheguei cá e engordei 30 kilos.. uma loucura.

Especialmente desde que a minha filha nasceu, grande parte dos momentos que passo com ela são os melhores momentos para mim. Todos os dias vão renovando. É um ponto forte associado aqui a Serpa, é um sítio onde eu me sinto seguro para criar uma criança. Sinto que ela pode ser muito feliz aqui, e nós com ela.

A parte menos positiva, por exemplo, é que ela teve que ir nascer a Vila Franca, porque a saúde no Alentejo deixa muito a desejar, e o hospital de Beja também. Pronto, foi nascer à terra do pai, também acho bonito, é poético.

Só se as coisas correrem muito mal é que eu saio daqui agora. Eu gosto de estar aqui, sinto-me bem aqui, fui bem recebido. Estou a criar este projeto, que não é propriamente um projeto nómada que posso pegar e levar para outro lado. Sinto isto já como uma das minhas 3 terras. Caldas da Rainha, Vila Franca de Xira e Serpa são 3 marcos importantes da minha vida e eu sinto muito essas terras. E eu gosto muito de todas. Serpa agora com a minha filha cá ganhou um maior destaque em relação às outras.”

Para #RodolfoSaterCarvalho, #Serpa é uma terra de futuro. Não só por ser o lugar onde criou o seu projeto #Curadoria100Historias, mas também por ser aqui que quer criar a sua filha. “É um sítio onde eu me sinto seguro para criar uma criança.”, afirma o jovem pai.

**18) ENTREVISTADO: Filipa Gambino e Rui Peleção**  
**FRASES:**

### **Publicação 1 DN**

A mudança para o Fundão era o plano de #FilipaGambino e de #RuiPelejão para os anos de ouro. “Reformámo-nos mais cedo”, conta, bem disposto, o jornalista. “A verdade é que cá, do ponto de vista financeiro, se pode viver melhor com menos. Porque o custo de vida, em muitas coisas, é mais barato.” Mas nem tudo é fácil: “há dificuldades e a integração pode ser difícil” para quem chega. Neste caso, a mudança correu bem e é no Alcaide que esta família vai crescendo.

#UmOutroPaís

### **Publicação 2 DN**

O facto de trabalharem muito a partir de casa facilitou a mudança de #FilipaGambino e de #RuiPelejão para o interior. “Em vez de estar num apartamento em Lisboa, fechado horas em teletrabalho, prefiro estar aqui sentado neste quintal, com o meu gato. Depois tomo um banhinho de mangueira e volto ao trabalho”, conta o jornalista.

#UmOutroPaís

### **Post para instagram**

O #FestivaldosMíscaros acontece todos os anos, no outono. A aldeia do #Alcaide enche-se de bares e tasquinhas onde o cogumelo é rei. #FilipaGambino, no restaurante, e #RuiPelejão, atrás do balcão do bar, já participaram no festival da aldeia. Para quem acha que não acontece nada no #Fundão, o casal desafia: “Venham cá. Às vezes é difícil escolher no fim de semana e até durante a semana.”

### **ENTREVISTA COMPLETA:**

Rui: “É uma longa história, que começa há cerca de 3 anos. Vivíamos em Lisboa na altura. Foi uma epifania. Nós tínhamos ido abrir uma conta conjunta, fomos almoçar e bebemos duas garrafas de vinho branco e decidimos mudar de geografia. Foi uma epifania com vinho branco.”

Filipa: “Estávamos a pensar que se calhar queríamos ter um filho. E que não queríamos ter em Lisboa, com a confusão toda e o ritmo frenético. E a família do Rui era desta zona, já vínhamos muitas vezes ao fim de semana, férias e assim.. E sempre falamos em vir para cá quando nos reformássemos ou assim.”

Rui: “Portanto, reformámo-nos mais cedo”

Rui: “Não tínhamos nenhum trabalho cá. Apenas achamos que os trabalhos que tínhamos em Lisboa eram passíveis de transportar para aqui. E depois aqui iríamos tentar arranjar mais coisas para fazer, quer na área do vídeo quer na minha area da escrita”

Filipa: “Durante muito tempo, e ainda hoje, tenho que manter os meus clientes de Lisboa para conseguir sobreviver, mesmo tendo uma renda muito baixinha. Mas se fosse apenas com o trabalho que existe cá, era mais difícil.”

%De desemprego no fundão. - Em 2019, 5% da população residente no concelho do Fundão encontrava-se desempregada e inscrita no centro de emprego

Rui: “Eu faço um programa na TVI24, que me obriga a ir gravar fora. E depois tenho o trabalho do jornal do fundão. Eu trabalho muito em casa, mas também já trabalhava em Lisboa. Foi uma das decisões: Em vez de estar num apartamento em Lisboa fechado horas em teletrabalho, prefiro estar aqui sentado neste quintal, com o meu gato, e depois tomo um banhinho de mangueira e trabalho... Portanto as condições de teletrabalho são muito melhores aqui. À exceção da velocidade da internet, que foi um problema que tivemos durante 4 anos que agora foi finalmente resolvido.”

Rui: “A envolvente natural eu acho que é a coisa que te dá uma paz sempre que ao fim do dia chegas a casa, que é uma paz diferente da que há em Lisboa. Um dos meus momentos perversos do dia é ir de manhã para o trabalho no fundão, sintonizo a rádio para ouvir o transit

em Lisboa. E eu fico com um sorriso perverso, porque eu vou aqui numa estrada rural com ovelhinhas e a segunda circular está como costuma estar a segunda circular.”

Rui : “As pessoas às vezes pensam: “Ah, eles vão para a parvónia, para a pasmaceira, não acontece lá nada”. Venham cá, as vezes é difícil escolher no fim de semana durante a semana. A ideia era vir para cá para não fazer nada, e de repente tens um festival dos míscaros a acontecer”

FESTIVAL DOS MÍSCAROS - O Festival dos Míscaros é o festival do cogumelo, que acontece anualmente no Alcaide, concelho do Fundão.

Anualmente acontece o Festival dos Míscaros no Alcaide, concelho do Fundão.

Rui: “A verdade é que cá, do ponto de vista financeiro, se pode viver melhor com menos. Porque o custo de vida, em muitas coisas, é mais barato. Mas isto não é tudo um mar de rosas. Há dificuldades, e a integração pode ser difícil para as pessoas que venham para cá.”

Filipa: “As saudades que tenho das pessoas que estão nas Caldas, de onde eu sou. E em Lisboa, onde está o meu núcleo duro de amigos, o meu irmão, o meu sobrinho.”

Rui: “A mim faz muita falta bares e restaurantes. Existem aqui bons restaurantes, mas são 6 ou 7. E ao fim de 4 anos já é enjoativo percorrer a mesma lista outra vez. E parecendo que não, para quem gosta de comer e de ter experiências diferentes do ponto de vista da gastronomia. Faz-me falta bares simpáticos, como há em Lisboa para estar.”

Filipa: “Nós não gostamos de pensar em para sempre..”

Rui: “Sim, é isso. Nenhuma decisão definitiva. Para já estamos muito bem aqui. Mas se acharmos que podemos ser mais felizes, ou felizes de outra forma noutra sítio qualquer. Pegamos na trouxinha [e vamos embora].”

Filipa: “Mas mesmo que fossemos para Lisboa, não íamos mesmo para Lisboa. Íamos procurar uma aldeia à volta, e tentar levar o tempo que temos aqui para essa vida em Lisboa, ou próximo de Lisboa. Não me imagino a voltar a viver numa cidade grande.”

Rui: “Sim. Sempre com quintal pelo menos.”

## 19) ENTREVISTADO: Maria Gabriela Cravinho

### Post 1 FACEBOOK

"Foi amor à primeira vista", comenta #GabrielaCravinho, recordando o que a fez escolher Manteigas como nova morada há 16 anos. E o amor não se esgotou ali: "Não há palavras para descrever a forma amorosa, carinhosa como esta gente nos recebeu."

### POST 2 FACEBOOK

Ocupada durante a semana com o trabalho, #GabrielaCravinho aproveita os fins de semana para desfrutar da natureza da #SerraDaEstrela: “no inverno, quando está bom tempo, costumo ir passear para a serra com a minha cadela. No verão costumo ir à praia fluvial do Vale do Rossim, que adoro.”

## POST INSTAGRAM

O concelho de #Manteigas foi distinguido pela melhor qualidade de vida por um estudo da Marktest. Esta é também a característica que #GabrielaCravinho mais valoriza. Nesta terra onde ainda “há pessoas que dormem com a chave do lado de fora da porta para os vizinhos entrarem quando quiserem”, sente-se segura e bem acolhida.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Eu decidi vir viver para Manteigas porque vivia no Algarve e queria sair de lá. E então concorri, e vim para cá através de um concurso público. Concorri de Lisboa para cima, e pronto um dos locais para onde concorri foi aqui para Manteigas. e vim à entrevista e não sei explicar como nem porquê, apesar de não conhecer Manteigas é uma coisa que não consigo explicar. Foi amor à primeira vista.

Isto é muita qualidade de vida, na minha perspetiva. A qualidade de vida é muito subjetivo. Para mim tem qualidade de vida. Sinto-me muito segura. Não tem criminalidade completamente nenhuma. Ainda há pessoas que dormem com a chave do lado de fora da porta para os vizinhos entrarem quando quiserem. Da minha casa até ao meu local de trabalho são dois minutos a pé. A vida é mais fácil.

Se se estraga alguma coisa em casa, eu conheço a pessoa, dou-lhe a chave de casa, ela vai lá arranjar de manhã, quando eu chego ao fim do dia tenho tudo arranjado. E depois tem uma coisa engraçada “então depois eu telefono”, “e quanto é que é?” “Ah logo paga”.

Fui muito bem recebida, e devo isso a esta terra, eu e a minha filha somos... não há palavras para descrever a forma amorosa, carinhosa como esta gente nos recebeu. É uma coisa que nunca vou esquecer. Isso é um fator que me faz estar eternamente grata.

Eu comento às vezes com a minha filha, que, há 16 anos que estou cá, fiz mais amizades em 16 anos do que na minha vida toda.

As pessoas aqui têm uma característica que eu encontro, que é as pessoas mais velhas - nos mais novos já não noto tanto isso porque saem mais -, quando eu digo mais velhas é da geração 70/80 anos. Aqui as pessoas vivem muito mais do que na cidade, há aqui várias pessoas com 90 e tal 100 anos, portanto. Agora, pelo facto de não saírem daqui com tanta frequência - algumas se calhar até nunca saíram, e essas pessoas têm uma mentalidade muito conservadora e fechada. O conservadorismo é se calhar a parte que eu menos gosto. Mas ao mesmo tempo inspiram-me uma ternura tão grande às vezes. Tava-me

a lembrar agora de algumas coisas. Porque são tão ingênuas, tão purís. Enternece-me às vezes. Só me dá vontade de as abraçar.

Como é uma câmara muito pequena, somos só dois chefes de divisão. E abarcamos cada um de nós várias áreas - uma panóplia de áreas. Dirijo e coordeno essas áreas, faço um bocado o papel de jurista, porque sou e porque é a minha base. **Faço um bocado de tudo e gosto muito do que faço. Costumo dizer que tenho sorte porque faço o que gosto e ainda por cima me pagam. É ótimo.**

Nos meus tempos livres são sobretudo aos fins de semana, porque aos dias de semana trabalho. Os fins de semanas, no inverno, quando está bom tempo costumo ir passear para a serra com a minha cadela. Gosto muito de ir. De verão costumo ir à praia fluvial do Vale do Rossim, que eu adoro e costumo ir lá aos fins de semana.

Sinto falta de uma coisa: da Ria Formosa, pela natureza. Acho que aquela ria é mesmo formosa. E das ilhas!

## 20) ENTREVISTADO: Igor Costa

### FRASES:

#### Publicação DN 1 [Copy + Fotografia ]

Os incêndios de 2017 ainda marcam a paisagem e a memória. “15 e 16 de outubro foi a pior coisa que aconteceu”, lembra #IgorCosta. Mas o verde voltou e todo o trabalho que já tinha sido feito na reflorestação foi retomado. Desta vez, aprendendo com os erros e em conjunto com a comunidade: o projeto de reflorestação em redor da aldeia de #RiodeMel vai abranger 700 hectares. Para já, um prémio do programa Renascer permitiu trazer nova vida a 7 hectares.

#### Publicação DN 2 [Copy + Fotografia ]

Para #IgorCosta, a mudança para o interior “não é assim tão difícil. Há aí muitas casas vazias, temos internet em todo o lado. Qualquer pessoa pode fazer o mesmo” e viver rodeado pela natureza em #RiodeMel.

#### Post Instagram



Numa aldeia de montanha, como #RiodeMel, a agricultura faz-se em #leiras. É nestes #socalcos, construídos ao longo de gerações, que #IgorCosta planta aquilo que alimenta a família. É também nestes socalcos que ficam as #colmeias, onde é produzido o #mel que dá nome à aldeia.

“Desde que o nosso filho nasceu, aquilo que ele vê é isto. Não está habituado a prédios, nem a cidades.

A maior parte do tempo o nosso filho gosta de andar na natureza. E agora está com uma paixão por animais portanto tudo o que mexe, ele quer pegar, mexer, fazer festas e perceber como eles vivem, o que comem.

## 21) ENTREVISTADO: Andreia Proença

Olá, eu sou a Andreia, tenho 22 anos e sou Gestora de Produto. Eu cresci em Videmonte, fiz aqui a minha escola, o secundário e depois fui para o Porto estudar e trabalhar, trabalhava lá até ao início da pandemia. Depois as coisas acabaram por fechar e, por uma questão de facilidade, por gostar muito de estar cá, quando isso aconteceu mudei-me para aqui e estou aqui há um ano e meio.

Para mim esta sempre foi a minha casa, eu sempre tratei isto como casa, e mesmo quando estava no Porto senti que não era ali a minha casa. **É a minha aldeia, foi onde eu cresci, eu sinto-me muito bem aqui, portanto não houve aqui outra opção, mas mesmo quando trabalhava no Porto, eu sentia muito a necessidade de pontualmente vir aqui, e mesmo quando não vinha - vinha de duas em duas semanas - eu precisava de vir para aqui para sentar, equilibrar.**

No meu trabalho sempre gostei de estar com pessoas. Portanto, eu tive a experiência onde eu estava fundamental com o meu computador - eu e o computador - e depois eu percebi que ... ok falta ali uma parte muito importante no meu trabalho, que é estar com pessoas, e por isso que também a minha **profissão é Gestora de Produto, que é muito organizar e estar com equipas, falar com diferentes pessoas e articular aqui o trabalho, portanto isto é que me fez ir para Gestora de Produto. Atualmente essa parte é feita de forma muito impessoal, e acho que isso acaba por tirar aqui uma boa parte daquilo que eu gosto no trabalho que é gestão e estar com pessoas e sentir o espírito de equipa.**

**Atrás de mim temos o espaço Coworking, e pronto, aqui acredito que vamos ter mais pessoas na minha situação, a trabalhar remotamente, e acredito que possamos criar uma espécie de comunidade, para ser**

**nómada. Mas acho que vai dar aqui um sentido mais ao teletrabalho - não tem de ser só solitário, ou que devemos estar cada um em sua casa - mas também haver aqui um pequeno grupo que pode interagir fora das horas de trabalho ou nas horas de trabalho, então acho que vai ser muito bom por causa disso.**

O que menos gosto de viver aqui é mesmo a parte social, então a vida social que tinha no Porto aqui não tenho. Mesmo no Porto sempre tive uma vida social e cultural muito ativa e acho que aqui, a Guarda, não oferece tanta diversidade como oferece, por exemplo, o Porto, mas conseguimos ter um equilíbrio bom, portanto temos peças e espetáculos em todas as semanas.

Existe aqui a tal tranquilidade e serenidade que não existe na cidade. Isso, em termos de trânsito, etc.. nada a ver, portanto é tudo muito mais relaxado, a questão de ir para o trabalho, de vir...

Tenho aqui a minha família também, portanto isso é também natural (???)

Uma coisa que sinto muita falta é aos domingos ir pela marginal, desde a ribeira até à praia de Matosinhos. Eu fazia isso todos os domingos, com bom tempo, e trazia uma paz...E portanto eu sinto muita falta de fazer esse caminho. Portanto, era essa marginal, sei lá, algures ali em baixo, púnhamos só a marginal com vista para Gaia, só essa marginal e estava feito.

Mas acho que é sempre isso, e aliás todos os momentos da vida, se eu olhar para trás, os momentos mais felizes que tive foram sempre assim, em convívio familiares e isso acontece aqui, e portanto eu diria que é isso...

### **Publicação sobre Cowork, Aldeias de Montanha → Instagram**

Nos espaços de coworking rural das #AldeiasdeMontanha todos têm a porta aberta, sobretudo os nómadas digitais. É o caso de #AndreiaProença, que acredita que este projeto vai dar um novo sentido ao teletrabalho. “Não tem de ser só solitário”, afirma.

Entusiasmada e com saudades do espírito de equipa, acredita que se pode formar “um **pequeno grupo que pode interagir fora das horas de trabalho ou nas horas de trabalho**”.

### **Publicação 1 DN**

#AndreiaProença decidiu regressar a #Videmonte, com o início da pandemia. “Esta sempre foi a minha casa, mesmo quando estava a viver no Porto”, explica. É nesta aldeia, que faz juz ao nome, que encontra o seu equilíbrio. “Existe uma tranquilidade que não existe na cidade.”

### **Publicação 2 DN**

Na aldeia de #Videmonte vai nascer um novo espaço de trabalho, numa antiga casa que servia de apoio aos caminhantes que passavam por ali. No CoWork Rural, #AndreiaProença acredita que se pode “criar uma espécie de comunidade” de pessoas que estão em teletrabalho e que, tal como a jovem, sentem falta do convívio com outros durante a jornada laboral.

### **22) ENTREVISTADO: Vasco Nogueira (médico psiquiatra) e Joana Dourado (engenheira civil)**

#### **PUBLICAÇÃO 1 (copy + fotografia \_MG\_8159bbb)**



O incentivo estatal para os médicos se fixarem em zonas carenciadas contribuiu para a mudança de #VascoNogueira e de #JoanaDourado. O médico psiquiatra pediu mobilidade para o hospital de Beja. No entanto, escolheram ficar a viver em Serpa porque é “uma cidade mais pequena, com boa qualidade de vida, e com uma oferta desportiva e cultural bastante rica”, conta a engenheira civil. #UmOutroPaís

#### **PUBLICAÇÃO 2 (copy + fotografia)**



O suporte da família é importante quando se tem filhos. É deste aspeto que #JoanaDourado e #VascoNogueira sentem mais falta “todos os dias”. Contudo, “vamos ganhando esse apoio com as pessoas que vamos conhecendo”, conta o casal.  
#UmOutroPaís

### **POST INSTA (copy + fotografia)**

#JoanaDourado e #VascoNogueira fazem parte do Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC). Foi neste grupo que se conheceram e que conheceram também o cante alentejano. A dedicação ao estudo deste género musical foi um dos motivos que os levou a “conhecer mais de perto” a cultura desta região, em Serpa.

Vasco: Nós decidimos vir viver para Serpa já há alguns meses. É uma ideia que secalhar tem alguns anos, mas é uma ideia que tem vindo a amadurecer nos últimos tempos, por vários motivos. Um deles mais a nível profissional da minha parte. Nós somos de Coimbra, vivíamos em Coimbra e eu trabalhava na Figueira da Foz, o que implicava fazer viagens todos os dias o que era bastante pesado. Já conhecíamos Serpa dos nossos tempos de solteiros e despreocupados, em que podíamos vir só passear e andar a vaguar durante as férias e a saltar de sítio em sítio, e foi o que fizemos. Fomos conhecendo bem esta terra, e era sempre daqueles planos... Um dia havemos de vir viver para aqui.

Joana: A pandemia deu-nos um empurrãozinho para tomar a decisão, depois de um ano cansativo e depois de ansiar tanto por uma mudança, decidimos não ficar à espera e ir nós atrás dessa mudança. O Vasco pediu transferência, mobilidade para o hospital de Beja e viemos.

Vasco: Para mim era fácil ser transferido para Beja, por vários motivos. É possível fixar pessoas no interior se houver incentivos. E há de facto a nível hospitalar, não é que sejam extraordinários, mas há alguns, e vim ao abrigo de um incentivo para médicos em zonas carenciadas.

Joana: Podíamos ter ficado em Beja, mas preferimos Serpa porque é uma cidade mais pequena e por ter uma boa qualidade de vida, ter uma oferta desportiva, cultural bastante rica.

Vasco: Nós pertencemos a um grupo, que é o Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC) e foi la que nos conhecemos. É uma agencia matrimonial reconhecida, dentro e fora de fronteiras. E começamos a explorar há uns anos esta parte do reportório musical do alentejo, que era uma coisa nos dizia muito e dedicamo-nos em particular eu, e a Joana, ao cante alentejano. Havia essa parte que fazia sentido conhecer mais de perto.

Joana: a falta de suporte familiar é algo que sentimos todos os dias. Tínhamos imenso apoio da família, cuidado com os filhos. Até pq temos varias atividades extra, e usavamos muito esse apoio. Aqui não temos, mas vamos criando com pessoas que vamos conhecendo. Já percebemos que é possível.

O que sentimos mais falta de Coimbra é da família e dos amigos. Nós temos ido mais ou menos uma vez por mês a Coimbra e vemos a família e fazemos as atividades que fomos mantendo e tb a nivel digital vamos falando. Temos conseguido manter esse contacto.

**[reels] São muito simpático, muito acolhedores. desde o primeiro contacto que fizemos c pessoas daqui a pedir ajuda para procurar a casa, por causa das creches. Sentimos logo um grande apoio, e uma vontade de nos receber e de nos ter cá, e portanto sentimo-nos em casa desde o primeiro dia que nos instalamos aqui.**

Vasco: Estamos bem, agora é altura de começar a usufruir um bocado daquilo que viemos à procura. Agora felizmente as coisas estão a retomar. E para as crianças de facto é bom. E para nós também - estamos finalmente a conseguir intrusar-nos não só com as dinâmicas culturais, sociais e politicas, também com as pessoas do trabalho e isso acho que é giro. Agora é altura de viver.

Joana: Enquanto nos sentirmos bem, ficamos.

**23) ENTREVISTADO: Luísa Grácio e Pedro Alves**  
**FRASES:**

## PUBLICAÇÃO DN 1



#PedroAlves trabalha numa empresa de reboques em Lisboa e, devido à pandemia, começou a fazê-lo à distância. Este fator permitiu que ele e a sua mulher, #LuísaGrácio, realizassem “um desejo muito antigo” de se mudar para o #MonteCimeiro

## PUBLICAÇÃO DN 2



Há muitos anos que #LuísaGrácio tinha o desejo de voltar para a sua terra natal, #MonteCimeiro. Confessa que prefere o ambiente calmo do campo, em vez da confusão da cidade. “Ouvir a natureza. À noite que não se ouve nada, só se ouvem as rãs, os passarinhos e os sapos... é tão bom”.

## INSTAGRAM UOP



O trabalho diário de uma empresa de reboques de Cascais é gerido por #PedroAlves à distância. Mudou-se com a mulher, #LuísaGrácio, para #MonteCimeiro, no Sardoal, por causa da pandemia: “estivemos ambos infectados, em isolamento”. Como viver fechado num apartamento em Lisboa deixou de ser uma hipótese viável, decidiram mudar: “viemos para cá, fomos ficando, e percebemos que era possível viver cá, com o Pedro a trabalhar em Lisboa”, explica #LuísaGrácio.

#### TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

“Luisa: Nós decidimos vir viver para o monte cimeiro porque era um desejo muito antigo meu. Nasci cá e sempre que cá vinha nas férias queria voltar a viver cá. O Covid não pode só trazer coisas más, por isso na altura do covid que estivemos ambos infectados em isolamento, percebemos que viver num apartamento em Lisboa era muito pior. E viemos para cá, fomos ficando, e percebemos que era possível viver cá com o Pedro a trabalhar em Lisboa.

Pedro: O teletrabalho facilitou um bocado a gestão da empresa e foi mais fácil assim tomar a decisão de permanecer por aqui. Até decidirmos, literalmente, mudarmo-nos para aqui e eu continuar a trabalhar em Lisboa.

Não pensamos em outros lugares. Havia a opção: ou era lá, ou era aqui. Não havia mais opções.

Luísa: Tinha que ser um ambiente assim, rural. Mas como aqui, em Lisboa era difícil. Por isso, para mim sempre foi aqui. Sempre disse que não era feliz noutra sítio, tinha que ser aqui.

Como estou desempregada tenho mais tempo para me dedicar a isto tudo, ao ar puro, às ovelhas, ao pomar

Pedro: Eu normalmente acordo aí 7h, 7h30. Venho cá fora. Abro as ovelhas, dou-lhes leite. Vou ver se já tenho morangos. Depois por volta das 9h pego ao trabalho. Ou venho cá para fora, quando ela vem para a rua, tomamos o pequeno almoço, venho trabalhar para a rua. Ou então fico no escritório a trabalhar.

É terapêutico. A falta de tempo livre aqui é terapêutico, só o ambiente em si já não é stressante, ao contrário de Lisboa. **É terapêutico, se calhar sinto-me mais cansado agora, mas é um cansaço bom. Chegamos aqui ao fim de 1 mês ou 2 e vemos as árvores a crescer, vemos as ovelhas a crescer.. é diferente.**

**Luisa: Da paz e do silêncio. Adoro estar lá em cima a ouvir a natureza. à noite que não se ouve nada, só se ouvem as rãs, os passarinhos e os sapos.. é tão bom.**

Pedro: A rede de telemóvel, por exemplo, falo por mim que preciso. **A internet para o meu trabalho é necessária.** Trabalhamos 24h, preciso de ter disponibilidade 24h. A rede aqui é muito curta, e telemóveis igual. Por acaso vivemos no alto, a rede funciona mais ou menos, mas é o que sentimos mais. É algo que não pensávamos em Lisboa e aqui é um problema diário.

### **80,4% das famílias do centro tinham ligação à internet em 2020**

O pessoal da terra, o tão bem que nos recebem, o tão bem que nos acolhem. **[reels] Nós em Lisboa não temos isto, a preocupação do vizinho: “Epa, pq e que o vizinho ainda não veio ao café? Porque é que ainda não saiu com o carro?” Isso não existe em Lisboa, pelo menos onde nós vivemos.**

**Luisa: Eu costumo dizer que nós não somos uma aldeia, somos uma família. Porque como são poucos, acaba por ser toda a gente muito unida.**

Pedro: Com a escassez de trabalho no interior, acho que é difícil alguém mudar assim. Não havendo pelo menos um suporte financeiro que dê essa estabilidade é difícil as pessoas conseguirem mudar.

Luísa: Por acaso o feedback das pessoas a que nós contamos que viemos é: "Não sabes quantas vezes já pensei nisso! Mas é tão difícil!". E é, não é uma decisão fácil, nós pensamos nisso muitos anos. Cada vez que vínhamos de Lisboa e passávamos cá uma semana pensávamos: "Como é que vamos viver para ali?"

Pedro: Não, já estou farto de carregar caixas!

Luísa: Não, não, não.. agora é para ficar. É para ficar."

#### 24) ENTREVISTADO: Nuno Frade e Paula Costa

##### FRASES:

Chamo-me Paula tenho 38 anos e sou de Lisboa.

Eu chamo-me Nuno, tenho 43 anos e sou de São Sebastião da Pedreira, em Lisboa.

Nós decidimos vir para Marvão porque estávamos numa altura em que precisávamos de tomar decisões, constituir a família e essas coisas por que toda a gente passa e tínhamos duas opções: ou "casávamos" com a IC19 para a vida e comprávamos um t2 em Mem Martins, ou coisa que o valha. Ou então, com o mesmo dinheiro comprávamos uma casa com um quintal grande e no interior do país, com mais qualidade de vida e foi essa opção que acabamos por tomar e viemos para Marvão.

Nós viemos em 2010.

Dezembro de 2010. **fomos escuteiros de Sintra durante muitos anos. conhecemos o país com a mochila às costas e portanto sabemos mais ou menos quais eram os locais do país em que podiam aliar bom tempo, paisagem, um património arquitetónico, coisas que fossem uma mais valia e também o preço.** Surge aqui uma relação destas componentes todas bastante interessante.

Para além disso temos outra grande vantagem: **estamos aqui ao lado de Espanha.** fazemos fronteira e é um dos principais acessos de entrada em Portugal. **A Quinta do Maral é o nosso projeto de vida, é um parque de campismo naturalista, um parque de campismo rural e recebemos pessoas de vários países do mundo.**

**Trabalho para uma empresa de informática, sou gestora da Quinta do Maral e para além disso temos uma loja online.**

Sou gestor da Quinta do Maral e faço a gestão da loja online Amor da Terra.

Tinhamos muito essa tendência de ao fim de semana sair de Lisboa e ir para um sítio mais calmo. Ou mesmo em Lisboa, íamos para Sintra e podíamos estar na serra. mas aqui esta tranquilidade, o conhecer as pessoas, estarmos sossegadinhos aqui no nosso canto e ter este contacto com a natureza é espetacular.

**As coisas que eu mais gosto é gostar de ir a Lisboa. Sabe-me bem ir a Lisboa, coisa que quando lá estava, só me sentia saturado.**

Paula: O que sinto mais falta é da família e dos amigos. Mas eu tenho uma ligação muito grande com a minha família, e isso no inicio custou. e dps de ter filhos ainda sentimos mais isso, porque estamos aqui os dois sozinhos sem nenhum apoio familiar na zona...aquela coisa de deixar os filhos com os avós e fugir os dois um bocadinho isso nao existe.

Paula: **o facto de virmos para ca ja foi um muito bom momento, e aqueles primeiros tempos só nos sozinhos, a descoberta do contacto com o mundo rural, e as primeiras experiencias do tipico suburbano que chega à terra e quer fazer uma horta, e correr tudo mal...**

E depois o nascimento do primeiro filho e dps o que da assim um especial gozo é receber os mesmos clientes todos os anos. É uma família que se criou e isso é sempre um grande momento cada vez que eles chegam todos os anos e ficamos aii que bom.

Nuno: mas o nascimento do segundo filho também foi um grande momento.

Nuno: ha sempre alguns momentos mais complicados, principalmente para quem como eu nasceu com duas maos esquerdas. e quando vem as tempestades que nos partem tudo e mais alguma coisa sao murros no estomago q doem um bocadinho e dps custam a reerguer coisas que ja tavam feitas.

Paula: Eu nao me imagino a sair daqui,

Nuno: O projeto é ficar, é assentar arraiais neste território

DN 1

Passados 10 anos da chegada a Marvão, #PaulaCosta e #NunoFrade, recordam, bem dispostos, os “**primeiros tempos, só nós, sozinhos**”. **Até as naturais dificuldades foram vividas com leveza e bom humor: “a descoberta do contacto com o mundo rural e as primeiras experiências do típico suburbano que chega à terra e quer fazer uma horta, e correr tudo mal”, recorda Paula com uma gargalhada.**

DN 2

Por terem sido escuteiros, #PaulaCosta e #NunoFrade conheceram “o país com a mochila às costas”. Encontraram em #Marvão um bom sítio para viver e montar o seu parque de campismo naturista, por “aliar bom tempo, paisagem, e um património arquitectónico” interessante, entre outras mais valias, como a gastronomia e a simpatia das pessoas. Para além do preço: o equivalente a um T2 na periferia urbana da capital, brinca #NunoFrade.

UOP insta

Para #PaulaCosta e #NunoFrade “**a Quinta do Maral é o nosso projeto de vida. É um parque de campismo naturista, um parque de campismo rural**” que recebe pessoas de vários países do mundo, em #Marvão. Para #PaulaCosta é gratificante “receber os mesmos clientes todos os anos. É uma família que se criou e é sempre um grande momento cada vez que eles chegam”.

25) ENTREVISTADO: Ana Cravo

FRASES:

Ana Cravo, 35 anos

Vim para seia pq tenho familia ca e nasci e vivi sempre em Lisboa e habia aquela vontade de sair do mundo urbano e de ter a parte profissional q recompensasse ou que tivesse algum impacto. Sou engenheira do ambiente e tenho o sonho de mudar o mundo.

Eu até acho que é mais facil procurar emprego no estrangeiro do que no interior de portugal, e não havia muitas vagas. Eu candidatei-me varias vezes, mas as coisas nao se desenvolviam. Surgiu a oportunidade de trabalhar nas aldeias de montanha, que é uma associação q tem sede em seia, que é onde eu tinha familia e por isso consegui essa vga profissional e foi só arrumar as malas e vir com o marido e com o bebe e com a gata e viemos.

As aldeias de montanha têm vários eixos, por exemplo, um dos projetos que é a parte da animação das festas não existe porque neste momento não há festas nas aldeias foram todas suspensas, mas temos aqui a parte da inovação. Ou seja tentamos implementar projetos que criem novas dinâmicas para as aldeias por exemplo vamos instalar uma rede de espaços de cowork, espaços de trabalho partilhado nas aldeias. Neste momento estamos na fase de obra e é interessante irmos as aldeias e vermos as pessoas a perguntar quando vai abrir.

Até pq temos pessoas nas aldeias de montanha que estão em teletrabalho e que precisam de espaço para trabalhar e com o projeto cowork vamos conseguir criar aqui alguma massa crítica nas aldeias.

No caso de Seia, que é uma cidade q está na encosta da serra da estrela eu acho que, ver a serra da estrela todos os dias é uma coisa... e neste caso, como já estou cá desde setembro, ver ao longo do tempo como é que a serra vai mudando, acho que é mesmo incrível, mesmo fantástico.

Realmente a saúde eu diria que é mesmo o principal factor negativo. Já tive o meu filho internado e lá está, se calhar em Lisboa ia para casa, e nós fomos à urgência da guarda, e eles disseram que como vivemos em Seia tinha de ficar internado porque a distância é grande e tem de cá ficar para vigilância. e aí uma pessoa pensa “Bolas, só porque estamos longe”....

Seia ser uma cidade pequena onde sinto mais em comunidade, ou seja, sinto que tenho contacto muito mais humano, por ex. em Lisboa estamos sempre a ver pessoas diferentes raramente vemos as mesmas caras, aqui não, já conheço as pessoas todas, os meus vizinhos todos, a rua onde eu vivo.

Gosto dessa parte humana, de me sentir mais integrada, do que em Lisboa, que seria mais uma nos transportes, no centro comercial...

O meu primeiro dia de trabalho nas Aldeias de Montanha foi passar o dia com um pastor na serra. Descemos a serra até Seia, e acho que foi logo o primeiro dia ser isto que foi uma experiência espetacular e a trabalhar com um pastor e ver a vida que eles têm, e só por isso já valeu a pena...e eu acho que foi logo um sinal do que como seria esta nova oportunidade profissional, que seria completamente fora da secretária. e foi o que aconteceu logo no primeiro dia.

Ainda não sinto falta de Lisboa, eu acho que queremos cá ficar. Enquanto o nosso filho for feliz, nós também somos. e eu acho que ele

aqui tem boas condições para crescer, por isso por euqnao tue diaria que temos condições para cá ficar.

DN1 (foto no miradouro)



“Sou engenheira do ambiente e tenho o sonho de mudar o mundo”, afirma #AnaCravo. O desafio profissional nas #AldeiasdeMontanha foi a oportunidade perfeita de largar o trabalho de escritório e mudar para Seia, onde já tinha família. Agora dedica-se a projetos “que criem novas dinâmicas nas aldeias”, como uma rede de espaços de #cowork.

DN2



Para #AnaCravo, a saúde é o “principal fator negativo” na mudança. A urgência pediátrica mais próxima fica a uma hora de distância. Mas, pela positiva, destaca “o sentimento de comunidade” que se vive numa cidade como #Seia: “gosto da parte mais humana, de me sentir integrada” e de reconhecer as pessoas com quem se cruza todos os dias.

UOP (socialcos)

socialcos

aldeias de montanha, relacionar com outros #

estrela

o caso de seia, que é uma cidade q esta na encosta da serra da estrela eu acho que, ver a serra da estrela todos os dias é uma coisa... e neste caso, como já estou cá desde setembro, ver ao longo do tempo como é que a serra vai mudando, acho que é mesmo incrível, mesmo fantastico.

Os #socialcos são característicos em zonas montanhosas, como é o caso da #SerradaEstrela. Em #Seia, passaram a fazer parte da paisagem

habitual de #AnaCravo. “Acho que é mesmo incrível ver, ao longo do tempo, como é que a serra vai mudando”, conta a engenheira ambiental das #AldeiasdeMontanha.

26) ENTREVISTADO: Ruben Gama  
FRASES:

DN1



Em #Arganil, as pessoas “sabem receber bem, são de fácil conversa”, afirma #RubenGama. Por isso, “conseguem-se facilmente desenvolver laços de amizade e de proximidade”, explica o produtor de #cogumelos.

DN2



#RubenGama queria “sair da grande cidade e criar o próprio trabalho”. Apostou na produção de cogumelos e lançou a #ToMush, em #Arganil. Para Ruben é importante “dinamizar o mundo rural” e “estar perto da natureza”.

UOP

Uma das razões que levou #RubenGama a mudar para Arganil, terra dos seus avós e das memórias de infância, foi a tentativa de “dar mais qualidade de vida aos meus filhos, e de tentar que eles cresçam num

ambiente mais saudável e de maior proximidade” à natureza e às pessoas.

#RubenGama conhece #Arganil desde a infância, por ser a terra dos seus avós e onde ia passar férias desde a infância. Agora, é altura dos filhos criarem também memórias de infância. A tentativa de “dar mais qualidade de vida aos meus filhos, e de tentar que eles cresçam num ambiente mais saudável e de maior proximidade” à natureza e às pessoas foi uma das razões que motivou a mudança.

## 27) ENTREVISTADO: Nuno Silva

Penamacor já tinh

#NunoSilva já tinha tido a oportunidade de viver em #Penamacor, onde considera a qualidade de vida muito valiosa.

Depois de uns anos a viver no Porto e em Castelo Branco, #NunoSilva decidiu regressar ao interior. A “busca por qualidade de vida” levou-o até #Penamacor. A proximidade com a natureza e entre a comunidade contribuem para que este seja o sítio ideal para “para construirmos uma família, para educarmos os nossos filhos sem qualquer tipo de pressão, procurando ar puro, e fugir do barulho dos carros, que nos incomodava”, conta o professor.

Depois de uns anos a viver no Porto e em Castelo Branco, #NunoSilva decidiu regressar a #Penamacor em busca de mais qualidade de vida. A proximidade com a natureza e entre a comunidade contribuem para que este seja o sítio ideal para “para construirmos uma família, para educarmos os nossos filhos sem qualquer tipo de pressão, procurando ar puro, e fugir do barulho dos carros, que nos incomodava”, conta o professor.

Depois de viver em #Penamacor, #CasteloBranco e no #Porto, #NunoSilva decidiu voltar a #Penamacor em busca da melhor qualidade de vida: “Este era o sítio ideal “para construirmos uma família, para educarmos os nossos filhos sem qualquer tipo de pressão, procurando ar puro, fugir do barulho dos carros, que nos incomodava”.

Chamo-me Nuno Silva, tenho 44 anos, nasci em Lamego em 1976 e residi no Porto até há bem poucos anos atrás. Eu vivo em Penamacor há 6 anos, mas em 2008 eu permaneci cá durante 3 anos a lecionar educação física. Entretanto derivado a um novo concurso, eu e a minha esposa fomos para Castelo Branco e de Castelo Branco para o Porto.

A decisão de nós **regressarmos ao interior foi ir à busca de qualidade de vida.**

Chegámos à conclusão de que o ideal para construirmos uma família, para educarmos os nossos filhos sem qualquer tipo de pressão, procurando ar puro, fugir do barulho dos carros, que nos incomodava. Decidimos então regressar para o interior e usufruir desta qualidade de vida.

O que mais gosto em Penamacor é o sossego. **É uma comunidade pequena, fechada, que se vai apoiando uns aos outros, em que todos se conhecem e em que todos se protegem caso haja necessidade.** Há falta de alguns recursos, há falta de oportunidades para os mais novos. Mas se formos observar as grandes cidades – também há falta de muita coisa. Há falta de espaços nas casas, há falta de tempos livres em contacto com a natureza.

Aqui o que nós encontramos é os barulhos da natureza que coabitam connosco diariamente. É as fogueiras, o cheiro a lareira, quando chega o inverno. É as cores: as cores do outono e da primavera são únicas.

O que eu menos gosto de viver aqui e aquilo de que sinto falta é a dificuldade de acesso rápido ao sistema nacional de saúde, ou de poder comprar alguma roupa. O mais importante é a saúde e a segurança. Porque a nossa saúde está representada pelo centro de saúde, que fecha às oito. A partir daí estamos por nossa conta e risco. A educação também é algo que me preocupa a longo prazo, no caso dos meus filhos, por não terem acesso a uma faculdade. Terão de sair daqui, terão de ir embora e isso preocupa-me.

Nós quando cá chegámos, primeiro foi difícil arranjar casa porque nós estávamos habituados a um determinado luxo e chegámos cá e não existia, não faz parte. Tive a hipótese de trabalhar num local recôndito, abandonado, até esquecido e fui-me habituando à ideia de que eu não preciso de nada. As pessoas daqui vão se habituando a sobreviver às dificuldades diárias como ser tudo muito caro, não há transportes públicos, como nas grandes cidades, de 10 em 10 minutos. Agora estou aqui de cabeça e de tronco. Estou cá presente e dou o meu contributo para a comunidade, mas amanhã não sei. Eu costumo dizer que quem conseguir vender num frasco a qualidade de vida que Penamacor tem, vai ficar milionário, porque é assim: aqui tem qualidade de vida.

## 28) ENTREVISTADO: Marty e Susana O'Connell

### ENTREVISTA:



**#MartyOconnell é tosquiador de ovelhas há mais de três décadas. Trabalha dois meses por ano em Portugal e, depois segue para outros pontos da Europa. Considera que o “ADN da lã portuguesa é excelente”. Para o tosquiador, o segredo está na técnica: “Se seguirmos o método corretamente, a lã pode tornar-se mais valiosa.”**



#Marty O'Connell, neozelandês, e #Susana O'Connell, portuguesa, apaixonaram-se por #Marvão, durante uma visita a um amigo. Da natureza à paisagem, passando pelo som dos badalos das ovelhas, este lugar satisfazia “muitos dos nossos requisitos” para uma vida em família, conta o casal.

De visita a um amigo em #Portagem, #Susana e #Marty O'Connell deixaram-se encantar pelos cenários de #Marvão. “Ele mora mesmo onde passa o #rioServer e, ao sairmos de casa, vemos uma piscina fluvial, uma bonita #ponte, depois olhamos para cima e vemos o #castelo de Marvão, tudo verde...”, recorda #Susana. “E ovelhas com os sinos!”, acrescenta o tosquiador. Com saudades da Nova Zelândia, onde #Marty já não vai “há 31 invernos”, a ideia é ficar em Marvão e “irmos fazendo temporadas entre lá e cá”, conta o casal.

A praia fluvial banhada pelo #rioServer e onde se pode ver a #PonteVelhadaPortagem “Vemos uma piscina fluvial uma bonita #ponte e olhamos para cima e vemos o castelo de Marvão lá em cima, árvores, tudo verde

M

O meu nome é Marty O'Connell, sou da Nova Zelândia e aqui está a minha mulher, Susana, a minha companheira. Tenho 53 anos e vivo em Marvão e a minha profissão é tosquiador de ovelhas.

**Trabalho em Portugal de forma sazonal, entre 6 semanas e 2 meses, no máximo e depois trabalho pela Europa.**

É um trabalho... é uma vida de cigano. **Já faço isto há 35, 36 anos e tem sido uma ótima experiência.**

8:27 A técnica, se seguirmos a técnica, o processamento da lã é muito mais fácil. E isto é o segredo. Porque se fizermos a técnica de forma correta, é mais fácil a separação da lã numa mesa para não ficar cheia de terra e folhas. Por isso é muito importante o processo que eu faço e fazê-lo da forma correta. CORTA ATÉ

Se seguirem o método corretamente, a lã pode tornar-se mais valiosa.

#MartyOconnell é neozelandês. Veio para Portugal em 2010, e #Marvão que vive com a mulher, #SusanaOconnell e o filho.

S

O meu nome é Susana O'Connell, tenho 43 anos, sou dona de casa, agricultora e recolho a lã quando o Marty está a tosquiá-lo.

M

A lã em Portugal é bastante boa, muito boa mesmo. Mas os agricultores recebem tão pouco que depois deixam de se interessar pela lã. E só pensam na carne de borrego. Mas o DNA da lã portuguesa é excelente.

E é porque as raças de ovelha foram melhoradas ao longo de muitas gerações e fizeram um excelente trabalho para conseguir um tipo de lã muito bonito, mas agora são quase desencorajados com preços tão baixos.

M

1:26 MVI\_2160

os agricultores não estão a ter rentabilidade com a lã. Por isso estão a cruzar com outras raças para terem ovelhas maiores, mas aquelas raças vão ser extintas, porque não usamos a lã.

M

8:27 A técnica, se seguirmos a técnica, o processamento da lã é muito mais fácil. E isto é o segredo. Porque se fizermos a técnica de forma correta, é mais fácil a separação da lã numa mesa para não ficar cheia de terra e folhas. Por isso é muito importante o processo que eu faço e fazê-lo da forma correta. CORTA ATÉ

Se seguirem o método corretamente, a lã pode tornar-se mais valiosa

M

Normalmente temos uma equipa com 3 ou 4 tosquiadores e tosquiadoras e outras 3 ou 4 pessoas tratam da lã.

S

Nos primeiros anos, quando decidimos vir viver para Portugal andámos a explorar. Fomos ao algarve, não gostámos, fomos para norte e ao centro, demasiada floresta... e enquanto estávamos a fazer esta volta de reconhecimento pelo país para descobrirmos onde gostaríamos de viver, Paulo, um amigo meu do tempo da agência de viagens tem uma pequena casa na Portagem e ele convidou-nos ..... ele é muito entusiástico.

Estava calor, por isso decidimos visitar o Paulo. Ele mora mesmo onde passa o rio e saímos e vemos uma piscina fluvial, uma bonita ponte romana e olhamos para cima e vemos o castelo de Marvão lá em cima, árvores, tudo verde

De visita a um amigo em #Portagem

M

E ovelhas, com os sinos

S

E ovelhas, com os sinos!

M

Estava a satisfazer muitos dos nossos requisitos e pensámos humm que sítio interessant

S

Adoro o tempo. Eu adoro as estações. Gosto que esteja frio no inverno, este tempo de primavera é muito bonito, e depois o calor no verão.

M

Tenho saudades do mar e isso é uma coisa importante. é muito diferente.

**Um coisa do belo castelo de Marvão é que podemos ir lá, beber um café e ver um mar de terra, e isso é bem simpático. Mas tenho saudades do mar.**

Os nossos vizinhos são portugueses e são muito trabalhadores. Muito trabalhadores mesmo. Não param. Trabalham do nascer ao por do sol. O nosso vizinho é muito simpático. Tem sido excelente.

Tem-nos encorajado a fazer parte do seu mundo.

O melhor final: 7:25 tudo estava destinado, estarmos no sítio certo, na altura certa e com as pessoas certas

Os nossos vizinhos são portugueses e são muito trabalhadores. Trabalham do nascer ao pôr do sol. O nosso vizinho é muito simpático. Tem sido excelente. Tem-nos encorajado a fazer parte do seu mundo.

**29) ENTREVISTADO: Igor Morais**

**FRASES:**

Os bisavós eram naturais da região, “o meu bisavo tinha sido mineiro na mina de são domingos”.

Foi para aljustrel “por razões profissionais”,

Estagiou na mina de neves corvo.

“A geologia bastante rica aqui da região envolvente, e o facto de existir também a mina onde trabalham milhares de pessoas, o município esta sensibilizado por todas estas questões da geologia pelo que temos tido um grande apoio logístico, por parte da cm, que é uma mais valia para os jovens”. Têm o apoio do município

“eu sempre gostei muito de todo o contacto com o meio ambiente, também por um lado também pela profissão que tenho, mas todo o contacto com a natureza envolvente é uma parte que me fascina.”

“Em Aljustrel é totalmente o oposto. quando vim para aqui venho aqui parar ao fim do mundo, não há-de ter nada. É exatamente o oposto, a oferta cultural é enorme. Surpreendido pela positiva”

#IgorMorais pensou que ia “parar ao fim do mundo”, mas foi “surpreendido pela positiva”. Ao contrário do que ouvia dizer, “oferta cultural é enorme”. Juntamente com o “contacto com o meio ambiente” e a estabilidade profissional, esta região alentejana torna-se o lugar ideal para o geólogo permanecer.

**30) ENTREVISTADO: Ana Teresa Matos**

**FRASES:**

A pequena assistente foi-se habituando à paisagem, a conhecer este meio ambiente e transformando-se numa admiradora deste equilíbrio tranquilo.

“vim viver para casais de folgosinho depois de ter andado à procura de quintas. sou originalmente de mafra, uma aldeia pequenina chamada vila franca do rosário. Toda a vida lá na zona de Lisboa, tirando emstrado que vim para Vila Real. Desde pequena que queria encontrar um sítio no interior, no meio da natureza”.

“Pensei na Serra da Estrela pq já tinha alguma ligação à serra desde pequena, de viagens que fazia e nos estudos estagiei cá.”

“Em biologia comecei a ter noção dos problemas que o mundo natural está a passar. Antes era a natureza e o homem, juntos. No meu projeto quero andar um pouco para trás no tempo, fazer uma agricultura biológica, tradicional, com recurso ao que os meus vizinhos ainda me vão ensinando para que esse conhecimento não se perca. fazer um restauro ecológico passivo.

...

Na quinta agora acabamos as zonas de

“Se eu queria trabalhar na parte da conservação na prática da natureza, tinha de comprar uma quinta e fazer eu.”

“As pessoas vieram substituir as grandes manadas que deveriam existir de auróques, cavalos selvagens, bisontes até. Em zonas de matos vamos deix

Em Biologia, #AnaTeresaMatos começou “a ter noção dos problemas que o mundo natural está a passar”. Mais tarde, decidiu criar o seu próprio projeto, que contribui para restabelecer o equilíbrio entre a natureza e o homem. Rumou para a #CasaisdeFolgosinho: “Se eu queria trabalhar na parte da conservação na prática da natureza, tinha de comprar uma quinta e fazer eu. De outra forma era difícil.” Nos montes da #SerradaEstrela, também encontrou a sua #plenitude.